

Liber ABA (Magick) - O Livro Quatro

Parte I - Misticismo

Uma Nota

Este livro não é um trabalho completo de Frater Perdurabo. A experiência demonstra que seus escritos são muito concentrados, obtusos e ocultos para aqueles de mente ordinária. Pensamos que estes apontamentos reunidos de nossas conversas casuais demonstram ser mais inteligíveis e convincentes e provê o estudante com um estudo preliminar para que possa se concentrar na Grande Obra desde o ponto de vista de alguns conhecimentos gerais e a compreensão de suas idéias na forma em que ele as figura.

A Segunda parte de “Magick” é mais avançada do que a primeira. Espera-se que o estudante conheça um pouco da literatura referente ao tema e que tome um ponto de vista inteligente do mesmo. Essa parte é realmente a explicação da primeira que em si, é somente um esquema.

Se as duas partes são estudadas com profundidade e compreendidas, o aluno obterá todos os fundamentos essenciais da Magia e do Misticismo.

Eu escrevi este livro dos ditados de Frater Perdurabo na Vila Caldarazzo, Posilippo, Nápoles, onde eu estudava sob sua tutela. Essa Vila nos foi profetizada muito antes de chegarmos em Nápoles por aquele irmão da A. • A. • que me apareceu em Zurich. Todos os pontos obscuros se esclareceram (os discursos foram agrupados). Antes de levarmos a obra para gráfica ela foi totalmente lida por várias pessoas de mais ou menos uma inteligência média e todos os pontos relativamente obscuros foram retirados.

Que todo o Caminho esteja claro para todos!

Frater Perdurabo é o mais honesto dos Mestres de todas as religiões. Outros disseram: “Creiam em mim”, mas ao contrário, ele disse: “Não creiam em mim”. Ele não pede seguidores; ele os despreza e os rechaça. Ele quer um corpo de estudantes que confiem em si mesmos e que sigam seus próprios métodos de investigação. Se ele pode ajudar-lhes dando-lhes “conselhos” em suas dificuldades, seu trabalho foi realizado com satisfação.

É um absurdo ver aqueles que desejavam que os homens acreditassem neles. Uma língua persuasiva, uma espada eficiente ou tortura produziram esta “fé” que é contrária e destrutiva a verdadeira experiência religiosa.

Toda a vida de Frater Perdurabo está agora dedicada para que tu obtenhas esta experiência viva da verdade para pô-la em ti mesmo!

Introdução

A EXISTÊNCIA, como nós conhecemos, é cheia de sofrimento. Para mencionarmos um só fator secundário: todo homem é um condenado à morte; ele apenas ignora a data da execução. Isso é desagradável para qualquer um. Portanto, cada qual faz o possível para

adiar a data, e sacrificaria tudo o que tem se pudesse anular a sentença.

Praticamente todas as religiões e filosofias angariaram seu sucesso inicial prometendo a seus aderentes a imortalidade como recompensa.

Nenhuma religião até hoje fracassou por não prometer o bastante; a presente derrocada de todas as religiões deve-se ao fato de que os devotos pediram para ver as garantias. O ser humano tem renunciado mesmo às grandes vantagens de uma religião bem organizada que confere um Estado do pondo de vista mundano, afim de não cooperarem com uma fraude ou uma falsidade; e até para não cooperarem com qualquer sistema que, embora não provado culpado de mentira, tenha sido incapaz de provar sua inocência.

Já que estamos mais ou menos na bancarrota, será melhor atacar o problema de novo, desde o princípio, sem idéias preconcebidas. Existirá qualquer verdade em todos os protestos das diversas religiões? Descubramos um jeito de submeter as afirmações delas ao teste da experiência.

Nossa primeira dificuldade está na enorme riqueza de material para exame. Fazer uma crítica de todos os sistemas seria uma tarefa interminável: a nuvem de testemunhos é por demasiado grande. Mas, toda religião é igualmente positiva em suas asserções, e toda religião exige fé. Esta nós recusamos por falta de provas científicas. Porém, podemos com proveito indagar se existe algum ponto sobre o qual todas as religiões têm concordado; pois se existir algo em comum entre elas, é possível que este ponto em comum mereça uma séria investigação.

Está claro que não encontramos isso nos dogmas das religiões. Mesmo a idéia – tão simples – de um ente eterno e supremo é negada por um terço da raça humana. Lendas de milagres são, talvez, universais; mas estas, na falta de provas convincentes, são repugnantes ao bom senso.

Mas e quanto à origem das religiões? Como é que afirmativas não provadas tão freqüentemente compeliram a aceitação por parte de todas as classes humanas? Não é isso, por si só, um milagre?

Existe uma forma de milagre que com certeza acontece: a influência do gênio. Não existe nenhuma analogia com este fenômeno da natureza. Não podemos sequer receber um “supercão” transformando o mundo dos cães, enquanto na história da humanidade isso acontece com regularidade e freqüência. Tomemos, então, três “super-homens”, todos os três brigando entre si: o que há de comum entre Cristo,

Buda e Maomé? Existe algum ponto sobre o qual todos os três estejam de acordo?

Nenhum ponto de doutrina em comum, nenhum conceito de ética em comum, nenhuma teoria do “além” em comum; no entanto, nas histórias de suas vidas, percebemos um acordo entre muitos desacordos. Que acordo será esse?

Buda nasceu príncipe e morreu mendigo.

Maomé nasceu mendigo e morreu príncipe.

Cristo permaneceu desconhecido até muitos anos depois de sua morte.

Biografias inúmeras têm sido escritas por seus devotos, no entanto, existe um ponto de acordo na vida dos três: uma lacuna. Não sabemos nada sobre Cristo entre doze e trinta anos de idade. Igualmente, antes de ser profeta, Maomé desapareceu numa caverna. Buda deixou seu palácio e passou longos anos no deserto.

Cada um dos três, completamente desconhecido até desaparecer, voltou e imediatamente começou a pregar uma nova lei.

Isso é tão curioso que nos leva a perguntar se as biografias de outros grandes instrutores contradizem e confirmam essa coincidência.

Moisés levou uma vida pacata até matar um egípcio. Então fugiu para terra de Midian, e não sabemos nada sobre o que ele fez ali. No entanto, mal voltou para o Egito e virou tudo de pernas para o ar. Mais tarde, também, ausentou-se no monte Sinai por alguns dias, e voltou com as Tábuas da Lei na mão.

São Paulo após uma aventura na estrada de Damasco foi para o deserto da Arábia, onde permaneceu muitos anos; e ao regressar, derrubou o Império Romano. Mesmo nas lendas de selvagens encontramos o mesmo ponto de acordo: alguém sem a mínima importância vai embora durante um prazo curto ou longo, e volta como “o grande curandeiro”; mas não se sabe exatamente o que aconteceu com ele.

Descontando todos os outros detalhes como fábulas ou mitos, conservamos essa coincidência única: Um ninguém se ausenta e volta a alguém. Isso não pode ser explicado de nenhuma maneira usual.

Não existe qualquer base para se crer que esses homens tenham sido, desde o princípio de suas vidas, criaturas excepcionais. Maomé dificilmente teria permanecido um condutor de camelos até os trinta e cinco anos de idade se tivesse possuído qualquer talento ou ambição. São Paulo tinha, originalmente, muito talento: mas ele é o menos importante dos cinco. Nem parece que eles tenham possuído qualquer das alavancas usuais do poder, tais como posição social, fortuna ou influência política.

Moisés era um homem relativamente importante no Egito antes de sair de lá; mas regressou um simples estrangeiro.

Cristo não foi à China casar com a filha do imperador durante seus anos de silêncio.

Maomé não estivera angariando pessoas nem treinando soldados.

Buda não consolidou nenhuma organização religiosa.

São Paulo não tinha estado conspirando com algum general ambicioso.

Cada um deles voltou pobre; cada um deles voltou só.

Qual era a natureza de seu poder? Que aconteceu com eles durante sua ausência?

A história não nos auxiliará a resolver o problema, pois a história nada diz.

Temos apenas coisas contadas por estes homens mesmos.

Seria espantoso se nós verificássemos que essas coisas concordam entre si.

Dos grandes instrutores que mencionamos. Cristo se cala; os outros quatro nos contam algo, uns mais, outros menos.

Buda entra em demasiados detalhes para serem comentados aqui; mas um resumo, de uma forma ou de outra, ele se apoderou da força secreta do mundo, e amestrou-a.

Das experiências de São Paulo temos apenas uma alusão casual ao fato de que ele “foi arrebatado ao céu, e ouviu coisas que é proibido dizer.”

Maomé fala simplesmente da “Visão do Anjo Gabriel”, que lhe comunicou coisas de “Deus”.

Moisés diz que ele “viu Deus”.

Diferentes como pareçam a primeira vista estas afirmativas, todas coincidem em anunciar uma experiência de tipo que há cinquenta anos teria sido chamada de sobrenatural; que hoje em dia pode ser chamada de espiritual, e que daqui a cinquenta anos terá um nome científico, baseado numa compreensão do fenômeno ocorrido.

Os teólogos a têm explicado; mas de várias formas.

Os maometanos, por exemplo, insistem em que Deus existe, e em que realmente mandou Gabriel com recados para Maomé. Os outros todos contradizem isto, e chamam os maometanos de mentirosos. E por causa da natureza mesma do assunto, provar a verdade ou a mentira é impossível.

A falta de provas tem sido sentida tão fortemente pelo Cristianismo (e em grau menor pelo Islamismo) que novos milagres têm sido manufaturados quase que diariamente para apoiar a oscilante estrutura do dogma. O moderno pensamento materialista, rejeitando esses milagres, adotou teorias que sugerem epilepsia e loucura. Como se a organização pudesse provir a desordem! Mesmo se a epilepsia fosse a causa dos grandes movimentos que têm extraído do barbarismo uma civilização após a outra, isto seria um argumento em favor do culto da epilepsia.

Claro, grandes homens nunca se conformarão com os padrões de homens baixos, e aqueles cuja missão é reformar o mundo nunca poderão escapar ao título de revolucionários. As moedas de cada época sempre fornecem os termos de abuso. O condicionamento de Caifás era o judaísmo ortodoxo, e os fariseus disseram-lhe que Cristo “blasfemara”. Pilatos era um romano leal ao Império; a ele, acusaram Cristo de “subversivo”. Mais tarde, quando os papas tinham o poder, bastava acusar um inimigo de “herege”. Avançando para os dias atuais em direção a uma oligarquia médica, nós tentamos provar que nossos oponentes são “insanos”, e (em um país Puritano) atacar suas “morais.” Convém pois evitarmos a demagogia e retórica, e investigarmos com plena imparcialidade os fenômenos que ocorrem com esses grandes guias da humanidade.

Não é difícil compreendermos que estes homens, eles mesmos, não percebiam claramente

o que ocorrera com eles. O único que explica seu sistema por completo é Buda, e Buda é o único que não é dogmático. Podemos também supor que os outros julgaram pouco aconselhável explicar o processo com demasiada clareza aos seus seguidores; São Paulo evidentemente foi desta opinião.

Nosso melhor campo de pesquisa seria portanto o sistema de Buda*, mas este é tão complexo que nenhum resumo serviria. É no caso dos outros, que não temos os relatos dos Mestres mesmos, temos aqueles dos seus seguidores mais imediatos.

Os métodos aconselhados por toda essa gente mostram uma notável semelhança. Eles recomendam conduta virtuosa (definindo essa conduta de várias formas), solidão, calma, dieta moderada e finalmente uma prática que alguns deles chamam de “oração” e outros chamam de “meditação”. Note-se que as quatro práticas prévias são apenas para estabelecer condições favoráveis para a última.

Investigando o que eles tentam expressar pelos termos “oração” e “meditação”, verificamos que significa o mesmo. Pois, qual é o estado de meditação e oração? É a restrição da mente e a um ato único, a um único estado ou pensamento. Se nos sentarmos quietamente, e investigarmos o conteúdo de nossas mente, perceberemos que, mesmo nas ocasiões mais favoráveis, as características principais são a divagação e distração. Quem tiver lidado com crianças, ou com mentes destreinadas em geral, saberá que a fixidez da atenção nunca está presente, mesmo onde existe grande inteligência e boa vontade.

Se, nossas mentes estando mais treinadas, decidimos controlar o pensamento divagante, verificamos que somos (mais ou menos!) capazes de manter os pensamentos em marcha, um atrás do outro, num canal estreito, cada pensamento ligado ao seguinte de uma forma perfeitamente lógica: mas se tentamos para a marcha verificamos que, longe de sermos bem sucedidos, apenas demolimos as margens do canal. A mente se derrama, e em vez de uma cadeia de pensamentos temos um caos de imagens confusas.

Essa atividade mental é tão grande, e parece tão natural, que é difícil compreender como alguém teve pela primeira vez a idéia de que tanta atividade é apenas uma fraqueza e um distúrbio da consciência. Talvez tenha sido porque, na prática (mais comum) de devoção religiosa, as pessoas tenham percebido que seus pensamentos interferiam. Mas de qualquer forma, é claro que a calma e o auto controle são preferíveis à inquietação. Charles Darwin trabalhando em seu escritório é uma criatura bem diversa de um macaco pulando em sua jaula.

Em geral, quanto maior, mais forte e mais elevado na escala evolutiva um animal seja, menos ele se move; e quando se move, seus movimentos são lentos e cheios de propósito. Compare-se a atividade incessante de bactérias com a firmeza ponderada de um castor. Também, exceto nas poucas comunidades de animais organizados, tais como as abelhas, a inteligência maior é demonstrada por animais com hábitos solitários. Este fato, que é verdade no animais menos evoluídos, é tão evidente no homem que os psicólogos são forçados a tratar do estado mental das multidões como sendo totalmente diverso em qualidade de qualquer estado mental possível a um indivíduo isolado.

É libertando a mente de influências externas, quer acidentais, quer emotivas, que a

tornamos capaz de discernir algo da verdade das coisas.

Percebendo isso, insistimos em nossa prática. Decidimos que vamos nos tornar senhores de nossas próprias mentes. Bem depressa percebemos que as condições são favoráveis a este fim.

Talvez a primeira percepção será a de que todas as influências externas serão, em sua esmagadora maioria, desfavoráveis ao processo de conquista mental. Caras novas, cenas novas, nos inquietarão; mesmo os novos hábitos de conduta que adotamos como propósito de sossegar a mente tenderão, no princípio, a agitá-la. Também, deveremos renunciar ao hábito de comer demais, e seguir a regra natural de comer apenas quando temos fome, escutando a voz interior que nos diz que ingerimos o suficiente.

A mesma regra se aplica ao sono. Se decidirmos controlar nossa mente, a nossa hora de meditação deve Ter precedência sobre qualquer outra atividade.

Teremos que fixar nossas horas de práticas, e tornar móveis nossas horas de lazer. A fim de medirmos nosso progresso – pois verificamos que, como tudo o que tem haver com os processos fisiológicos, a meditação não pode ser apenas medida pelas sensações – teremos um caderno de notas, um lápis e um relógio. Então nos esforçaremos a anotar com frequência, durante (por exemplo) quinze minutos de prática, a mente se desvia da idéia na qual tínhamos resolvido concentrá-la. Praticaremos isto, digamos, duas vezes ao dia; a medida que persistirmos, a experiência nos ensinará que condições são favoráveis à prática e quais não. Antes de termos feito isso por muito tempo, quase que infalivelmente ficaremos impacientes; perceberemos que temos que fazer uma porção de outras coisas a fim de auxiliar nossa prática. Novos problemas aparecerão constantemente, e terão que ser enfrentados e resolvidos.

Por exemplo: certamente descobriremos que nos mexemos sem parar durante a prática. Perceberemos que nenhuma posição do corpo é confortável, se bem que nunca antes notamos isto em toda a nossa vida!

Esta dificuldade tem sido resolvida por uma prática chamada Asana, que será descrita mais adiante.

As memórias dos acontecimentos do dia nos incomodarão: devemos organizar nossos dias de forma a que nada de notável aconteça. Nossas mentes nos recordarão nossas esperanças, nossos medos, nossos amores, nossos ódios, nossas ambições, nossas invejas, e muitas outras emoções. Todas estas memórias têm que ser cortadas. Não devemos ter qualquer interesse na vida a não ser aquietar nossas mentes.

Esta é a finalidade dos votos monásticos usuais de pobreza, castidade, e obediência. Se você não tem posses, não tem nada que lhe cause ansiedade; sendo casto, não tem outra pessoa para lhe preocupar e distrair sua atenção; e se está voltado à obediência, o problema de como proceder não lhe afeta. Você apenas obedece.

Existem inúmeros outros obstáculos que você descobrirá à medida que prosseguir, e trataremos deles mais adiante. Mas, por enquanto, pularemos isso tudo para falar do momento em que você se aproxima do sucesso.

Nos seus esforços iniciais você poderá ter tido dificuldade em conquistar o sono, e ter se desviado do assunto de sua meditação a tal ponto que sem você notar a meditação poderá ter sido interrompida. Porém, muito mais tarde, quando estiver ficando mais perito, você ficará chocado ao perceber que se esqueceu por completo de si mesmo, do que estava fazendo, e até de onde estava! Você dirá: “Puxa, eu devo ter dormido!” ou então, “Sobre o que é que eu estava mesmo meditando?” ou “Que é que eu estava fazendo?” “Onde estou?”, “Quem sou eu?” Ou uma simples confusão e desnorreamento inexpressos podem atordoar você. Isto poderá lhe causar alarme, e seu alarme não diminuirá quando você retomar por completo à consciência normal e ponderar que acabou de esquecer quem era e o que estava fazendo!

Esta é apenas uma das muitas aventuras pelas quais você poderá passar; mas é das mais comuns. Quando ela ocorrer, suas horas de meditação estarão ocupando a maior parte do seu dia, e você provavelmente estará tendo constantes pressentimentos de que algo inusitado está para acontecer. Você poderá também estar amedrontado com a idéia de que seu cérebro está prestes a ceder sob a tensão; mas, a essa altura, você terá aprendido a reconhecer os verdadeiros sintomas de fadiga mental, e terá cuidado em evitá-los. Eles devem ser cuidadosamente distinguidos da preguiça!

Em certas ocasiões você sentirá como se houvesse uma luta entre a vontade e a mente; em outras, poderá sentir que elas estão em harmonia. Existe um terceiro estado, diferente dos dois primeiros, e sinal certo de que o sucesso está próximo: é quando a mente flui simplesmente em direção ao assunto escolhido, não como se estivesse obedecendo à vontade de seu dono, porém, como se fosse sem ordem ou instigação, ou como se estivesse sob controle de algo impessoal: como se estivesse caindo por seu próprio peso, e não sendo puxado para baixo. Isto é, como um corpo em queda livre no espaço.

Quase sempre, no momento em que nos tomamos cômicos de que este estado está ocorrendo, a sensação cessa e o velho combate entre o vaqueiro vontade e o cavalo bravio mente recomeça.

Ao analisar a essência deste trabalho de controlar a mente, o estudante perceberá que duas coisas estão envolvidas: a pessoa que vê e a coisa que é vista; o conhecedor e a coisa conhecida; e acabará por considerar esta dupla como condição necessária de todo estado de consciência. Estamos demasiadamente acostumados a admitir como fatos demonstrados coisas sobre as quais não temos sequer o direito de dar palpites. Supomos, por exemplo, que os estados inconscientes são grosseiros e lerdos. No entanto nada é mais certo que, quando os órgãos de nossos corpos estão funcionando bem, eles funcionam em silêncio mental. Até o sono mais repousante é aquele sem sonhos. Mesmo no caso de jogos que necessitam de grande habilidade e destreza manual, as nossas melhores jogadas são seguidas pelo pensamento: “Não sei como pude fazer isto tão bem!”; e não podemos repetir essas melhores jogadas a qualquer hora. No momento em que começamos a pensar conscientemente sobre uma jogada, “ficamos nervosos”, e estamos perdidos.

Na realidade existem três tipos principais de jogadas: a má jogada, que associamos corretamente com a falta de concentração; a boa jogada, que associamos corretamente com a concentração intensa; e a jogada perfeita, a qual parece ser uma simples questão de

sorte que não conseguimos compreender, mas na realidade resulta do hábito de fixidez da atenção se ter tomado inconsciente, independente da vontade, e assim capacitado a agir por conta própria.

Este é o mesmo fenômeno que mencionamos acima como sendo um bom sinal.

Por fim, algo acontece cuja natureza será discutida com mais detalhe adiante. Por enquanto diremos apenas que aquela consciência da dupla Ego e Não-Ego, vidente e coisa vista, conhecedor e a coisa conhecida, é aniquilada.

Em geral sente-se um enorme clarão, um som intenso, e uma felicidade tão grande que místico após místico têm esgotado todos os recursos da linguagem tentando descrevê-la.

É um nocaute absoluto da mente. E uma experiência tão vivida e tão tremenda que aqueles com quem ela ocorre ficam em grande perigo de perder o senso de proporção.

À luz desta experiência, todos os outros fenômenos da vida são como uma escuridão. Por isto, aqueles que a tiveram no passado fracassaram completamente em suas tentativas de analisá-la ou medi-la. A maior parte deles declarou, com exatidão, que, comparada com esta experiência, a vida humana normal é completamente sem valor. Mas eles foram adiante, e erraram. Argumentaram que, desde que esta experiência transcende o natural, ela deve ser sobrenatural, divina. Uma das tendências de suas mentes era a esperança de um “céu” tal como seus pais e professores lhes descreveram, ou tal como eles mesmos conceberam; e sem qualquer evidência científica para assim fazer, eles presumiram que “Isto é Aquilo”.

No Bhagavad-Gita uma visão deste tipo é, naturalmente, atribuída à aparição de Vishnu, que era o deus local naquela época.

Anna Kingsford, que estudou um pouco do misticismo hebraico, e era uma feminista, teve uma visão quase idêntica; mas chamou a figura divina que ela viu, alternativamente de “Adonai” e “Maria”.

Podemos agora perceber o que aconteceu com Maomé. De uma forma ou de outra, este tipo de fenômeno ocorreu na mente dele. Menos bem informado do que Ana Kingsford, porém de maior caráter, ele relacionou o acontecimento com a lenda da “Anunciação”, que com certeza ouviu relatar quando menino, e disse: “Gabriel me apareceu.” Mas, a despeito de sua ignorância, de sua total falta de concepção da realidade dos fatos, o poder da experiência foi tal que ele persistiu através da perseguição usual, e fundou uma religião à qual, mesmo em nossos dias, um ser humano em cada oito pertence.

A história do Cristianismo mostra exatamente o mesmo fato significativo. Jesus Cristo crescera ouvindo as fábulas do “Velho Testamento”, e, assim condicionado, atribuiu suas experiências a “Jeová”, se bem que seu espírito gentil não podia ter tido nada em comum com a egrégora que estava sempre comandando o estupro de virgens e o massacre de crianças, e cujos ritos eram então, e em algumas partes do mundo ainda são em nossos dias, celebrados com sacrifícios humanos.

Semelhantemente, as visões de Joana d’Arc eram inteiramente cristãs; mas, como todos

os outros já mencionados, ela encontrou algures a força para realizar grandes coisas.

Naturalmente, pode ser dito que existe uma falácia em nosso argumento: pode ser afirmado que toda essa nobre gente realmente “viu Deus”. Mas não se conclui disto que todo mundo que veja Deus venha também a causar grandes mudanças no mundo. De fato, a maioria das pessoas que afirmam que “viram Deus”, e que sem dúvida “viram” tanto de “Deus” quanto estes já mencionados, nunca fez nada além de ter suas “visões”.

Porém, talvez seu silêncio seja um sinal não de sua fraqueza, mas de sua força. Talvez esses “grandes homens” de que falamos sejam na realidade os fracassos da experiência iniciática. Talvez fosse melhor não dizer nada; talvez apenas uma mente desequilibrada desejasse alterar o status quo, ou pudesse crer que alterá-lo é possível. Mas existem aqueles que consideram, mesmo nos mundos celestes, a existência intolerável enquanto um só ser vivo não puder partilhar daquela alegria. Existem os que regressam do limiar mesmo da câmara nupcial para auxiliar aos convidados que se atrasaram.

Esta foi, pelo menos, a atitude adotada por Gautama Buda. Nem ficará ele sozinho. Podemos também mencionar o fato de que a vida contemplativa está geralmente oposta à vida ativa, e um equilíbrio extremamente cuidadoso é necessário para evitar que uma absorva a outra.

Como veremos mais adiante, a “visão de Deus”, ou “União com Deus”, ou “Samadhi”, ou o que quer que concordemos em chamar essa experiência, tem muitos tipos e muitas gradações, embora exista um abismo intransponível entre a mínima dessas gradações e mesmo os mais elevados fenômenos da consciência normal. Resumindo, nós afirmamos a existência de uma fonte secreta de energia que explica os fenômenos do gênio.

Não cremos em quaisquer explicações sobrenaturais, mas insistimos em que essa fonte pode ser alcançada se seguirmos regras definidas, pois o grau de sucesso depende da capacidade do praticante, e não da “graça” de qualquer “Ser Divino”. Afirmamos que o fenômeno culminante que determina sucesso é uma ocorrência no cérebro caracterizada pela união de sujeito e objeto. Propomo-nos a discutir este fenômeno, analisar sua natureza, determinar claramente as condições físicas, mentais e morais que lhe são favoráveis, descobrir suas causas, e assim produzi-lo em nós mesmos, para que possamos estudar adequadamente os seus efeitos.

Asana

O problema que enfrentamos pode ser enunciado desta forma simples: Uma pessoa deseja controlar sua mente, ser capaz de pensar num certo pensamento durante o tempo que quiser, sem interrupção.

Como já mencionamos, a primeira dificuldade vem do corpo físico que persiste em chamar para si a atenção de sua vítima através de comichões e outras coisas. A pessoa deseja se espreguiçar, se coçar, espirrar. Este incômodo é tão persistente que os hindus (científicos a seu modo) conceberam uma prática especial para neutralizá-lo.

A palavra asana significa postura; mas como todas as palavras têm causado discussão, seu significado exato se alterou com o tempo, ela tem sido usada com significados diversos

por autores diversos. A maior autoridade sobre Yoga é Patanjali. Ele diz: “Asana é aquilo que é firme e agradável.” Isto pode ser interpretado como a descrição do sucesso na prática. Sankhya, outro autor clássico sobre Yoga diz: “Postura é aquilo que é firme e fácil.” E diz também: “Que postura que é firme e fácil é uma asana; não existe outra regra.” Isto é, qualquer postura serve.

De certa forma isto é verdade, pois qualquer postura mais cedo ou mais tarde se torna intolerável. A firmeza e a facilidade são a marca de um definido estágio de progresso, como será explicado mais adiante. Os livros hindus, tais como o “Shiva Sanhita”, descrevem uma quantidade de posturas: muitas, talvez a maioria, impossíveis para o homem ocidental mediano. Outros livros insistem em que a cabeça, o pescoço e a espinha devem ser conservados na vertical, eretos, por motivos ligados ao assunto de Prana, do qual trataremos adiante também. As posições ilustradas em Liber E (Equinox I e VII) formam o melhor guia.

O máximo em asana é praticado pelos Yoguis que permanecem a vida inteira numa só posição, sem se moverem exceto em caso de absoluta necessidade. Não devemos criticar tais pessoas sem um conhecimento completo de seus motivos. Tal conhecimento ainda não foi dado a público.

Porém, podemos afirmar com segurança que desde que os grandes homens que já mencionamos não agiram assim, não é necessário que seus emuladores o façam. Escolhamos então uma posição que nos convenha, e observemos o que ocorre. Existe uma espécie de meio-termo equilibrado entre a rigidez e o relaxamento muscular. Os músculos não devem ficar retesados; ao mesmo tempo, não devem ser deixados soltos. É difícil expressar a situação. Preparado para se mover talvez seja a melhor descrição. Um senso de alerta físico é desejável. Visualize-se um tigre prestes a pular, ou um remador atleta de prontidão, esperando o sinal de partida. Após certo tempo, haverá câimbra e fadiga. E então que o estudante deverá trincar os dentes e persistir imóvel. As sensações de coceira, etc., desaparecerão se forem resolutamente desprezadas, mas a câimbra e a fadiga aumentarão até cessar a prática. Podemos começar com meia hora, ou uma hora. O estudante não deve se assustar se o processo de abandonar a asana após a prática exigir vários minutos de tremenda agonia.

Persistir na prática dia após dia requererá grande força de vontade, pois na maior parte dos casos verificar-se-á que o desconforto e a dor, em vez de diminuírem, tendem a aumentar.

Por outro lado, se o estudante não prestar atenção e não vigiar o corpo, um fenômeno oposto poderá ocorrer. Ele se moverá para aliviar a dor, sem perceber que está se movendo. Para evitar isto, escolha uma posição que seja naturalmente muito restritiva e difícil de manter, na qual pequenos deslocamentos musculares não sejam suficientes para trazer alívio. De outra forma, durante os primeiros dias, o principiante poderá até imaginar que dominou a prática! De fato, em todas essas técnicas yoguis, a simplicidade aparente é tal que o principiante tende a se espantar com a gritaria dos peritos, talvez mesmo a imaginar que possui qualidades excepcionais. Assim mesmo, um homem que nunca pegou num taco de golfe a vida inteira pode pegar o guarda-chuva e fazer uma jogada que amedrontaria o campeão mundial.

Após alguns dias, porém, em todos os casos, os fenômenos descritos aparecerão. À medida que você progride, eles aparecem mais cedo no curso da hora de exercício. A relutância em praticar poderá se tornar quase invencível. Devemos prevenir o estudante contra a idéia de achar que alguma outra posição seria, talvez, mais fácil de dominar do que aquela que ele escolheu! Assim que a gente começa a mudar de uma posição para outra, estamos perdidos. Nunca alcançaremos o sucesso.

Talvez a recompensa para tanta dor e desconforto não esteja longe, acontecerá um dia que a dor subitamente é esquecida, o fato da presença do corpo é esquecido, e a gente percebe que durante nossa vida inteira o corpo sempre tinha intrometido suas mensagens no limiar da nossa consciência, e que aquelas mensagens eram de desconforto e de dor. E percebemos neste momento, com uma indescritível sensação de alívio, que não só esta posição, a qual nos causou tanta dor, é o próprio ideal de conforto físico, mas que qualquer outra posição do corpo é desagradável. Esta percepção representa o sucesso na prática.

Não haverá mais dificuldade. Entraremos na asana com a mesma sensação, quase, com que um homem fatigado entra em um banho quente: e, enquanto estivermos na posição que conquistamos, poderemos confiar em que o corpo não nos enviará nenhuma mensagem que possa perturbar nossa mente.

Outros resultados da prática de asana são descritos por autores hindus, mas esses não nos concernem no presente. Nosso primeiro obstáculo acaba de ser removido, e podemos agora tratar dos outros obstáculos.

Pranayama e Mantra-Yoga

O elo entre a respiração e a mente será detalhadamente discutido na Segunda Parte deste livro, quando falarmos sobre a Espada Mágica; mas poderá ser útil se introduzirmos aqui alguns detalhes práticos.

Vários manuais hindus, e os escritos de Zhuang Zi apresentam notáveis teorias sobre métodos de controlar a respiração, e seus resultados. Mas neste nosso sistema cético, em que seguimos o método científico, é melhor que nos contentemos com afirmações que a prática de qualquer pessoa comprova.

Como a finalidade última da meditação é aquietar a mente, podemos considerar que uma aquietação de todas as funções corporais é uma medida preliminar útil. Isto já foi explicado no capítulo sobre asana. Podemos mencionar aqui que alguns yoguis levam esse controle das funções corporais ao ponto de atrasar e praticamente pararem batidas do coração. Quer esta habilidade seja desejável ou não, ela é inútil ao principiante; portanto ele deve se esforçar, antes de mais nada, por tornar sua respiração muito lenta e muito regular. As regras para esta prática são dadas em Liber CCVI .

A melhor maneira de marcar o compasso do ritmo respiratório, depois que alguma habilidade tenha sido adquirida usando um relógio para verificação, é através do uso de um mantra. Os mantras agem sobre o pensamento de uma forma muito análoga àquela em que Pranayama age sobre a respiração. O pensamento é amarrado a um ciclo que se repete: quaisquer pensamentos que tentam se intrometer são repelidos pelo mantra da

mesma maneira em que pedaços de barro são arremessados de uma roda em movimento: quanto mais rápida for a roda, mais difícil será grudar-se a ela o que quer que seja.

Esta é a maneira apropriada de praticar um mantra: pronunciamo-lo tão alto e tão lentamente quanto possamos, dez vezes. A seguir, não tão alto, e ligeiramente mais rápido, dez vezes mais. Continuemos este processo até não haver mais que um rápido movimento de nossos lábios: este movimento deverá ser continuado com velocidade crescente e intensidade decrescente, até que o murmúrio mental absorva por completo o murmúrio físico. O estudante estará agora completamente quieto, com o mantra correndo em seu cérebro; ele deve, no entanto, continuar a acelerar a velocidade até atingir seu limite no qual ele deverá persistir tanto tempo quanto puder. Então ele finalizará a prática invertendo o processo descrito acima.

Qualquer frase pode ser usada como um mantra, e é possível que os hindus tenham razão quando dizem que para cada um de nós existe uma frase particular que dá o melhor resultado. Algumas pessoas consideram que os mantras árabes do Corão, que soam tão líquidos, deslizam com demasiada facilidade, de forma que seria possível continuar um processo diverso de pensamento ao mesmo tempo em que se pronuncia o mantra, sem perturbar a execução deste (a idéia é meditar sobre o significado do mantra enquanto o pronunciamos). Talvez o estudante possa construir para si um mantra que represente o Universo em som, tal como o Pantáculo representa o Universo em forma. Às vezes um mantra pode ser “dado”, isto é, ouvido de alguma forma inexplicável durante uma meditação. Certo estudante usou as palavras: “E esforça-te por ver em todas as coisas a vontade de Deus.” A outro, quando lutava por destruir pensamentos, vieram as palavras “Empurra para baixo”, aparentemente referindo-se à ação dos centros inibidores que ele estava usando. Empregando esta frase, ele conseguiu o seu resultado.

O mantra ideal deve ser rítmico, poderíamos mesmo dizer musical: mas deve haver suficiente ênfase em alguma sílaba para auxiliar a faculdade da atenção. Os melhores mantras são os de comprimento mediano, pelo menos para os principiantes. Se o mantra é demasiado longo, a gente tende a esquecê-lo, a não ser que se pratique muito e durante muito tempo. Por outro lado, os mantras de uma só sílaba, tais como Aum, saem um tanto às sacudidelas; perde-se o senso de ritmo.

Eis aqui alguns mantras úteis:

1. AUM: É o som produzido aos expirarmos com força do fundo de nossa garganta enquanto fechamos gradualmente a boca. Os três sons representam os Princípios Criador, Preservador e Destruidor. Existem muitos outros pontos sobre este mantra, suficientes para encher um volume.

2. AUM TAT SAT AUM. Este mantra é puramente espondáico.

Significa “Ó aquela e Existência! Ó!” Uma aspiração da Realidade pela Verdade.

3. AUM MANI PADME HUM: dois troqueus entre duas cesuras.

Significa: “Ó a Jóia do Lótus! Amém!” Refere-se a Buda e a Harpócrates, mas também ao simbolismo da Rosa Cruz.

4. AUM SHI VAYA VASHI: três troqueus. Note que “SHI” significa repouso, o aspecto absoluto (imanifesto), ou macho, da Deidade; “VA” é energia, o aspecto manifesto, ou fêmea, da Deidade. Este mantra por tanto expressa o curso inteiro do Universo, o Zero através do Finito e volta ao Zero.

Dá o ciclo da criação. A paz se manifestando como poder, o poder dissolvendo-se em paz.

5. Allah. As sílabas deste são acentuadas por igual, com uma carta pausa entre elas, e são usualmente combinadas por faquires com um movimento rítmico, em vai e vem, do corpo. Significa “deus”. Sua soma é 66, a soma dos 11 primeiros números.

6. HÚA ÁLLAHÚ ALÁZ I Í LLA HÚA: Significa: “Ele é Deus, e não existe nenhum outro Deus senão Ele.”

Eis aqui alguns dos mantras mais longos:

7. O famoso Gayatri:

AUM! TAT SAVI TUR VANERYAN

BHARGO DEVAS YA DIMAHI

DHI YO YO NA PRADYODAYAT.

Pronuncie-se isto em tetrâmetros trocaicos. Significa: “Ó! meditemos estritamente na luz adorável daquela divina Savitri (o Sol interior, etc.). Possa ela iluminar nossas mentes!”

8. QÓL: HÚA ALLAHÚ ACHÁD; ALLAHÚ AS SAMÁD; LÁM YALID WALÁM YULÁD; WALÁM YAKÚN LAHÚ KUFWÁN ACHÁD. Significa: “Ele só é Deus! Deus o Eterno! Ele não concebe e não é concebido! Não há nenhum como Ele!”

9. Este mantra seguinte é o mais santo de todos que existem ou podem existir. É a Estela da Revelação.

A KA DUA

T UF UR BIU

BI AA CHEFU

DUDU NER AF NA NUT ERU

Significa:

Ultimal Unidade demonstrada!

Adoro Teu poder. Teu sopro forte,

Deus supremo, terrível flor do nada,

Que fazes com que os deuses e que a morte

Tremam diante de Ti:

Eu, eu adoro a ti!

Estes mantras são suficientes para a escolha. Existem muitos outros. Sri Sabapaty Swami dá um em particular para cada um dos chakras. Mas que o estudante escolha um mantra, e atinja perfeita mestria deste.

Nós nem sequer começamos a dominar um mantra antes que ele continue sem parar durante o sono. Isto é muito mais fácil do que parece.

Algumas escolas aconselham praticar um mantra com o auxílio de instrumentos musicais e dança. Certos efeitos notáveis são assim obtidos, no que concerne a “poderes mágicos”; se grandes resultados são igualmente freqüentes, é duvidoso. Pessoas desejosas de estudar tais métodos devem ponderar que hoje em dia o Saara está bem perto, e há sempre algum faquir milagreiro ansioso por se exhibir. Esta discussão da técnica paralela de mantra nos desviou bastante de Pranayama.

Pranayama é extremamente útil para aquietar as emoções e apetites, e quer devido à pressão mecânica que produz, quer devido à combustão completa que assegura nos pulmões, é admirável do ponto de vista da saúde física. Especialmente os distúrbios digestivos são facilmente eliminados desta forma. Purifica tanto o corpo quanto às funções mais baixas da mente. É impossível combinar pranayama devidamente executado com estados de agitação emotiva. Devemos recorrer a pranayama imediatamente quando quer que, durante a nossa vida, a calma seja perturbada.

Pranayama deve ser praticado certamente não menos que uma hora diária pelo estudante sério.

Quatro horas por dia é melhor, uma regra áurea; dezesseis horas é demais para a maior parte das pessoas.

De modo geral, as práticas que se faz andando são mais úteis à saúde que as sedentárias, pois as caminhadas ao ar livre são assim asseguradas. Mas algumas das práticas sedentárias devem ser praticadas, e combinadas com a meditação. Claro, se temos pressa em obter resultados, caminhar é uma distração.

Yama e Niyama

Os hindus colocaram estas duas consecuições em primeiro lugar no seu programa de treino. Elas representam as qualidades “morais” e ações boas que, supostamente, predispõem à tranqüilidade mental.

Segundo os hindus, Yama consiste em não matar, não mentir, não roubar, manter continência, e não aceitar presentes.

No sistema budista, Sila, “Virtude”, é da mesma maneira recomendada. As qualidades (para os leigos) são estas cinco: Não matarás. Não roubarás. Não mentirás. Não cometerás adultério. Não beberás líquidos intoxicantes. Para os monges, muitas outras são acrescentadas .

Todo o mundo no Ocidente conhece os mandamentos de Moisés; parecem-se bastante com os acima, assim também os dados por Cristo no “Sermão da Montanha”. Os mandamentos de Cristo não são, porém, de autoria dele. O sermão inteiro está no Talmude.

Algumas destas “virtudes” são simplesmente as “virtudes” de um escravo, inventadas pelos senhores para manter os escravos em ordem. O que é importante perceber sobre o Yama hindu é que a quebra de alguma de suas regras tenderia a excitar a mente.

Os Mestres ensinaram; os teólogos, subseqüentemente, têm tentado justificar os seus salários ou cargos “melhorando” o ensino dos Mestres. Uma importância “mística” tem sido atribuída a essas “virtudes”. Os dogmatistas têm insistido em que elas têm valor por si mesmas, e é assim que as “religiões” resultam de sistemas de Teurgia, sempre acompanhadas de formalismo, intolerância, e até de perseguições. Assim, “Não matarás”, que no sistema hindu originalmente significava “Não excites tua mente caçando tigres ou participando de brigas” já foi interpretado até como sendo um crime beber água que não seja filtrada, pois desta forma podemos matar alguma bactéria.

Mas uma preocupação constante com a idéia de não matar coisa alguma é em geral pior para a quietude mental do que uma luta corpo a corpo com um ladrão ou uma fera. Se o latido de um cão perturba constantemente nossa meditação, seria mais simples dar um tiro no cão e não pensar mais no assunto!

Dificuldades análogas com esposas têm levado alguns mestres a recomendar o celibato. Em todos estes assuntos, o bom senso deve sempre ser nosso guia. Nenhuma regra fixa pode ser estabelecida: as idiosincrasias individuais do estudante variam de pessoa para pessoa, de grupo cultural para grupo cultural, de época para época. “Não aceites presentes”, por exemplo, é bem importante para um hindu, que ficaria perturbado durante semanas se alguém lhe desse um coco de graça; mas o europeu médio recebe as coisas como elas vêm desde a adolescência, e é mal-agrado!

O único problema é aquele da continência, que é complicado por várias considerações, como a da energia nervosa, por exemplo. Mas a mente de todo o mundo está embaralhada quanto a este assunto, que alguns confundem com o erotismo, outros com a sociologia. Não será possível considerar com clareza o problema da continência enquanto ela não for compreendida como uma simples faceta do treino de um atleta.

Podemos então deixar de discutir Yama e Niyama com este conselho: que cada estudante decida por si que maneira de vida e que código menos tenderá a lhe excitar a mente; mas, uma vez tendo se dedicado a seguir uma regra particular de vida, que persista em sua decisão, evitando o oportunismo; e que se precavenha contra se atribuir “mérito espiritual” pelo que faz ou pelo que deixa de fazer: qualquer Código é simplesmente de valor prático, relativo à intenção de acalmar a mente. Não tem nenhum valor absoluto ou intrínseco.

A higiene escrupulosa, que auxilia um cirurgião em seu trabalho, impediria um mecânico de carros de executar o seu.

Assuntos de ética estão adequadamente discutido em “Tian Dao”, em Konx Om Pax, e

devem ser estudados ali. Veja também Liber XXX [Liber Librae] da A. • A. • e Liber CCXX [Liber AL vel Legis]. Ali está escrito: Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei. Lembremo-nos de que, para os propósitos do verdadeiro treino em yoga, o único valor de Yama e Niyama estará em que nos auxiliem a viver de tal maneira que nenhuma emoção ou paixão perturbe nossas mentes.

Pratyahara

Pratyahara é o primeiro processo puramente mental em nossa tarefa. As praticas previamente descritas – asana, Pranayama, Yama e Niyama – são todas atos relacionados com o corpo físico. Mesmo o mantra está relacionado com a fala. Pratyahara é só mental.

O que é Pratyahara? A palavra é empregada com significados diversos por diversos autores, alguns a usando para designar a prática em si, outros para designar o resultado. Nós a definiremos como a prática: uma medida estratégica antes que um resultado tático. Pratyahara é introspecção: uma espécie de exame geral do conteúdo da mente que desejamos controlar. Quando conquistamos asana, todas as causas excitantes externas são removidas, e ficamos livres para pensar sobre em que estamos pensando!

Uma experiência totalmente análoga à que tivemos com asana nos espera. A princípio, nós provavelmente nos lisonjearemos por nossas mentes estarem muito calmas! Isto resulta de nossa capacidade de observação ainda sem treino, portanto ineficiente. Justamente como, de pé pela primeira vez na borda do Saara, um turista nada verá ali de especial a não ser muita areia, enquanto seu guia beduíno será capaz de lhe contar a história da vida de cada coisa à vista, porque aprendeu a observar; da mesma forma, com a prática de Pratyahara, os pensamentos parecerão se tornar mais numerosos e mais insistentes. E que começamos a percebê-los melhor!

Assim que observamos o nosso corpo, percebemos que ele estava terrivelmente irrequieto e dolorido: agora que observamos a mente, percebemos que ela está mais irrequieta e dolorida ainda. Veja o gráfico abaixo:

BD mostra o controle da Mente. melhorando Lentamente no início, mais tarde mais rapidamente. Começa de zero ou perto de zero e deve alcançar o controle absoluto em D. EF mostra o poder de observação do conteúdo da mente, melhorando rapidamente no início, mais tarde mais lentamente, até chegar à perfeição em F. Começa bem acima de zero com a maioria das pessoas cultas. A altura das perpendiculares da HI indica a insatisfação do estudante com seu poder de controle. Aumentando no início e finalmente decresce até chegar ao zero.

Um gráfico análogo poderia ser traçado para a dor real e a dor aparente de asana.

Côncios de nossa inquietude mental, nós começaremos a tentar controlá-la. “Não tantos pensamentos, se faz o favor!” E aí que perceberemos que aquilo que tínhamos tomado por um cardume de golfinhos brincalhões é, na realidade, o movimento das roscas da serpente marinha. A tentativa de reprimir tem o efeito de excitar.

Quando o ingênuo discípulo se aproxima pela primeira vez do seu santo (mas matreiro) Guru e exige poderes mágicos, aquele sábio concorda solenemente em outorgá-los. Aí

aponta com muita cautela e segredo algum ponto em particular do corpo do discípulo e lhe diz: “Para conquistar esse poder que você deseja é necessário apenas que você se lave sete vezes no Ganges durante sete dias; mas durante o banho tenha o particular cuidado de não pensar nessa parte do seu corpo.” É claro que o infeliz discípulo passa uma semana horrível, pensando quase que só nisso!

Para quem está começando, é positivamente incrível com que persistência um pensamento, até mesmo uma cadeia inteira de pensamentos, retoma repetidamente à nossa atenção. E intensamente irritante, também, quando percebemos que não nos tomamos cômicos de que estávamos de novo pensando naquilo até já termos acabado de pensar naquilo de novo! Porém, devemos persistir dia após dia em investigar nossos pensamentos e em tentar reprimi-los; e, mais cedo ou mais tarde, passaremos ao estágio seguinte, Dharana: a tentativa de restringir a mente a um pensamento único.

Antes de tratarmos disso, porém, consideremos o que se chama de sucesso em Pratyahara. Este é um assunto muito extenso, e, como já mencionamos, diferentes autores são de opiniões muito diversas. Um escritor define Pratyahara como uma análise mental tão minuciosa que cada pensamento é resolvido em um número de elementos. Veja “A Psicologia do Haxixe”.

Outros autores opinam que o sucesso nesta prática representa algo como a percepção de Sir Humphrey Davy sob a influência do óxido de nitrogênio, quando ele exclamou: “o universo é composto exclusivamente de idéias.”

Ainda outros dizem que o sucesso dá o sentimento de Hamlet: “Nada bom ou mau senão conforme pensamos a respeito,” porém interpretado da forma literal em que o fez Mrs. Eddy.

Entretanto, o ponto essencial de Pratyahara consiste em adquirir algum poder inibitivo sobre os pensamentos. Felizmente, existe um método infalível de conseguir este poder. É dado em Liber III. Se as Seções I e II são praticadas (se for preciso, com o auxílio de outra pessoa para fiscalizar nossa vigilância), logo seremos capazes de dominar a Seção final.

Em algumas pessoas, este poder de inibir pensamentos pode surgir tão subitamente quanto ocorre com o sucesso em asana. Sem qualquer relaxamento da vigilância, a mente subitamente se aquieta. Há um maravilhoso sentimento de paz e descanso, bem diverso da sensação letárgica que se produz em nós quando comemos demais. Não é possível dizer se um resultado tão definido aconteceria com todos os praticantes, o mesmo com a maioria. De qualquer forma, isto não faz grande diferença. Se tivermos adquirido o poder de evitar a manifestação de pensamentos, podemos progredir ao estágio seguinte.

Dharana

Agora que aprendemos a observar nossas mentes, de forma que sabemos algo da maneira como elas funcionam, e começamos a compreender os elementos de como controlá-las, poderemos tentar reunir todos os poderes da mente e concentrá-los num só ponto.

Sabemos que não é muito difícil, para a mente educada média, pensar sem muita

distração num assunto no qual ela esteja bem interessada. Existe a frase popular, “remoendo algo na mente”, ou “matutando alguma coisa”. Enquanto o assunto for suficientemente complexo, e os pensamentos fluírem sem oposição, não existe grande dificuldade. Enquanto um giroscópio está em movimento, ele se mantém imóvel relativamente ao seu ponto de apoio, e até mesmo resiste a tentativas de desviá-lo. Mas quando ele pára, cai da posição em que estava. Se a terra parasse de girar em torno do sol, ela imediatamente cairia no sol.

No momento em que o estudante escolher um assunto simples, ou melhor ainda, um objeto simples, e tentar imaginá-lo ou visualizá-lo, ele perceberá que não é tão senhor de sua mente quanto supunha. Outros pensamentos invadirão sua consciência, de forma que o assunto ou o objeto é esquecido por completo, às vezes por vários minutos; e no caso de objetos visualizados, o próprio objeto, em muitas ocasiões, começa a cometer todo o tipo de estripulia.

Suponhamos que você tenha escolhido uma cruz branca como objeto de sua meditação. Ela moverá a barra horizontal para cima e para baixo, alongará a barra, tornará a barra oblíqua, ficará com braços desiguais, virará de cabeça para baixo, criará raminhos, ou uma rachadura, ou uma figura, mudará completamente de forma tal como uma ameba, mudará seu tamanho em sua distância separadamente ou simultaneamente, mudará a intensidade de sua iluminação, e até a sua cor. Ela ficará manchada, ficará inchada, criará desenhos em sua superfície, elevar-se-á, cairá, sacudir-se-á e se virará: nuvens passarão diante dela. Não há mudança de que ela não seja capaz. Sem mencionarmos que pode desaparecer completamente, e ser substituída por alguma coisa totalmente diversa!

E qualquer pessoa com quem isto não aconteça não deve imaginar que está meditando. A ausência de tais fenômenos apenas prova que somos incapazes de concentrar a mente no mínimo que seja.

Um estudante pode prosseguir durante vários dias antes de perceber que não está meditando. Quando percebe, a rebeldia do objeto da meditação o irritará em extremo. E é apenas então que a Vontade realmente começa a se exercer, e a coragem da pessoa entra em prova. Se um fosse pelo desenvolvimento prévio da Vontade que conseguimos na conquista de asana, nós provavelmente desistiríamos.

A mera agonia física que a pessoa sofreu é a coisa mais insignificante do mundo comparada com o pavoroso tédio de Dharana.

Durante a primeira semana tudo pode parecer muito divertido, e somos até capazes de imaginar que estamos progredindo. Mas à medida que a convivência com a prática nos ensina o que estamos fazendo, temos a impressão de que estamos ficando cada vez piores.

Por favor: o leitor deve compreender que, quando executamos esta prática, supõe-se que estamos sentados em asana com um caderno de notas e lápis ao lado, e um relógio à nossa frente. No começo não devemos praticar mais de dez minutos de cada vez, para evitar o risco de fatigar demais o cérebro. De fato, o estudante provavelmente descobrirá que toda a sua força de vontade é insuficiente para manter a mente concentrada numa

coisa só durante sequer três minutos, ou até três segundos, ou três quintos de um segundo! E quando dizemos “manter a mente concentrada” o que queremos realmente dizer é tentar manter a mente concentrada. A mente fica tão cansada, e o objeto da meditação se torna tão incrivelmente repugnante, que é inútil persistir no início. Vemos nos relatórios de Frater P. que, após prática diária durante seis meses, meditações de quatro minutos, e até de menos, ainda estavam sendo registradas.

O estudante deve calcular o número de vezes que seu pensamento divaga: ele pode fazer isto contando nos dedos, ou usando uma fiavel de contas. Se estas “quebras” da meditação parecem se tornar mais, em vez de menos, freqüentes, ele não deve desanimar: a aparente multiplicação é em parte causada pela sua maior agudez de observação. (Da mesma forma, quando o processo de vacinação contra a varíola foi introduzido, houve aparentemente um aumento de casos de varíola. Mas o motivo foi que as pessoas começaram a dizer a verdade a respeito da doença, em vez de fingir.)

Logo, porém, o controle começará a melhorar mais depressa do que a observação. Quando isto ocorre, a melhoria se tornará aparente no relatório. Qualquer variação será provavelmente devida a circunstâncias acidentais. Por exemplo, uma noite você pode estar muito cansado quando começa; noutra, você talvez tenha dor de cabeça, ou indigestão. Você fará bem em evitar praticar em tais ocasiões.

Você terá, entretanto, se precaver contra outro truque da mente, que consiste em deliberadamente abusar de sua saúde para ter um pretexto para evitar a prática!

Suponhamos agora que você tenha atingido o estágio em que sua prática mediana sobre um assunto ou coisa qualquer é de mais ou menos meia hora, e o número médio de “quebras” entre dez e vinte. Poderíamos supor que isto significa que, durante os espaços de tempo entre as “quebras”, você esteve realmente concentrado; mas não é assim. A mente está oscilando, se bem que imperceptivelmente. No entanto, mesmo neste estágio inicial, poderá haver suficiente firmeza relativa para possibilitar a ocorrência de alguns fenômenos notáveis. O mais comum destes talvez lhe dê a impressão de que você caiu no sono. Ou talvez lhe pareça completamente inexplicável. De qualquer forma, ele tornará você desgostoso consigo mesmo. E o seguinte: você esquecerá completamente quem você é, o que você é, e o que você está fazendo! Um fenômeno semelhante a este ocorre algumas vezes de manhã, quando estamos semi-despertados, e não conseguimos nos lembrar em que cidade estamos vivendo. A semelhança entre estas duas experiências é bastante significativa. Ela sugere que o que está realmente acontecendo é que você está despertando do sono a que os homens chamam de vigília, o sono cujos sonhos são a vida do homem comum.

Existe outra maneira de verificar nosso progresso nesta prática: pelo tipo de quebra que ocorre. As quebras são classificadas da seguinte forma:

Primeiro, sensações físicas. Estas deveriam ter sido conquistadas por asana.

Segundo, quebras que parecem ser causadas por acontecimentos que precederam imediatamente o início da meditação. A atividade destes se torna tremenda. Somente através desta prática podemos compreender quanta coisa é realmente observada pelos

nossos sentidos sem que a mente se torne cônica dos fatos.

Terceiro, existe uma classe de quebras que partilha da natureza de um “sonho acordado”. Estas são muito insidiosas – podemos continuar sonhando durante um tempo enorme, sem perceber que estamos divagando.

Quarto, existe um tipo muito elevado de quebra, que é uma espécie de aberração do controle mesmo. A pessoa pensa: “Como estou fazendo isto bem!” Ou pensamos que seria uma boa idéia se estivéssemos em uma ilha deserta, ou se estivéssemos em uma casa à prova de som, ou se estivéssemos sentados ao lado de uma cachoeira. Mas estas são variações insignificantes da vigilância propriamente dita.

Um quinto tipo de quebra parece não ter origem determinável em nossa mente. Estas podem até assumir a forma de alucinações, geralmente auditivas. Naturalmente, tais alucinações são infreqüentes, e são sempre reconhecíveis como tais: de outra forma, a pessoa faria bem em consultar um alienista. Usualmente a quebra consiste em sentenças, ou fragmentos de sentenças, desconexas entre si, que são nitidamente ouvidas em uma voz humana, reconhecível como tal; não a voz do estudante, ou de qualquer pessoa que ele conheça. Um fenômeno análogo é observado por radiotelegrafistas, que chamam tais mensagens de “estáticas”.

Existe ainda um outro tipo de quebra, que é o resultado desejado. Trataremos deste em detalhe mais adiante.

Note-se que há uma genuína seqüência nestes tipos de quebra. À medida que nosso controle melhora, a quantidade de quebras primárias e secundárias diminui, mesmo se o número total de quebras numa meditação permanecer o mesmo. Quando estivermos meditando já duas ou três horas por dia, e enchendo o resto do dia com outras práticas cuja finalidade é auxiliar a prática principal, e alguma coisa ou outra começar sempre a acontecer, e tivermos um pressentimento constante de que estamos beirando “algo importante”, podemos esperar prosseguir ao estágio seguinte – Dhyana.

Dhyana

Essa palavra tem dois significados diversos e mutuamente exclusivos. Primeiro refere-se ao resultado em si. ‘Dhyana “é a mesma palavra que” Jhana’. O Buda distinguiu oito Jhanas, os quais são evidentemente diferentes graus e tipos de trance. Certos hindus, também falam de Dhyana como de um tipo menos elevado de Samadhi. Outros porém, tratam Dhyana como uma mera intenção de Dharana. Patanjali diz: “Dharana é manter a mente concentrada em algum objeto particular. Uma corrente contínua de recepção daquele objeto é Dhyana. Quando, abandonando todos os efeitos, isto refletirá apenas a origem destes, é Samadhi. Ele combina estes três em Samyama”.

Nós trataremos Dhyana antes como um resultado do que como um método. Até aqui os autores clássicos nos forneceram um roteiro mais ou; mas quando entram no assunto dos resultados da prática da meditação, eles perdem completamente a cabeça. Esgotam as imagens poéticas para declarar coisas evidentemente falsas. Por exemplo, lemos no Shiva Samhita que “aquele que se concentra diariamente no Lótus do coração é ardentemente desejado pelas filhas dos Deuses, obtém clariaudiência, clarividência, e pode andar sobre

o mar.” Outra pessoa poderá “fazer ouro, descobrir remédios para doenças, e ver tesouros escondidos.” Tudo isto é puro lixo. Qual será a maldição que acompanha a experiência religiosa, para que seus princípios devam sempre estar associados com todo o tipo de exagero e falsidade?

Existe uma exceção: é a A. • A. •, cujos membros tomam extremo em não fazer nenhuma asserção que não possa ser verificada pela experiência; e onde a verificação não é fácil à pessoa média, eles evitam qualquer afirmação que possa ser interpretada como dogma. Em um dos livros de instrução prática dessa Ordem estão escritas estas palavras: “Se fizermos certas coisas, obteremos certos resultados. Prevenimos estudantes seriamente contra a tendência de atribuir realidade objetiva ou validade filosófica a qualquer de tais resultados”.

Que palavras áureas!

Ao discutirmos Dhyana, pois, seja claramente compreendido que algo inesperado vai ser descrito. Devemos considerar sua natureza e avaliar sua qualidade de uma maneira perfeitamente imparcial, sem nos permitirmos exageros poéticos, ou deduzir qualquer teoria da natureza do universo partindo de tão poucos dados, por mais notáveis que pareçam. Um pequeno fato pode destruir qualquer teoria existente; isto é a coisa mais comum, e a base mesma do progresso científico. Mas nenhum fato, por si só, é suficiente para dele se construir uma teoria.

Deve ser compreendido que Dharana, Dhyana e Samadhi formam uma seqüência progressiva. Quando, exatamente, chegamos ao clímax, não tem importância; falemos antes do clímax em si, pois isto é coisa que nós experimentamos, e é uma experiência notável.

Quanto a Dhyana, no curso de nossa concentração percebemos que o conteúdo da mente a qualquer momento (desde que bem concentrada) consiste de apenas duas coisas: o Objeto da meditação, variável, e a Vontade Mental, ou Sujeito, aparentemente invariável. O clímax de Dharana consistiu em que o Objeto foi tornado tão invariável quanto o Sujeito.

O clímax de Dhyana consiste em que estes dois – Sujeito e Objeto – se tomam um. Este fenômeno usualmente é um tremendo choque quando pela primeira vez ele se manifesta. É indescritível mesmo por mestres da linguagem, por tanto não nos surpreende que gaguejadores semi-analfabetos chafurdem na verborrêia.

Todas as faculdades poéticas e todas as faculdades emocionais são arrebatadas em uma espécie de êxtase. A ocorrência vira a mente de pernas para o ar, e faz com que o resto da vida pareça, em comparação, absolutamente sem valor.

Boa descrição por escrito é geralmente o resultado de uma capacidade de observação clara e um julgamento sadio expressado da forma mais simples. Por este motivo, nenhum dos grandes acontecimentos históricos (como terremotos ou batalhas) já foi bem descrito por testemunhas visuais, a não ser que estas estivessem, pessoalmente, fora de perigo. Mas em Dhyana o observador está bem no centro do terremoto... Mesmo quando, pela constante repetição do fenômeno, nos acostumamos a Dhyana, nenhuma descrição parece

adequada.

Uma das formas mais simples de Dhyana pode ser chamada “o Sol”. O Sol é visto (por assim dizer) em si mesmo, não por um observador; e se que o olho físico não, pode contemplar o sol, nós nos sentimos compelidos a afirmar que este “Sol” é muito mais brilhante que o sol natural. A experiência inteira ocorre em um nível mais elevado.

Também as condições do pensamento, e do tempo e do espaço, são abolidas. É impossível explicar o que isto realmente significa. Somente a experiência mesma fornecerá compreensão. Isto tem analogia com a vida mental ordinária: as concepções da matemática avançada, por exemplo, não podem ser assimiladas pelo principiante, nem explicadas ao leigo. Outro desenvolvimento de Dhyana é a aparição da Forma que tem sido universalmente descrita como humana, se bem que as pessoas que assim a descrevem passam a adicionar um grande número de detalhes que absolutamente não são humanos! Esta particular aparição é geralmente descrita como sendo “Deus”.

O que quer que ela realmente seja, o resultado na mente do estudante é tremendo: todos os seus pensamentos são incitados ao máximo de desenvolvimento. Ele acredita sinceramente que eles têm “sanção divina”. Talvez até ele acredite que eles emanam diretamente desse “Deus”! Ele retorna ao mundo armado com esta intensa convicção e autoridade. Ele proclama suas idéias sem aquela circunspeção que a dúvida, a modéstia e a timidez impõem à maior parte das pessoas. Podemos supor que além disto tudo seu psicossoma foi realmente clarificado e está mais bem coordenado.

De qualquer forma, a massa da humanidade está sempre pronta a ser arrastada por qualquer impulso assim tão autoritário e incisivo. A história está cheia de relatos de oficiais que, desarmados, enfrentaram um regimento amotinado e o reduziram à disciplina pela simples força da confiança. O poder do orador sobre uma multidão é bem conhecido. É provavelmente por isto que os profetas têm sido capazes de restringir a humanidade a obedecer às suas leis. Nunca passa pela cabeça de um profeta que qualquer pessoa possa agir de outra forma! Na vida diária, nós podemos passar por qualquer guardião, tal como sentinela ou um coletor de bilhetes, se pudermos realmente agir de uma forma que ele seja de algum modo persuadido de que temos o direito de passar sem impedimento.

Este poder, aliás, é aquele que tem sido descrito por Magistas como o da invisibilidade. Alguém escreveu um excelente conto sobre quatro homens de confiança que estavam de sobreaviso, à espera de um assassino e tinham instruções para não deixar passar ninguém. Todos juraram subseqüentemente, na presença do cadáver, que ninguém passara por eles. Nenhum dos quatro notara o carteiro.

Os ladrões que roubaram a “Gioconda” do Louvre estavam provavelmente disfarçados de serventes, e roubaram a pintura no nariz do guarda. Possivelmente lhe solicitaram ajuda.

É apenas necessário crer que uma coisa deva acontecer para fazê-la acontecer. Esta “crença” não pode ser apenas emocional, ou apenas intelectual. Ela reside numa porção mais profunda da mente, porém uma porção não tão profunda que a maior parte dos homens, provavelmente todos os homens bem sucedidos, não possam compreender o que

fazemos, tendo tido experiências análogas em suas próprias vidas.

O mais importante fator em Dhyana, porém, é a aniquilação do ego. Nossa concepção do universo será completamente transtornada se essa possibilidade como válida.

E hora de considerarmos o que, realmente, está acontecendo.

Deve ser admitido que demos uma explicação muito racional da grandeza dos grandes líderes religiosos e, por extensão, dos grandes homens em geral. Eles tiveram uma experiência tão arrebatadora, tão fora de proporção com o resto das coisas, que foram libertados de todos os obstáculos mesquinhos que impedem o homem normal de realizar seus projetos.

A preocupação com roupa, comida, dinheiro, o que os outros podem pensar, como agir e por que agir, e, acima de tudo, o medo das conseqüências, pesam sobre quase todo o mundo. Em teoria, nada é mais fácil para um anarquista do que matar um governante. Ele tem apenas que comprar um rifle, tornar-se um atirador de categoria, e dar um tiro no governante a uma distância de quatrocentos metros. No entanto, se bem que haja muitos anarquistas, há poucos atentados. Ao mesmo tempo, a polícia seria provavelmente a primeira a admitir que, se qualquer homem estivesse realmente cansado de viver, no mais íntimo do seu ser (um estado muito diverso daquele em que os homens usualmente resmungam que estão cansados da vida), ele poderia de algum jeito matar outra pessoa.

Ora, a pessoa que experimentou qualquer das formas mais intensas de Dhyana está psicologicamente livre. O Universo foi destruído para ela, e ela para o Universo. A vontade da pessoa pode portanto ser exercida sem obstáculos. Podemos imaginar que, no caso de Maomé, ele alimentara durante anos uma tremenda ambição, e nunca fizera nada porque aquelas suas qualidades que subseqüentemente se manifestaram em capacidade administrativa o tinham avisado de que ele era impotente.

Sua “visão na caverna” deu-lhe aquela confiança que lhe faltara, aquela fé que move montanhas. Existem muitas coisas que parecem sólidas neste mundo que poderiam ser derrubadas pelo toque de uma criança; mas ninguém tem coragem de tocá-las.

Aceitemos provisoriamente esta explicação da grandeza dos grandes homens, e passemos adiante. A ambição nos trouxe até aqui; mas agora estamos mais interessados no trabalho em si.

Isto é, se o amor à sabedoria se mostrar mais importante em nós que a ambição mundana.

Um fenômeno espantoso aconteceu conosco: tivemos uma experiência que faz o amor, a fama, as honrarias, a ambição, a riqueza, parecerem um tostão; e começamos a nos perguntar apaixonadamente. “O que é a verdade?” O Universo ruiu em nossa volta como um castelo de cartas, e nós mesmos – ou o que pensávamos ser nós mesmos – ruímos com ele. No entanto, esta derrocada é como a abertura das Portas do Céu! Eis aqui um tremendo problema, e existe algo dentro de nós que tem fome de solucioná-lo.

Vejamos que explicações podemos achar.

A primeira idéia que ocorreria a uma mente equilibrada, familiarizada com a ciência, é que experimentamos um colapso mental. Da mesma forma que um golpe na cabeça faz um homem “ver estrelas”, assim também poderíamos supor que a tremenda tensão mental provocada por Dharana sobre-excitou o cérebro de alguma maneira, e causou um espasmo, ou possivelmente rebentou mesmo algum pequeno vaso. Parece não haver motivo para rejeitarmos por completo esta explicação, se bem que seria bastante absurdo supor que aceitá-la é condenar a prática de Dharana. Espasmo é a função normal de pelo menos um dos órgãos do corpo humano. Que o cérebro não é danificado pela prática fica provado pelo fato de que muita gente que afirma ter tido esta experiência repetidamente continua a exercer as vocações de sua vida material sem diminuição de eficiência ou atividade.

Podemos por tanto descontar o aspecto fisiológico como explicação. Não explica o nosso problema principal, que é o valor dos testemunhos desta experiência pouco usual do cérebro.

Ora, este é um problema difícil, e provoca o problema ainda mais difícil da validade de qualquer tipo de testemunho. Todo pensamento humano possível já foi posto em dúvida em alguma ocasião, exceto o pensamento que apenas pode ser expressado por um ponto de interrogação, desde que duvidar deste pensamento é afirmá-lo! Mas à parte esta profunda dúvida filosófica, existe a dúvida cotidiana, mais simples e mais prática. A frase popular “duvidar de nossos próprios olhos” indica que usualmente a evidência dos nossos sentidos é aceita; mas isto é coisa que nenhum cientista moderno faria! O cientista está tão cômico de que os seus sentidos constantemente o enganam que inventa os mais complexos instrumentos a fim de verificar e corrigir as mensagens desses sentidos. E ele além disto está cômico de que o Universo que ele pode perceber diretamente através dos sentidos, mesmo corrigindo-os e vigiando-os pelo uso de instrumentos, é uma fração mínima do Universo que ele conhece indiretamente.

Por exemplo, quatro quintos do ar atmosférico consistem de nitrogênio. Se alguém trouxesse uma garrafa de nitrogênio para dentro desta sala seria enormemente difícil dizer o que é que a garrafa contém. Quase todos os testes que poderíamos aplicar ao conteúdo dariam resultados negativos. Nossos sentidos nada nos poderiam dizer.

O gás “nobre” argônio só foi descoberto pela comparação do peso do nitrogênio quimicamente puro com o peso do nitrogênio do ar. Isto já tinha sido feito muitas vezes, mas ninguém antes dispusera de instrumentos suficientemente delicados para medir a discrepância, ou até percebê-la.

Para dar outro exemplo, um famoso cientista afirmou faz poucos anos que a ciência nunca poderia descobrir a composição das estrelas fixas. No entanto isto já foi feito, e muito bem, através do espectroscópio.

Se perguntássemos ao cientista qual a sua teoria sobre o “real”, ele responderia que o éter que não pode ser percebido por nenhum dos sentidos, ou determinado por nenhum instrumento, e que possui qualidades que (para usar linguagem leiga) são impossíveis, é muito mais real do que a cadeira na qual ele está sentado. A cadeira é apenas um fato; sua existência é testemunhada só por uma pessoa, e esta pessoa bem falível. O éter é a

dedução necessária tirada de milhões de fatos, os quais foram repetidamente verificados e provados por toda experimentação possível. Não existe portanto qualquer motivo para se rejeitar a priori qualquer coisa, apenas com o argumento de que ela não pode ser percebida por nossos sentidos .

Para mencionar outro ponto: um dos nossos testes do que é verdadeiro é a vividez de nossas impressões. Um evento isolado no nosso passado é pouco importante, e pode sumir de nosso consciente; e se for de algum modo lembrado, somos capazes de nos perguntar: “Será que eu sonhei isto? Ou aconteceu mesmo?” O que nós não esquecemos nunca é o catastrófico. A primeira morte de uma pessoa amada, por exemplo, nunca seria esquecida: pela primeira vez nos tomamos cômicos daquilo que anteriormente apenas tínhamos ouvido contar. Uma tal experiência às vezes enlouquece as pessoas. Alguns cientistas se suicidaram quando uma teoria predileta foi provada falsa. Este problema é livremente discutido em *Ciência e Budismo*, *Tempo*, *O Camelo*, e outros ensaios de Aleister Crowley. Aqui é apenas necessário comentar que Dhyana tem que ser classificado como a mais vívida e a mais catastrófica de todas as experiências.

Portanto, é difícil exagerar a importância que uma tal ocorrência tem para o indivíduo com quem ocorre. Especialmente desde que é a nossa concepção de todas as coisas, inclusive a nossa concepção mais íntima, aquela que tinha servido de centro e ponto de referência de todas as outras, a nossa concepção de nós mesmos, que é demolida. E quando nós procuramos explicar este acontecimento como uma suspensão temporária de nossas faculdades, como uma alucinação, ou coisa semelhante, verificamos que somos incapazes de acreditar em tais explicações. Você não pode discutir com um raio que acaba de lhe arremessar ao chão!

Toda coisa que é mera teoria é facilmente negável. Podemos encontrar falhas na nossa cadeia de raciocínio; podemos assumir que as premissas são, de uma maneira ou outra, falsas. Mas se atacamos desta forma a evidência a favor de Dhyana, nossa mente tem que encarar o fato de que qualquer outra experiência que já tivemos, atacada nas mesmas linhas e pelo mesmo método, cairá bem mais facilmente.

Por onde quer que examinemos a questão, o resultado será sempre o mesmo. Pode ser que Dhyana seja uma ilusão; mas se assim for, tudo o mais de que temos consciência é uma ilusão também.

Ora, a mente sábia se recusa a persistir numa crença da irrealidade de suas próprias experiências. Pode ser que elas não sejam o que parecem ser; mas devem ser alguma coisa, e se (em geral) a vida normal é alguma coisa, quanto mais aquilo à cuja luz a vida normal parece como nada!

O homem comum percebe a falsidade, a incoerência e a falta de propósito dos sonhos; ele os atribui (com razão) a uma mente em desordem. O filósofo contempla a vida normal com um desprezo análogo, e a pessoa que experimentou Dhyana é da mesma atitude, mas não mais por mera convicção intelectual. Explicações lógicas, por apropriadas que sejam, nunca convencem por completo; mas a pessoa que experimentou Dhyana tem a mesma certeza simples de alguém que acorda de um pesadelo: “Eu não estava caindo num poço sem fundo, foi apenas um mau sonho.”

A reflexão da pessoa que teve Dhyana é exatamente análoga: “Eu não sou aquele mísero inseto, aquele imperceptível parasita da terra; foi apenas um mau sonho.” E da mesma forma que você não pode convencer o homem comum de que seu pesadelo era mais real que seu despertar, você não pode convencer esta outra pessoa de que seu Dhyana foi apenas uma alucinação, embora ela agora esteja pensosamente cônica de que recaiu daquele estado à sua existência “normal”.

E provavelmente muito raro que uma única experiência transforme assim radicalmente uma concepção toda do Universo, da mesma forma que algumas vezes, ao despertarmos, ainda nos resta uma dúvida fugaz de se o despertar ou o sonho é real. Mas quando a experiência se repete, quando Dhyana não é mais um choque, quando o estudante teve tempo bastante para se acomodar ao seu novo plano de consciência, sua convicção se torna absoluta.

Outra consideração racional é esta: o estudante não esteve tentando excitar a mente, e sim acalmá-la; não esteve tentando produzir um pensamento, mas sim excluir todos os pensamentos; pois não existe relação entre o objeto da meditação e o Dhyana. Por que devemos então supor uma derrocada do processo inteiro, ainda mais se a mente não demonstra quaisquer traços subseqüentes de interferência, tais como dor ou fadiga? Certamente nesta ocasião, se em nenhuma outra, uma das imagens dos hindus expressa a explicação mais simples. Esta imagem é a de um lago em que cinco glaciares se movem. Estes glaciares são os cinco sentidos. Enquanto o gelo (as impressões) está constantemente se quebrando e caindo no lago, as águas são sacudidas. Se os glaciares ficam parados, a superfície se torna calma; então, e apenas então, pode ela refletir o disco do sol. Este sol é a “alma”, ou “Deus”.

Devemos, porém, evitar o uso de termos tais como “alma” e “Deus” por enquanto, por causa das coisas em que eles implicam. Falemos antes deste sol como de alguma coisa desconhecida anteriormente, cuja presença tinha sido velada por todas as coisas conhecidas e pelo conhecedor mesmo.

Também é possível que nossa “memória” de Dhyana não seja a do fenômeno em si, mas a da imagem que ele deixou na nossa mente. Porém isto é verdade de qualquer fenômeno, como já foi provado além de qualquer dúvida por Berkeley e Kant. Este assunto, porém, não precisa nos ocupar. Queremos resultados, não teorias.

Podemos então provisoriamente aceitar o ponto de vista de que Dhyana é real; mais real, e portanto mais importante para nós, que qualquer outra experiência que tenhamos tido previamente. E um estado que tem sido descrito não apenas pelos hindus e budistas, mas também por maometanos e cristãos. No caso dos cristãos, porém, o preconceito profundamente arraigado torna seus documentos e relatos sem valor para o homem comum. Eles passam por alto as condições essenciais à ocorrência de Dhyana e insistem nas condições sem importância com muito mais frequência que os melhores escritores hindus. Mas para qualquer pessoa com experiência de meditação e algum estudo comparativo de religiões, a identidade do fenômeno é evidente. Podemos agora tratar de Samadhi.

Samadhi

Já se escreveu demasiada bobagem a respeito de Samadhi; vamos nos esforçar por não aumentar o monturo. Até Patanjali, que é extraordinariamente claro e prático na maioria das vezes, começa a delirar quando fala de Samadhi. Mesmo se o que ele diz fosse verdade, ele não deveria dizer essas coisas, pois não parecem ser verdade; e não devemos fazer qualquer afirmativa que seja difícil de acreditar sem estarmos preparados para apresentar provas cientificamente documentadas. Mas é bem provável que Patanjali tenha sido mal interpretado por seus comentaristas.

A mais razoável asserção, de qualquer autoridade conhecida, é aquela de Yajna Valkya, que diz: “Através de Pranayama as impurezas do corpo são eliminadas; através de Dharana, as impurezas da mente; através de Pratyahara, as impurezas do apego; e Samadhi elimina tudo que esconde o senhorio da alma.” Esta é uma asserção modesta, e em bom estilo literário. Se pudermos fazer o mesmo!

Em primeiro lugar, qual é o significado da palavra? Etimologicamente, Sam é o grego sun – o prefixo português sin, significando “junto com”. Adhi significa “Senhor”, e uma tradução razoável da palavra inteira seria “União com Deus”, exatamente o termo utilizado por místicos cristãos para descreverem sua consecução.

Existe muita confusão, porque os budistas usam a palavra Samadhi para significar uma coisa inteiramente diversa, a simples faculdade da atenção. (Assim, para os budistas, pensar em um gato é “fazer samadhi” sobre aquele gato.) Os budistas usam a palavra Jhana para descrever estados místicos. Isto é uma bagunça danada, porque, como vimos no último capítulo, Dhyana é considerado pelos hindus o estado preliminar a Samadhi, e Jhana é, claro, a corrupção pali da mesma palavra. Rejeitaremos sem hesitar a confusão inteira, e seguiremos o significado etimológico da palavra, conforme dado acima.

Existem muitos tipos de Samadhi. Alguns autores consideram Atmadarshana, o Universo percebido como um fenômeno único e sem condições, como o primeiro verdadeiro Samadhi. Se aceitarmos isto, devemos relegar muitos outros êxtases místicos menos elevados à classe dos Dhyana. Patanjali enumera vários de tais êxtases: executar Sarnyama concentrando-se sobre vários objetos confere poderes mágicos, ou assim diz ele. Não é necessário aqui discutir essa questão. As pessoas que desejam poderes mágicos podem obtê-los em dúzias de maneiras diversas.

O poder cresce mais depressa que o desejo. O menino que deseja dinheiro para comprar soldadinhos de chumbo começa a cavar o dinheiro, e quando finalmente o consegue deseja alguma coisa muito diversa – provavelmente algo justamente além dos seus meios.

Esta é a esplêndida história de todo avanço espiritual: a gente nunca pára a fim de colher a recompensa.

Portanto, não nos preocupemos se este ou aquele Samadhi pode trazer esta ou aquela vantagem transitória a nossas vidas. Nós abrimos este livro, se vocês se lembram, com considerações sobre a morte. A idéia da morte perde todo significado em Samadhi. Depende das idéias do ego e do tempo; e estas idéias são destruídas. “A morte é engolida em vitória”. Nós trataremos a seguir das condições que produzem Samadhi, e procuraremos analisar o que esta experiência é em si.

Dhyana se assemelha a Samadhi sob muitos aspectos. Em Dhyana há uma união do ego com o não-ego, e uma perda das noções de tempo, espaço e causalidade. A dualidade sob qualquer forma é abolida. A idéia de tempo implica na existência de duas coisas consecutivas, a idéia de espaço envolve a existência de duas coisas não coincidentes, a idéia de causalidade envolve a existência de duas coisas, uma produto da outra.

As condições de Dhyana contradizem as condições do pensamento normal; mas em Samadhi, a diferença é muito maior que em Dhyana. Enquanto Dhyana parece a simples união de duas coisas, Samadhi parece como se todas as coisas subitamente se juntassem e se unissem. Poder-se-ia dizer que em Dhyana existia ainda esta condição em estado latente: que o Um existente era oposto aos Muitos não existentes; mas em Samadhi, o Um e os Muitos são unidos em uma Fusão de Existência com Não Existência. Esta definição não é o resultado de reflexão da minha parte, está sendo feita de memória.

Outra diferença: é fácil conquistar a habilidade de obter Dhyana, após algum treino, podemos entrar naquele estado sem prática preliminar (e deste ponto de vista, podemos reconciliar os dois significados diversos que os autores dão a esta palavra, os quais discutimos no capítulo anterior). Visto de baixo, Dhyana parece um êxtase, uma experiência tão tremenda que não podemos imaginar algo além; mas visto de cima, é um mero estado mental, tão natural quanto qualquer outro. Frater Perdurabo, antes de obter Samadhi, escreveu isto sobre Dhyana em seu relatório: “Talvez, como resultado do intenso controle que a gente se esforça por obter, um ataque de nervos violento como uma tempestade seja provocado: isto nós chamamos de Dhyana. Tanto quanto posso conceber, Samadhi será apenas uma ampliação disto.”

Cinco anos mais tarde (após obter Samadhi várias vezes), ele não diria isto. Talvez dissesse que Samadhi é a mente fluindo, numa corrente continua, do ego ao não ego, sem se tornar cônica de nenhum dos dois; e este fenômeno é acompanhado por um maravilhamento e uma felicidade sempre crescentes. Ele pode compreender que isto seja o resultado natural de Dhyana, mas não pode mais chamar Dhyana, como antes, de precursor de Samadhi. Ele não tem certeza das condições que induzem Samadhi. Ele pode produzir Dhyana à vontade, no curso de alguns minutos de concentração, e o fenômeno frequentemente ocorre de maneira aparentemente espontânea. Mas com Samadhi, infelizmente, este não é o caso. Ele provavelmente pode conseguir Samadhi à vontade, mas não sabe dizer precisamente como, nem predizer quanto tempo levará antes do fenômeno ocorrer; e não pode ter certeza completa de que o conseguiria.

Todos temos certeza de que podemos caminhar um quilômetro sobre uma estrada plana. Conhecemos as condições, e seria preciso um conjunto muito extraordinário de circunstâncias para nos impedir de completar a caminhada. Mas é igualmente certo dizer: “Eu já escalei o Everest e sei que posso escalá-lo novamente.” No entanto, existe um conjunto de circunstâncias possíveis, e mais ou menos prováveis, que poderiam impedir o nosso sucesso.

Nós sabemos isto ao certo: que se o pensamento for conservado único e firme, Dhyana ocorre. Mas não sabemos se uma simples intensificação disto é suficiente para causar Samadhi, ou se outras condições adicionais (ou outras circunstâncias bem diversas) são necessárias.

Uma das condições adicionais de querer obter Samadhi. Isto não é tão simples quanto possa parecer. Dhyana glorifica o ego: Samadhi o destrói. Muita gente evita obter Samadhi, enquanto finge (para si mesma e para outros) que o persegue apaixonadamente. Mas há sem dúvida outras condições, não necessariamente subjetivas. Só a experiência sistemática de um grande número de pesquisadores ampliará o presente “estado da ciência.”

Obter Dhyana já é ciência. A obtenção de Samadhi continua no terreno do empirismo.

Um dos autores clássicos diz (se nossa memória não nos engana) que doze segundos de concentração dão Dharana, quarenta e quatro dão Dhyana, e mil setecentos e vinte e oito dão Samadhi. E Vivekananda, comentando Patanjali, faz de Dhyana um mero prolongamento de Dharana, mas acrescenta: “Suponhamos que eu estivesse meditando sobre um livro, e gradualmente conseguisse concentrar minha mente sobre ele até perceber apenas a sensação interna, o significado inexpresso em qualquer forma material: este estado de Dhyana é chamado Samadhi.”

Outros autores opinam que Samadhi resulta de meditar sobre assuntos que são, em si mesmos, “dignos”. Por exemplo, Vivekananda diz:

“Pense em qualquer assunto santo.” E explica a recomendação da seguinte forma: “Isto não significa qualquer assunto malvado.” (!)

Frater P. hesitaria em afirmar que conseguiu Dhyana meditando sobre objetos “comuns.” Ele abandonou a prática deste tipo de meditação após alguns meses, e começou a meditar sobre os chacras, etc. Também, Dhyana começou a ocorrer com tanta freqüência que ele parou de registrar a ocorrência. Mas se desejasse atingir aquele estado neste instante, ele escolheria algo para excitar seu “temor a Deus”, ou “reverência”, ou “maravilhamento”. Não existe qualquer motivo aparente porque Dhyana não deva ocorrer ao pensarmos em algum objeto comum numa praia – por exemplo, um siri.

Será esplêndido quando uma pesquisa disciplinada, usando métodos científicos, executada por muitas pessoas, permitir a determinação das condições de Samadhi. Por enquanto, não parece ser contraproducente seguirmos simplesmente a tradição de nossos antecessores, e usarmos os mesmos objetos de meditação que eles usaram – com uma única exceção que mencionaremos adiante.

O primeiro tipo de objetos para meditação séria (isto é, já não mais a prática preliminar, em que devemos usar apenas objetos simples da vida diária, que são mais fáceis de manter definidos) são diversas partes de nosso corpo. Os hindus possuem um complicado sistema de anatomia e fisiologia que aparentemente não tem qualquer relação com os fatos de uma sala de dissecação. Proeminentes em seu sistema estão os sete chakras, que serão descritos na Parte II deste livro. Existem também vários “nervos”, igualmente mitológicos.

O segundo tipo são objetos de devoção, tais como a idéia ou a forma da Deidade, ou o coração ou o corpo do nosso Instrutor, ou de algum homem que respeitamos profundamente. Esta prática não é recomendável, porque estimula os preconceitos na mente.

Podemos também meditar sobre nossos sonhos. Isto parece superstição; mas a idéia é que você já tem uma tendência, independente de sua vontade consciente, a pensar nessas coisas (ou não sonharia sobre elas); conseqüentemente lhe será mais fácil se concentrar sobre elas do que sobre outras.

Você pode também meditar sobre qualquer coisa que lhe agrade especialmente. Mas aqui, novamente, surge o perigo de estimular preconceitos.

Mas com tudo isso, sentimo-nos inclinados a sugerir que será melhor, e de maior peso, se a meditação for dirigida a algum objeto que seja, em si, aparentemente sem importância. Nós não queremos que a mente se excite de nenhuma forma, nem mesmo por adoração. Veja os três métodos de meditação dados em Liber HHH. Ao mesmo tempo, não podemos negar que será muito mais fácil se escolhermos alguma idéia sobre a qual a mente tenda a fluir naturalmente.

Os hindus afirmam que a natureza do objeto da meditação determina o Samadhi, isto é, esses Samadhis menos elevados que conferem os assim-chamados “poderes mágicos”. Por exemplo, há os Yogapravritti. Meditando sobre a ponta do nosso nariz, obtemos aquilo que se poderia chamar “o cheiro ideal” – isto é, um cheiro que não é nenhum cheiro em particular, mas que é o cheiro arquetípico, do qual todos os cheiros perceptíveis são modificações. E o “cheiro que não é um cheiro”. Esta é a única descrição razoável: pois, a experiência sendo contrária à razão, é conseqüentemente razoável que as palavras que a descrevem sejam assim também.

Da mesma forma, concentração sobre a ponta da língua dá o “gosto ideal”; sobre o dorso da língua, o “tato ideal”. O Bhikku Ananda Metteya dá a seguinte descrição desta experiência: “Todo átomo do corpo entra em contato com todo átomo do Universo simultaneamente.” A meditação sobre a raiz da língua dá o “som ideal”, e meditação sobre a faringe dá a “visão ideal”.

O mais importante desses êxtases, porém, é Atmadarshana, o qual para alguns (e estes não os de menor experiência) é o primeiro verdadeiro Samadhi; pois mesmo as visões de “Deus” e do “Augoeides” estão manchadas pela forma.

Em Atmadarshana, o Todo se manifesta como o Um: é o Universo livre de quaisquer condições. Não só são todas as formas e idéias destruídas, mas também as concepções que jazem implícitas em nossas idéias daquelas idéias. Cada parte do Universo torna-se o Todo, e causa e efeito não mais são separados.

Mas é completamente impossível descrever este estado mental. Podemos apenas especificar algumas de suas características, como fizemos acima; mas a linguagem usada não deve formar qualquer imagem na mente.

E impossível a qualquer pessoa que experimente este estado trazer de volta dele qualquer imagem exprimível no estado mental normal. Nem podemos conceber qualquer estado que transcenda Atmadarshana, quando voltamos de Atmadarshana!

No entanto, existe um Samadhi muito mais elevado, chamado Shivadarshana; do qual é apenas necessário dizer que é a destruição do estado prévio: a aniquilação de

Atmadarshana. Para conceber esta extinção devemos imaginar o Nada (único nome possível para isto) como positivo, em vez de negativo.

A mente normal é como uma vela num quarto escuro. Se você abre as janelas, a luz do sol torna a chama invisível. Esta é uma imagem mais ou menos adequada de Dhyana.

Mas a mente se recusa a encontrar uma imagem para Atmadarshana. Parece fraco dizer apenas que, se todas as estrelas do universo se juntassem subitamente, apagariam também a luz do sol. Porém, se aceitarmos dizer isto, e procurarmos outra imagem para Shivadarshana, devemos nos imaginar percebendo que esse braseiro universal é escuridão; não uma luz muito fraca comparada com outra luz, mas escuridão em si. Não é uma transição do minúsculo para o vasto, ou mesmo do finito para o infinito. É a percepção do fato de que o positivo é apenas o negativo. A “verdade final” de Atmadarshana é percebida não apenas como falsa, mas como a contradição lógica da “verdadeira verdade”. É completamente inútil prolongar este tema, que até o presente tem derrotado todas as mentes que procuraram expressá-lo. Nós tentamos aqui dizer o mínimo, e não o máximo, possível.

Ainda mais longe do nosso propósito de sermos simples estaria comentarmos aqui as inúmeras discussões entre místicos sobre se Shivadarshana é o derradeiro Samadhi, ou sobre o efeito de Shivadarshana em nossa vida subsequente. Basta dizermos que até mesmo o primeiro e mais efêmero dos Dhyana nos paga mil vezes pelas dores que podemos ter tido buscando alcançá-lo.

E existe mais um encorajamento para principiantes: todo trabalho que se executa nessa direção tem efeito cumulativo. Todo ato dirigido à consecução espiritual é mais uma pedra acrescentada à pirâmide de um destino que algum dia chegará a fluir. Possam todos conseguir!

Resumo

P. Que é o gênio, e como é produzido?

R. Examinemos diversos exemplos de gênio, e tentemos encontrar algo em comum entre eles, que não seja encontrado em outros tipos de inteligência.

P. Existe algo em comum?

R. Sim: todos os gênios têm o hábito da concentração mental, e em via de regra necessitam longos períodos de solidão para adquirir esse hábito. Em particular, todos os maiores gênios religiosos se retiraram do mundo em alguma fase de suas vidas, e começaram a ensinar imediatamente ao retornar ao mundo.

P. Qual é a vantagem de um tal retiro? Nós pensaríamos que um homem que fizesse isto perceberia, ao voltar, que estava sem contato com sua época, e em tudo menos capaz do que era antes.

R. No entanto, cada um deles afirma, se bem que em linguagem diversa, que durante sua ausência obteve algum poder sobre-humano.

P. Você acredita nisso?

R. Não fica bem rejeitarmos sem exame as declarações de homens que são respeitados

por tantos dos nossos semelhantes. Temos que refutá-las com provas, ou pelo menos explicar como eles se enganaram. Ora, cada um desses homens deixou regras para serem seguidas. O único método científico consiste em repetirmos os experimentos deles, e assim confirmar ou invalidar seus resultados.

P. Mas as regras que eles deram diferem tanto umas das outras!

R. Apenas no fato de que cada um deles estava limitado por condições, de raça, clima, linguagem e período cultural. Existe uma identidade básica nos métodos de todos eles.

P. Prove isso!

R. Foi a grande obra da vida de Frater Perdurabo provar isso. Estudando as práticas de cada uma das grandes religiões em seu lugar de origem, ele pôde demonstrar a relação entre elas todas, e formulou um método livre de dogma, baseado apenas nos fatos comprovados da anatomia, da fisiologia e da psicologia.

P. Pode me dar um breve resumo desse método?

R. A idéia básica é a de que o Infinito, o Absoluto, Deus, a Sobre-Alma, ou o que você quiser chamar aquilo, está sempre presente em todos nós, mas velado ou fantasiado pelos pensamentos de nossas mentes, da mesma forma que não podemos ouvir as batidas de nosso coração no meio do tráfego de uma cidade barulhenta.

P. E então?

R. Para obter conhecimento direto Daquilo, é apenas necessário parar todos os pensamentos.

P. Mas no sono o pensamento está parado.

R. Talvez sim, superficialmente falando; mas a função que percebe também está parada.

P. Então, você deseja obter uma perfeita vigilância e atenção por parte da mente, que não sejam interrompidas pela aparição de pensamentos?

R. Exato.

P. E como você faz para conseguir isso?

R. Primeiro, nós aquietamos o corpo através da prática chamada Asana. Segundo, as seguramos a regularidade e a saúde do corpo através da prática chamada Pranayama. Desta forma, nenhuma mensagem do corpo perturbará a concentração mental. Depois, através de Yama e Niyama, nós aquietamos as emoções e as paixões, e assim impedimos que também estas apareçam para perturbar a mente. Depois, através de Pratyahara, analisamos nossas mentes ainda mais a fundo, e começamos a suprimir os pensamentos em geral, de qualquer tipo. A seguir, suprimimos todos os pensamentos a não ser um só, no qual buscamos nos concentrar diretamente. Este processo, que leva à mais alta consecução, consiste de três fases, Dharana, Dhyana e Samadhi, as quais são agrupadas sob o nome único de Samyama.

P. Como posso obter maior conhecimento e experiência dessas coisas?

R. A A. • A. • é uma organização cujos chefes obtiveram através de experiência pessoal o auge dessa ciência. Eles fundaram um sistema pelo qual qualquer pessoa persistente pode atingir a meta, e isto com uma rapidez e facilidade previamente impossíveis.

O Templo

Representa o universo externo. O Magista tem que tomá-lo tal como o encontra, de forma que não tem nenhum formato particular, no entanto, está escrito em Liber VII : “Nós nos fizemos um Templo de pedras na forma do Universo, mesmo tal como tu usaste abertamente e eu escondido.” Esta forma é a Visica Piscis; mas é somente o maior dos Magistas que pode assim formar o Templo. Entretanto, pode haver alguma escolha quanto a quartos; isto se refere ao poder do Magista de reencarnar em um corpo apropriado a seu Trabalho.

O Círculo

O Círculo anuncia a Natureza da Grande Obra.

Se bem que o Magista foi limitado em sua escolha de quarto ele está mais ou menos livre para escolher em que parte daquele quarto ele trabalhará. Ele levará em consideração tanto o conveniente quanto o possível. Seu círculo não deve ser tão pequeno que estorve seus movimentos; também não deve ser tão grande que ele tenha muita distância a correr. Uma vez o círculo esteja feito e consagrado, o Magista não deve deixá-lo, ou mesmo debruçar-se além dele, para que as forças hostis que estão fora não possam destruí-lo.

Ele escolhe um Círculo, antes que qualquer outra figura linear, por várias razões:

Ele afirma desta forma sua identidade com o infinito.

Ele afirma a proporção equânime do seu trabalho; todos os pontos da circunferência equidistam do centro.

Ele afirma a limitação implicada pela sua devoção á Grande Obra. Ele não perambula mais sem fito pelo mundo.

O centro deste Círculo é o centro do Tau (T) de dez quadrados inscrito nele, tal como é mostrado na ilustração anexa. O Tau e o Círculo, juntos, são uma forma da Rosa Cruz: a união de sujeito e objeto que é a Grande Obra, a qual é às vezes simbolizada como esta cruz e círculo, às vezes como o Lingam-Yoni, às vezes como Ankh ou Cruz-Ansata, às vezes pela Espira e pela Nave de uma Igreja ou Templo, às vezes como um Festim de Casamento, Casamento Místico, Casamento Espiritual, “Bodas Químicas”, e em centenas de outras formas. Qualquer que seja a forma escolhida, é o símbolo da Grande Obra.

Este local de trabalho portanto declara a natureza e objetivo da Obra dele. Essas pessoas que supuseram que o uso desses símbolos implica adoração dos órgãos genitais, simplesmente atribuíram aos sábios de todas as idades e todos os países mentalidades do calibre da sua.

O Tau é composto de dez quadrados para as dez Sephiroth.

No Círculo estão inscritos os Nomes de Deus; o Círculo é verde, e os Nomes estão em vermelho fogo, da mesma cor que o Tau. Fora do Círculo estão Nove equidistantes Pentagramas, no centro de cada um dos quais queima uma pequena Lâmpada; estas são as “Fortalezas” sobre as Fronteiras do Abismo. Veja o Sétimo Aethyr, Liber 418

(Equinox V). Elas conservam fora essas forças da escuridão que poderiam de outra forma invadir.

Os Nomes de Deus formam outra proteção. O Magista pode escolher que nomes usará; mas cada nome deveria de alguma forma simbolizar a sua Obra em seu método de consecução. É impossível entrar aqui por completo neste assunto; a descoberta ou construção de nomes apropriados poderia ocupar o mais letrado Qabalista durante muitos anos.

Estas nove Lâmpadas eram originalmente velas feitas de gordura humana, a gordura de inimigos mortos pelo Magista; elas assim serviam de aviso a qualquer força hostil daquilo que poderia esperar se desse incômodo. Hoje em dia tais velas são difíceis de conseguir; e é talvez mais fácil usar cera de abelha. O mel foi tomado pelo Magista; nada resta do trabalho de todas essas hostes de abelhas senão a mera casca, o combustível da luz. Esta cera de abelha é também usada na construção do Pantáculo, e isto forma um elo entre os dois símbolos. O Pantáculo é o alimento do Magus; ele renuncia a parte deste para dar luz àquilo que está fora. Pois estas luzes são hostis à intrusão apenas em aparência; elas servem para iluminar o Círculo e os Nomes de Deus, e assim exibem os primeiros e mais externos símbolos da Iniciação à vista dos profanos.

Estas velas estão de pé sobre Pentagramas, que simbolizam Geburah, Severidade, e dão proteção; mas que também representam o Microcosmo, os quatro elementos coroados pelo Espírito, a Vontade do Homem tomada per feita em sua aspiração ao Alto. Elas são colocadas fora do Círculo para atrair as forças hostis, para dar-lhes o primeiro vislumbre da Grande Obra, que também elas devem algum dia executar.

O Altar

O Altar representa a base sólida da Obra, a Vontade fixa do Magista; e a Lei sob a qual ele trabalha. Dentro deste Altar é tudo colocado, desde que tudo está sujeito à lei. Com exceção da Lâmpada.

De acordo com algumas autoridades, o Altar deve ser feito de carvalho para representar a teimosia e rigidez da lei; outros o fariam de acácia, pois a Acácia é o símbolo da ressurreição.

O Altar é um duplo cubo, o que é uma maneira mais ou menos grosseira de simbolizar a Grande Obra; pois dobrar o cubo, da mesma forma que a quadratura do círculo, era um dos grandes problemas da Antiguidade. A superfície deste Altar é composta de dez quadrados. O topo é Kether, e o fundo é Malkuth. A altura do Altar iguala a distância do solo ao umbigo do Magista. O Altar está relacionado com a Arca da Aliança, a Arca de Noé, a Nave (navis, um barco) da Igreja, e muitos outros símbolos da antiguidade, cujo significado foi bem estudado em um livro anônimo chamado "THE CANON" (Alkin Mathews), que deveria ser cuidadosamente consultado antes de construirmos o Altar.

Pois este Altar deve incorporar o conhecimento que o Magista tem das leis da Natureza, que são as leis através das quais ele trabalha.

Ele deveria esforçar-se por fazer construções simétricas para simbolizar medidas

cósmicas. Por exemplo: ele pode tomar as duas diagonais como sendo (digamos) o diâmetro do Sol. Então, o lado do Altar, descobrirá ele, deverá ter um comprimento igual a alguma outra medida cósmica, uma vesica desenhada sobre um lado terá outra, uma “cruz de crucifixo” dentro da vesica ainda outra. Cada Magista deve construir o seu próprio sistema de simbolismo e ele não precisa limitar-se a medidas cósmicas. Ele poderá, por exemplo, encontrar alguma relação para expressar a lei do inverso dos quadrados.

O topo do Altar deve ser coberto com ouro, e sobre este ouro deveria ser gravada alguma figura tal qual a Oblação Santa, ou a Nova Jerusalém, ou, se ele tiver a habilidade, o Microcosmo de Vitruvius, dos quais nós damos ilustrações.

Sobre os lados do Altar são também algumas vezes gravadas as grandes Tábuas dos Elementos, e os Selos dos Santos Reis Elementais, como é mostrado no Equinox, n. VII; pois tais são sínteses das forças da Natureza. No entanto isto são antes símbolos especiais que gerais, e o propósito do presente livro é tratar dos grandes princípios gerais de trabalho.

O Flagelo, a Adaga e a Cadeia

O Flagelo, a Adaga e a Cadeia (Corrente) representam os três princípios alquímicos de Enxofre, Mercúrio e Sal. Estes não são as substâncias que atualmente são designadas por tais nomes; representam princípios cuja operação os químicos têm achado mais conveniente explicar de outras formas. O Enxofre representa a energia das coisas, Mercúrio a fluidez delas, Sal a sua fixidez. Eles são análogos ao Fogo, ao Ar e a Água; mas eles significam bastante mais, pois representam algo mais profundo e mais sutil e, no entanto, mais verdadeiramente ativo. Uma analogia quase exata é dada pelas Três Gunas dos hindus: Sattwas, Rajas e Tamas. Sattwas é Mercúrio, estável, calmo, claro; Rajas é Enxofre, ativo, excitável, feroz mesmo; Tamas é Sal, grosso, lerdo, pesado, escuro (existe uma longa descrição destas três Gunas no Bhagavad-Gita).

Mas a filosofia hindu está tão ocupada com a idéia principal de que só o Absoluto tem valor, que ela tende a considerar estas três Gunas (mesmo Sattwas) como malignas. Este ponto de vista é correto, mas somente olhando de cima; e nós preferimos, se somos realmente sábios, evitar a eterna queixa que caracteriza o pensamento da península indiana: “Tudo que existe é sofrimento”, etc. Se aceitamos a doutrina deles das duas fases do Absoluto, será necessário, se quisermos ser consistentes, que classifiquemos as duas fases juntas, quer como boas, quer como más; pois se uma é boa a outra é má, nós voltamos a idéia de dualidade, justamente para evitar a qual nós inventamos o Absoluto.

A idéia cristã de que o pecado valeu a pena porque a salvação foi de tão maior valor, que a redenção é tão esplêndida que a perda da inocência valeu a pena, é mais satisfatória. São Paulo diz: “Onde abundava o pecado, mais abundou a graça. Então devemos nós fazer o mal para que o bem venha? Deus proíbe”. Mas (claramente) isto é exatamente o que Deus Mesmo fez, ou por que haveria Ele de criar Satã com o germe de sua “queda” nele?

Em vez de condenar imediatamente as três qualidades, nós deveríamos considerá-las

como partes de um Sacramento. Este aspecto particular do Flagelo, da Adaga e da Cadeia, sugere o Sacramento da Penitência.

O Flagelo é Enxofre; sua aplicação excita nossas naturezas lerdas; e pode, além disso, ser usado como um instrumento de correção, para castigar volições rebeldes. Isto é aplicado a Nephesh (a Alma Animal, os desejos naturais).

A Adaga é Mercúrio; é usada para acalmar demasiado calor, por sangria; e é esta arma que é mergulhada no lado do Magista para encher a Santa Taça.

As dificuldades que estão entre os apetites e a razão são assim reguladas.

A Cadeia é Sal; serve para limitar os pensamentos divagantes; e por este motivo é colocado em volta do pescoço do Magista, onde está Daäth.

Estes instrumentos também nos lembram a morte, a dor e a servidão. Estudantes dos Evangelhos lembrar-se-ão que no martírio de Cristo estes três foram usados, a Adaga sendo substituída pelos pregos.

O Flagelo deveria ser feito com um punho de ferro; o Látego é composto de nove tiras de fino arame de cobre, nas quais estão entrançados pedacinhos de chumbo, o ferro representa severidade, cobre amor, e o chumbo austeridade.

A Adaga é feita de aço trabalhado com ouro; e o punho também é de ouro.

A Cadeia é feita de ferro doce. Tem 333 elos. (veja o Equinox n° V, “A Visão e a Voz”: 10° Aethyr).

Torna-se agora evidente porque estas armas estão grupadas em volta do frasco de Cristal de Rocha que contém o Óleo Santo.

O Flagelo mantém intensa a aspiração; a Adaga expressa a determinação de sacrificar tudo; a Cadeia restringe qualquer divagação.

Podemos agora considerar o Óleo Santo propriamente dito.

O Óleo Santo

O Óleo Santo é a Aspiração do Magista; é aquilo que o consagra à execução da Grande Obra; e tal é a sua eficácia que consagra também o mobiliário do Templo e os instrumentos. É também a graça ou crisma; pois esta Aspiração não é ambição; é uma qualidade conferido do Alto. Por esta razão o Magista unguirá primeiro o topo de sua cabeça, procedendo então à consagração sucessiva dos centros mais baixos.

Este óleo é de uma cor dourada; e quando colocado sobre a pele deverá queimar e vibrar através do corpo com uma intensidade como a o fogo. É a pura luz traduzida em termos de desejo. Não é a Vontade do Magista, o desejo do mais baixo de alcançar o mais alto; é a centelha do mais alto no Magista, que deseja unir o mais baixo a si.

A não ser portanto que o Magista seja primeiro unguido com este óleo, todo o seu trabalho será desperdiçado e maligno.

Este Óleo é composto de quatro substâncias. A base de todas é o óleo de oliva. A oliveira é, tradicionalmente, a dádiva de Minerva, a Sabedoria de Deus, o Logos. Nisto são dissolvidos três outros óleos: óleo de mirra, óleo de canela, óleo de galanga. A Mirra é atribuída a Binah, a Grande Mãe, a qual é ao mesmo tempo o Entendimento do Magista e aquela dor e compaixão que resultam da contemplação do Universo. A Canela representa Tiphareth, o Sol, o Filho, em quem a Glória e Sofrimento são idênticos. A Galanga representa tanto Kether quanto Malkuth, o Primeiro e o Último, o Um e os Muitos, desde que neste Óleo eles são um.

Estes óleos em conjunto representam, por tanto, a Árvore da Vida inteira. As Dez Sephiroth são misturadas no ouro perfeito.

Este Óleo não pode ser preparado de mirra, canela, galanga em estado bruto. A tentativa de assim fazer dá apenas uma lama marrom com a qual o óleo de oliva não se misturará. Estas substâncias devem ser elas mesmas refinadas em puros óleos antes da mistura final.

Este perfeito Óleo é extremamente penetrante e sutil.

Gradualmente se espalhará uma película brilhante sobre todo objeto no Templo. Cada um destes objetos então flamejará à luz da Lâmpada. Este Óleo é aquele que estava na Taça da Viúva: ele se renova e multiplica milagrosamente; seu perfume enche o Templo inteiro; é a Alma de que o perfume mais grosseiro é o corpo.

O Frasco que contém o Óleo deveria ser de claro cristal de rocha, e alguns Magistas o têm moldado na forma do seio de mulher, porque é a verdadeira nutrição de tudo quanto vive. Por este motivo também tem sido feito de madrepérola, e tampado com um rubi.

A Baqueta

A Vontade Mágica é em sua essência dupla, pois pressupõe um começo e um fim; querer ser uma coisa é admitir que você não é a coisa que você quer ser.

Dai, portanto, querer qualquer coisa menos a coisa suprema é desviar - se mais ainda dela - qualquer vontade que não seja a de entregar-se ao BEM AMADO É MAGIA NEGRA - no entanto, esta entrega é um ato tão simples que para as nossas complicadas mentes é o mais difícil dos atos; e portanto, treinamento é necessário.

Mas, o Ser que se rende não deve ser menos que o Ser do Todo; nós não devemos aparecer diante do Altar do Altíssimo com uma oferenda imperfeita ou impura. Como está escrito em Liber LXV, “Esperar-Te é o fim, não o principio”.

Este treino pode conduzir a toda sorte de complicações, variando de acordo com a natureza do estudante; e daí talvez lhe seja necessário a qualquer momento querer uma variedade de coisas que a outras pessoas poderia parecer sem relação com o alvo. Da mesma forma não é evidente à priori por que razão um jogador de bilhar necessita de uma lima.

Já que, portanto, nós podemos vir a precisar de qualquer coisa, cuidemos de que a nossa vontade seja suficientemente forte para obtermos o que necessitamos sem perda de

tempo.

É portanto necessário desenvolver a Vontade ao máximo, mesmo se a tarefa final será a completa entrega desta Vontade. Entrega parcial de uma vontade imperfeita é inútil em Magia.

A Vontade sendo uma alavanca, um fulcro é necessário; este fulcro, é a principal aspiração do estudante por alcançar. Todas as Vontades que não derivam desta Vontade principal são fendas no nosso barco, telhas soltas na nossa loja, goteiras nas nossas paredes; são como gordura no atleta.

A maioria das pessoas neste mundo é atáxica; eles não podem coordenar seus músculos mentais para fazer um movimento com propósito. Eles não têm realmente uma Vontade, somente um grupo de caprichos e desejos, muitos dos quais se contradizem uns aos outros. A vítima bamboleia de um a outro (e não é menos bamboleio porque os movimentos passam, às vezes, ser muito violentos), e no fim da vida os movimentos se cancelam. Nada foi executado; exceto a coisa única de que a vítima não está cônica: a destruição do seu próprio caráter, a confirmação da indecisão. Tal pessoa é despedaçada, membro por membro, por Choronzon.

Como então será treinada a Vontade? Todas estas cismas, caprichos, esses desejos, essas inclinações, tendências, apetites, devem ser percebidos, examinados, julgados de acordo com o padrão de se ajudam ou impedem o propósito principal; e tratados de acordo.

Vigilância e coragem são, é óbvio, necessárias. Eu estava a ponto de acrescentar auto-renúncia em deferência à linguagem convencional; mas como poder ia eu chamar auto-renúncia aquilo que é apenas renúncia dessas coisas que impedem e prejudicam o ser? Não é suicídio matar os germes de malária em nosso sangue.

Agora, existem enormes dificuldades a serem conquistadas no treino da mente. Talvez a maior seja a falta de lembrança, que é provavelmente a pior forma daquilo que os Budistas chamam ignorância. Práticas especiais para treino da memória podem ser úteis como preliminar para pessoas cuja memória é naturalmente pobre. Em qualquer caso, o Relatório Mágico prescrito para Probacionistas pela A. 'A.' é útil e necessário.

Acima de tudo, as práticas em Liber III devem ser executadas repetidamente pois estas práticas não só desenvolvem a vigilância, como também esses centros inibidores no cérebro que são, de acordo com alguns psicólogos, a principal mola do mecanismo através do qual o homem civilizado subiu acima dos selvagens.

Até agora falamos, por assim dizer, no negativo. A Vara de Aarão virou uma serpente, e engoliu as serpentes dos outros Magistas; é necessário que a tornemos agora, novamente, em uma vara.

Esta Vontade Mágica é a Vara em sua mão pela qual a Grande Obra é executada, pela qual a Filha é não apenas colocada sobre o trono da Mãe mas assumida ao Altíssimo.

A Baqueta Mágica é assim a arma principal do Magus: e o nome daquela Baqueta é o Juramento Mágico.

A vontade, sendo dupla, está em Chokmah, que é o Logos, a palavra; daí alguns têm dito que a palavra é a vontade. Thoth, o Senhor da Magia também é o senhor da Linguagem, o Mensageiro, leva o Caduceu.

A palavra deveria expressar a vontade; daí, o Nome Místico do Probacionista é a expressão de sua Vontade mais alta.

Existem, é claro, poucos Probacionistas que se compreendam suficientemente para ser em capazes de expressar esta vontade para si mesmos; por isto ao fim de sua Provação a maioria escolhe um novo nome.

É conveniente, por tanto, para o Estudante o expressar sua vontade assumindo Juramentos Mágicos.

Desde que um tal juramento é irreversível deve ser bem ponderado; e é melhor não fazer nenhum juramento permanente; porque com aumento de compreensão pode vir uma percepção da incompatibilidade do juramento menor com o mais elevado.

Isto acontece quase sempre; e deve ser Lembrado que, desde que a essência inteira da vontade é que ela é única, com uma só ponta, um dilema deste tipo é o pior em que o Magista pode vir a encontrar.

Outra consideração importante a fazer sobre esta questão de Votos Mágicos é conservá-los em sua própria perspectiva. Eles devem ser assumidos com um propósito claramente definido, e eles não devem nunca ultrapassar os limites do propósito para o qual foram formulados.

É uma virtude para diabéticos abster-se de comer açúcar, mas somente com referência à sua condição pessoal. Não é uma virtude de importância universal. Elias disse em certas ocasiões, “é bom que eu me zangue”; mas tais ocasiões são raras.

Além disso, comida de um é veneno de outro. Um juramento de pobreza poderia ser muito útil para um homem que fosse incapaz de usar com inteligência sua riqueza para o fim único proposto; para outro homem seria apenas desprover-se de energia, fazendo com que perdesse seu tempo com insignificâncias.

Não existe nenhum poder que não possa ser voltado ao serviço da Vontade Mágica; é apenas a tentação de dar valor àquele poder em si mesmo que ofende.

Nós não dizemos, “derrube a árvore; porque deixá-la ocupar o solo?” a não ser que podas repetidas convençam o jardineiro de que o que cresce nunca prestará.

“Se tua mão te ofende, corta-a” é o grito de um fraco. Se a gente matasse um cachorro logo à primeira vez que se comporta mal, poucos passariam dos três meses de idade.

O melhor voto, e aquele de aplicação mais universal, é o voto de Santa Obediência; pois não só leva à liberdade perfeita, mas é um treino para aquela entrega que é a tarefa última.

Tem este grande valor, que nunca se enferruja. Se o superior para com o qual tomamos o

voto sabe o que faz, ele rapidamente perceberá que coisas são realmente repugnantes ao seu discípulo, e o familiarizará com elas.

Desobediência ao superior é uma luta entre estas duas vontades no inferior. A vontade expressa em seu voto, que é a vontade ligada à sua vontade mais alta (devido ao fato que ele tomou o voto a fim de desenvolver essa vontade mais alta), luta com a vontade temporária, que é baseada apenas em considerações temporárias.

O instrutor deveria então procurar gentil e firmemente estimular o aluno, pouco a pouco, até que a obediência siga o comando sem referência ao que o comando possa ser como Loyola escreveu: “perinde ac cadáver”.

Ninguém compreendeu Vontade Mágica melhor que Loyola; em seu sistema o indivíduo era esquecido. A vontade do Geral era instantaneamente ecoada por todo membro da Ordem; por esta razão a Sociedade de Jesus tomou-se a mais formidável organização religiosa do mundo.

Aquela do Velho da Montanha foi talvez a segunda em eficiência.

O defeito no Sistema de Loyola consiste em que o Geral não era Deus, e que devido as várias outras considerações ele não era necessariamente nem sequer o melhor membro da Ordem.

Para tornar-se Geral da Ordem ele deveria ter querido tornar-se Geral da Ordem; e por causa disto ele não podia ser nada mais.

Para voltar à questão do desenvolvimento da Vontade. E sempre alguma coisa desenraizar as ervas daninhas; mas é preciso cultivar a flor .

Tendo esmagado todas as volições em nós mesmos, e se necessário em outras pessoas, que verificamos opostas à nossa Real Vontade, aquela Vontade crescerá naturalmente com maior liberdade. Mas não é apenas necessário purificar o Templo e consagrá-lo; invocações devem ser feitas. Daí é necessário fazer constantemente coisas de natureza positiva, não apenas coisas de natureza negativa, para afirmar aquela Vontade.

Renúncia e sacrifício são necessários, mas não comparativamente fáceis. Existem cem maneiras de falhar, e uma apenas de acertar. Evitar comer carne de boi é fácil; não comer nada senão carne de porco é difícilimo.

Levi recomenda que em certas ocasiões a Vontade Mágica mesma seja interrompida, no princípio de que nós sempre podemos trabalhar melhor após uma “mudança completa”. Levi está sem dúvida com a razão; mas ele deve ser compreendido como dizendo isto por causa da “dureza dos corações dos homens”. A turbina é mais eficiente que um motor a explosão: e esse conselho de Levi só serve ao principiante.

Por fim, a Vontade Mágica se identifica de tal forma com o ser inteiro do homem que ela se torna inconsciente, e é uma força tão constante quanto a gravitação. Nós podemos até nos surpreender com nossos próprios atos, e ter que ponderar e analisar para determinarmos os motivos que os concatenam com as circunstâncias que os provocaram.

Mas seja compreendido que quando a Vontade assim realmente se elevou ao nível de Destino, o homem tem tanta possibilidade de cometer um erro como de sair flutuando no ar.

Pode ser indagado se não existe um conflito entre este desenvolvimento da Vontade e o conceito de Ética.

A resposta é sim.

No Grande Grimório nos é dito: “Compre um ovo sem regatear”, e a consecução, e o passo seguinte no caminho da consecução é aquela pérola de grande preço, a qual, quando um homem a encontra, ele imediatamente vende tudo quanto tem, e compra aquela pérola.

Com muita gente a tradição e o hábito – dos quais o conceito de ética é apenas a expressão social – são as coisas mais difíceis de abandonar; e é uma prática útil o quebrar qualquer hábito simplesmente para se libertar deste tipo de escravidão. Daí, nós temos práticas para interromper o sono, para colocar nossos corpos em posições tensas e antinaturais, para executar difíceis exercícios respiratórios – todos esses atos, aparte qualquer mérito especial que possam ter em si para algum propósito particular, possuem o mérito principal de que o homem se força a executá-las a despeito de quais condições possam existir. Tendo conquistado a resistência interna, nós podemos conquistar a resistência externa mais facilmente.

Em um barco a vapor a máquina deve primeiro conquistar a sua própria inércia, antes de poder atacar a resistência da água.

Quando a vontade deixou assim de ser intermitente, torna-se necessário considerar seu alcance. A gravitação dá uma acelerada de trinta e dois pés por segundo neste planeta, na Lua muito menos. E uma Vontade, não importa quão única e quão constante ela seja, pode ainda assim ser sem nenhum valor particular, porque as circunstâncias que a opõem podem ser demasiado fortes, ou porque por algum motivo ela é incapaz de entrar em contato com elas. É inútil desejar a Lua. Se assim fizermos, devemos considerar por que meios aquela Vontade pode se tornar eficiente. Se bem que um homem pode ter uma tremenda vontade em alguma direção, essa Vontade não será necessariamente sempre suficiente para auxiliá-lo em outra direção; pode até ser estúpida.

Existe a “estória” do homem que praticou durante quarenta anos como atravessar o rio Ganges a pé, por cima das águas; e tendo afinal alcançado seu fim, foi censurado pelo seu Santo Guru, que disse: “Você é um grande tolo. Todos seus vizinhos atravessam o Ganges diariamente por dois centavos”.

Isto acontece à maior parte, talvez, de todos nós, em nossas carreiras. Tomamos infinitas dores para aprender alguma coisa para alcançar alguma coisa; e obtendo sucesso este não parece valer nem a expressão do desejo original.

Mas esta perspectiva é errônea. A disciplina necessária para aprender Latim nos auxiliará quando desejarmos fazer algo bem diverso.

Na escola fomos punidos por nossos mestres; quando deixamos a escola, se não aprendemos a punir a nós mesmos, não aprendemos coisa alguma.

De fato, o único perigo é que possamos dar valor à consecução em si mesma. O menino que se orgulha de seu conhecimento escolar está em perigo de se tornar um professor universitário.

Portanto, o Guru do homem que caminhava sobre as águas do Ganges quis apenas dizer que agora era tempo dele ficar insatisfeito com o que conseguira – e empregar seus poderes para algum fim melhor...

É incidentemente, desde que a Vontade Divina é Única, será verificado que não existe nenhuma capacidade que não seja necessariamente subserviente ao destino do homem que a possui.

Nós podemos ser incapazes de prever quando um fio de uma determinada cor será tecido no tapete do Destino. É apenas quando o tapete está acabado, e o contemplamos de alguma distância, que a posição daquele fio particular aparece-nos como necessário. Daí, somos tentados a mencionar aquele antigo problema da fatalidade e livre arbítrio.

Mas se bem que todo homem é “determinado” de forma que toda ação é apenas a resultante passiva da soma total das forças que têm agido sobre ele desde a eternidade, de forma que a Vontade dele é apenas o eco da Vontade Universal, mesmo assim aquela consciência de “livre-arbítrio” é valiosa; e se ele realmente a compreende como sendo a expressão parcial e individual daquele movimento interno em um Universo cuja soma é equilíbrio, tanto mais ele sentirá aquela harmonia, aquela totalidade. E se bem que a felicidade que ele experimenta possa ser criticada como apenas um prato de uma balança no outro prato da qual está uma miséria de igual peso, existem aqueles que afirmam que a miséria consiste apenas no sentimento de separação do Universo, e que conseqüentemente tudo pode ser, cancelado entre os sentimentos menores, deixando apenas aquele infinito gozo que é uma fase da infinita consciência daquele TODO.

Tais especulações estão um pouco fora dos limites dos presentes tratados. Não é de particular importância perceber que o elefante e a pulga não podem ser diferentes do que são; mas nós percebemos que um é maior que o outro. Este fato é o de importância prática.

Nós sabemos que as pessoas podem ser treinadas para fazerem coisas que elas não poderiam fazer sem treino – e quem quer que diga aqui que nós não podemos treinar uma pessoa a não ser que seja o destino daquela pessoa ser treinada, não está sendo muito prático. Igualmente é o destino do treinador treinar. Existe uma falácia no argumento do filósofo determinista, semelhante à falácia que é a raiz de todos os “sistemas” de jogar roleta. As probabilidades são exatamente de três para um contra o vermelho aparecer duas vezes consecutivas; mas quando o vermelho aparece primeira vez, as condições mudam.

Seria inútil insistir sobre este ponto se não fosse pelo fato que muita gente confunde Filosofia com Magia. A Filosofia é a inimiga da Magia. A Filosofia nos assegura que nada tem importância, e que “Che sará sarà”

Na vida prática, e a Magia é a mais prática de todas as Artes da vida, esta dificuldade não ocorre. É inútil argumentar com um homem que está correndo para alcançar um trem, dizendo-lhe que talvez não seja seu destino alcançá-lo; ele simplesmente corre; e se tivesse fôlego de sobra diria: “Para o diabo com o destino.”

Foi dito antes que a Verdadeira Vontade Mágica deve ser em direção ao mais elevado fito, e isto nunca pode acontecer até que a Compreensão Mágica floresça. É necessário fazer com que a Baqueta cresça em alcance ao mesmo tempo que ela cresce em poder, ela nem sempre faz isto por si mesma.

A ambição de um menino é ser maquinista de trem. Alguns conseguem a ambição, e permanecem nela toda a vida.

Mas na maior ia dos casos a Compreensão cresce mais rapidamente que a Vontade, e muito antes do menino ser capaz de conseguir sua ambição ele já a terá esquecido.

Em outros casos, a Compreensão nunca cresce além de um certo ponto, e a Vontade persiste sem inteligência.

O homem de negócios – por exemplo – desejou segurança e conforto, e para este fim vai diariamente para seu escritório e labuta sob o chicote de um capataz muito mais cruel que o mais humilde dos trabalhadores que ele paga; finalmente ele decide aposentar-se, e descobre que a vida está vazia. O fim foi engolido pelos meios.

Somente esses são felizes que desejaram o inatingível.

Todas as possessões, as materiais como as espirituais são pó.

Amor, sofrimento e compaixão são três irmãs que, se parecem livres desta maldição, parecem-no apenas por causa da sua relação com o insatisfeito.

A beleza mesma é tão inatingível que escapa por completo; e o verdadeiro artista, como o verdadeiro místico, não pode descansar nunca. Para ele o Magista é apenas um servo. A Baqueta do artista é de comprimento infinito; é o Mahalingam Criador .

A dificuldade de um tal homem é naturalmente que, sua Baqueta sendo muito fina em proporção ao seu comprimento, ela tende a bambear. Pouquíssimos artistas estão conscientes do seu verdadeiro propósito, e em muitos casos nós vemos essa ânsia infinita suportada por uma constituição tão fraca que nada é conseguido.

O Magista deve construir tudo que ele tem em sua pirâmide; e se aquela pirâmide deve tocar as estrelas, quão ampla deve ser a base. Não existe nenhum conhecimento ou poder que seja inútil ao Magista. Diríamos quase que Não há nada no Universo inteiro que ele possa dispensar. Seu ultimal inimigo é o Grande Magista, o Magista que criou a Ilusão toda do Universo; e para encontrá-lo em combate, de forma que nada reste nem dele nem de você, você deve ser exatamente o seu igual.

Ao mesmo tempo, o Magista não deve nunca esquecer que todo tijolo deve tender na direção do píncaro da pirâmide – os lados dela devem ser perfeitamente lisos; não deve haver nenhum falso píncaro, nem mesmo nos níveis mais baixos.

Esta é a forma ativa e prática daquela obrigação de um Mestre do Templo na qual é dito: “Eu interpretarei todo fenômeno como um trato entre Deus e a minha alma”.

Em Liber CLXXV muitos conselhos práticos para conseguir esta concentração única são dados, e se bem que o assunto daquele livro é a devoção de uma deidade particular, suas instruções podem ser facilmente generalizadas para o desenvolvimento de qualquer tipo de Vontade.

Esta vontade é então a forma ativa da compreensão. O Mestre do Templo pergunta-se, vendo um caracol: “Qual é o propósito desta mensagem do Invisível? Como interpretarei esta Palavra de Deus Altíssimo?” O Mago pensa: “Como usarei este caracol?” E neste curso ele deve persistir. Se bem que muitas coisas inúteis, tanto quanto ele pode ver, lhe são mandadas, um dia ele achará aquela coisa única que ele necessita; enquanto sua Compreensão apreciará o fato que nenhuma dessas outras coisas eram inúteis.

Assim, com estas práticas preliminares de renúncia, será claramente compreendido que elas eram apenas de utilidade temporária. Elas tinham valor apenas como treinamento. O Adepto rir-se-á das suas absurdidades de principiante; as desproporções terão sido harmonizadas, e a estrutura da alma dele será compreendida como perfeitamente orgânica, sem nada fora do lugar. Ele se verá como o Tau positivo com seus dez quadrados completos dentro do triângulo dos negativos, e esta figura se tornará um, tão cedo quanto do equilíbrio dos pares de opostos ele chegue à identidade dos opostos.

Nisto tudo será percebido que a arma mais poderosa na mão do estudante é o Voto de Santa Obediência e muitos desejaram ter tido a oportunidade de se colocarem sob a direção de um Santo Guru. Que eles tomem ânimo – pois qualquer ente capaz de dar ordens é um Guru eficiente para os fins deste Voto, contanto que não seja demasiado amigável e preguiçoso.

A única razão para escolher um Guru que alcançou, ele mesmo, a consecução, é que ele auxiliará a vigilância do sonolento Chela, e, enquanto tempera os golpes contra os pontos mais sensitivos deste, o fortifica e o faz robusto, e ao mesmo tempo lhe alegra os ouvidos com santos discursos. Mas se uma tal pessoa for inacessível, que ele escolha qualquer pessoa com a qual ele mantém freqüentes relações, e peça- lhe que aja.

A pessoa escolhida deve, se possível, ser de confiança; e que o Chela se lembre que se lhe for comandado que pule num precipício, é muito melhor pular que abandonar a prática.

E é da maior importância não limitar o Voto de forma alguma. Você deve comprar o ovo sem regatear.

Em uma certa sociedade, os membros eram obrigados por Juramento a fazer certas coisas, sendo- lhes simultaneamente assegurado que “não havia nada no Juramento contrário às suas obrigações civis, morais ou religiosas.” Assim, quando qualquer um desejava quebrar o Voto, ele não tinha dificuldade em descobrir uma boa razão. O Voto perdeu toda força.

Quando Buda sentou-se sob a abençoada Árvore Boh, ele jurou que nenhum dos

habitantes dos 10.000 mundos poderia fazer com que ele se erguesse até ter alcançado a consecução; de forma que mesmo quando Mara, o Grão-Demônio, com sua três filhas, as Grãs-Tentadoras, aparece, ele permaneceu quieto.

Mas para principiantes, é inútil tomar um voto tão formidável; ele ainda não tem a força que pode desafiar Mara. Que ele avalie sua força, e tome um Voto que esteja dentro dos limites desta; mas apenas nos limites. Milo começou carregando, nas costas, um vitelo recém-nascido; e enquanto dia a dia o vitelo crescia e virou touro, a força de Milo crescia também, e foi suficiente para carregar o touro nas costas.

Repetimos que Liber III é um método admirável para o principiante e será melhor, mesmo se ele tiver muita confiança em sua força, que ele tome o Voto por períodos muito curtos, começando com uma hora e aumentando diariamente trinta minutos, até que o dia inteiro seja preenchido pela prática. Então que ele descanse por algum tempo, e depois tente uma prática por dois dias; e assim por diante até tornar-se perfeito.

Ele deveria também começar com as práticas mais fáceis. Mas a coisa que ele jura evitar deve ser algo que normalmente ele faria com alguma frequência; pois de outra forma o esforço a que a memória é obrigada para conservar a vigilância seria mui to grande, e a prática se tornaria difícil .

Desta forma haverá uma clara conexão na mente dele entre causa e efeito, até que ele terá tanto cuidado em evitar aquele ato particular que ele se determinou conscientemente a evitar, quanto aquelas outras coisas que ele na infância foi treinado para evitar.

Cada qual deve decidir por si mesmo se este é um curso sábio a seguir. Mas certamente parece mais fácil descartar primeiro as coisas que podemos mais facilmente dispensar.

A maioria das pessoas terá trabalho com as Emoções, e os pensamentos que as excitam.

Mas é tanto possível quanto necessário não só suprimir as emoções, mas fazer delas criados fiéis. Assim, a emoção da cólera é ocasionalmente útil contra aquela porção do cérebro cujo relaxamento vicia o controle.

Se existe uma emoção que nunca é útil, é o orgulho; por este motivo, que está inteiramente ligado ao ego.

NÃO EXISTE USO PARA O ORGULHO.

A destruição das Percepções, que as mais grosseiras ou as mais úteis, parece muito mais fácil, porque a mente, não sendo movida, está livre para se lembrar do controle.

É fácil nos absorvermos tanto em um livro que não notamos o mais lindo cenário. Mas se formos picados por uma vespa, o livro é imediatamente esquecido.

As Tendências são, no entanto, muito mais difíceis de combater que as três Skandhas mais baixas juntas – pela simples razão de que estão, em sua maior parte, abaixo do consciente, e devem, por assim dizer, ser despertadas a fim de serem destruídas; de forma que a vontade do Magista está, em certo senso, tentando fazer duas coisas opostas ao mesmo tempo.

A Consciência mesma só é destruída por Samadhi.

Agora podemos perceber o processo lógico que começa recusando a pensar em um pé, e acaba destruindo o senso de individualidade.

Há muitos métodos para destruir profundamente idéias enraizadas.

O melhor é, talvez, o método de equilíbrio. Ponha a mente no hábito de evocar o oposto de todo pensamento que possa erguer-se. Em conversação sempre discorde. Examine e compreenda os argumentos do outro homem, mas não importa quanto o julgamento de você aprove os argumentos dele, ache resposta.

Que isto seja feito desapaixonadamente; quanto mais convencido você está de que um certo ponto de vista é certo, tanto mais determinado você deveria estar por achar provas de que tal ponto de vista é errôneo.

Se você tiver feito isto com cuidado e exaustivamente, estes pontos de vista não mais perturbarão você; você pode então asseverar o seu próprio ponto de vista com a calma de um Mestre, o que é mais convincente que o entusiasmo de um aprendiz.

Você não mais estará interessado em controvérsias; política, ética, religiões parecer-lhe-ão como tantos brinquedos, e sua Vontade Mágica estará livre destas inibições. Em Burma existe apenas um animal que o povo mata sempre, a víbora de Russell; porque, como eles dizem por lá, “ou você a mata, ou ela mata você”; é uma questão de quem vê o outro primeiro.

Ora, qualquer idéia que não seja a Idéia deve ser tratada desta maneira. Quando você tiver matado a serpente, você pode usar-lhe a pele, mas enquanto ela está viva e livre, você está em perigo.

E infelizmente a idéia do ego, que é a verdadeira serpente, pode projetar-se em uma multidão de formas, cada qual vestida nas mais lindas roupagens. Assim é dito que o Diabo é capaz de disfarçar-se em um Anjo de luz.

Quando estamos sob o peso de um Voto Mágico, este é terrivelmente o caso. Nenhum ser humano compreende ou pode compreender as tentações dos santos.

Uma pessoa normal que tivesse idéias como as que obsidiaram São Patrício e Santo Antônio deveria estar num manicômio

Quanto mais você aperta a serpente (que estava previamente adormecida ao Sol, e quase inofensiva, em aparência), tanto mais ela se contorce e luta; e é importante que você se lembre que você deve segurá-la com mais força quanto mais ela luta, ou ela escapará e morderá você.

Da mesma maneira que, se você, diz a uma criança para não fazer uma certa coisa, não importa o que, ela imediatamente vai querer fazer aquilo, se bem que a idéia poderia não lhe ter jamais ocorrido por si só, da mesma forma com o santo. Nós temos todas estas tendências latentes em nós; poderíamos permanecer inconscientes da maior parte delas a nossa vida inteira – a não ser que elas sejam despertadas pela nossa Magia. Elas estão de

emboscada. E toda e cada qual deve ser despertada, e toda e cada qual deve ser destruída. Toda pessoa que assina o Juramento de um Probacionista está mexendo num ninho de marimbondos.

Um homem tem apenas que afirmar a sua aspiração consciente, e o inimigo pula sobre ele.

Parece pouquíssimo provável que qualquer pessoa possa atravessar aquele terrível ano de Provação – e, no entanto, o Aspirante não é obrigado a fazer coisa alguma difícil; quase parece como se ele não fosse obrigado a fazer coisa alguma – e, no entanto, a experiência nos ensina que o efeito é como arrancar o homem de sua poltrona favorita e arremessá-lo ao meio de uma tempestade no Atlântico. A verdade é, talvez, que a simplicidade mesma da tarefa a torna difícil.

O Probacionista deve agarrar-se à sua respiração – afirmá-la de novo e de novo em desespero.

Ele quase a perdeu de vista, talvez; ela se tornou sem significado para ele; ele a repete mecanicamente enquanto é arremessado de onda a onda.

Mas se ele puder persistir em sua aspiração? Ele atravessará o ano.

E uma vez ele tenha atravessado, as coisas novamente assumirão o seu aspecto próprio; ele verá que mera ilusão eram as coisas que pareciam tão reais, e ele terá sido fortificado contra as novas provações.

Mas infeliz em extremo é aquele que não pode assim persistir. É inútil para ele dizer: “Eu não gosto do Atlântico; eu voltarei à minha poltrona favorita”.

Dê um passo apenas no caminho, e já não se pode mais voltar atrás. Como diz o poeta Browning em seu poema “O Jovem Rolando chegou à Torre escura”:

Pois vede. Tão cedo eu me dediquei ao plano
Eu dei na trilha o meu primeiro passo,
Quando volvendo os olhos sobre o ombro
A estrada que seguira já não vi:
Ao meu redor, ao horizonte, nada
Senão deserto; para a frente a estrada.

Isto é universalmente verdadeiro; a afirmação que o Probacionista pode renunciar ao Caminho quando quiser é em verdade apenas para aqueles que tomaram o Juramento superficialmente.

Um verdadeiro Juramento Mágico não pode ser quebrado; você pensa que pode, mas não pode.

Esta é a vantagem de um verdadeiro Juramento Mágico.

Não importa quantos rodeios você faz, você chega ao fim da mesma maneira; e tudo que você fez conseguindo tentando quebrar seu Juramento foi envolver-se nas mais terríveis

dificuldades.

Não pode ser demasiado claramente compreendido que tal é a natureza das coisas; não depende da vontade de quaisquer pessoas, não importa quão poderosas ou exaltadas; nem pode a força d'Elas, a força de Seus Grandes Juramentos, valer contra o mais fraco Juramento do mais trivial dos principiantes.

A tentativa de interferir com a Vontade Mágica de outra pessoa seria maligna se não fosse absurda.

Nós podemos tentar construir uma Vontade onde nada antes existia senão um Caos de caprichos; mas uma vez a organização se tenha processado, É SAGRADA. Como diz Blake, "TUDO QUE VIVE É SANTO"; daí, a criação de vida é a mais sagrada das tarefas. Não impor ta muito ao criador o que é que ele cria; existe espaço no Universo tanto para a aranha quanto para a mosca.

É do monturo de lixo de Choronzon que nós selecionamos o material de um deus.

Esta é a análise última do Mistério da Redenção, e é possivelmente a verdadeira razão da existência (se existência pode ser chamado) de forma, ou se você preferir, do Ego.

É surpreendente que este grito típico – "Eu sou eu" – e o grito daquilo que, acima de tudo, não "é" eu.

Foi aquele Mestre cuja Vontade era tão poderosa que à sua mais leve expressão o surdo ouvia, o mudo falava, leprosos saravam e os mortos ressuscitavam; foi aquele Mestre e nenhum outro que no supremo momento de sua agonia pode gritar, "Não minha Vontade, mas a Tua, seja feita".

O Cálice

Tal como a Baqueta Mágica é a Vontade, a Sabedoria, a Palavra do Mago, assim também é a Taça ou Cálice Mágico, ou seja, a Compreensão dele.

Esta é a Taça sobre a qual foi escrito: "Pai, se tal for Tua Vontade, deixa que esta Taça passe de mim". E também: "Podeis beber da taça de que eu bebo?"

E também a Taça na mão de NOSSA SENHORA BABALON, e a Taça do Sacramento.

Esta Taça está cheia de amargura, e de sangue, e de intoxicação.

A Compreensão do Mago é o seu Elo com o Invisível, do lado passivo.

Sua Vontade erra ativamente ao se opor à Vontade Universal.

Sua Compreensão erra passivamente quando aceita influência daquilo que não é a Últimal Verdade.

No começo a Taça do estudante está quase vazia; e mesmo a verdade que ele recebe pode escoar e ser perdida.

Dizem que os Venezianos faziam vidro que mudava de cor quando veneno era colocado nele; o estudante deve fabricar sua Taça de um tal vidro.

A mínima experiência do caminho místico lhe mostrará que todas as impressões que ele recebe, nenhuma é verdadeira. Ou elas são intrinsecamente falsas, ou elas são erradamente interpretadas pela mente dele.

Existe apenas uma verdade, e uma só. Todos os outros pensamentos são falsos.

E à medida que ele progride no conhecimento de sua mente, ele virá a compreender que a estrutura inteira desta mente é tão defeituosa que ela é completamente incapaz, mesmo em seus momentos de exaltação, de verdade.

Ele reconhecerá que qualquer pensamento apenas estabelece uma relação entre ego e não-ego.

Kant demonstrou que mesmo as leis da natureza são apenas as condições do pensamento. E como a corrente do pensamento é o sangue da mente, é dito que a Taça Mágica está cheia com o sangue dos Santos. Todo pensamento deve ser oferecido como um sacrifício.

A Taça dificilmente pode ser descrita como uma arma. Ela é redonda, como o Pantáculo – não reta como a Baqueta e a Adaga. Recepção, não projeção, é a sua natureza.

Portanto, aquilo que é redondo é para ele um símbolo da influência do mais alto. Este círculo simboliza o Infinito, tal como toda Cruz ou Tau representa o finito. Aquilo que é quadrado mostra o Finito fixado em si mesmo; por esta razão, o Altar é quadrado. É a base sólida da qual procede a operação inteira. Uma forma de Taça Mágica tem uma esfera sob o bojo, e se apóia numa base cônica.

Esta Taça (crescente, esfera, cone) representa os três princípios de Lua, Sol e Fogo, os três princípios que, de acordo com os hindus, têm seu curso no corpo. Esta é a Taça de Purificação; como diz Zoroastro:

“Por tanto primeiro o Sacerdote que governa os trabalhos do fogo deve aspergir com a água lustral do mar que ressoa”

É o mar que purifica o mundo. E o “Grande Mar” é na Qabalah um nome de Binah, a “Compreensão”.

É pela Compreensão do Magus que seu trabalho é purificado.

Binah, além disso, é a Lua; e o bojo desta taça é da forma da Lua.

Esta Lua é o Caminho de Gimel, através do qual a influência da Coroa desce sobre o Sol de Tiphareth.

E isto está baseado sobre a Pirâmide de Fogo que simboliza a aspiração do estudante.

No simbolismo hindu o Amrita ou “orvalho da imortalidade” (A – o prefixo de negação; mrita, mor tal) goteja constantemente sobre o homem, mas é queimado pelo fogo grosseiro dos seus apetites. Os Yoguis tentam preservar este orvalho virando a língua

para traz dentro da boca.

A respeito da água nesta T aça, pode ser dito que da mesma forma que a Baqueta deveria ser perfeitamente rígida, o sólido ideal, assim também deveria a água ser o fluido ideal.

A Baqueta é ereta, e deve estender-se ao Infinito.

A superfície da água é lisa, e deve se estender ao Infinito.

Uma é a linha, a outra o plano.

Mas da mesma maneira que a Baqueta é fraca sem grossura assim também é a água falsa sem profundidade. A Compreensão do Magus deve incluir todas as coisas, e aquela Compreensão deve ser infinitamente profunda.

H. G. Wells disse que “toda palavra que um homem ignora representa uma idéia que ele ignora”. E é impossível compreender todas as coisas perfeitamente antes que todas as coisas sejam sabidas.

A Compreensão é a estruturação do conhecimento.

Todas as impressões são desconexas, como o Bebê do Abismo terrivelmente sabe: e o Mestre do Templo deve permanecer sentado durante 106 estações na Cidade das Pirâmides porque esta coordenação é uma tarefa tremenda.

Não existe nada particularmente secreto nesta doutrina concernente ao conhecimento e a Compreensão.

Um espelho recebe as impressões mas não coordena nenhuma.

A mente do selvagem apresenta apenas a mais simples forma de associação de idéias. Mesmo o homem civilizado ordinário vai pouco além.

Todo progresso do pensamento é feito colecionando o maior número possível de fatos, classificando-os e agrupando-os.

O filólogo, se bem que talvez ele fale apenas uma língua, tem um tipo de mente muito mais elevada do que o lingüista que fala vinte.

Esta árvore de Pensamento tem um exato paralelo na Árvore da estrutura nervosa.

Hoje em dia anda por aí muita gente que é muito “bem informada”, mas não tem a mínima concepção do significado dos fatos que conhece. Eles não desenvolveram a parte mais elevada do cérebro, necessária para este fim. A Indução lhes é impossível.

Esta capacidade de acumular fatos na memória sem compreender seu significado é compatível com a imbecilidade. Alguns imbecis têm sido capazes de acumular mais conhecimento em suas memórias do que talvez qualquer ser humano sadio poderia ser capaz.

Este é o grande defeito da educação moderna – as crianças são entupidas com fatos, e

nenhuma tentativa é feita de explicar a conexão entre tais fatos, e as influências deles. O resultado é que até mesmo os fatos em si cedo são esquecidos.

Qualquer mente de alta qualidade é insultada e irritada por um tal tratamento, e qualquer memória de alta qualidade está em perigo de ser estragada por ele.

Nenhum par de idéias tem real significado até que elas sejam harmonizadas em uma terceira; e a operação só é perfeita quando as idéias parceiradas são contraditórias. Esta é a essência da lógica de Hegel.

A Taça Mágica, tal como foi mostrada acima, é também a flor. É o Lótus que se abre para o Sol, e recolhe o orvalho.

Es te Lótus está na mão de Ísis, a Grande Mãe. É um símbolo semelhante ao da Taça na mão de NOSSA SENHORA BABALON.

Existem também o Lótus do corpo humano, de acordo com o Sistema Hindu de Filosofia a que nos referimos no capítulo sobre Dharana. O canal central é comprimido em sua base por Kundalini, o poder mágico, uma serpente adormecida. Desperta-a; ela roja espinha acima e o Prana flui através de Sushuma. Veja-se Raja Yoga para mais detalhes.

Existe o Lótus de três pétalas no Sacro, em que a Kundalini jaz adormecida. Este Lótus é o receptáculo do poder reprodutor.

Existe também o Lótus de seis pétalas oposto ao umbigo – que recebe as forças que nutrem o corpo.

Existe também um Lótus no plexo solar que recebe as forças nervosas.

O Lótus de seis pétalas no coração cor responde a Tiphareth, e recebe aquelas forças vitais que estão relacionadas com o sangue.

O Lótus de dezesseis pétalas oposto à laringe recebe a nutrição necessária a respiração.

O Lótus de duas pétalas da glândula pineal recebe a nutrição necessitada pelo pensamento, enquanto que acima da junção das estruturas cranianas está aquele sublime Lótus, o Lótus de mil pétalas, que recebe a influência do alto e no qual, no Adepto, a Kundalini despertada toma seu prazer com o Senhor do Todo.

Todos estes Lótus estão figurados pelo Cálice Mágico.

No homem comum eles estão parcialmente abertos, ou abertos somente à sua nutrição natural. De fato, é melhor pensar neles como fechados, segregando aquela nutrição que, por falta de sol, vira veneno.

A Taça Mágica não deve ter cobertura; no entanto deve ser conservada cuidadosamente velada o tempo todo, a não ser quando estamos invocando ao Altíssimo.

Esta Taça também deve ser escondida dos profanos. A Baqueta deve ser conservada secreta para que os profanos, temendo-a, não a quebrem, a Taça para que, desejando tocá-la, eles não a sujem.

No entanto a aspersão com água da Taça não apenas purifica o Templo, mas abençoa aqueles que estão fora deste: livremente deve ser a água libada. Mas que ninguém saiba o vosso real propósito, e que ninguém saiba o segredo da vossa força. Lembrai-vos de Sansão. Lembrai-vos de Guy Fawkes.

Dos métodos de aumentar a Compreensão, aqueles da Santa Qabalah são talvez os melhores, contanto que o intelecto esteja completamente cômico da absurdidade desses métodos, e nunca se deixe convencer.

Além disso, meditação de certos tipos é útil; não aquela estrita meditação que busca aquietar a mente, mas uma meditação tal como Sammasati.

Do lado exotérico, se necessário a mente deveria ser treinada pelo estudo de alguma ciência bem desenvolvida, tal como a Química, ou a Matemática.

A idéia de organização é o primeiro passo; a de interpretação o segundo. O Mestre do Templo, cujo Grau corresponde à Binah, está jurado a “interpretar todo fenômeno como um trato particular entre Deus e a sua alma”.

Mas mesmo o principiante pode com vantagem tentar esta prática.

Ou um fato qualquer concorda e se harmoniza com o resto, ou não; se não, a harmonia está quebrada; e como a harmonia Universal não pode ser quebrada, a discórdia deve estar na mente do estudante, assim demonstrando que ele não está em tuno com aquele coro Universal.

Que ele deslinde primeiro os grandes fatos, depois os pequenos; até que num verão, quando ele estiver careca e sonolento depois do almoço, ele compreenda e aprecie a existência das moscas.

Esta falta de Compreensão com a qual todos nós começamos é tão terrível, tão lamentável. Neste mundo existe tanta crueldade. Tanto desperdício, tanta estupidez.

A contemplação do Universo deve ao princípio ser quase que pura angústia. Este fato é responsável pela maior parte das especulações da filosofia.

Filósofos medievais desviaram-se ir reparavelmente em suas interpretações, porque a sua teologia necessitava a referência de todas as coisas ao ponto de vista do bem estar humano.

Eles até se tomaram estúpidos; Bernardín de St. Pierre (não foi?) disse que a bondade de Deus era tal que onde quer que os homens tivessem construído uma grande cidade, Ele ali havia colocado um rio para auxiliar aos homens a transportar mercadoria. Mas a verdade é que de forma alguma podemos imaginar o Universo como sendo sido especialmente planejado para nós. Se os cavalos foram criados para serem montados pelos homens, não foram os homens criados para alimentar os germes?

E assim nós vemos uma vez mais que a idéia do Ego deve ser impiedosamente desenraizada antes que a Compreensão seja alcançada.

Existe uma contradição aparente entre esta atitude e aquela do Mestre do Templo. O que pode ser mais egoísta do que sua interpretação de tudo como um trato particular de Deus com sua alma?

Mas é Deus que é tudo e não qualquer das partes; e todo “trato” deve assim ser uma expansão da alma, uma destruição da sua separatividade.

Todo raio de sol expande a flor.

A superfície da água na Taça Mágica é infinita; não existe nenhum ponto que defira de qualquer outro ponto.

Portanto, ultimamente, tal como a Baqueta é um ligamento e uma restrição, assim é a Taça uma expansão ao Infinito.

E este é o perigo da Taça; ela deve necessariamente estar aberta a tudo; no entanto, se algo é posto nela que seja desproporcionado, desequilibrado ou impuro, ela é danificada.

E aqui novamente nós experimentamos dificuldade com os nossos pensamentos. A grosseria e estupidez de simples impressões nubla a água; emoções a agitam; percepções ainda estão longe da perfeita pureza da verdade, pois causam reflexos; enquanto que as tendências alteram o índice de refração, e decompõem a luz.

Mesmo a consciência em si é aquilo que distingue entre o mais baixo e o mais alto, entre as águas que estão abaixo do firmamento e as águas que estão acima do firmamento, aquele pavoroso estágio na grande maldição da criação.

Desde que na melhor das hipóteses está água, é apenas um reflexo, quão tremendamente importante é que ela esteja quieta.

Se a Taça for sacudida, a luz será decomposta.

Portanto a Taça é colocada sobre o Altar, que é quadrado, a vontade multiplicada pela vontade, a confirmação da vontade no Juramento Mágico, sua fixação em Lei.

É fácil percebermos quando a água está enlameada, é fácil nos livrarmos da lama; mas existem muitas impurezas que desafiam tudo a não ser destilação, e mesmo algumas devem ser fracionadas até 70 vezes sete vezes.

Existe no entanto, um solvente e harmonizador universal, um certo orvalho que é tão puro que uma única gota derramada na água da Taça trará temporariamente tudo à perfeição.

Este orvalho é chamado Amor. Mesmo tal como, no caso do amor humano, o Universo inteiro parece perfeito ao homem que está sob seu controle, da mesma forma, e muito mais, com o Amor Divino do qual gora falamos.

Pois o amor humano é uma excitação, e não uma aquietação da mente; e como está ligado ao indivíduo, apenas redundando em mais perturbação no fim.

Este Amor Divino, pelo contrário, não está apegado a nenhum símbolo.

Ele detesta limitação, quer em sua intensidade ou em seu alcance. E este é o orvalho das estrelas de que é falado nos Livros Santos, pois NUIT a Senhora das Estrelas é chamada “a Contínua do Céu”, e é esse Orvalho que banha o corpo do Adepto “em um docemente perfumado cheiro de suor”.

Se bem, portanto, que todas as coisas são colocadas nesta Taça, pela virtude deste orvalho todas elas perdem sua identidade. E portanto esta Taça está na mão de BABALON, a Senhora da Cidade das Pirâmides, onde ninguém pode ser distinguido de qualquer outro, onde ninguém pode sentar-se até ter perdido seu nome.

Daquilo que está na Taça também é dito que é vinho, esta é a Taça de Intoxicação. Intoxicação significa envenenamento, e particularmente refere-se à peçonha em que flechas são banhadas. (Grego *ποξον*, um arco”) Pense na Visão da Flecha em Liber 418 e consultemos as passagens nos Livros Santos que falam da ação do espírito sob o símbolo de uma peçonha virulenta.

Pois para cada coisa individual a consecução significa, antes de mais nada, a destruição da individualidade.

Cada uma de nossas idéias deve ser levada a entregar o Ser ao Bem Amado, de forma que nós eventualmente possamos, por nossa vez, dar o Ser ao Bem Amado nós mesmos.

Será lembrado da “Lição Histórica” como os adeptos, “que haviam com rostos sorridentes abandonando seus lares e suas esposas, puderam com tranquilidade e firme correção abandonar a Grande Obra; pois esta é a última mais elevada projeção do Alquimista.”

O Mestre do Templo cruzou o Abismo, entrou no Palácio da Filha do rei; ele necessita apenas pronunciar uma palavra, e tudo será dissolvido. Mas em vez disto, ele é encontrado escondido na terra cuidando de um jardim.

Este mistério é demasiado complexo para ser elucidado nestes fragmentos de pensamento impuro; é um assunto para meditação.

Um Resumo

Toda cantiga de ninar contém profundos segredos mágicos que estão a dispor de qualquer pessoa que tenha feito um estudo das correspondências da Santa Qabalah. A arte de desvendar um imaginário significado de tais “tolices” faz pensar nos Mistérios; nós entramos em profunda contemplação de coisas santas, e Deus Mesmo guia a alma a uma real iluminação. Daí também a necessidade de Encarnação; a alma deve descer a toda falsidade para poder alcançar Toda-Verdade.

Por exemplo:

A velha Mãe Hubbard

Foi à sua dispensa

Pegar um osso para seu pobre cão;

Quando ela chegou lá,

A dispensa estava vazia,

Assim o pobre cão não ganhou nada.

Quem é esta antiga venerável Mãe de quem se fala? Em verdade ela não é outra senão Binah, como é evidente pelo uso da santa letra “H” pela qual o nome dela principia.

Nem é ela a Mãe Ama, estéril – mas a fértil Aima; pois ela tem Vau, o filho, como segunda letra do seu nome, e “R”, a penúltima letra, é o Sol Tiphareth, o Filho.

As outras três letras do nome dela, B, A, e D, são os três caminhos que unem as três Supernas.

A que dispensa foi ela? Mesmo às mais secretas cavernas do Universo. E quem é este cão? Não é ele o nome de Deus soletrado qabalisticamente às avessas? E o que é este osso? Este osso é a Baqueta, o Santo Ligam.

A completa interpretação da runa é agora evidente. Esta rima é a lenda do assassinato de Osíris por Tifão.

Os membros de Osíris foram espalhados no Nilo.

Ísis buscou-os em todo canto do Universo, e encontrou todos com exceção do Sagrado Lingam dele que não foi encontrado até bem recentemente (vide “A Estrela do Oeste” por Gen. Fuller).

Tomemos outro exemplo deste rico armazém de lendas mágicas:

A pequena Bo Peep

Perdeu seus carneiros

E não sabia onde encontrá-los.

Deixe-os em paz

E eles virão para casa,

Arrastando as caudas atrás.

“Bo” é a raiz significando Luz, da qual surgiram palavras tais como a Árvore Bo, Bodhisattwa, e Buda.

E “Peep” é Apep, a Serpente Apófis. Este poema portanto contém o mesmo símbolo que aquele nas Bíblias Egípcia e Hebraica.

A Serpente é a Serpente de iniciação, da mesma forma que o Carneiro é o Salvador.

Este anciente, a Sabedoria da Eternidade senta-se em sua fria angústia à espera do Redentor. E este santo verso triunfante nos assegura que não existe razão para ansiedade.

Os Salvadores virão um atrás do outro, como quiserem, e conforme sejam necessários, e arrastarão as suas caudas, quer dizer, estes que seguem o santo mandamento deles, ao fito ultimal.

Novamente nós lemos:

A pequena Senhorita Muffet

Estava sentada num tufo

Comendo coalhada e soro,

Lá vem uma enorme aranha,

E sentou-se a seu lado,

E espantou a pobre Senhorita Muffet que foi embora.

A pequena Senhorita Muffet inquestionavelmente representa Malkah; pois ela é solteira. Ela está sentada sobre um tufo: isto é, ela é a alma irregenerada sobre Tophet, o abismo do inferno. E ela come coalhada, é soro, isto é, não o puro leite da Mãe, mas leite que se decompôs.

Mas quem é a aranha? Realmente aqui está oculto um venerável arcano.

Como todos os insetos, a aranha representa um Demônio. Mas por que uma aranha?

Quem é esta aranha que segura com suas mãos, e está nos Palácios dos Reis? O nome desta aranha é Morte. E o medo da morte que antes da mais nada torna a alma cônica de sua miserável condição.

Seria interessante se a tradição tivesse preservado para nós as aventuras subseqüentes de Senhorita Muffet.

Mas nós devemos prosseguir à consideração da interpretação da seguinte rima:

O pequeno Jack Homer

Estava sentado em um canto

Comendo um pastel de Natal.

Ele enfiou seu polegar,

E tirou uma ameixa,

E disse: “Que bom menino eu sou”

Na interpretação deste notável poema existe uma divergência entre duas grandes escolas de Adeptos.

Uma mantém que Jack é apenas uma corrupção de John, Ion, aquele que vai – Hermes, o

Mensageiro. A outra prefere tomar Jack simplesmente e reverentemente como Iacchus, a forma espiritual de Baco. Mas não faz muita diferença se nós insistimos sobre a rapidez ou sobre a raptura do Espírito Santo de Deus: e que é d'Ele que aqui se fala é evidente, pois o nome Homer não poderia ser aplicado a nenhum outro mesmo pelo mais casual leitor dos Santos Evangelhos e das obras de Congreve. "Homer" vem do inglês – que significa chifre, e é uma das gírias para o falo, o órgão viril, mais gerais e mais antigas do mundo.

E o contexto torna isto ainda mais claro, pois ele está sentado em um canto, isto é, no lugar de Cristo, a Pedra Angular, comendo, isto é, deliciando-se com, aquilo que o nascimento do Cristo nos assegura. Ele é o Consolador que substitui o Salvador ausente. Se existisse ainda qualquer dúvida da Sua identidade, seria resolvida pelo fato que é o polegar, o dedo atribuído ao elemento de Espírito, e não um dos quatro dedos dos quatro elementos menores, que ele enfia no pastel da nova-dispensão. Ele tira um que está maduro, sem dúvida para enviá-lo como um Instrutor ao mundo, e regozija-se porque assim está executando tão bem a vontade do Pai.

Passemos deste mui abençoado assunto a ainda outro.

Tom, Tom, o filho do flautista,

Roubou um porco e fugiu.

O porco foi comido,

E Tom apanhou,

E Tom desceu a rua rugindo.

Esta é uma das mais exóticas destas rimas. Em fato, não é muito mais que um mito solar. Tom é Toum, o Deus do Poente. A única dificuldade do poema consiste no porco; pois quem quer que tenha assistido a um violento pôr do Sol nos trópicos compreenderá que incomparável descrição daquele pôr de Sol é dada naquela maravilhosa última linha. Alguns têm pensado que o porco refere-se ao sacrifício da tarde. Outros que ele é Hathoor, a Senhora do Oeste, em seu mais sensual aspecto.

Mas é provável que este poema seja apenas a primeira estrofe de uma epopéia. Tem todas as marcas características. Alguém disse da Iliada que ela não acaba mas apenas pára. Isto é a mesma coisa. Podemos estar certos de que existe mais deste poema. Diz-nos demasiado pouco. Como é que esta tragédia toda resulta da mera comilança de um porco roubado? Desvelai o mistério de quem o comeu.

Devemos abandonar o caso, então, como pelo menos parcialmente insolúvel.

Consideremos este poema:

Hickory, dickory, dock

O camundongo subiu no relógio;

O relógio bateu uma,
E o camundongo desceu,
Hickory, dickory, dock.

Aqui estamos imediatamente em terreno mais claro. O relógio simboliza a espinha dorsal, ou, se preferirdes, o Tempo, escolhido como uma das condições de consciência. O camundongo é o Ego; Mus, “Mouse”, sendo apenas Sum, eu sou, soletrado ao contrário qabalisticamente.

Este Ego ou Prana ou Kundalini sendo impelido para cima ao longo da espinha, o relógio bate um, isto é, a dualidade da consciência é abolida. E a força desce novamente ao seu nível original.

“Hickoiy, dickoiy, dock” é talvez simplesmente o mantra que foi usado pelo Adepto que construiu esta rima, desta forma esperando fixá-la na mente dos homens, para que eles pudessem atingir Samadhi pelo mesmo método. Outros lhe atribuem um significado profundo – que é impossível considerar neste momento pois devemos tratar agora de:

Hurnpty Dunipty estava sentado no muro;

Hunipty Dunipty teve uma grande queda.

Todos os cavalos do Rei

E todos homens do Rei

Não puderam colocar Hunipty Dumpty de volta.

Isto é tão simples que quase não requer explicação. Humpty Dumpty é naturalmente o Ovo do Espírito, e o Muro é o Abismo.

Sua “queda” é portanto a descida do espírito a matéria; e é dolorosamente bem sabido que nem todos os cavalos nem todos os homens do rei podem colocar-nos de volta no alto.

Somente o Rei Ele Mesmo pode fazê-lo.

Mas a gente mal ousa comentar sobre um tema que foi tão frutuosamente tratado por Ludovicus Carollus aquele mui santo iluminado homem de Deus. Seu perito tratamento da identidade dos três caminhos recíprocos – de Daleth (ד), Teth (ט), e Peh (פ), é uma das mais maravilhosas passagens de toda Santa Qabalah. A resolução por ele feita daquilo que nós supomos ser o jugo da escravidão em puro amor, o bordado colar honorífico para o pescoço, que nos é concedido pelo Rei Mesmo, é uma das passagens mais sublimes nesta classe de literatura.

Peter, Peter, comedor de abóbora

Tinha uma esposa e não podia conservá-la.

Ele a botou em uma casca de amendoim;

Então ele a conservou muito bem.

Este antigo texto autêntico da escola Hinayana de Budismo é muito estimado até hoje pelos mais cultos e mais devotos seguidores daquela escola.

Abóbora é, naturalmente, o símbolo de ressurreição, como é sabido por todos os estudantes da história de Jonas e da cabaça.

Peter é portanto o Arahat que pôs fim a sua série de ressurreições. Que ele é chamado Pedro é uma referência ao simbolismo de Arahats como pedras na grande muralha dos Guardiões da Humanidade. Sua esposa é naturalmente (no simbolismo usual) o seu corpo, à qual não podia conservar até que a colocou em uma casca de amendoim, o robe amarelo de um Bikkhu.

Buda disse que se qualquer homem se tornasse um Arahat ele teria que tomar os votos de um Bikkhu no mesmo dia, ou morrer; e é esta palavra de Buda que o desconhecido poeta queria comemorar.

Taffy era um homem do país de Gales,

Taffy era um ladrão;

Taffy, veio a minha casa

E roubou uma perna de boi.

Eu fui à casa de Taffy;

Taffy estava na cama.

Eu peguei uma faca

E cortei a cabeça de Taffy.

Taffy é apenas um diminutivo de Taphtatharath, o Espírito de Mercúrio e o Deus de homens no país de Gales ou ladrões.

“Minha casa” é naturalmente equivalente a “meu círculo mágico”. Note que Beth (ב), a letra de Mercúrio e do “Mago”, significa “uma Casa”.

A carne é o símbolo do Boi Ápis, o Redentor. Isto é por tanto aquilo que está escrito: “Ó meu Deus, disfarça a Tua Glória. Vem como um Ladrão, e roubemos juntos os Sacramentos”.

No verso seguinte verificamos que Taffy “está de cama” devido a operação do Sacramento. A grande obra do alquimista foi terminada, o mercúrio está fixado.

Nós podemos então tomar a Santa Maga, e separar o Caput Mortuum do Elixir. Alguns alquimistas crêem que a perna de boi representa aquela densa substância que é embebida

por Mercúrio para sua fixação; mas aqui, como sempre, deveríamos preferir a interpretação mais espiritual.

Adeus, Bebê Bunting

Papai foi caçar.

Ele foi buscar uma pele de coelho

Para embrulhar meu Bebê Bunting.

Esta é uma recomendação mística a alma recém-nascida para que fique quieta, para que mantenha firme em meditação; pois em Meus, Beth é a letra do pensamento e Yod (י) aquela do Eremita. A rima diz a alma que o Pai de Tudo a vestirá com seu próprio majestoso silêncio. Pois não é o coelho aquele que “se escondeu e ficou quietinho?”

Bate um bolo, bate um bolo, ajudante de padeiro

Assa-me um bolo tão depressa quanto possas.

Bate-o e fira-o e marca com P.

Assa-o no forno para o bebê e para mim.

Esta rima usualmente acompanhava (mesmo hoje em dia, no quarto das crianças) com um bater de palmas cerimoniais – o símbolo de Samadhi. Compare o que é dito sobre o assunto em nosso comentário da famosa passagem sobre o “Advento” na Epístola aos Tessalonicenses.

O Bolo é naturalmente o pão do Sacramento, e seria imodesto da parte de Frater Perdurabo se ele comentasse a terceira linha – se bem que podemos comentar que mesmo entre os Católicos Romanos a hóstia tem sido sempre marcada com um falo ou cruz.

Nota de Soror Virakam

Quase meia-noite. Neste momento nós interrompemos o ditado e começamos a conversar. Então Frater P. disse: “Ó, se eu apenas pudesse ditar um livro como o Tao Te King”. Então ele fechou seus olhos, como se meditando. Um momento antes eu notara uma mudança no rosto dele, muito extraordinária, como se ele não fosse mais a mesma pessoa; de fato, nos dez minutos em que estivéramos conversando, ele havia parecido ser uma quantidade de pessoas diferentes. Eu notei especialmente que as pupilas dos olhos dele estavam tão alargadas que o olho inteiro parecia negro. (Eu tremo tanto e tenho uma tal sensação de trepidação por dentro, só de pensar em ontem à noite, que quase não posso escrever). Então, muito devagar, o quarto inteiro encheu-se de uma espessa lua amarela (de um dourado profundo, mas não cegante). Frater Perdurabo pareceu ser uma pessoa que eu nunca houvera visto antes, mas no entanto parecia conhecer (conhecia?) muito bem – sua face, roupas e tudo mais era desse mesmo amarelo. Eu estava tão perturbada que olhei para o teto para ver se descobria o que estava causando aquela luz; mas somente pude ver as velas. Então a cadeira na qual ele estava sentado pareceu erguer-se; e ia como um trono, e ele parecia estar ou morto ou dormindo; mas certamente

não era mais Frater P. Isto me amedrontou, e eu tentei compreender olhando em volta do quarto; quando eu olhei de novo na direção dele a cadeira estava erguida, e ele estava ainda da mesma maneira. Eu percebi que eu estava só; e pensando que ele morrera, ou tinha partido – ou alguma outra coisa terrível – eu perdi os sentidos.

(Este discurso foi assim deixado de acabar; mas é apenas necessário acrescentar que a capacidade de extrair tal mel espiritual destas flores pouco promissoras é a marca de um Adepto que tomou perfeita a sua Taça Mágica. Este método de exegese qabalística é uma das melhores maneiras de exaltar a razão a consciência mais alta. Evidentemente o método estimulou Frater P. de tal forma que num instante ele se concentrou por completo e entrou em transe).

A Espada Mágica

A palavra do Senhor é rápida e poderosa, e mais afiada que uma espada de dois guines.

Tal como a Baqueta é Chokmah, a Vontade, o Pai, e a Taça a Compreensão, a Mãe, Binah: assim também a Espada Mágica é a Razão “O Filho”, as seis Sephiroth de Ruach e nós veremos que o Pantáculo corresponde a Malkuth, “A Filha”.

A Espada é a faculdade analítica; dirigida contra qualquer Demônio, ataca a complexidade deste.

Somente o simples pode resistir à Espada. Como nós estamos abaixo do Abismo, esta arma é inteiramente destrutiva: Ela divide Satã contra Satã. É somente nas formas mais baixas de Magia, as formas puramente humanas, que a Espada se tornou uma arma tão importante. Uma Adaga deveria ser suficiente.

Mas a mente do homem normalmente é tão importante para ele que a espada é no presente a mais volumosa de suas armas; feliz daquele que pode fazer com que a adaga seja suficiente.

O punho da espada deveria ser feito de cobre.

A guarda é composta dos dois arcos da lua crescente e minguante – um de costas para o outro. Esferas são colocadas entre eles, formando um triângulo equilátero como a esfera na extremidade do punho.

A lâmina é reta, pontuda e afiada até a guarda. É feita de aço, para ser equilibrada com o punho, pois o aço é o metal de Marte, tal como o cobre é o metal de Vênus.

Estes dois planetas são macho e fêmea – e assim refletem a Baqueta e a Taça, se bem que num senso mais (muito) baixo.

O punho da Espada está em Daäth, a guarda se estende para Chesed e Geburah a ponta está em Malkuth. Alguns Magistas fazem as três esferas respectivamente de chumbo, estanho e ouro; as luas de prata, e o punho contendo mercúrio; assim eles tomam a Espada simbólica dos sete planetas. Mas isto é uma fantasia e afetação.

“Quem quer que empunhe a Espada morrerá pela espada” não é uma ameaça mística, é

uma promessa mística. É a nossa complexidade que deve ser destruída.

Aqui está outra parábola. Pedro, a Pedra dos Filósofos, decepa a orelha de Malchus, o servo do Sumo Sacerdote (a orelha é o órgão do Espírito). Em análise a parte espiritual de Malchus deve ser separada desta pela Pedra Filosofal, e então Christus, o Ungido, as junta novamente. “Solve e coagula”.

Note que isto acontece na hora da prisão de Cristo, que é filho, o Ruach imediatamente antes de sua crucificação.

A Cruz do Calvário deveria ser de seis quadrados, um cubo desdobrado, o qual cubo é esta mesma pedra filosofal.

Meditação revelará muitos mistérios que estão ocultos neste símbolo.

A Espada ou Adaga é atribuída ao Ar, que circula em toda parte, que penetra em toda parte, mas é instável; não um fenômeno sutil como o fogo, não uma combinação química como a água; mas uma mistura de gases.

A Espada, por necessária que seja ao principiante, é uma arma grosseira.

Sua função é manter os inimigos a distância ou forçar uma passagem através deles – e se bem que deve ser brandida para ganharmos admissão ao palácio, ela não pode ser envergada durante o festim nupcial.

Poderíamos dizer que o Pantáculo é o pão da vida, e a Espada a faca que o corta. Devemos ter idéias, mas devemos criticá-las.

Espada é também aquela arma com a qual aterrorizamos os Demônios e os dominamos. Devemos manter o Ego senhor das impressões. Não devemos permitir que o círculo seja rompido pelo Demônio; não devemos permitir que qualquer idéia nos arrebate.

Será prontamente visto como tudo isto é elementar e falso – mas para principiantes é necessário.

Em toda lida com Demônios a ponta de Espada é mantida apontando para baixo; ela não deve ser usada para invocações, como é ensinado em certas escolas de magia.

Se a Espada é levantada em direção a Coroa, não é mais realmente uma Espada. A Coroa não pode ser dividida. Certamente a Espada não deveria ser levantada.

A Espada, porém, pode ser empunhada com ambas as mãos e mantida firme e ereta, simbolizando que o pensamento se tomou um com a aspiração única, e foi queimada como uma flama. Esta flama é Shin, o Ruach Alhim, não o mero Ruach Adam. A consciência divina, não a humana.

O Magista não pode manejar a Espada a não ser que a coroa esteja em sua cabeça.

Aqueles Magistas que tentaram fazer da Espada a única ou mesmo a principal arma, apenas destruíram a si mesmos, não pela destruição de combinação, mas pela destruição de divisão. A fraqueza vence a força.

O mais estável edifício político da história foi aquele da China, que estava baseado principalmente na política social, e o da Índia se tem provado suficientemente forte para absorver seus muitos conquistadores.

A Espada foi a grande arma do século passado. Toda idéia foi atacada por pensadores, e nenhuma idéia resistiu ao ataque. Daí a ruína presente da civilização.

Não sobrou nenhum princípio fixo. Hoje em dia todo estadismo construtivo é empirismo ou oportunismo. Tem sido duvidado se existe qualquer relação real entre Mãe e Prole, qualquer verdadeira diferença entre Macho e Fêmea.

A mente humana, em desespero, pressentindo insanidade iminente no estilhaçar destas imagens coerentes, tem tentado substituí-las por ideais que são salvos da destruição, no momento mesmo de nascerem, apenas pelo fato de serem extremamente imprecisos.

A Vontade do Rei, pelo menos, era fácil de ser determinada a qualquer momento; ninguém ainda descobriu um meio de determinar a vontade do povo.

Toda ação voluntária consciente é impedida; a marcha dos acontecimentos é agora apenas inércia.

Que o Magista considere estes fatos antes de empunhar a Espada. Que ele compreenda que o Ruach, esta combinação frouxa de seis Sephiroth, somente ligadas umas as outras pela conexão com a vontade humana em Tiphareth, deve ser rompido.

A mente deve ser decomposta em uma forma de insanidade antes que possa ser transcendida.

David disse: “Eu odeio pensamentos”.

O hindu disse: “Aquilo que pode ser pensado não é verdadeiro”.

Paulo disse: “A mente da carne é inimizada à Deus”.

E todo aquele que medita, mesmo por uma hora, cedo descobrirá como este lépido vento sem fito faz com que sua flama pisque. “O vento sopra aonde quer”. “O homem normal é menos que uma palha”.

A conexão entre o Alento e a Mente tem sido suposta por alguns como existente apenas em etimologia. Mas a conexão é mais verdadeira que isto.

Em qualquer caso, existe indubitavelmente uma conexão entre as funções respiratórias e mentais. O estudante verificará isto pela prática de Pranayama.

Através deste exercício certos pensamentos são barrados, e aqueles que mesmo assim vêm à mente vêm mais devagar, de forma que a mente tem tempo de perceber a falsidade deles e destruí-los.

Na lâmina da Espada Mágica está gravado o nome AGLA, em Notariqon formada pelas iniciais da sentença “Ateh Gibor Leolahm Adonai”, “A Ti seja o Poder através das Eras, Ó meu Deus”.

E o ácido que come o aço deveria ser óleo de Vitriolo. VITRIOL é um Notariqon de “Visita Interiora Terrae Rectificando Invenies Occultum Lapidem”. Isto quer dizer: “Pela investigação de tudo e pela colocação de tudo em harmonia e proporção você encontrará a pedra oculta”, a mesma pedra dos filósofos já mencionada, a qual vira tudo em ouro. Este óleo que pode comer o aço é, além disso, aquele de que está escrito, Liber LXV, i, 16: “Como um acido morde o aço... assim sou Eu para o espírito do homem”.

Note como está estreitamente entrelaçado todo este simbolismo.

O centro do Ruach sendo o coração, é visto que esta Espada do Ruach deve ser mergulhada pelo Magista no seu próprio coração.

Mas existe uma tarefa subsequente, da qual é falado – Liber VII, v. 47. “Ele esperará a espada do Bem-Amado e oferecerá sua garganta para o golpe.” Na garganta está Daäth – o Trono de Ruach. Daäth é o Conhecimento. Esta destruição final do Conhecimento sobre o portal da Cidade das Pirâmides.

Está também escrito – Liber CCXX, iii, 11: “Que a mulher esteja cingida com uma espada diante de mim”. Mas isto se refere a Sanna armando Vedana, a conquista de emoção pela clareza de percepção.

Também é dito, Liber LXV, v. 14, da Espada de Adonai, “que tem quatro lâminas, a lâmina do raio, a lâmina do Pilone, a lâmina da Serpente, a lâmina do Falo.”

Mas esta Espada não é para o Magista ordinário. Pois esta é a Espada flamejante em toda direção que guarda o Éden, e nesta Espada a Baqueta e a Taça estão escondidas – de forma que embora o ser do Magista seja fulminado pelo Raio, e envenenado pela Serpente, ao mesmo tempo os órgãos cuja união é o supremo sacramento são deixados intactos nele.

À vinda de Adonai, o indivíduo é destruído em ambos os sentidos. Ele é estilhaçado em mil pedaços, no entanto é simultaneamente unido ao simples. {Compare o primeiro grupo de versos em Liber XVI [XVI no Taro é Peh (Ϸ), Marte, a Espada]}.

Disto também fala São Paulo em sua Epístola à igreja de Tessalonicenses:

“Pois o Senhor descerá do Céu, com um grito, com a voz do Arcanjo, e com a Trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo se erguerão primeiro. Então nós que estamos vivos e permanecemos seremos arrebatados com eles às nuvens para encontrar o Senhor no Ar; e assim estaremos para sempre com o Senhor”.

A estúpida interpretação deste verso como profético de uma segunda vinda não necessita nos preocupar; toda palavra dele é, no entanto, digna da mais profunda consideração.

“O Senhor” é Adonai – que é o hebreu para “meu Senhor”; e Ele desce do céu, o Éden superno, o Sahasrara Chakra no homem, com um “grito”, uma “voz” e uma “trompa”, novamente símbolos aéreos, pois é o ar que transmite o som. Estes sons referem-se àqueles ouvidos pelo Adepto no momento de raptura.

Isto é muito acuradamente simbolizado no trunfo do Taro chamado “O Anjo”, que

corresponde a letra Shin [ʃ], a letra do Espírito e do Alento.

A mente inteira do homem é rompida pela vinda de Adonai, e instantaneamente arrebatada à união com Ele - “No ar”, o Ruach.

Note que etimologicamente a palavra Samadhi, “junto com”, e o Sânscrito SAM; e o hebreu ADNI é o Sânscrito ADHI.

A frase “com o Senhor” é então literalmente idêntica à palavra Samadhi, que é o nome Sânscrito para o fenômeno descrito por São Paulo, esta união do ego e do não-ego, sujeito e predicado, este casamento químico; é assim idêntica com o simbolismo da Rosa Cruz, sob um aspecto ligeiramente diverso.

E deste casamento só pode ocorrer entre um e um, é evidente que nenhuma idéia pode ser assim unida, a não ser que seja simples.

Portanto, toda idéia deve ser analisada pela Espada. Portanto, também, deve haver apenas um único pensamento na mente da pessoa que medita.

Podemos agora passar à consideração do uso da Espada na purificação de emoções em percepções.

Foi a função da Taça interpretar as percepções pelas tendências; a Espada livra as percepções da Teia da emoção.

As percepções são sem significado em si mesmas; mas as emoções são piores, pois elas levam sua vítima a supor que são significativas e verdadeiras.

Toda emoção é uma obsessão; a mais horrível das blasfêmias é atribuir qualquer emoção a Deus no macrocosmo, ou à alma pura no microcosmo.

Como pode aquilo que é auto-existente, completo, ser movido? Está até escrito que “torsão em torno de um ponto é iniquidade”.

Mas se este ponto mesmo pudesse ser movido deixaria de ser o ponto, pois o único atributo do ponto é posição.

O Magista deve portanto se tornar absolutamente livre neste respeito.

É a prática constante de Demônios tentar aterrar, chocar, desgostar, seduzir. Contra tudo isto deve ele opor o Aço da Espada. Se ele se livrou da idéia-do-ego, esta tarefa será comparativamente fácil; se ele não se livrou assim, a tarefa será quase impossível.

Diz o Dhammapada:

Ele me abusou, ele me bateu, ele me roubou, ele me insultou:

Quem se permite tais pensamentos nunca deixará de odiar.

E este ódio é o pensamento que inibe o amor cuja apoteose é Samadhi.

Mas é demasiado esperar que o Magista noviço pratique apego ao que é desagradável; que ele primeiro se tome indiferente. Que ele se esforce por encarar fatos como fatos, com tanta simplicidade quanto ele os encararia se os fatos fossem históricos. Que ele evite uma interpretação imaginativa de quaisquer fatos. Que ele não se ponha no lugar das pessoas de quem os fatos são relatados; ou se ele assim faz, que isto seja feito apenas com a finalidade de compreender. Simpatia, indignação, elogio ou condenação, não tem lugar no observador.

Ninguém até hoje considerou a questão da quantidade e qualidade da luz fornecida por velas feitas de cristãos azeitados.

Quem sabe que pedaço do missionário ordinário é preferido pelos gastrônomos? É simples matéria de conjectura que católicos são mais gostosos que protestantes.

No entanto, estes pontos e outros do mesmo tipo são os únicos que têm qualquer importância no momento em que os eventos ocorrem.

Nero não considerou o que a pos ter idade ainda por nascer pensaria dele; e é difícil acreditar que os canibais calculem que a descrição de seus feitos incitará velhotas devotas a renovar-lhes a despensa.

Pouquíssimas pessoas já viram uma tourada. Um tipo de pessoa vai para ser excitado; outro tipo pelo prazer perverso que o horror real ou simulado lhe oferece. Pouca gente sabe que sangue fresco derramado à luz do sol é talvez a cor mais linda encontrada em estado livre na natureza.

É um fato notório que é praticamente impossível obter uma descrição que mereça confiança do que ocorre numa sessão espírita; as emoções nublam a visão.

Somente na absoluta calma do laboratório, onde o observador está perfeitamente indiferente ao que possa acontecer, preocupado apenas em observar o que é que acontece, medir e pesar o que acontece através de instrumentos incapazes de emoção, é que podemos começar a ter esperança de um registro verdadeiro dos acontecimentos. Mesmo as bases fisiológicas comuns da emoção, os sentidos de prazer ou de dor, infalivelmente levam o observador a errar. Isto se bem que os sentidos possam não estar suficientemente excitados para lhe per turbar a mente.

Mergulhemos uma das mãos numa bacia cheia de água quente, a outra numa bacia cheia de água fria, depois ambas as mãos numa bacia de água morna; uma mão dirá quente, a outra frio.

Mesmo quando usamos instrumentos, as qualidades físicas destes, tais como expansão e contração (as quais podem ser chamadas, de certo modo, as raízes do prazer e da dor), causam erro.

Façamos um termômetro; o vidro fica tão excitado pela fusão necessária que ano após ano, durante trinta anos ou mais, a altura da coluna de mercúrio continuará a alterar-se; quanto mais então uma matéria tão plástica quanto a mente.

Não existe emoção que não deixe uma marca na mente; e todas as marcas são más. Esperança e medo são apenas fases opostas de uma emoção única; ambas são incompatíveis com a pureza da alma. Com as paixões do homem o caso é um pouco diverso, desde que elas são funções da própria vontade dele. As paixões devem ser disciplinadas, não suprimidas. Mas a emoção é impressa de fora para dentro. É uma invasão do Círculo.

Como é dito no Dhammapada:

“Uma casa mal telhada está aberta à mercê de chuva e vento.

Assim a paixão tem poder para invadir uma mente irrefletida.

Uma casa bem telhada é á prova da fúria da chuva e do vento;

Assim, a paixão não tem poder para invadir uma mente bem ordenada.”

Por tanto, que o estudante faça uma prática de observar as coisas que normalmente lhe causariam emoção; e que ele, tendo escrito uma cuidadosa descrição do que vê, compare tal descrição com aquela de alguma pessoa familiarizada com tal coisa.

Operações cirúrgicas e as bailarinas são excelentes escolhas para o principiante.

Ao ler livros emocionais do tipo que é infligido sobre crianças, que ele sempre se esforce por contemplar o evento do ponto de vista oposto àquele do autor. No entanto, que ele não emale aquela criança parcialmente emancipada que se queixou de uma gravura do Coliseu, que “havia um coitadinho de um leão que não tinha nenhum cristão para comer”, a não ser no primeiro caso. Crítica adversa é o primeiro passo; o segundo passo deve ir adiante.

Tendo simpatizado suficientemente tanto com os leões quanto com os cristãos, que ele abra seus olhos àquele fato que sua simpatia impediu-o de perceber até agora: que a gravura foi abominavelmente concebida, abominavelmente composta, abominavelmente desenhada e abominavelmente colorida, como seguramente será o caso.

Que além disto estude aqueles mestres, na ciência ou na arte que observaram com mentes imperturbadas por emoção.

Que ele aprenda a perceber idealizações, a criticá-las e corrigi-las.

Que ele compreenda a falsidade de Raphael, de Watteau, de Leighton, de Boughuereau, que ele aprecie a veracidade de John, de Rembrandt, de Titian, de O’Conor.

Estudos análogos em literatura e filosofia levarão a resultados análogos.

Mas que ele não negligencie a análise de suas próprias emoções; pois até que estas tenham sido conquistadas ele será incapaz de julgar outras.

Esta análise pode ser executada de diversas formas; um método é o materialismo. Por exemplo: se oprimido por um pesadelo, que ele explique: “Este pesadelo é uma congestão do cérebro”.

A maneira estrita de fazer isto através de meditação é – Mahasatipatthana, mas deve ser auxiliada a todo momento da vida diária pelo esforço por interpretar ocorrências com objetividade. A relatividade do valor delas, em particular, deve ser cuidadosamente considerada.

A sua dor de dentes não incomoda ninguém senão dentro de um círculo muito limitado. Inundações da China significam para você apenas um parágrafo num jornal. A destruição do mundo, mesmo, não teria nenhum significado em Sírius. Não podemos sequer imaginar que os astrônomos de Sírius perceberiam uma perturbação tão insignificante.

Agora se considerarmos que mesmo Sírius é, tanto quanto você sabe, apenas uma, e uma das menos importantes, das idéias na sua mente, por que deverá aquela mente ser perturbada pela sua dor de dente? Não é possível elaborarmos este ponto sem tautologia, pois é um ponto muito simples; mas devemos dar-lhe ênfase, precisamente porque é muito simples. Au! Au! Au! Au!

Na questão da ética, isto novamente se torna de importância vital, pois muita gente parece incapaz de ponderar os méritos de qualquer ato sem introduzir uma quantidade de assuntos completamente irrelevantes.

A Bíblia foi mal traduzida por letrados perfeitamente competentes, porque eles tinham que considerar a teologia da época. O mais flagrante exemplo é o “Cântico dos Cânticos”, de Salomão, uma típica peça de erotismo oriental. Mas como seria impossível permitir isto num “Livro Sagrado”, eles tentaram fazer de conta que a obra era simbólica.

Eles tentaram “refinar” a grosseria das expressões, mas mesmo seus esforços provaram ser incapazes disto.

Esta forma de desonestidade atinge o cume na expurgação dos clássicos. “A Bíblia é a Palavra de Deus, escrita por homens santos durante inspiração pelo Espírito Santo. Mas nós omitiremos essa passagem que consideramos impróprias.” “Shakespeare é o nosso maior poeta – mas, claro, ele é indecente.” Ninguém pode sobrepujar o lirismo de Shelley, mas devemos fazer de conta que ele não era um ateu.

Alguns tradutores não puderam aturar que os chineses pagãos usassem a expressão Shang Ti, e fizeram de conta que a expressão não significa Deus. Outros, compelidos à admissão de que ela significava Deus, explicaram que o uso do termo demonstra que “Deus não se deixara sem testemunho mesmo nessa mais idólatra das nações. Eles foram misteriosamente compelidos a utilizar a palavra, sem compreenderem o seu significado.” Tudo isto por causa do preconceito emocional deles de que eram melhores que os chineses.

O mais flagrante exemplo disto está na história do estudo do Budismo.

Os primeiros letrados a estudar o Budismo, simplesmente não podiam compreender que o cânon Budista nega a existência da alma, considera o ego uma ilusão cansada por uma faculdade especial da mente doente; não podiam conceber que o feto do Budista, Nibhana, fosse de qualquer forma diverso do feto deles mesmos, o “Céu”, a despeito da completa franqueza da linguagem em diálogo tais como aquele do Arahata Nagasena e o

Rei Melinda; e as tentativas deles de adaptarem o texto aos seus preconceitos perdurarão como uma das grandes tolices dos sábios.

Da mesma forma é quase impossível para o cristão bem-educado o conceber Jesus Cristo comendo com os dedos. O entusiasta da temperança faz de conta que o vinho das Bodas de Canaã não continha álcool.

É uma espécie de silogismo doido.

Ninguém que eu respeito faz isto.

Eu respeito fulano.

Por tanto, fulano não fez isto.

O moralista de hoje em dia fica furioso quando pessoas comentam o fato que praticamente todos os grandes homens da história eram “grossos” e notoriamente imorais.

Chega deste penoso assunto.

Enquanto nos esforçamos por adaptar fatos e teorias, em vez de adotarmos a atitude científica de alterar as teorias (quando necessário) para que se adaptem aos fatos, permaneceremos atolados em falsidade.

O religioso zomba do cientista por causa desta mente aberta, desta adaptabilidade. “Diga uma mentira e persista nela” é o lema dos religiosos.

Não é necessário explicar mesmo ao mais humilde estudante da Magia da Luz a que tende um tal curso de ação.

Quer o Livro do Gênesis seja verdade, quer a geologia seja verdade, um geólogo que crê no Livro do Gênesis irá para Gehenna. “Não podeis servir Deus e Mammon.”

O Pantáculo

Tal como a Taça Mágica é a comida divina do Magus, o Pantáculo Mágico é a comida terrena dele.

A Baqueta era a sua força divina, e a Espada a sua força humana.

A Taça é oca para receber a influência do alto. O Pantáculo é plano como as planícies férteis da terra.

O nome Pantáculo implica uma imagem do Todo, onme in parvo, mas isto é através de uma transformação mágica do Pantáculo. Assim como tornamos a Espada simbólica de tudo pela força da nossa Magia, assim também nós trabalhamos sobre o Pantáculo. Aquilo que é meramente um pedaço de pão comum será o corpo de Deus.

A Baqueta era a vontade do homem, a sabedoria dele, o seu verbo; a Taça era a sua Compreensão, o veículo da graça; a Espada era sua Razão; e o Pantáculo será seu corpo, o Templo do Espírito Santo.

Qual o comprimento deste Templo?

Do Norte ao Sul.

Qual a largura deste Templo?

Do Leste ao Oeste.

Qual é a altura deste Templo?

Do Abismo ao Abismo.

Não existe, pois, qualquer coisa móvel ou imóvel sob os céus que não esteja incluída neste Pantáculo, se bem que ele seja apenas de “oito polegadas” de diâmetro, e da grossura de meia polegada.

O fogo não é de forma alguma matéria; a água é uma combinação de elementos; o ar é quase inteiramente uma mistura de elementos, a terra contém todos tanto em mistura quanto em combinação.

Assim deve ser com este Pantáculo, o símbolo da terra.

Tal como este Pantáculo é feito de pura cera de abelhas, não nos esqueçamos de que “tudo quanto vive é santo”.

Todos os fenômenos são sacramentos. Todo fato, e mesmo toda falsidade, deve entrar no Pantáculo; ele é o grande depósito do qual o Magista tira aquilo de que necessita.

“Nos bolos castanhos de trigo provaremos da comida do mundo e seremos fortes”.

Quando falamos do Cálice, foi mostrado como todo fato deve ser tomado significativo, como toda pedra deve ter seu lugar próprio no mosaico.

Ai se houver uma pedra fora do lugar. Mas aquele mosaico não pode ser construído, quer bem quer mal, a não ser que toda pedra ali esteja.

Não recuse coisa alguma só porque você sabe que é a Taça de veneno oferecida pelo seu inimigo; beba confiantemente; é ele quem cairá morto.

Como posso eu dar à arte da Cambódia seu devido lugar no estudo da arte, se eu nunca ouvi falar da Cambódia? Como pode o geólogo avaliar a idade daquilo que jaz debaixo do giz, a não ser que ele possua um tipo de conhecimento sem qualquer relação com a geologia: a história da vida dos animais dos quais aquele giz é o que resta?

Esta, pois, é uma dificuldade muito grande para o Magista. Ele não pode abarcar a soma total de experiências possíveis e se bem que ele pode se consolar filosoficamente com a idéia de que o Universo é contérmino com aquela experiência que ele tem, ele verificará que esta experiência cresce tão rapidamente durante os primeiros anos de sua vida que ele quase será tentado a crer na possibilidade de experiência além das dele mesmo; e do ponto de vista prático ele se verá confrontado por tantas avenidas de conhecimento que ele ficará sem saber qual escolher entre elas.

O asno confundiu-se entre dois chumaços de capim; quanto mais aquele maior asno, aquele incomparavelmente maior asno, entre dois mil.

Felizmente, isto não tem muita importância; mas ele deveria pelo menos escolher aqueles ramos de conhecimento que lidam diretamente com problemas de ordem universal.

Ele deveria escolher não um ramo apenas, mas vários; e estes deveriam ser tão diversos uns dos outros quanto possível.

É importante que ele cultive excelência em algum esporte; e que esse esporte seja o mais bem calculado para manter o corpo dele em bom estado de saúde.

Ele deveria ter uma sólida base de estudos dos clássicos, da matemática e da ciência; também, suficiente conhecimento geral das línguas modernas e das maneiras de vida para lhe permitir viajar em qualquer parte do mundo com facilidade e segurança.

História e Geografia ele pode assimilar quanto e como lhe convenha; e o que mais deveria interessá-lo em qualquer assunto são os laços deste com algum outro assunto, para que o seu Pantáculo não seja sem aquilo que pintores chamam de “composição”.

Ele perceberá que, não importa quão boa seja sua memória, dez mil impressões entram sua mente para cada uma que ele é capaz de reter por um dia que seja. E a excelência de uma memória jaz na sabedoria de sua seleção.

As melhores memórias selecionam e julgam de tal forma que praticamente nada é retido a não ser que tenha alguma coerência com o plano geral da mente.

Todos os Pantáculos conterão as concepções ultimais do Circulo e da Cruz; se bem que alguns preferirão substituir a cruz por um ponto, ou por um Tau, ou por um Triângulo. A Vesica Piscis é algumas vezes usada em vez do Circulo, ou o Triângulo pode ser simbolizado como uma serpente. Tempo e Espaço e a idéia da causalidade são algumas vezes representadas; assim também os três estágios na História da Filosofia, em que os três assuntos de estudo foram sucessivamente a Natureza, Deus e o Homem.

A dualidade da consciência é também algumas vezes representada; e a Árvore da Vida mesma pode ali ser figurada, ou as categorias. Um emblema da Grande obra deve ser adicionado. Mas o Pantáculo será imperfeito a não ser que cada idéia seja construída de uma maneira equilibrada com o seu oposto, e a não ser que haja uma conexão necessária entre cada par de idéias e de todos outros pares:

O Neófito talvez faça bem em executar os primeiros esboços do seu Pantáculo de forma muito ampla e complicada, simplificando subseqüentemente, nem tanto por exclusão mas por combinação, da mesma forma que um zoologista, começando com os quatro grandes Símios e o Homem, os combina a todos na palavra única “primatas”.

Não é prudente simplificar demasiado, desde que o ultimal hieróglifo deve ser um infinito. A última resolução não tendo sido executada, seu símbolo não deve ser representado.

Se qualquer pessoa conseguisse acesso a V.V.V.V.V. e lhe solicitasse discursar sobre

qualquer assunto, é quase certo que Ele poderia fazê-lo apenas através de um silêncio ininterrupto; e mesmo isto poderia não ser por completo satisfatório, desde que o Tao Te King diz que o Tao não pode ser declarado, quer pelo silêncio, quer pela fala.

Nesta tarefa preliminar de coligir materiais, a idéia do Ego não é de grande importância; todas as impressões são fases do não-ego, e o Ego serve apenas de receptáculo. De fato, para a mente bem treinada, não existe dúvida de que as impressões são reais, e de que a mente, se não é uma tábua rasa, só não é assim por causa das “tendências” ou “idéias inatas” que impedem certas idéias de serem recebidas com a mesma facilidade que outras.

Estas tendências devem ser combatidas; fatos desagradáveis devem ser insistentemente considerados até que o Ego seja perfeitamente indiferente quanto à natureza de sua comida.

Mesmo como o diamante brilhará vermelho para a rosa e verde para a folha da roseira, assim tu permanecerás à parte das impressões.

Esta grande tarefa de separar o ser das impressões ou “Vrittis” é um dos muitos significados do aforismo “Solve”, correspondendo ao “Coagula” implicado em Samadhi; e este Pantáculo portanto representa tudo que nós somos, a resultante de tudo que nós temos tendências a ser.

No Dhammapada lemos:

“Tudo que nós somos resulta da mente; na mente é fundado, construído da mente;

Quem fala ou pensa maus pensamentos, dor o segue certa e cega.

Assim o boi planta seu pé, e a roda da carroça o segue.

Todos nós somos resultados da mente, e na mente está fundado, construído da mente:

Quem age ou pensa com pensamento correto, a felicidade certamente o segue.

Da mesma forma não deixa a sombra decair no seu lugar próprio.”

O Pantáculo é então, em certo senso, idêntico com o Karma ou Kamma do Magista.

O Karma de um homem é o seu livro de contas. O balanço não foi ainda estabelecido, e ele não sabe quanto é; ele nem sequer sabe bem que dívida ele poderá ter que pagar, ou quais lhe são devidas; nem sabe em quais datas mesmo esses pagamentos que ele prevê poderão vir a ser cobrados.

Um negócio conduzido em tais linhas estaria numa confusão terrível; e nós verificamos que de fato o homem comum está justamente numa tal confusão. Enquanto ele trabalha de noite em algum detalhe sem importância dos seus negócios, alguma força gigantesca pode estar avançando pedo clauda para ele.

Muitos dos lançamentos neste “livro de contas” são para o homem ordinário necessariamente ilegíveis; o método de lê-los é dado naquela importante instrução da

A. • A. • chamada “Thisharb”, Liber CMXIII.

Agora, considere que este Karma é tudo que um homem tem ou é. Seu ultimal objetivo é livrar-se disto por completo – quando chega a hora de entregar o Ente ao Bem Amado; mas a princípio o Magista não é aquele Ente; ele é apenas o monturo de lixo do qual aquele Ente será construído. Os instrumentos mágicos têm que ser feitos antes que possam ser construídos.

Esta idéia de Karma tem sido confundida por muita gente que deveria ter mais senso, inclusive o Buda, com idéias de justiça poética e retribuição.

Nós temos a história de um dos Arahats do Buda que, sendo cego, ao andar de um lado para outro, matou sem saber um certo número de insetos. (Os Budistas consideram a destruição de vida como a mais chocante dos crimes). Seus irmãos Arahats inquiriram como isto pôde acontecer, e o Buda inventou para eles uma longa história de como, numa encarnação prévia, aquele indivíduo maliciosamente privara uma mulher do senso de visão. Isto é apenas uma história de fadas, um lobisomem para amedrontar crianças, e provavelmente a pior maneira de influenciar mentes jovens que já foi inventada pela estupidez humana.

O Karma não trabalha absolutamente dessa forma.

Em qualquer caso, parábolas morais devem ser cuidadosamente construídas, ou podem provar que são um perigo para aqueles que as usam.

Vocês devem se recordar do apólogo da Paciência e da Paixão, por Bunyan: a malvada paixão brincou com todos os seus brinquedos e quebrou-os; a bondosa Paciência guardou os seus com todo cuidado. Bunyan esquece de mencionar que quando a Paixão quebrou seus brinquedos, ela já crescera além deles.

O Karma não age desta forma, “olho por olho, dente por dente”, etc. Um olho por um olho é uma espécie primitiva de justiça; e a idéia de justiça, no nosso senso humano da palavra é completamente estranha à constituição do Universo.

Karma é a Lei de Causa e Efeito. Não existe proporção em suas operações. Uma vez um acidente ocorre, é possível prevermos o que poderá acontecer; e o Universo é um estupendo acidente.

Nós saímos para tomar chá mil vezes seguidas sem nenhum incidente; e na milésima primeira vez encontramos alguém que muda radicalmente o curso de nossas existências.

Existe uma espécie de senso em que toda impressão impingida sobre nossas mentes é a resultante de todas as forças do passado; nenhum incidente é tão significativo que não tenha de alguma forma moldado a nossa disposição. Mas não existe nada dessa crua idéia de “retribuição” nisto.

Nós podemos matar cem mil piolhos no curso de uma breve hora ao pé do Glacial Baltoro, como Frater Perdurabo fez certa vez. Seria estúpido supor, como Teósofos desejam, que esta ação nos condena a sermos mortos por um piolho cem mil vezes.

Este livro de contas do Karma é conservado separado do Livro de lançamentos diários; e com respeito ao volume, este livro de lançamentos diários é bem maior que o livro de contas. Se comemos demasiado salmão, temos indigestão e talvez um pesadelo. É tolo supormos que chegará um dia em que um salmão nos comerá, e ficará indisposto.

Por outro lado, nós constantemente somos terrivelmente punidos por atos que não são de forma alguma culpa nossa. Mesmo as nossas virtudes provocam a natureza insultada à vingança.

O Karma cresce do que se alimenta; e se vamos criar bem o nosso Karma, necessitamos fiscalizar-lhe a dieta.

Na maioria das pessoas, seus atos cancelam uns aos outros; tão cedo algum esforço seja feito, é contrabalançado pela preguiça. Eros é substituído por Anteros.

Nem sequer um homem em cada mil escapa mesmo aparentemente dos lugares comuns da vida animal.

O nascimento é dor;

A vida é dor

Dolorosa são a velhice, a doença e a morte;

Mas ressurreição é a maior miséria.

“Ó que miséria nascer incessantemente”. Como disse Buda.

Nós capengamos de dia a dia com um pouco disto e um pouco daquilo, uns poucos bons pensamentos e uns poucos pensamentos maldosos; nada realmente é feito. Corpo e mente mudam inexoravelmente, e estão completamente mudados ao cair da noite. Mas que significado tem qualquer parte desta mudança?

Quantos podem olhara para traz, contemplar o curso dos anos, e concluir que avançaram em qualquer direção definida? Em quão pouca é aquela mudança, tal qual ela é, uma variável com inteligência e volição conscientes. O peso morto das condições originais sob as quais nós nascemos é muito maior que todo nosso esforço. As forças inconscientes são incomparavelmente maiores que aquelas das quais nós temos qualquer conhecimento. Esta é a solidez do nosso Pantáculo, o Karma de nosso planeta que nos impele, queiramos ou não, em tomo do seu eixo á velocidade de mil milhas por hora. E mil é Aleph, um Aleph maiúsculo, o microcosmo do ar que vagabundeia em toda parte, o Tolo do Tarô, a vagueza e a fatalidade das coisas.

É pois muito difícil de qualquer forma construir este pesado Pantáculo.

Nós podemos gravar letras sobre ele com a Adaga; mas elas durarão pouco mais do que durou a estátua de Ozymandias, Rei dos Reis no meio do deserto sem fim.

Nós cortamos uma figura no gelo; ela é apagada em uma manhã pelos sulcos de outros patins; nem fez aquela figura mais que arranhar a superfície do gelo; e o gelo, ele mesmo,

derrete-se diante do sol. Em verdade o Magista pode se desesperar quando é hora de fazer o Pantáculo. Todos possuem o material, o de um homem é tão bom quanto o de qualquer outro, ou quase; mas para que aquele Pantáculo seja de qualquer forma construído com um propósito voluntário, ou mesmo com um propósito inteligível, ou mesmo com um propósito conhecido:

“Hic Opus. Hic labor est”. E em verdade o trabalho de subir do Averno, e escapar ao campo aberto.

A fim de fazer isto, é muito necessário que compreendamos nossas tendências, e que nos decidimos a desenvolver umas, a destruir outras. E se bem que todos os elementos no Pantáculo devem no final ser destruídos, no entanto alguns nos auxiliarão ativamente a atingir uma posição da qual esta tarefa de destruição se torna possível e não existe qualquer elemento ali que não possa ser ocasionalmente útil.

E portanto – cuidado. Selecciona. Selecciona. Selecciona.

Este Pantáculo é um depósito infinito; sempre haverá coisas ali quando forem necessárias. Nós devemos de vez em quando apará-las e evitar que dêem traças, mas usualmente estaremos demasiado atarefados para mais que isto. Lembremo-nos de que ao viajar da terra para as estrelas não nos atrevemos a estar carregados com demasiada bagagem.

Nada que não seja uma parte necessária da máquina deve entrar em sua composição.

Agora, se bem que este Pantáculo é composto apenas de aparências, algumas aparências parecem ser mais falsas do que outras.

O universo inteiro é uma ilusão; mas é uma ilusão difícil de nos livrarmos dela. É verdadeiro comparado com a maioria das coisas. Mas noventa e nove em cada cem impressões são falsas mesmo em relação às coisas em seu próprio plano.

Tais distinções devem ser profundamente gravadas sobre a superfície do Pantáculo pela Santa Adaga.

Resta agora apenas um outro dos instrumentos elementais a ser considerado, a saber, a Lâmpada.

A Lâmpada

Em Liber A vel Armorum, a instrução oficial da A. • A. • para o preparo das armas elementais, está escrito que cada representação simbólica do Universo deve ser aprovado pelo Superior do Magista. A esta regra, a Lâmpada é uma exceção; é dito:

“...uma Lâmpada Mágica que queimará sem pavio ou óleo, sendo alimentada pelo Aethyr. Isto ele fará secretamente à parte, sem pedir conselho do seu Adeptus Minor.”

Esta Lâmpada é a luz da alma pura; ela não tem necessidade de combustível. Ela é a Sarça Flamejante inconsumível que Moisés viu, a imagem do Altíssimo.

Esta Lâmpada está pendurada sobre o Altar, não é sustentada por algo abaixo dela; sua luz ilumina o Templo inteiro, no entanto nenhuma sombra cai sobre ela, nenhum reflexo. Ela não pode ser tocada, não pode ser extinguida, não pode ser mudada de nenhuma forma; pois está completamente à parte de todas aquelas coisas que têm complexidade, que têm dimensão, que mudam e podem ser mudadas.

Quando os olhos do Magus são fixados sobre esta Lâmpada, nada mais existe.

Os instrumentos jazem sem uso no Altar; somente aquela Luz queima para sempre.

A Divina Vontade que era a Baqueta não mais é; pois o caminho se tomou um com o Fito.

A Divina Compreensão que era a Taça não mais é; pois o Sujeito e o Objeto da Inteligência são um. A Divina Razão que era a Espada não é mais; pois o complexo foi resolvido no Simples.

E a Divina Substância que era o Pantáculo não mais é; pois os muitos tomaram-se Um.

Eterna, ilimitada, inextensa, sem causa e sem efeito, a Santa Lâmpada misteriosamente brilha. Sem quantidade ou qualidade, não condicionada e sempiterna, é esta Luz.

Não é possível a qualquer pessoa aconselhar ou provar; pois esta Lâmpada não é feita pela mão humana; ela existe sozinha para sempre; não tem partes, ou personalidade; é antes do “Eu Sou”. Poucos podem contemplá-la; no entanto está sempre ali. Para ela não há aqui e nem ali, nem então nem agora todas as partes da linguagem estão abolidas, a não ser o substantivo; e este substantivo não é encontrado quer na fala humana, quer na fala divina. É a Palavra Perdida, cujo sétuplo eco IAO e AUM são a música moribunda. Sem esta Luz o Magista não poderia trabalhar; no entanto poucos são os Magistas que souberam dela, e menos ainda aqueles que contemplaram seu brilho.

O Templo e tudo nele deve ser repetidamente destruído antes que se torne digno de receber aquela Luz. Daí parecer tão freqüentemente que o único conselho que qualquer instrutor pode dar a um discípulo é que destrua o Templo.

Tudo que você tem e tudo que você é são véus diante daquela Luz.

No entanto, em um assunto tão importante, qualquer conselho é vão. Não existe nenhum Mestre tão grande que ele possa apreender claramente o caráter inteiro de um discípulo. O que lhe foi de auxílio no passado pode ser no futuro um obstáculo para outro.

No entanto, desde que o Mestre está jurado a servir, ele pode assumir seu serviço nestas simples linhas: Uma vez que todos os pensamentos são véus diante desta Luz, ele pode aconselhar a destruição de todos os pensamentos; e para este fim ele pode ensinar aquelas práticas que claramente conduzem a tal destruição!

Estas práticas, felizmente, foram agora escritas em linguagem clara e simples por ordem da A. • A. • ..

Nestas instruções, a relatividade e limitação de cada prática é claramente ensinada, e toda

interpretação dogmática é cuidadosamente evitada. Cada prática é em si um Demônio que deve ser destruído; mas para destruí-lo é primeiro necessário evocá-lo.

Vergonha sobre aquele Mestre que evita qualquer destas práticas, por mais desagradável ou inútil que ela seja para ele. Pois no conhecimento detalhado dela, que somente a experiência lhe outorgará, pode estar sua oportunidade de ser de crucial auxílio a algum discípulo. Por tediosa que seja a rotina, ela deve ser aturada. Se fosse possível nos arrependermos do que quer que seja na vida, poderia ser das horas que desperdiçamos em práticas frutuosas, horas que poderiam ter sido mais lucrativamente empregadas em práticas estéreis; pois NEMO, ao cuidar do seu jardim, não busca distinguir a flor que será NEMO após ele. E não nos é dito que NEMO poderia ter usado outras coisas que aquelas que ele usa; parece possível, que se ele não tivesse o ácido ou a faca, ou o fogo, ou o óleo ele poderia não ter com que cultivar precisamente aquela flor que deveria ser NEMO após ele.

A Coroa

A Coroa do Magista representa a Consecução de sua Obra. É uma banda de ouro puro, na frente da qual estão três Pentagramas, e nas costas da qual está um Hexagrama. O Pentagrama central contém um diamante ou uma grande opala; os outros três símbolos contém o Tau. Em volta desta Coroa está enrolada a áurea serpente Ureus, com cabeça ereta e capelo inflamado. Sob a Coroa está o gorro carmesim de suporte, que cai sobre os ombros.

Em vez disto, a Coroa Ateph de Thoth é algumas vezes usada; pois Thoth é o Deus de Verdade, de Sabedoria, e o Instrutor de Magia. A Coroa Ateph tem dois chifres de carneiro selvagem, mostrando energia, domínio, a força que quebra obstáculos, o signo da primavera. Entre estes chifres está o disco do sol; disso nasce um Lótus sustentado pelas plumas gêmeas da verdade, e três outros discos solares estão levantados, um na corola do Lótus, os outros sob as plumas que se curvam.

Existe ainda outra Coroa, a Coroa de Amoun, o oculto, de quem os Hebreus tiraram sua palavra sagrada “Amen”. Esta Coroa consiste simplesmente das plumas da verdade. Mas não é necessário entrarmos no simbolismo destas, pois tudo isto e mais está na Coroa que foi primeiramente descrita.

O gorro carmesim implica ocultamente, e é também simbólico do dilúvio de glória que desce sobre o Magista do Altíssimo. É de veludo para a maciez daquele beijo divino, e carmesim porque o que lhe dá vida é o vero sangue de Deus. A banda de ouro é o círculo eterno de perfeição. Os três pentagramas simbolizam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, enquanto que o Hexagrama representa o Magista mesmo.

Ordinariamente, Pentagramas representam o microcosmo, Hexagramas o macrocosmo; mas aqui o reverso é o caso, porque nesta Coroa de perfeição aquilo que está embaixo se tornou aquilo que está em cima, e aquilo que está em cima se tornou aquilo que está embaixo. Se um diamante é usado, é para simbolizar a Luz que é antes de toda manifestação em forma; se uma opala, é para comemorar aquele sublime plano do Todo, dobrar-se e desdobrar-se em raptura eterna, manifestar-se como os Muitos para que os

Muitos possam se tornar o Um Imanifesto. Mas este assunto é demasiado extenso para um tratado elementar sobre a Magia.

A Serpente que está enrolada em volta da Coroa significa muitas coisas; ou antes, uma coisa de muitas maneiras diversas. É o símbolo de realeza e iniciação, pois o Magista é ungido Rei e Sacerdote. Ela também representa Hadit, de quem podemos aqui apenas citar estas palavras: “Eu sou a secreta Serpente enrodilhada a ponto de pular; em minhas roscas há alegria. Se eu levanto minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um; se Eu baixo minha cabeça, e jorro veneno, então há ruptura da terra, e Eu e a terra somos um”.

A Serpente é também a serpente Kundalini, a força mágica em si, o aspecto manifestado da Divindade do Magista, cujo aspecto imanifesto é paz e silêncio, para o que não existe símbolo.

No sistema hindu a Grande Obra representada dizendo-se que esta Serpente, que normalmente está enrodilhada na base da espinha, levanta-se com seu capelo sobre a cabeça do Yogui, para ali se unir com o Senhor do todo.

A serpente é também aquele que envenena. E aquela força que destrói o Universo manifestado. Isto é também a serpente de esmeralda que circunda o Universo. Este assunto deve ser estudado em Liber LXV, onde é incomparavelmente discutido. No capelo desta serpente há seis jóias, três de cada lado: Rubi, Esmeralda e Safira, os três santos elementos tornados perfeitos, em equilíbrio dos dois lados.

O Robe

O Robe do Magista pode ser variado de acordo com seu grau e a natureza do seu trabalho.

Há dois Robes principais, o branco e o preto; destes, o preto é mais importante que o branco, pois o branco não tem capuz. Estes Robes podem ser variados pela adição de vários símbolos, mas em qualquer caso a forma do Robe é um Tau.

O simbolismo geral que adotamos nos leva, no entanto, a preferir a descrição de um Robe que poucos ousam envergar. Este Robe é de uma rica seda azul profundo, o azul da noite estrelada: está bordado com estrelas douradas, e com rosas e lírios. Em volta da fímbria, sua cauda em sua boca, está a grande serpente, enquanto sobre a frente, do pescoço à barra, cai a flecha descrita na Visão do Quinto Aethyr.

Este Robe está forrado com seda púrpura na qual está bordada uma serpente verde enrodilhada do pescoço à barra, O simbolismo deste Robe trata de altos mistérios que devem ser estudados em Liber CCXX e Liber CDXVIII; mas tendo assim tratado de Robes especiais, consideremos agora o uso do Robe em geral.

O Robe é aquilo que oculta, e que protege o Magista dos elementos; é o silêncio e segredo com os quais ele trabalha, seu ocultamento na vida secreta da Magia e Meditação. Isto é o “retiro no deserto” que encontramos na vida de todos os homens do mais elevado tipo de grandeza. E é também o retiro de nós mesmos da existência como tal.

Em outro senso, é a “Aura” do Magista, aquele ovo ou invólucro invisível que o rodeia. Esta “Aura” deve ser brilhante, elástica, impenetrável mesmo pela Luz; isto é por qualquer luz parcial que venha de uma direção apenas.

A única luz do Magista vem da Lâmpada pendurada acima de sua cabeça quando ele está de pé no centro do Círculo; e o Robe sendo aberto no pescoço, não opõe obstáculo à passagem desta luz. E sendo aberto, e bem aberto, embaixo, ele permite que aquela luz passe e ilumine aqueles que estão sentados na escuridão e na sombra da morte.

O Livro

O Livro de Encantos ou Conjurações é o Registro de todo pensamento, palavra e ato do Magista; pois tudo que ele quis, ele quis com um propósito. E o mesmo que se ele tivesse jurado executar alguma coisa.

Agora, este Livro deve ser um Livro Santo; não um livro de notas no qual você escreve tudo quanto é tolice que lhe vem à cabeça. Está escrito, Liber VII , v.23: “Todo alento, toda palavra, todo pensamento, toda ação é um ato de amor Contigo. Seja esta devoção um potente encantamento para exorcizar os Demônios das Cinco”.

Este Livro deve então assim ser escrito: Em primeiro lugar o Magista deve executar a prática dada em Liber CMXIII até que ele compreenda perfeitamente quem ele é, e a que seu desenvolvimento necessariamente tenderá. Isto para a primeira página do Livro.

Que ele tome cuidado de não escrever coisa alguma ali que seja desarmoniosa ou mentirosa. Nem pode ele evitar escrever, pois este é um Livro Mágico. Se você abandona mesmo por uma hora o propósito único de sua vida, você encontrará um número de arranhões sem significado e rabiscos no pergaminho branco, e estes não podem ser apagados. Em um tal caso, quando você for conjurar um Demônio pelo Poder do Livro, ele zombará de você; ele apontará toda essa escritura tola, mais parecida com a ele que com a sua. Em vão prosseguirá com os encantamentos subseqüentes; você quebrou por sua própria tolice a cadeia que o teria aprisionado.

Mesmo a caligrafia do Livro deve ser firme, clara e bela; na nuvem de incenso é difícil ler as conjurações. Enquanto você força a vista através da fumaça, o Demônio desaparecerá, e você terá que escrever a terrível palavra “fracasso”.

E, no entanto, não existe página deste livro na qual esta palavra não esteja escrita; mas enquanto ela é imediatamente seguida por uma nova afirmação nem tudo está perdido; e assim como neste Livro a palavra “Fracasso” é desta maneira tomada de pouco importância, assim também nunca deve a palavra “Sucesso” ser empregada, pois é a última palavra que pode ser escrita ali, e é seguida por um ponto final.

Este ponto final jamais pode ser escrito em qualquer outro lugar; pois a escritura deste Livro continua eternamente; não existe maneira de fechar o registro até que a meta de tudo tenha sido alcançada. Que cada página deste Livro esteja cheia de canto – pois é um Livro de Encantamento.

As páginas deste Livro são de pergaminho virgem, tirado do novilho que é engendrado

em Ísis-Hathor, a Grande Mãe, por Osiris-Ápis, o Redentor. E encadernado de couro azul no qual a palavra Thelema [Θελημα] está escrita em ouro. Que a pena com a qual a escritura é feita seja a pena de um jovem cisne macho – o cisne cujo nome é AUM. E que a tinta seja feita de biles de um peixe, o peixe Oannes.

A Campanha

O melhor é pendurar a Campanha Mágica na Cadeia. Em alguns sistemas de Magia um número de campanhas é usado, costuradas na orla do Robe, a idéia sendo simbolizar que cada movimentos do Magista deve produzir música. Mas a Campanha de que falaremos é um instrumento mais importante. Esta Campanha chama e alarma; e é também aquela Campanha que soa no momento de elevar a Hóstia.

É também a “Campanha Astral” do Magista.

A Campanha de que nós falamos é um disco de aproximadamente duas polegadas de diâmetro, ligeiramente curvado em uma forma não muito diversa daquela de um címbalo. Um buraco no centro permite a passagem de uma curta tira de couro, pela qual a Campanha pode ser ligada à cadeia. Na outra extremidade da cadeia está o percussor, que no Tibete é usualmente feito de osso humano.

A Campanha mesma feita de *electrum magicum*, uma liga “dos sete metais” misturados de maneira especial. Primeiro o ouro é derretido com a prata durante um aspecto favorável do sol e da lua; então estes são fundidos com estanho quando Júpiter está bem dignificado. Chumbo é acrescentado sob um Saturno auspicioso; e assim Mercúrio, Cobre e Ferro, quando Mercúrio, Vênus e Marte são de bom augúrio.

O som desta Campanha é indescritivelmente compelidor, solene e majestoso. Sem sequer a desarmonia mais diminuta, suas notas solitárias soam mais e mais fracamente até o silêncio. Ao som desta Campanha o Universo cessa por um indivisível momento de tempo, e atende à Vontade do Magista. Que ele não interrompa o soar desta Campanha. Que isto seja aquilo que está escrito, Liber VII, v.31: “Há uma solenidade do silêncio. Não existe mais voz de todo”.

Como o Livro Mágico era o registro do passado, assim é a Campanha Mágica a profecia do futuro. O manifestado se repetirá de novo e de novo, sempre uma clara nota fina, sempre uma simplicidade de música; no entanto cada vez menos perturbando o silêncio infinito até o fim.

O Lámen

O peitoral ou Lámen do Magista é um símbolo muito elaborado e muito importante. No sistema judeu nós lemos que o Alto Sacerdote deveria usar uma placa com doze pedras, para as Doze Tribos de Israel (com todas suas correspondências); e nesta placa eram guardados o Urim e o Thumim.

O moderno Lámen, no entanto, é uma simples placa que (sendo usada sobre o coração) simboliza Tiphareth, e deveria portanto ser uma harmonia de todos os outros símbolos em um só. Ele se relaciona naturalmente por sua forma com o Círculo e o Pantáculo, mas não

é suficiente repetir o desenho de qualquer dos dois.

O Lámen do espírito que desejamos evocar é ao mesmo tempo colocado no triângulo e usado sobre o peito; mas no caso presente, desde que aquilo que desejamos evocar não é uma coisa parcial, mas sim inteira, nós teremos apenas um símbolo único para combinar o Círculo e o Pantáculo. A Grande obra será então assunto do desenho.

Neste Lámen o Magista deve colocar as chaves secretas do seu poder.

O Pantáculo é meramente o material a ser trabalhado, reunido e harmonizado mas não ainda em operação, as partes da máquina arranjadas para uso, ou mesmo juntadas, mas não ainda postas em movimento. No Lámen estas forças já estão trabalhando; mesmo a consecução está prefigurada.

No Sis tema de Abramelin, o Lámen é uma placa de prata sobre a qual o Sagrado Anjo Guardião escreve com orvalho, esta é outra forma de expressar a mesma coisa; pois é Ele quem confere os segredos daquele poder que deveria ser ali expressos. São Paulo diz a mesma coisa quando escreve que o peitoral é a fé e pode arrastar os dardos flamejantes dos malvados. Esta fé não é cega autoconfiança e credulidade; é aquela autoconfiança que só vem quando o ego é esquecido.

E o “Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião” que confere esta fé. A tarefa de atingir este Conhecimento e Conversação é a única tarefa daquele que quereria ser chamado Adepto. Um método absoluto de conseguir isto é dado no Oitavo Aethyr (Liber CDXVIII 57, Equinox V).

O Fogo Mágico, com Considerações Sobre o Turíbulo, o Carvão e o Incenso

Todas as coisas são lançadas no Fogo Mágico. Ele simboliza a consumação final de todas as coisas em Shivarshana. É a destruição absoluta tanto do Magista quanto do Universo.

O Turíbulo está sobre um pequeno altar. “Meu Altar é de latão rendado; queimai sobre ele em prata ou ouro”. Este altar está no Oriente, como que para simbolizar a identidade de Esperança e Aniquilação. Este latão contém os metais de Júpiter e Vênus fundidos em uma liga harmoniosa. Isto é então simbólico do amor divino, e é “rendado” porque este amor não está fechado em direção ou extensão; não é particularizado, é universal.

Sobre este altar está o Incensário propriamente dito; tem três pernas, simbólicas do fogo.

Seu bojo é um hemisfério, e apoiado nas bordas está uma placa peneirada de buracos. Este incensário é de prata ou ouro, porque esses são chamados metais perfeitos; é sobre perfeição que o imperfeito é queimado. Sobre esta placa queima um grande fogo de carvão, impregnado com nitro. Este carvão é (como os químicos estão começando a perceber) o ultimal elemento protéico: absolutamente negro, porque absorve toda luz; infusível pela aplicação de qualquer calor conhecido; o mais leve dos elementos que ocorrem na natureza em estado sólido; e o constituinte essencial de todas as formas de vida conhecidas.

Foi tratado com nitro, cujo potássio em flama violeta de Júpiter, o pai de todos; cujo nitrogênio é aquele elemento inerte que, por apropriada combinação, se torna um constituinte na maior parte dos explosivos conhecidos; e oxigênio, o alimento do fogo. Este fogo é soprado pelo Magista; este braseiro de destruição foi aceso pela sua palavra e pela sua vontade.

Neste fogo ele joga o Incenso, simbólico de oração, o veículo grosseiro ou imagem de sua aspiração. Devido à imperfeição desta imagem, nós obtemos mera fumaça em vez de perfeita combustão. Mas nós não podemos usar explosivos em vez de incenso, porque não seria verdade. Nossa oração é a expressão do mais baixo aspirando ao mais alto está sem a clara visão do mais alto, não compreende o que é que o mais alto deseja. E Não importa quão doce é o seu aroma, é sempre nublada.

Nesta fumaça surgem visões. Nós buscamos a luz, e vede, o Templo escurece. Na escuridão esta fumaça parece assumir estranhas formas, e podemos ouvir o grito das bestas. Quanto mais densa a fumaça, mais escuro torna-se o Universo. Nós exclamamos e trememos ante as coisas imundas e as abominações que evocamos.

No entanto não podemos trabalhar sem Incenso. A não ser que nossa aspiração tome forma, ela seria incapaz de influenciar forma. Isto também é o mistério da encarnação.

A base deste Incenso é Resina de Olíbano, o Sacrifício da Vontade humana do coração. Este Olíbano foi misturado com metade do seu peso de Estoraque, os desejos terrenos, escuros, doces e pegajosos; e este novamente com metade do seu peso de linho Aloés que simboliza Sagitário, a Flecha, e assim representa a aspiração em si; é a flecha que atravessa o arco-íris. Esta flecha é “Temperança” no Tarô, é uma vida equanimemente balanceada e reta que torna nosso trabalho possível; no entanto esta vida deve ela mesma, ser sacrificada.

Na combustão destas coisas surgem em nossa imaginação estes aterradores ou tentadores que habitam o “Plano Astral”, esta fumaça representa o Plano Astral, que jaz entre o material e o espiritual. Podemos agora dedicar alguma atenção à consideração deste “plano”, a respeito do qual já foi escrita uma grande quantidade de tolices.

Quando um homem fecha seus olhos e começa a olhar em volta sua, no começo não vê nada senão escuridão. Se ele continua tentando penetrar a penumbra, um novo par de olhos gradualmente se abre.

Certas pessoas pensam que estes são os olhos da imaginação. Aqueles com mais experiência compreendem que isto verdadeiramente representa coisas vistas; se bem que aquelas coisas são, em si mesmas, totalmente falsas.

A princípio o vidente perceberá uma penumbra cinzenta; em experimentos subsequentes talvez figuras apareçam com a quais o vidente pode conversar, e sob cuja orientação ele poderá viajar. Este “plano” sendo tão grande e tão variado quanto o Universo material, não podemos descrevê-lo efetivamente; devemos referir o leitor a Liber O e ao Equinox II, pp. 295 a 334.

Este “Plano Astral” foi descrito por Homero na Odisséia. Aí estão Polifemo e os

Laestrigos, aí estão Calíпсо e as Sereias. Aí, também, estão aquelas coisas que muitos têm imaginado serem os “espíritos” dos mortos. Se o estudante alguma vez toma qualquer dessas coisas por verdade, ele deve adorá-la, desde que toda verdade merece adoração. Em tal caso, ele está perdido; o fantasma terá poder sobre ele e dessa forma haverá uma obsessão.

Enquanto uma idéia está sendo examinada você está livre dela. Não faz mal que um homem experimente fumar ópio, ou comer nozes; mas no instante em que ele pára de examinar e começa a agir por hábito e sem reflexão, ele está em perigo. Todos nós comemos demais, porque gente uniformizada e obsequiosa tem sempre aparecido cinco vezes por dia com provisões para seis meses, e dava menos trabalho comer e acabar com o negócio do que nós perguntarmos se tínhamos fome. Se você prepara a sua própria comida, você depressa verificará que você não prepara nem mais nem menos do que você quer; e a saúde volta. Se, no entanto, você vai ao outro extremo, e não pensa em nada senão em dieta, quase certamente você contrairá aquela típica forma de melancolia, em que o paciente está convencido de que o mundo inteiro está em liga para envenená-lo. O professor Scheinhound demonstrou que carne de boi causa gota; o professor Naschitoff provou que o Leite causa tuberculose. Sir Ruffon Wratts nos diz que comer repolho causa velhice. Pouco a pouco você chega àquele estado de que Mr. Hei-ward Carrington se gaba: a única coisa que você come é chocolate, e você mastiga chocolate incessantemente, mesmo em seus sonhos. No entanto, tão cedo o ingere acorda para a terrível verdade por Guterbock O. Hosenscheis ser, Quarta Avenida, Grand Rapids USA, de que o chocolate é a causa da prisão de ventre, e a prisão de ventre causa câncer, e você passa a extrair de si por meio de um enema que lançaria um camelo em convulsões.

Uma semelhante loucura ataca até mesmo verdadeiros cientistas. Methnikoff estudou as doenças do intestino grosso até não poder ver outra coisa, e então calmamente propôs cortar o intestino grosso de todo mundo, apontando que o abutre (que não tem intestino grosso) é uma ave de grande longevidade.

Mas a longevidade do abutre deve-se ao seu pescoço retorcido, e muita gente pensa tenciona experimentar com o Prof. Metchnikoff.

Porém, os piores de todos os fantasmas são as idéias morais e as idéias religiosas. A sanidade consiste na faculdade de ajustar idéias em devida proporção. Qualquer pessoa que aceita uma verdade moral ou religiosa sem compreensão é mantida fora do manicômio somente porque não relaciona logicamente partindo das premissas. Se pessoas acreditassem no Cristianismo, se pessoas realmente cressem que a maioria da humanidade está condenada a punição eterna, pessoas correriam sem parar tentando “salvar” os outros. Não seria possível dormir até que o horror da mente deixasse o corpo exausto. De outra forma, seríamos moralmente insanos. Quem entre nós pode dormir se alguém que amamos está em perigo mortal? Nós não podemos sequer ver um cão se afogando sem pelo menos parar o que estamos fazendo para olhar. Quem poderia então viver em Londres e refletir sobre o fato que a população inteira, com exceção de uns mil irmãos de Plymouth, está condenada? No entanto, os mil irmãos de Plymouth (que são mais insistentes em proclamar que serão os únicos a serem salvos) parecem passar muito bem obrigado. Se eles são hipócritas ou moralmente loucos, isto é um assunto que podemos deixar à consciência deles mesmos.

Todos estes fantasmas, de qualquer natureza, devem ser evocados, examinados, e dominados; outrossim percebemos que juntamente quando precisamos dela há alguma com a qual jamais lidamos; e talvez aquela idéia, pulando sobre nós de surpresa, e como se fosse por detrás, nos estrangule. Esta é a lenda do feiticeiro estrangulado pelo Diabo.

Parte III - Magick em Teoria e Prática

"Esseai athanatos theos, ambrotos, oyk eti thnétos"

- PITÁGORAS

“Magick é o conhecimento mais elevado, mais absoluto e mais divino no que se refere à Filosofia Natural, avançando em seu trabalho e operações maravilhosas, com um correto conhecimento das ocultas e internas virtudes das coisas, assim, para poder aplicar Agentes corretos em pacientes Adequados, produzindo estranhos e admiráveis efeitos. Quando os Magos são buscadores profundos e cuidadosos na natureza, eles, por seus conhecimentos, sabem como antecipar um efeito, que para os vulgares, parecerá um milagre.”

- A Goécia de Lemegeton do Rei Salomão.

“Quando ocorre a Magick simpática em sua forma não adulterada, na natureza ocorre o que chamamos de ‘um sucesso atrás do outro’ necessário e invariável sem a intervenção de qualquer agente espiritual ou pessoal. Assim seu conceito fundamental é idêntico com o da ciência moderna, todo sistema é uma fê, implícita, mas real e firme, na ordem e uniformidade da natureza. O Mago não duvida que as mesmas causas sempre produziram os mesmos efeitos, que a execução de uma cerimônia adequada acompanhada com uma conjuração apropriada inevitavelmente atenderá o resultado desejado, e isso, é claro, se seu encantamentos não forem anulados por forças mais potentes que a do Mago em questão. Ele não suplica a um poder ou força mais elevada, ele não busca o favor de nenhum ser ‘raro’: Ele não se ajoelha diante de nenhuma divindade. Mas seu poder, grandioso como ele crê que é, não é arbitrário ou ilimitado. Ele só pode o aplicar enquanto se mantenha dentro das regras de sua arte, ou o que podemos chamar de Leis da Natureza como são conhecidas. A negligência nestas regras, a ruptura destas Leis, inclusive nas formas mais diminutas, significa fracasso e inclusive pode expor o praticante com pouca experiência aos poderes perigosos. Ele, se proclamando soberano à natureza, é só uma ‘soberania constitucional’, rigorosamente limitada em seu campo, exercitando-a na exata conformidade de seu antigo uso. Como se pode ver, a analogia entre os conceitos Mágicos e científicos do mundo são muito parecidos. Nos dois casos, a sucessão de sucessos é perfeitamente regular e segura, estando determinada por Leis imutáveis, e suas operações podem ser calculadas e previstas. Os elementos do capricho, de casualidade e de acidentes são abolidos do curso da natureza. Os dois abrem uma grande visão de possibilidades e aquele que conhece as causas das coisas, pode trocar os mecanismos secretos que põem e movimento o grandioso e delicado mecanismo do mundo. Esse é o motivo pelo qual a Magick e a ciência atraem a mente humana, o estímulo que ambas dão a busca do conhecimento. Eles atraem

aqueles que buscam respostas, ao buscador amargo a seguir pelo deserto de enganos do presente com suas promessas de incessantes de futuro: são capazes de conduzir qualquer buscador ao alto de uma montanha para encontrar o ensinamento, mais além das nuvens negras e da neve vibrante abaixo de seus pés. Uma pequena visão da Cidade Celestial pode ser, muitas vezes, mais radiante em esplendor que qualquer sonho terrestre humano.”

- Dr. J.G. Frazer , The Golden Bough

“Até agora, como o desenvolvimento da Magick em nível público tem sido o caminho pelo qual homens têm passado para chegar ao poder supremo, vemos sua contribuição para a emancipação da humanidade da escravidão da tradição, para elevá-los a uma vida mais grandiosa, mais livre, com uma mentalidade aberta sobre o mundo. E quando recordamos que a Magick abre o caminho para ciência, estamos fadados a dizer que se as artes negras fizeram mal, também deram origem ao bem, que se elas são as filhas do erro, também são as mães da liberdade e da verdade.”

- Ibid

“Demonstra todas as coisas; mantém o que é bom.”

- São Paulo

“Também os mantras e os encantamentos; o obeah e o wanga; o trabalho da baqueta e o trabalho da espada: estes ele aprenderá e ensinará.”

“Ele deve ensinar; mas ele pode fazer os ordálios severos.”

“A palavra da Lei é Θελημα.”

- O Livro da Lei

Este livro é para

TODOS:

para cada homem, mulher e criança.

Meu trabalho anterior foi mal compreendido, e sua divulgação foi limitada pelo meu uso de termos técnicos. Atraiu muitos diletantes e excêntricos, débeis buscando na “Magick” um escape da realidade. Eu mesmo fui atraído ao assunto desta forma. Tem repellido muitas mentes práticas e científicas, as que eu mais desejara influenciar.

Mas

MAGICK

é para

TODOS

Eu escrevi este livro para ajudar ao Banqueiro, o Pugilista, o Biólogo, o Poeta, o Marinheiro, o Comerciante, a Operária da Indústria, o Matemático, a Estenografa, o Jogador de Golfe, a Esposa, o Cônsul – e todos mais – a se realizarem por completo, cada um e cada uma em sua própria função.

Deixem-me explicar em poucas palavras como foi que eu concebi a palavra

MAGICK

no estandarte que tenho carregado diante de mim durante toda minha vida.

Antes de chegar à adolescência, eu já estava cômico de que era a BESTA cujo número é 666. Eu não compreendia de forma alguma o que isto significava, era apenas um apaixonado senso de identidade.

No meu terceiro ano na Universidade de Cambridge eu me dediquei conscientemente à Grande Obra, compreendendo por isso a Obra de me tornar um Ente Espiritual.

Eu experimentei dificuldade em achar um nome que definisse minha Obra, bem como ocorrera com Blavatsky alguns anos antes. “Teosofia”, “Espiritualismo”, “Ocultismo”, “Misticismo” – todas estas designações sugeriam conotações indesejáveis.

Eu escolhi portanto o nome

"MAGICK"

como em essência ao mais sublime, e na atualidade do mais desacreditado de todos os termos ao meu dispor.

Eu jurei reabilitar o nome

MAGICK;

e identificá-la como minha própria carreira, compeli-la a humanidade a respeitar, amar e confiar naquilo que eles escarneciam, odiavam e temiam. Eu cumpri minha palavra.

Mas o momento está chegando de conduzir o meu pendão ao centro da vida dos homens. Eu devo tornar a

MAGICK

o fator essencial da vida de

TODOS.

Apresentando este livro ao mundo, eu devo explicar e justificar minha posição formulando uma definição de

MAGICK

e definindo seus princípios fundamentais de tal forma que

TODOS

possam compreender instantaneamente que suas almas, suas vidas, em qualquer relação com o outro ser humano, em qualquer circunstância, dependem da

MAGICK

e da reta compreensão e reta aplicação desta.

I – Definição

MAGICK

É a Ciência e a Arte de causar Mudanças de acordo com a Vontade.

(Ilustração: é meu desejo informar ao mundo certos fatos do meu conhecimento. Eu, portanto, tomo as “armas Mágicas”, caneta, tinta e papel; escrevo “encantamentos” estas frases em linguagem Mágica, isto é, a qual é entendida por pessoas que desejo instruir. Invoco “espíritos” tais como tipógrafos, editores, livreiros, e assim por diante, e os instruo a passar minha mensagem àquelas pessoas. A composição e distribuição é um ato de Magick pelo qual provoço Mudanças de acordo com minha Vontade.)

II – Postulado

QUALQUER mudança que se queira, pode ser conseguida com a aplicação da Força do tipo e Grau próprios, de maneira apropriada, através de meio adequado ao objeto desejado.

(Ilustração: Desejo preparar uma grama de Cloreto de Ouro. Preciso pegar o tipo certo de ácido, nitrohidroclorídrico e nenhum outro, na quantidade suficiente e com energia adequada, e colocá-lo em um recipiente que não se quebrará, ou que possa haver corrosão, de tal maneira que não produza resultados indesejáveis, com a quantidade suficiente de ouro, e assim por diante. Toda mudança tem suas próprias condições. No presente estado de nosso conhecimento e poder, algumas mudanças não são possíveis na prática; não podemos causar eclipses, por exemplo, ou transformar chumbo em lata, ou gerar homens a partir de cogumelos. Mas é teoricamente possível provocar em qualquer objeto, qualquer mudança da qual este objeto é capaz por natureza; e as condições são descritas no postulado acima).

III – Teoremas:

- (1) Todo ato intencional é uma ato de Magick.
- (2) Todo ato bem sucedido enquadra-se ao postulado.
- (3) Todo fracasso prova que um ou mais requisitos do postulado não foram atendidos.

(Ilustração: Pode haver fracasso em compreender o caso, como quando um médico faz o diagnóstico errado, e seu tratamento prejudica o paciente. Pode haver fracasso em aplicar

o tipo certo de força, como quando um selvagem tenta apagar uma lâmpada elétrica com um sopro. Pode haver fracasso em aplicar a quantidade necessária de força, como Quando o lutador de luta livre perde a “chave” aplicada em seu oponente. Pode haver fracasso em aplicar a força de maneira certa, como quando alguém apresenta um cheque na janela errada de um banco. Pode haver fracasso em empregar o meio de transmissão adequado, como quando Leonardo Da Vinci viu suas obras primas desbotarem. A força pode ser aplicada ao objeto errado, como quando tentamos quebrar uma pedra pensando que é uma noz.)

(4) O primeiro requisito para provocar qualquer mudança é através do entendimento qualitativo e quantitativo das condições.

(Ilustração: A causa mais comum de fracasso na vida é a ignorância de nossa própria Verdadeira Vontade, ou dos meios pelos quais aquela Vontade pode ser realizada. Um homem pode se imaginar pintor, e no entanto fracassar em compreender e medir as dificuldades peculiares àquela carreira.)

(5) O segundo requisito para se provocar qualquer mudança é a habilidade prática para se colocar em movimento as forças necessárias.

(Ilustração: Um banqueiro pode Ter um conhecimento perfeito de uma certa situação, no entanto faltar-lhe a qualidade de decisão, ou o capital, necessários para aproveitar a ocasião.)

(6) Todo homem e toda mulher é uma estrela. Quer dizer, todo ser humano é intrinsecamente um indivíduo independente com seu papel e direção próprios.

(7) Todo homem e toda mulher tem um curso, dependendo parcialmente do indivíduo e parcialmente do ambiente, que é natural e necessário para cada um. Qualquer um que seja forçado a sair de seu próprio caminho, por não entender a si mesmo ou por oposição externa, entra em conflito com a ordem do Universo, e sofre de acordo.

(Ilustração: Podemos pensar que é nosso dever agir de um certo modo, tendo feito uma pintura imaginária de nós mesmos, ao invés de investigar sua Verdadeira Natureza. Uma mulher pode ser infeliz a vida inteira por julgar que ela prefere o amor ao prestígio social, ou vice-versa. Uma pode permanecer com um marido que ela não ama, quando na realidade seria feliz em um sótão com um amante, enquanto outra pode procurar uma aventura romântica quando na realidade seus únicos prazeres são aqueles de presidir a bailes de gala e jantares da sociedade. Os instintos de um menino podem levá-lo para o mar, enquanto seus pais insistem que ele se forme em medicina. Em tal caso, ele será tanto mal sucedido quanto infeliz na medicina.)

(8) Um homem cujo o desejo consciente disputa com sua Verdadeira Vontade está desperdiçando sua forças. Ele não pode esperar influenciar seu ambiente com eficiência.

(Ilustração: Quando explode uma guerra civil em um país, esse país não se encontra em condições de invadir outros países. Um homem com câncer emprega sua nutrição tanto para seu próprio uso como para uso do inimigo que é parte dele mesmo. Depressa ele se torna incapaz de resistir à pressão de seu meio ambiente. Na vida diária um homem que

está fazendo aquilo que sua consciência lhe diz que está errado o fará com muito pouca habilidade. A princípio!)

(9) Um homem que faz sua Verdadeira Vontade tem a inércia do Universo para ajudá-lo.

(Ilustração: A primeira condição de sucesso na evolução é que o indivíduo seja fiel à sua própria natureza e ao mesmo tempo se adapte ao seu meio ambiente.)

(10) A Natureza é um fenômeno contínuo, embora não saibamos, em todos os casos, como os fatos são conectados.

(Ilustração: A consciência humana depende das propriedades do protoplasma, a existência do qual depende inúmeras condições físicas peculiares a este planeta; e este planeta é determinado por equilíbrio mecânico do universo material inteiro. Nós podemos então dizer que nossa consciência está casualmente ligada com as galáxias mais remotas; no entanto não sabemos sequer como ela surge de – ou com – mudanças moleculares no cérebro.)

(11) A ciência nos torna aptos a tirar proveito da continuidade da Natureza pela empírica aplicação de certos princípios cuja interação envolve diferentes tipos de pensamentos, conectados uns aos outros de modo além de nossa atual compreensão.

(Ilustração: Nós somos capazes de iluminar cidades usando métodos totalmente pragmáticos. Nós não sabemos o que a consciência é, ou como ela se relaciona com a ação muscular; não sabemos o que a eletricidade é, ou como ela se relaciona com as máquinas que a geram; e nossos métodos dependem de cálculos que envolvem idéias matemáticas que não têm qualquer correspondência no universo tal como nós conhecemos.)

(12) O homem ignora a natureza de seu próprio ser e seus poderes. Até mesmo sua idéia e limitações estão baseados em suas experiências do passado, e cada passo no seu progresso aumenta seu império. E não há, por tanto, razão para se designar limites teóricos ao que se possa ser, ou mesmo o que ele possa fazer.

(Ilustração: Faz apenas vinte e poucos anos, era considerado teoricamente impossível que o homem pudesse chegar a conhecer a composição química das estrelas. Sabemos que nossos sentidos estão adaptados para perceber somente uma fração infinitesimal da escala de vibrações possíveis. Mas instrumentos modernos nos têm habilitado a determinar alguns desses supra-sensíveis por meios indiretos, e até a usar suas peculiares qualidades a serviço da humanidade, como no caso dos raios de Hertz e Röntgen. Como disse Tyndall, o homem pode a qualquer momento aprender a perceber e utilizar as vibrações de todos os tipos concebíveis e inconcebíveis. O problema da Magick é o descobrir e empregar forças naturais até agora desconhecidas. Nós sabemos que tais existem, e não devemos duvidar da possibilidade de instrumentos mentais ou físicos capazes de nos colocarem em relação com elas.)

(13) Todo homem sabe, mais ou menos, que sua individualidade compreende diversos tipos de existência, até mesmo ele sustenta que seus princípios mais sutis são simplesmente mudanças sintomáticas em seu corpo físico. Preceito similar pode ser

estendido a toda Natureza.

(Ilustração: nenhum de nós confunde dor de dentes com deterioração que é sua causa. Objetos inanimados sentem certas forças físicas, tais como condutividade elétrica ou térmica; mas nem em nós e nem neles – tanto quanto sabemos – há qualquer percepção direta consciente destas forças. Influências imperceptíveis estão por tanto associadas com todos os fenômenos materiais; e não há motivo por que não devamos agir sobre a matéria através dessas forças sutis, como fazemos através de suas bases materiais. De fato, nós utilizamos a força do magnetismo para mover o ferro, e a radiação solar para reproduzir imagens.)

(14) O Homem é capaz de ser e usar qualquer coisa que percebe; porque tudo que ele percebe é, de certo modo, uma parte de seu ser. Ele pode, desta forma, subjugar todo o Universo do qual ele é ciente a sua Vontade Individual.

(Ilustração: Nós temos usado a idéia de Deus para ditar nossa conduta pessoal, para obter poder sobre os nossos semelhantes, para desculpar nossos crimes, e para inumeráveis outros propósitos, inclusive aquele de nos realizarmos como Deus. Nós temos usado as concepções irracionais e irreais da matemática para nos auxiliarem a construir mecanismos. Nós temos usado nossa força moral para influenciar a conduta mesmo de animais selvagens. Nós temos empregado o gênio poético para fins políticos.)

(15) Toda força no Universo é capaz de ser transformada em qualquer tipo de força pelo uso dos meios adequados. Há, desta forma uma inesgotável fonte de qualquer tipo de força que precisemos.

(Ilustração: O calor pode ser transformado em luz e força quando é usado para impelir dinamos. As vibrações do ar podem ser usadas para matar homens, se as organizamos em um discurso de modo a inflamar paixões guerreiras. As alucinações relacionadas com as misteriosas energias sexuais resultam na perpetuação da espécie.)

(16) A aplicação de qualquer força afeta todo tipo de existência que esteja no objeto ao qual ela é aplicada, e qualquer um dos dois tipos é diretamente afetado.

(Ilustração: Se eu firo um homem com uma Adaga, a consciência dele, e não apenas seu corpo, é afetada por meu ato; se bem que a Adaga, como tal, não tem nenhuma relação direta com a consciência dele. Da mesma fora, a força do meu pensamento pode agir de tal maneira na mente de outra pessoa que pode chegar a produzir profundas mudanças físicas nessa pessoa, ou em outras pessoas através dela.)

(17) Um homem pode aprender a usar qualquer força, para servir a quaisquer propósitos, tirando proveito dos teoremas acima.

(Ilustração: Um homem pode usar uma navalha para se tornar vigilante sobre sua fala, cortando-se quando deixa escapar uma palavra que se proibiu dizer. Ele pode obter concentração determinando que todo incidente de sua vida lhe recordará alguma coisa particular, fazendo de cada impressão o ponto de partida de uma seqüência de pensamentos que termina naquela coisa. Ele pode também devotar todas as suas energias em um particular objetivo, resolvendo não executar coisa alguma que dirija daquele

objetivo, e fazer com que todo e cada ato tenda a realização daquele objetivo.)

(18) Ele poderá atrair para si mesmo, qualquer força do Universo, tornando-se um receptáculo adequado para isto, estabelecendo a conexão adequada às condições para que a natureza desta força faça fluir através dele.

(Ilustração: Se eu quero beber água pura, eu cavo um poço em um local onde haja água subterrânea; eu calafeto as paredes do poço; e eu tomo vantagem do fato que a água obedece às leis da hidrostática para encher o poço.)

(19) O senso que o homem tem de si mesmo como sendo um ser à parte e oposto a alguma coisa, o isola. O Universo é uma barra condutora de energia.

(Ilustração: Um líder popular tem tanto mais sucesso quanto mais esquece de si mesmo e pensa apenas na “causa”. O amor próprio engendra ciúmes e sisões. Quando os órgãos do corpo declaram sua presença ao consciente, isto é sinal de que estão doentes. A exceção única é o órgão da reprodução. E mesmo neste caso, sua auto-asserção é testemunha de sua insatisfação consigo mesmo, pois ele não pode satisfazer sua função senão quando completado por sua contraparte noutro organismo.)

(20) O homem pode somente atrair e empregar as forças para as quais ele é realmente apto.

(Ilustração: Você não pode fazer uma bolsa de couro com uma orelha de porco. O verdadeiro cientista aprende de qualquer fenômeno. Mas a natureza é muda para o hipócrita, pois nela nada há de falso.)

(21) Não há limite para a extensão das relações de cada homem com o Universo em essência; porque tão logo o homem se faça uno com qualquer pensamento, os meios de meditação param de existir. Mas seu poder em utilizar esta força é limitado por seu poder mental e capacidade, e pelas circunstâncias de seu ambiente.

(Ilustração: Quando um homem se apaixona, o mundo inteiro lhe parece ser amor imanente e ilimitado; mas seu estado místico não é contagioso; seus semelhantes se divertem ou se entediam com ele. Ele pode comunicar aos outros os efeitos que seu amor tem sobre ele apenas através de suas qualidades físicas e mentais. Assim Catullus, Dante e Swinburne fizeram de seus amores uma poderosa alavanca para mover a humanidade em virtude do poder que eles tinham de expressar seus pensamentos sobre o assunto em linguagem musical e eloqüente. De novo Cleópatra e outros em posições de autoridade moldaram o destino de muitas outras pessoas ao permitir que o amor influenciasse sua conduta política. O Magista, por mais que obtenha sucesso em estabelecer contato com as fontes secretas de energia na Natureza, pode usá-las apenas no âmbito permitido por suas qualidades intelectuais e morais. O contato de Maomé com Gabriel foi efetivo apenas por causa da habilidade de militar e de estadista de Maomé, e do seu sublime comando de língua árabe. A descoberta de Hertz dos raios que nós agora usamos para a telegrafia sem fio permaneceu estéril até ser refletida através das mentes e Vontades das pessoas capazes de tomar a verdade dele, e transmiti-la ao mundo da ação através de meios mecânicos e econômicos.)

(22) Cada indivíduo é essencialmente suficiente a si mesmo. Mas, ele é insatisfatório a si mesmo até que estabeleça uma correta relação com o Universo.

(Ilustração: Um microscópio, por mais perfeito que seja, é inútil nas mãos de selvagens. Um poeta, por mais sublime que seja, deve impor-se a sua geração se há de ser apreciado, e até de ser compreendido, como teoricamente deveria ser o caso.)

(23) Magick é a Ciência de entender a si mesmo e suas condições. É a arte de aplicar este entendimento à ação.

(Ilustração: Usa-se um bastão de golfe especial para mover uma bola especial de maneira especial em circunstâncias especiais. Um taco do tipo niblick raramente deve ser usado no golfe para se iniciar uma partida, ou um brasié com a inclinação de um areal. Mas também, o uso de qualquer tipo de bastão exige habilidade e prática.)

(24) Todo homem tem o direito de ser o que é.

(Ilustração: Insistir que qualquer pessoa deve se submeter aos nossos padrões pessoais é ultrajar, não só a outra pessoa, mas nós mesmos, desde que tanto a outra pessoa como nós somos igualmente oriundos da necessidade universal.)

(25) Todo homem que pratica Magick, cada vez que age ou pensa, visto que o pensamento é um ato interno cuja influência afeta, embora isto talvez não ocorra no momento.

(Ilustração: O mínimo gesto causa uma mudança no corpo de um homem e no ar em volta dele; perturba o equilíbrio do universo inteiro, e seus efeitos continuam eternamente através de todo o espaço. Todo pensamento, não importa quão depressa suprimido, tem seu efeito na mente. Permanece como uma das causas de todo pensamento subsequente, e tende a influenciar todo ato subsequente. Um jogador de golfe pode perder alguns metros em sua primeira tacada, um pouco mais com sua segunda e terceira; ele pode lançar a bola no gramado até alguns centímetros de distância do buraco; mas a soma final de cada um destes acidentes insignificantes equivale a perda de uma jogada inteira, e assim, provavelmente, a halving; e perder aquele buraco.)

(26) Todo homem tem o direito, o direito da auto-preservação, para satisfazer-se ao extremo.

(Ilustração: Uma função imperfeitamente executada agride, não só a si mesma, mas a tudo associado à ela. Se o coração tem receio de bater, com medo de perturbar o fígado, o mesmo fica sem sangue, então se vinga do coração causando perturbações na digestão, que, eventualmente, atrapalha a função respiratória, da qual depende o bem estar do coração.)

(27) Todo homem deveria fazer de Magick a chave de sua vida. Deveria aprender suas leis e viver por elas.

(Ilustração: O banqueiro deveria descobrir o verdadeiro significado de sua existência, o verdadeiro motivo que o levou a escolher aquela profissão. Ele deve compreender o

processo bancário como um fator necessário na existência econômica da humanidade, ao invés de apenas um negócio cujos propósitos independem do bem estar geral. Ele deveria aprender a distinguir falsos valores dos reais, e agir não de acordo com flutuações acidentais, mas de acordo com considerações de verdadeira importância. Um tal banqueiro se provará superior a outros, ele não será um indivíduo limitado por coisas transitórias, mas uma força natural, tão paciente e irresistível quanto as marés. Seu sistema não estará sujeito ao pânico mais do que a Lei dos Quadrados inversos é perturbada por Eleições. Ele não estará ansioso a respeito de seus negócios, porque eles não serão ‘dele’; e por este motivo ele será capaz de dirigi-los com a calma e esclarecida confiança de um observador à distância, com sua inteligência imperturbada por interesses pessoais, e seu poder livre de paixão.)

(28) Todo homem tem o direito de satisfazer seus desejos sem temer que isto possa interferir com o desejo dos outros; porque se ele estiver em seu caminho, a falha será dos outros caso interfiram com ele.

(Ilustração: Se um homem como Napoleão tivesse sido realmente designado pelo destino para controlar a Europa, ele não deveria ser acusado de exercer seus direitos. Opor-se a ele seria um erro. Qualquer pessoa assim fazendo teria se enganado quanto ao seu próprio destino, exceto quanto à sua necessidade de aprender as lições da derrota. O sol move-se no espaço sem interferência. A ordem da natureza provê uma órbita para cada estrela. Um choque prova que uma ou outra se afastou de seu curso. Mas quanto a cada homem que se mantém em seu verdadeiro curso, quanto mais firme ele age, menos pessoas se intrometem em seu caminho. Seu exemplo ajudá-los-á a encontrar seus próprios caminhos e segui-los. Todo homem que se torna um Magista ajuda outros a fazerem o mesmo. Quanto mais firme e com mais segurança o homem se mover, e quanto mais tal ação for aceita como padrão de moral, menos conflito e confusão atordoará a humanidade.)

Eu espero que os princípios acima expostos demonstrem a

TODOS

Que seu bem estar, sua própria existência, estão ligados à

MAGICK

Espero que eles compreendam, não só a razão, mas também a necessidade fundamental que eu fui encarregado de dar à humanidade.

“Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.”

Espero que eles se afirmem como individualmente absolutos, que eles percebam de fato que é seu direito sem imporem assim, e executarem a tarefa para qual a natureza deles os habilitou. Sim. Mais: Isto é o dever deles, dever não só para consigo mesmos, mas também para com seus semelhantes, um dever fundamentado na necessidade fundamental, que não pode ser negligenciado devido a qualquer casual circunstância momentânea que aparenta colocar uma tal conduta sob o aspecto de inconveniência ou mesmo e crueldade.

Espero que os princípios acima os auxiliem a compreender esse livro e possibilite que o estudo chegue a ser impossibilitado pela linguagem mais ou menos técnica em que o livro está escrito.

A essência de

MAGICK

é em verdade muito simples. Passa-se com ela o que se passa com a arte de governar. A finalidade desta é simplesmente prosperidade pública; mas a teoria está embaralhada, e a prática emaranhada de espinhos.

Da mesma forma, a

MAGICK

consiste simplesmente em ser e fazer. Eu dever ia adicionar “sofrer”. Pois Magick é verbo; e é parte do treino usar voz passiva. Isto, entretanto, é mais uma matéria de iniciação que de Magick no senso ordinário da palavra. Não é minha culpa se “ser” é desnorante, e “fazer ” é desesperador!

Porém, uma vez os princípios acima estejam fixados a mente, é bastante fácil resumir a questão. Nós devemos descobrir para nós mesmos, e nós asseguramos além de qualquer dúvida, quem somos, o que somos, e por que somos. Isto feito, podemos formular em palavras a Vontade que está implícita no “porque” ou antes, podemos formula-la em Uma Palavra. Estando assim cômicos no curso de ação apropriado, o passo seguinte é compreender as condições necessárias para seguir este curso. Após isto, devemos eliminar de nós mesmos todo elemento estranho ou hostil ao sucesso, e desenvolver essas partes nossas que são especialmente necessárias ao controle das condições previamente mencionadas.

Estabelecemos uma analogia. Uma nação deve se tornar consciente de seu próprio caráter antes que possamos dizer que ela existe. Daquele conhecimento ela deve adivinhar o seu destino. Deve então considerar as condições políticas do mundo: como outros países podem auxiliá-la ou impedi-la. Deve então destruir em si mesma quaisquer elementos discordantes de seu destino. Finalmente, deve desenvolver aquelas qualidades que habilitam combater com sucesso as condições externas que ameaçam se opor ao seu propósito. Nós tivemos um exemplo recente no caso do jovem Império Germânico que, conhecendo a si mesmo e à sua Vontade, treinou e se disciplinou, dessa forma tratou de conquistar os países vizinhos, que o haviam oprimido durante muitos séculos. Mas após 1866 e 1870, 1914! Enganou-se a se considerar sobre-humano, quis uma coisa impossível, fracassou em eliminar seus conflitos e animosidades internas, falhou em compreender as condições de vitória, não treinou para vencer as fronteiras marítimas, e assim, tendo violado todos os princípios da

MAGICK

foi derrubado e despedaçado por provincialismo e democracia, e nem excelência individual e nem virtude cívica tem sido capazes de elevá-lo novamente àquela unidade

majestosa que ousou aspirar à maestria da raça humana.

O estudante sincero descobrirá, atrás das tecnicidades simbólicas deste livro, um método prático e se tornar uma Magista. Os processos descritos lhe permitirão distinguir entre aquilo que ele na realidade é e as coisas que ele se imaginou ser. Ele deve contemplar sua alma em sua plena e terrível nudez; ele não deve temer ver aquela pavorosa realidade. Ele deve abandonar as vistosas roupagens com que sua vergonha o cobriu; ele deve aceitar o fato que nada pode fazer dele o que quer que seja senão aquilo que ele é. Ele pode mentir para si mesmo, embriagar-se, esconder-se; mas ele está sempre ali. A Magick lhe ensinará que sua mente está o traindo. É como se dissessem que manequins de alfaiate são o padrão da beleza humana, de forma que ele tentasse se tornar informe e inexpressivo com eles, e tremesse de horror à idéia deter seu retrato pintado por Holbein. A Magick lhe ensinará a beleza e a majestade do ente que ele tem tentado suprimir e disfarçar.

Tendo descoberto sua identidade, cedo ele perceberá seu propósito. Outro processo lhe ensinará como tornar aquele propósito puro e poderoso. Ele então aprenderá a avaliar seu meio ambiente e encontrar aliados, como prevalecer contra todos os poderes cujo erro fez com que eles se intrometessem no caminho dele.

No curso deste Treino ele aprenderá a explorar os Mistérios Ocultos da Natureza e a desenvolver novos sentidos e faculdades em si mesmo, através dos quais ele poderá comunicar-se com, e controlar, Entes e Forças pertencentes a Ordens de existência que foram até agora inacessíveis à pesquisa profana, e estiveram à disposição apenas da

MAGICK

não científica e empírica (tradicional) que eu vim destruir para que ela pudesse ser cumprida.

Eu envio este livro ao mundo para que todo homem e toda mulher possam tomar as rédeas de sua própria vida e em suas próprias mãos da maneira apropriada. Não importa se a casa carnal presente de qualquer pessoa é o casebre de um pastor; por virtude de minha

MAGICK

ele será um pastor qual foi Davi. Se for o estúdio de um escultor, ele de tal forma esculpirá de si mesmo o mármore que vela sua idéia de que ele se tornará um Mestre não menor que Rodin.

Testemunha minha mão:

TO MEΓA ΘHPION (zvyrt): 1 A BESTA 666; MAGUS 9º = 2º A. . A. .

que a Palavra do Æon é THELEMA; cujo nome é

V.V.V.V.V. 8º = 3º A. . A. .

na Cidade das Pirâmides;

OU MH 7°= 4°;

OL SONUF VAOR ESAGI 6°= 5°;

e

..... 5°= 6° A.·A.·.

na montanha de Abiegnus; mas

FRATER PERDURABO

na Ordem Externa da A.·A.·.,

e no mundo dos homens sobre a Terra,

Aleister Crowley de Trinity College, Cambridge.

A Teoria Mágica do Universo

EXISTEM TRÊS teorias principais do universo em filosofia: Dualismo, Monismo e Niilismo. É impossível discutirmos os méritos relativos de cada uma em um manual popular deste tipo. Elas devem ser estudadas em compêndios de História da Filosofia como o de Erdmann.

Todas as três são reconciliadas e unificadas na teoria que esporemos a seguir. A base desta harmonização é dada por Crowley no ensaio “Berashith”, ao qual fazemos algumas referências.

O Espaço infinito é chamado a Deusa NUIT, e o ponto infinitamente pequeno e atômico, no entanto, Onipresente, é chamado de HADIT. Estes são imanifestos. Uma conjunção destes dois infinitos é chamada RA-HOOR-KHUIT, uma Unidade que inclui e dirige todas as coisas.

(Existe também uma natureza especial dele, em certas condições, tais como as ativas desde a Primavera de 1904 e.v.). Esta concepção profundamente mística está baseada em experiência espiritual iniciática; mas mesmo a razão, se treinada, alcança um reflexo desta idéia pelo método de contradições lógicas, que termina com a razão transcendendo a si mesma. O leitor deveria consultar “O Soldado e o Corcunda” em Equinox I (1), e Konx Om Pax.

A Unidade transcende a Consciência. Está acima de toda divisão. O Pai do pensamento – a palavra – é chamado CHAOS – a díada. O número três, a Mãe, é chamada BABALON. Quanto a isto, o leitor deveria estudar “O Templo do Rei Salomão” em Equinox I (5) e Liber 418.

Esta primeira tríade é em sua essência uma Unidade, de uma forma que transcende a razão. A compreensão desta tríade é o resultado da experiência espiritual. Todos os verdadeiros Deuses são atribuídos a esta Trindade.

Um imensurável Abismo separa essa Trindade de todas as manifestações da razão ou das

qualidades mais baixas do homem. Analisando por completo a razão, verificamos que ela é idêntica a esse Abismo. No entanto, este Abismo é a Coroa da mente. Faculdades puramente intelectuais estão todas contidas ali. Este abismo não tem número, pois nele tudo é confuso.

Abaixo deste abismo, encontramos as qualidades morais do homem, das quais existem seis. Sua natureza é paternal; misericórdia e autoridade são os atributos de sua dignidade.

O número cinco está equilibrado com o quatro. Os atributos de cinco são Energia e Justiça. Quatro e cinco são combinados e harmonizados no número seis, cuja natureza é Beleza e harmonia, Mortalidade e Imortalidade.

No número sete a natureza feminina predomina novamente, mas é o tipo masculino da fêmea, a Amazona que é equilibrada no número oito pelo tipo feminino do macho.

No número nove alcançamos a última das qualidades puramente mentais. Este número identifica Mudança com Estabilidade.

Pendendo a este sistema está o número dez que inclui toda matéria tal como a conhecemos através dos sentidos.

É impossível explicarmos aqui definitivamente a concepção acima; pois não pode ser claramente compreendido que isto é uma classificação do Universo; não existe coisa alguma que não possa ser colocada aí; tudo está incluído.

O artigo sobre Qabalah em Equinox I (5) é o melhor que já foi escrito sobre o assunto. Deveria ser profundamente estudado em conexão com os Diagramas Qabalísticos nos números 2 e 3 do “Templo do Rei Salomão”.

O que foi escrito acima é o esboço cru e elementar deste sistema.

A fórmula do TETRAGRAMMATON é a mais importante de todas para o Magista praticante. Aí, Yod= 2, He= 3, Vau=4 a 9 e He= 10.

O número Dois representa Yod, o mundo divino ou arquetípico, e o número Um só pode ser atingido pela destruição do Magista em Samadhi. O mundo dos Anjos está sob os números de Quatro a Nove, e o dos Espíritos sob o número Dez.

Todos estes números são, é claro, partes do Magista, considerando-o como Microcosmo. O Microcosmo é uma imagem exata do Macrocosmo; a Grande Obra consiste em levar o homem inteiro em completo equilíbrio à potência do Universo.

O leitor observará que toda tentativa de criticar a Hierarquia Mágica é fútil. Não se pode chamá-la de incorreta; o máximo que se poderia dizer é que ela é inconveniente. Da mesma forma, não podemos dizer que o alfabeto latino seja melhor ou pior do que o alfabeto grego para representar línguas ocidentais, pois todos os sons destas podem ser mais ou menos satisfatoriamente representados pelas letras de qualquer dos dois; no entanto, ambos se mostram tão insatisfatórios para representar os fonemas de idiomas orientais que foi necessário acrescentar o uso de itálicos e outras regras diacríticas. Da mesma maneira, nosso alfabeto Mágico das Sephiroth e dos caminhos (trinta e dois no

total) foi expandido nos Quatro Mundos que correspondem às quatro letras do nome יהוה; e convencionou-se que cada Sefirah contém a Árvore da Vida em si mesma.

Assim, temos quatrocentas Sephiroth ao invés das Dez originais, e os caminhos podendo ser similarmente multiplicados, ou antes, subdivididos, o número é expandido ainda mais. É claro que este processo poderia ser continuado indefinidamente sem destruir o sistema original.

A Apologia por este Sistema é que suas mais puras concepções são simbolizadas pela matemática. “Deus é o Grande Arquiteto”. “Deus é Grande Geômetra”. É melhor portanto prepararmo-nos para entendê-lo organizando nossas mentes de acordo com essas medidas.

Continuando: Cada letra deste alfabeto pode ter seu símbolo Mágico especial. O estudante não deve esperar que lhe demos uma definição dogmática definitiva e exata do que é significado por cada uma destas coisas. Pelo contrário, ele deve trabalhar em retrospecto, colocando toda a sua estrutura mental e moral nestas classes. Você não espera comprar um fichário com os nomes de todos os seus correspondentes passados, presentes e futuros registrados de antemão; o fichário contém um sistema de letras e números sem significados em si mesmos, mas prontos a adquirir significado para você à medida que vá preenchendo as fichas. Seus negócios se expandindo, cada letra e número adquirirá significado para você; e adotando este arranjo você terá todas as suas atividades “na ponta dos dedos”, por assim dizer, coordenadas e prontas a cada momento para exame, verificação e uso; muito mais do que você teria de outra forma. Pelo uso deste sistema o Magista ultimamente é habilitado a unificar todo seu conhecimento a transmutar, mesmo no plano intelectual, os muitos do Um.

O leitor poderá agora compreender que o esquema acima dado da Hierarquia Mágica não é sequer um esboço da verdadeira teoria do universo. Esta teoria pode de fato ser estudada no artigo já mencionado, Equinox I (5) e, mais profundamente, no Livro da Lei e seus comentários pertinentes, mas a verdadeira compreensão depende inteiramente do próprio trabalho do Magista. Não havendo Experiência Mágica, não pode haver significado.

Nisto nada há de peculiar. O mesmo ocorre com todo conhecimento científico. Um cego poderia acumular dados sobre astronomia para passar em um exame, mas seu conhecimento estaria quase que inteiramente sem relação com sua experiência e certamente não lhe outorgaria a faculdade de visão. Um fenômeno similar pode ser observado quando um cavalheiro possuidor de um diploma honorário de Cambridge em línguas modernas chega em Paris e é incapaz de ordenar o seu jantar. Acusar o MESTRE THERION seria agir como uma pessoa que, observando o cavalheiro em questão, atacasse os professores de francês quanto os habitantes de Paris, e passasse talvez, a negar a existência da França.

Repetimos que a linguagem Mágica não é mais que um sistema conveniente de classificação para habilitar o Magista a fichar suas experiências à medida que ele as obtém.

No entanto, isso também é fato: que uma vez a linguagem esteja dominada, nós podemos adivinhar o desconhecido por estudo do conhecido, como nosso conhecimento do latim e do grego nos habilita a compreender uma palavra inglesa derivada destes idiomas. Também, há o caso similar da Lei de periodicidade em Química, que habilitou cientistas a predizerem, e por fim descobriram, a existência na natureza de certos elementos previamente inexistentes. Todas as discussões sobre filosofia são necessariamente estéreis, pois a verdade transcende a linguagem. Tais discussões são, entretanto, úteis, se empurradas ao extremo suficiente – se empurradas ao ponto em que se torna aparente que todos os argumentos são argumentos em círculo. Nas discussões dos detalhes de qualidades puramente imaginárias são frívolas, e podem se tornar mortíferas. Pois o grande perigo desta teoria Mágica é que o estudante pode tomar o alfabeto pelas coisas que as palavras representam.

Um excelente homem de grande inteligência, Qabalista mui letrado, em certa ocasião espantou o MESTRE THERION ao asseverar que a Árvore da Vida é a estrutura do universo. Isso é como se alguém afirmasse seriamente que um gato é uma criatura construída ao colocarmos as letras G.A.T.O. nesta ordem. Não espanta que a Magick tenha provocado o ridículo das pessoas menos inteligentes se até seus estudantes educados podem cometer uma violação tão grosseira das mais simples regras do bom senso.

Uma sinopse dos Graus da A.º.A.º. como ilustrativos da Hierarquia Mágica no homem é dada em “Uma Estrela à Vista”. Este opúsculo deveria ser examinado antes do leitor continuar com a leitura deste capítulo. O assunto é muito difícil. Tratar dele por inteiro estaria completamente além dos limites deste pequeno tratado.

Mais Sobre o Universo Mágico

Todas estas letras do alfabeto Mágico a que nos referimos acima são como nomes em um mapa. O homem é, ele mesmo, um completo Microcosmo. Poucos outros seres possuem essa equilibrada perfeição. É claro que todo Sol, todo Planeta, podem Ter habitantes similares constituídos. Mas quando nós falamos de lidar com planetas na Magick, em geral a referência não é aos planetas em si, mas as partes da terra que são da natureza atribuída a esses planetas. Assim, quando dizemos que Nakhiel é a “Inteligência” do Sol, não queremos dizer que Nakhiel vive no Sol, mas apenas que Nakhiel pertence a uma certa “classe” e tem um certo caráter; e se bem que nós podemos “invocar Nakhiel”, isso quer necessariamente dizer que ele “existe” no mesmo senso em que nosso açougueiro “existe”.

Quando nós “conjuramos Nakhiel a aparição visível”, pode ser que o processo que usamos se assemelhe muito mais a criação – ou antes, a imaginação – do que a invocação. A aura de um homem é chamada de o “Espelho Mágico do Universo”, e, tanto quanto podemos afirmar, nada existe fora desse espelho. É pelo menos conveniente representar o todo como se fosse o subjetivo. Causa menos confusão. E, como o homem é um perfeito Microcosmo, torna-se perfeitamente fácil remodelar nossa concepção a qualquer momento para incluir novas descobertas.

Agora, existe uma correspondência tradicional que recente verificação comprovou

merecer certa confiança. Existe uma certa conexão natural entre certas letras, palavras, números, gestos, formas, perfumes, etc., de maneira que qualquer idéia, ou, como poderíamos chamá-las, “espírito”, pode ser composto ou invocado pelo uso dessas coisas que lhe são harmoniosas, e que expressam partes particulares de sua natureza.

Essas correspondências foram cuidadosamente registradas em 777, de uma maneira muito conveniente compreensiva. Será necessário que o estudante faça um estudo cuidadoso deste livro em conexão com alguns rituais práticos de Magick, por exemplo, o da evocação de Taphtatharath, onde ele verá exatamente porque estas coisas devem ser usadas. Claro, à medida que o estudante progride em conhecimento através da prática, ele encontrará uma progressiva sutileza no Universo Mágico, que corresponde à sua própria; pois, - diga-se uma vez mais! – não é só a aura do estudante um Espelho Mágico do Universo, mas o universo é um Espelho Mágico da aura dele.

Neste capítulo nós podemos dar apenas uma pequena idéia da teoria Mágica, pois neste assunto, podemos quase dizer, é co-extensivo com a existência inteira de cada um de nós.

O conhecimento da ciência exotérica está comicamente limitado pelo fato de que não temos acesso, a não ser de maneira mais indireta, a qualquer corpo celeste senão o nosso. Nos últimos anos, o homem semi-educado adquiriu a impressão de que sabe muito sobre o universo, e o principal motivo desta impressão usualmente é o Sputnik ou a bomba atômica. É triste lermos sobre a bombástica tolice escrita sobre “progresso” por jornalistas e outras pessoas que desejam evitar que os homens pensem. Nós sabemos pouquíssimo sobre o universo material. Nosso conhecimento detalhado é tão exíguo que quase não vale a pena mencioná-lo, a não ser que pelo fato nossa vergonha nos estimule a novos esforços. O pouco conhecimento que nós temos de caráter abstruso e genérico, de caráter filosófico e, quase diríamos, Mágico. Consiste principalmente nas concepções da matemática abstrata. É, por tanto, quase legítimo dizermos que a matemática abstrata é nosso elo com o resto do universo e com “Deus”.

Ora, as concepções da Magick são, elas mesmas, profundamente matemáticas. A base de toda nossa teoria é a Qabalah, que cor responde à matemática e à geometria. O método de operação na Magick está baseado na Qabalah, muito da mesma forma que as leis da mecânica estão baseados na matemática. Tanto, pois, quanto poderíamos dizer que possuímos uma teoria Mágica do universo, ela estará circunscrita apenas a leis fundamentais, com umas poucas proporções simples e compreensíveis expressadas de maneira muito generalizada.

Eu poderia passar uma vida inteira experimentando os detalhes de um plano, da mesma maneira que um explorador poderia dedicar sua existência inteira a um recanto da África, ou um químico a um subgrupo de compostos. Cada uma de tais pormenorizadas peças do estudo pode ser muito valiosa; mas em regra não esclarece os princípios gerais do universo. Sua verdade é a verdade de um ângulo. Pode até conduzir ao erro, se alguma pessoa de menos inteligência começar a generalizar partindo de demasiados poucos fatos.

Imagine um marciano que desejasse filosofar sobre a terra, e não tivesse nada que se basear a não ser um diário de um terráqueo explorando o Pólo Norte! Mas o trabalho de todo explorador, sobre qualquer ramo da Árvore da Vida que seja, é imensamente

auxiliado por uma compreensão dos princípios gerais. Todo Magista, portanto, deveria estudar a Santa Qabalah. Uma vez ele tenha dominado os princípios gerais, ele verá que seu trabalho se torna mais fácil.

Solitur ambulando: o que não quer dizer: “Chame a ambulância!”

Os Princípios do Ritual

EXISTE UMA única definição geral do propósito de qualquer Ritual Mágico: É a união do Microcosmo com o Macrocosmo. O Supremo e Completo Ritual é portanto a Invocação do Sagrado Anjo Guardião; ou, na linguagem do misticismo, União com Deus.

Todos os outros Rituais Mágicos são casos particulares deste princípio geral, e a única desculpa para utilizarmos consiste em que algumas vezes uma porção particular do Microcosmo é tão fraca que sua imperfeição de impureza viciaria o Macrocosmo, do qual ele é a imagem, Eidolon, ou reflexo. Por exemplo, Deus está além do sexo; portanto nem o homem e nem a mulher, como tais, podem ser considerados como abarcando por completo, muito menos como representando, Deus. É portanto de suma importância que o Magista macho cultive as virtudes femininas nas quais ele é deficiente, e esta tarefa ele deve, claro, executar sem prejudicar de forma alguma a sua virilidade. Será tão permissível que um Magista invoque Ísis e se identifique com ela; se ele fracassar nisto, sua apreensão do universo quando ele atingir Samadhi não incluirá a concepção da maternidade. O resultado será uma limitação metafísica e - por corolário - uma limitação ética na religião que ele fundar. Judaísmo e Islamismo são flagrantes exemplos desse fracasso.

Para dar outro exemplo, a vida ascética, que a dedicação à Magick tão freqüentemente provoca, indica uma fraca natureza íntima do Asceta, uma limitação, uma falta de generosidade. A natureza é infinitamente prodigiosa - nem sequer uma semente em um milhão chega a dar fruto. Quem tem dificuldade em perceber isso, que invoque Júpiter.

O perigo da Magick Cerimonial - o perigo mais sutil e mais profundo - é este: o Magista naturalmente tenderá a invocar aquele ente parcial que mais fortemente o atrai, de forma que seu excesso natural naquela direção será exagerado ainda mais. Portanto, que ele, antes de começar sua Obra, se esforce por traçar o plano de seu próprio Ser, e arranje suas invocações de maneira a restabelecer o balanço.

Isto, é claro, deveria Ter sido feito, até certo ponto, durante a preparação das Armas e o mobiliário do Templo.

Considerando de uma maneira mais particular essa questão a natureza do Ritual suponhamos que o Magista se percebe sem aquela percepção do valor da Vida e da Morte, tanto de indivíduos como de raças, que é característico da natureza. Ele tem talvez uma tendência de acentuar a “primeira nobre verdade” enunciada por Buda de que “tudo é sofrimento”. A Natureza, aos seus olhos, é uma tragédia. Talvez ele já tenha experimentado o Grande Trance chamado Dor. Ele deveria então ponderar se não existe alguma Deidade que expressa esse Ciclo, e no entanto cuja natureza seja alegria. Ele encontrará o que ele necessita em Dionísio ou Baco. A distorção desses rituais forma o Mistério central da religião Cristã.

Existem três métodos especiais de invocar qualquer Deidade.

O primeiro método consiste em devoção àquela Deidade, e sendo principalmente místico por natureza, não é necessário discuti-lo aqui, principalmente desde que uma perfeita instrução existe em Liber 175.

O segundo método é a invocação cerimonial. É o método que usualmente era empregado na Idade Média. Sua vantagem é que ele é um método direto, porém, sua desvantagem é ser cru. A “Goécia” dá clara instrução neste método, e assim fazem muitos outros Rituais, negros e brancos. Mais adiante dedicamos algum espaço a clara exposição desta Arte.

No caso de Baco, entretanto, podemos esboçar o método de proceder. Observamos que o simbolismo de Tiphareth expressa a Natureza de Baco. É então necessário construir um Ritual de Tiphareth. Abrindo o Liber 777 veremos, na linha 6 de cada coluna, as várias partes das correspondências necessárias. Tendo organizado tudo na devida forma, nós exaltamos a mente através de repetidas invocações ou conjuração até atingirmos a mais alta concepção daquele Deus; até que, em um senso ou outro da palavra, Ele nos aparece e inunde nossa consciência com a Luz de Sua Divindade.

O terceiro método é o dramático, talvez o mais atraente de todos; certamente assim o é para aqueles de temperamento artístico, pois apela à imaginação por meio dos sentidos.

Sua vantagem está principalmente na dificuldade de sua execução por uma só pessoa. Mais tem a sanção da mais alta antigüidade, e é provavelmente o mais útil para se fundar uma religião. É o método da Cristandade católica, e consiste na Dramatização da lenda do deus. A peça intitulada Bacchaerde Eurípidés, é um magnífico exemplo de um Ritual dramático; assim também, se bem que em menos Grau, é a Missa romana. Nós podemos ainda mencionar muitos dos Graus da Maçonaria, principalmente o terceiro. O Ritual 5º=6º é outro exemplo.

No caso de Baco, primeiro comemoramos seu nascimento de uma mãe mortal que entregou sua Casa-de-Tesouro ao Pai de Tudo; o ciúme e raiva excitados por esta encarnação, e a proteção celeste outorgada ao menino. Em seguida, deve-se comemorar a jornada em direção ao ocidente montando sobre um asno. Agora chega a grande cena do drama; o gentil, lindo mancebo com seus seguidores (principalmente mulheres) parece ameaçar a ordem estabelecida das coisas, e aquela Ordem estabelecida se prepara para por fim ao perigo. Vemos Dionísio confrontar o Rei enfurecido, não com desafio, mas com doçura; no entanto com uma sutil confiança, um riso disfarçado. Ele está coroado de vinha. Ele fica afeminado com essas folhas que coroa sua cabeça? Mas as folhas ocultam chifres. O rei Penteu, que representa o respeito, é destruído por seu orgulho. Ele sobe as montanhas para atacar as mulheres que seguiram Baco, o mancebo que ele escarneceu, fustigou e encadeou, o qual no entanto apenas sorriu; e por estas mulheres, embriagadas de êxtase, divinamente enlouquecidas, ele é despedaçado.

Já nos parece impertinente ter dito tanto quando Walter Pater contou a história com tanta simpatia e percepção. Não nos alongaremos em demonstrar a identidade desta lenda com o curso da natureza, com a loucura desta, com sua prodigalidade, sua intoxicação, sua alegria, e acima de tudo sua sublime persistência através dos ciclos de Vida e Morte. O

leitor pagão deve se esforçar por isto nos Estudos Gregos de Pater, e o leitor cristão o reconhecerá, incidente por incidente, como o conto de Cristo. Essa lenda é simplesmente a dramatização da primavera.

O Magista que deseja invocar Baco através do método dramático deve portanto organizar uma cerimônia em que ele assuma o papel de Baco, incorre as peripécias do Deus, e emerge triunfante além da morte. Ele deverá, entretanto, estar em guarda contra a possibilidade de confundir o simbolismo. Nesta lenda, por exemplo, a doutrina de imortalidade individual foi inserida para degradação da verdade primitiva. Não é aquela parte completamente sem valor do homem, sua consciência individual como John Smith, que desafia a morte – aquela consciência morre e renasce com cada pensamento! – O que persiste (se alguma coisa persiste) é a verdadeira essência de John Smith, uma qualidade da qual ele provavelmente nunca se tornou consciente a sua vida inteira.

Mesmo aquilo não persiste sem mudança. Está sempre crescendo. A Cruz é um graveto seco, e as pétalas da Rosa caem e apodrecem; mas na união da Cruz e da Rosa há uma constante sucessão de novas vidas. Sem esta união, e sem esta morte do indivíduo, o ciclo seria interrompido.

Nós dedicaremos um capítulo à remoção das dificuldades práticas deste método de Invocação. Sem dúvida, terá sido notado pela astúcia do leitor que no essencial estes três métodos são um. Em cada caso, o Magista se identifica com a Deidade invocada. Invocar é chamar para dentro, interiorizar, da mesma forma que evocar é chamar para fora, exteriorizar. Essa é a diferença essencial entre os dois ramos da Magick. Em Invocação o Macrocosmo inunda a Consciência. Em Evocação, o Magista, tendo se tornado o Macrocosmo, cria um Microcosmo. Você invoca um Deus para dentro do círculo. Você evoca um Espírito para dentro do Triângulo. No primeiro método, identidade com o Deus é conseguida por amor e rendição, por abandono ou supressão de todas as partes irrelevantes (e ilusórias) de você mesmo. É o mesmo que limpar um jardim.

No segundo método, a identificação é conseguida por concentração na parte desejada de você mesmo: positivo, enquanto o primeiro método é negativo. O segundo método equivale a colocar uma flor particular do jardim em um pote e regá-la, e expô-la ao Sol.

No terceiro método, a identificação é conseguida por simpatia. É muito difícil para o homem ordinário identificar-se por completo com o personagem de uma peça ou de uma novela; mas para aqueles que assim podem fazer, este método é indubitavelmente o melhor.

Observe: cada elemento deste ciclo é de valor idêntico. É errôneo dizer, triunfante, “Mors janua vitæ”, a não ser que você acrescente, com igual triunfo, “Vita janua mortis”. Para aquele que compreende esta cadeia de Aeons do mesmo ponto de vista da Ísis sofredora e do Osíris triunfante, sem esquecer o elo entre eles representado pelo destruidor Apófis, não existe nenhum segredo da natureza que permaneça velado. Ele grita aquele nome de Deus que através da história tem sido ecoado de uma religião a outra, o infinito, essurgente pæan I.A.O.!

As Fórmulas das Armas Mágicas

ANTES DE DISCUTIRMOS as Fórmulas Mágicas em detalhe, devemos observar que rituais em sua maioria são compostos, e contém muitas Fórmulas que devem ser harmonizadas em uma única Fórmula.

A primeira Fórmula é da Baqueta. Na esfera do princípio que o Magista deseja invocar ele se ergue de estágio a estágio em uma linha perpendicular, e depois desce; ou então, começando do topo, ele desce diretamente, invocando o Deus daquela esfera por devota súplica para que Ele se digne enviar o Arcanjo apropriado. Ele então solicita ao Arcanjo que lhe envie o Anjo ou Anjos daquela esfera como auxílio; Ele conjura este anjo ou Anjos que lhe envie a Inteligência em questão, e esta Inteligência ele conjurará com autoridade, para que ela compila a obediência do Espírito e sua manifestação. A este espírito ele dá ordens.

Será visto que esta é mais uma Fórmula de evocação do que de invocação. Para invocação, o procedimento, se bem que aparentemente é o mesmo, deveria ser interpretado de outra forma, o que o colocará sobre outra Fórmula, a do TETRAGRAMMATON. A essência da força invocada é única, mas o Deus representa o germe ou início da força, o Arcanjo o desenvolvimento desta, e assim até que, com o Espírito, nós temos a compleição e perfeição daquela força.

A Fórmula do Cálice não é tão apropriada quanto a da Baqueta para Evocações, e a Hierarquia Mágica não está envolvida da mesma forma; pois o Cálice sendo passivo antes que ativo, não é apropriado que o Magista o utilize para com o que quer que seja senão o Altíssimo. No trabalho prático, o Cálice representa pouco mais que a oração, e esta oração é “a oração do silêncio”.

Novamente, a Fórmula da Adaga não é apropriada a nenhum dos dois propósitos, uma vez que a natureza da Adaga é criticar, destruir, dispersar, e todas as verdadeiras cerimônias Mágicas tendem a concentração. A Adaga portanto aparecerá principalmente nos Banimentos, preliminares às Cerimônias.

A Fórmula do Pantáculo é, novamente, de pouco uso aqui; pois o Pantáculo é inerte. Em suma, a Fórmula da baqueta é a única com a qual necessitamos nos preocupar mais particularmente.

Agora, a fim de se invocar qualquer ente, é dito por Hermes Trimegistus que os Magos empregam três métodos. O primeiro é para as pessoas vulgares, é o da súplica. Nisto, a crua teoria objetiva é assumida como verdadeira. Existe um Deus chamado A, a quem você, B, pede coisas, precisamente no mesmo senso em que um menino poderia pedir ao seu pai uma mesada.

O segundo método envolve um pouco mais de sutileza, porquanto o Magista busca harmonizar-se com a natureza do Deus, e até certo ponto exalta sua consciência no decurso da cerimônia; mas o terceiro método é o único que merece nossa consideração.

Isto consiste em uma real identificação do Magista com o Deus. Note que para conseguir isto com perfeição é necessário uma espécie da Samadhi; e este fato por si só é o suficiente para ligar irrevogavelmente a Magick com o Misticismo.

Descrevemos o método Mágico de identificação. Primeiro, a forma simbólica do Deus é estudada com tanto cuidado quanto um artista daria ao seu modelo, de maneira que uma idéia mental completamente firme e clara do Deus esteja presente na mente. Também, os atributos do deus são formulados em linguagem, e tais discursos são decorados por completo. A invocação então começará com uma oração ao Deus, comemorando os atributos físicos deste, sempre com uma profunda compreensão dos verdadeiros significados desses atributos. Na segunda parte da invocação, a vós do Deus é ouvida, e seu discurso característico é recitado.

Na terceira parte da invocação o Magista assevera sua identidade com o Deus. Na quarta parte, o Deus é novamente invocado, mas desta vez como se fosse Si Mesmo, como se fosse a enunciação da Vontade do deus que Ele se manifeste no Magista. Ao final disto, o propósito original da invocação é afirmado.

Assim, na invocação de Thoth que é encontrada no ritual de Mercúrio e em Liber LXIV, a primeira parte começa com as palavras “Majestade da Divindade, TAHUTI coroadado de saber, Tu, Tu eu invoco. Ó Tu cabeça de Íbis, Tu, Tu eu invoco”, etc. A conclusão desta parte, uma imagem mental do Deus, infinitamente vasta e infinitamente esplêndida, deveria ser percebida, no mesmo senso em que um homem poderia ver o Sol.

A segunda parte começa com as palavras:

“Vede! Eu sou ontem, hoje e o irmão do amanhã.”

O Magista deveria imaginar que ele está ouvindo esta voz, e ao mesmo tempo que ele está ecoando, de forma que é verdadeira dele mesmo. Este pensamento deveria exaltá-lo a tal ponto que ele se torne capaz, à sua conclusão, de pronunciar as sublimes palavras que abrem a terceira parte: “Vede! Ele está em mim, e eu nele.” Neste momento, ele perde a consciência de seu ser mortal; é aquela imagem mental que ele previamente apenas viu. Esta divina consciência se completa a medida que ele prossegue: “Minha é a Luz na qual Ptah flutua sobre seu firmamento. Eu viajo no alto. Eu caminho sobre o firmamento de Nu. Eu ergo uma flama faiscante com os relâmpagos do meu olho: sempre me arremessando no esplendor do diariamente Glorificado Ra, dando minha vida àqueles que pisam sobre a Terra!” Este pensamento dá a relação entre Deus e o Homem do ponto de vista Divino.

O Magista só é chamado de a si mesmo à conclusão da terceira parte; em que ocorre, quase como um acidente, a frase: “Portanto todas as coisas obedecem às minhas palavras.” No entanto, na quarta parte, ele principia: “Portanto vem tu a mim,” não é realmente o Magista que se dirige ao Deus; é o Deus que ouve as palavras, muito distantes, do Magista. Se esta invocação foi corretamente executada, as palavras da quarta parecerão distantes e estranhas. É surpreendente que um boneco (assim o Mago agora aparece a si mesmo) seja capaz de falar!

Os Deuses egípcios são tão completos em sua natureza, tão perfeitamente espirituais e no entanto tão perfeitamente materiais, que esta única invocação é o suficiente. O Deus pondera que o Espírito e mercúrio deveria agora aparecer ao Magista; e assim ocorre. Esta Fórmula egípcia é portanto preferível à Fórmula hierárquica dos hebreus, com suas

tediosas preces, conjuração e maldições.

Será notado, entretanto, que nesta invocação de Thoth que mencionamos, está contida outra Fórmula, a fórmula recíproca que pode ser chamada de a Fórmula de Hórus e Harpócrates. O Magista dirige-se ao deus com uma projeção ativa de sua Vontade; e então se faz passivo enquanto o Deus se dirige ao Universo. Na quarta parte ele permanece silente, escutando a oração que ergue do Universo.

A Fórmula desta invocação de Thoth também pode ser classificada sob o TETRAGRAMMATON. A primeira parte é Fogo: a ardente oração do Magista; a segunda é Água, em que o Magista escuta, ou vê, o reflexo do Deus. A terceira parte é Ar, o casamento de Fogo e Água; o Deus e o Homem se tornam um; enquanto a quarta parte corresponde à Terra, à condensação ou a materialização daqueles três princípios mais altos.

No que concerne às Fórmulas hebraicas, é duvidoso se a maior parte dos Magistas que as empregam compreende os princípios fundamentais do método de identidade. Nenhuma passagem de tais invocações que indique isto ocorre à memória; e os Rituais existentes não dão o menor sinal de uma tal concepção, ou de qualquer ponto de vista a não ser o mais pessoal e mais grosseiro quanto à natureza das coisas. Os hebreus parecem ter pensado que havia um Arcanjo chamado Ratziel exatamente n mesmo senso em que ouve um estadista chamado Richelieu; um ente individual vivendo em um certo lugar. Ratziel possivelmente tinha certos poderes de um tipo mais ou menos metafísico – ele podia aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, por exemplo, se bem que mesmo a possibilidade de um feito tão simples (para espíritos) parece ser negada por certas passagens de conjurações existentes, que dizem ao espírito que, se por um acaso ele estiver encadeado em algum ponto do Inferno, ou se algum outro Magista o está conjurando, de maneira que ele não pode vir, então que ele mande um espírito de natureza semelhante à sua, ou evada a dificuldade de outra forma qualquer. Mas é claro que uma concepção tão vulgar não ocorreria ao estudante da Qabalah. Possivelmente os Magos que escreveram estas conjurações grosseiras tencionavam evitar que a mente do principiante se perturbasse por dúvidas e especulações metafísicas.

Aquele que se tornou MESTRE THERION foi em certa ocasião confrontado precisamente por esta dificuldade. Estando resolvido em instruir a humanidade, Ele buscou uma maneira simples de expressar o seu propósito. Sua Vontade estava suficientemente infundida de bom senso para decidi-lo a ensinar aos homens O Próximo Passo, o que está imediatamente além dele. Ele poderia Ter chamado isso de “Deus”, ou “Eu Superior”, ou “Algóides”, ou “Adi-Buda”, ou 61 outras coisas – mas ele descobrira que estas são todas uma só, no entanto, que cada uma representa uma teoria do Universo que ultimamente tem sido despedaçado pela crítica – pois ele já havia passado pelo plano da razão, e sabia que toda afirmação contém uma obscuridade. Ele disse portanto: “Eu chamarei esta Obra de ‘A Consecução do Conhecimento e da Conversação do Sagrado Anjo Guardião’”, porque a teoria implicada nestas palavras é tão absurda que somente pessoas muito ingênuas perderiam tempo analisando-a. A expressão seria aceita como uma convenção, e ninguém incorreria o sério perigo de fundar um sistema filosófico baseando-se nela.

Isto compreendido, podemos reabilitar o sistema hebraico de invocações: A mente é o grande inimigo; portanto, invocando entusiasticamente uma pessoa que nós sabemos que não existe, nós estamos refutando aquela mente. Porém, não devemos deixar de filosofar de todo à Luz da Santa Qabalah. Nós deveríamos aceitar a Hierarquia Mágica como uma classificação mais ou menos conveniente dos fatos do Universo tais como eles nos são conhecidos; e à medida que nosso conhecimento e compreensão destes fatos aumenta, deveríamos esforçarmo-nos por ajustar nossas idéias daquilo que nós queremos dizer com qualquer símbolo.

Ao mesmo tempo, lembremo-nos de que existe uma definida concordância da correlação dos vários itens da hierarquia com os fatos observados da Magick, uma concordância que é demonstrada pela experimentação. No simples assunto de visões astrais, por exemplo, um caso significativo pode ser mencionado.

Sem lhe dizer o que era, o MESTRE THERION em certa ocasião recitou, à guisa de invocação, a “Ode a Vênus”, diante de um Probacionista da A. • A. • que ignorava a língua grega. Recitada a Ode, o discípulo saiu em uma viagem astral, e tudo o que ele viu, sem qualquer exceção, estava em harmonia com Vênus. Isto foi correto nos mínimos detalhes. Ele obteve até as quatro escalas de cor de Vênus com absoluta correção. Considerando que ele viu apaixonadamente cem símbolos ao todo, as probabilidades de coincidência são quase nulas. Uma tal experiência (e os arquivos da A. • A. • contém dúzias de casos similares) proporciona prova, tão absoluta tanto quanto qualquer prova pode ser neste mundo de ilusão, de que as correspondências em Liber 777 representam fatos da natureza.

É possível que este sistema “direto” de Magick jamais tenha sido realmente empregado. Pode ser sugerido que as invocações que nos chegaram às mãos são apenas as ruínas dos Templos da Magick. Os exorcismos podem ter sido escritos para o propósito de serem memorizados, enquanto era proibido fazer qualquer registro das partes verdadeiramente importantes da cerimônia. Os detalhes de ritual que nós possuímos são escassos e pouco convincentes; se bem que muito sucesso tem sido conseguido de maneira esotérica convencional tanto por Frater Perdurabo quanto por muito de seus colegas. No entanto, cerimônias deste tipo têm permanecido sempre tediosas e difíceis. Parece que o sucesso é adquirido quase a despeito da cerimônia. Em qualquer caso, foram as partes mais misteriosas do Ritual que evocaram a força divina. Conjurações com a “Goécia” nos deixam indiferentes, se bem que, notavelmente na segunda conjuração, existe uma grosseira tentativa de usar aquela Fórmula de comemoração de que falamos no capítulo precedente.

A Fórmula do Tetragrammaton

ESTA FÓRMULA é de tipo extremamente Universal, pois todas as coisas estão necessariamente compreendidas nela, mas seu emprego em uma cerimônia Mágica é mal compreendido.

O clímax da fórmula está, em certo senso, antes mesmo da formulação do Yod. Pois o Yod é o aspecto mais divino da força – as letras restantes são apenas uma solidificação da mesma coisa. Deve ser entendido que nós falamos da cerimônia inteira, compreendida

como uma unidade; não meramente daquela Fórmula em que o Yod é o Deus invocado, He o Arcanjo, etc. A fim de compreendermos cerimônias sob esta Fórmula, devemos obter uma perspectiva mais extensa das funções das quatro Armas do que fizemos até agora.

A Fórmula do Yod é a formulação da primeira força criadora, aquele Pai que é chamado “Nascido de si mesmo”, e ao qual é dito: “Tu formulastes teu Pai, e fertilizastes tua Mãe.” A adição do He ao Yod é o casamento daquele Pai com a Grande Mãe que lhe é igual, que reflete Nuit como ele reflete Hadit. Sua união engendra o Filho Vau, que é o herdeiro. Finalmente a Filha He é produzida. Ela é tanto a irmã gêmea quanto a Filha de Vau.

A missão dele é redimi-la tornando-a sua Noiva; o resultado disso é colocá-la sobre o Trono da Mãe; e é apenas o jovem abraço desta Filha que pode despertar novamente a velhice do Pai de Tudo. Nesta complexa relação familiar o curso inteiro do Universo está simbolizado. Será visto que (afinal de contas) o Clímax vem no fim. A segunda parte da Fórmula é a que simboliza a Grande Obra que estamos jurados a executar. O primeiro passo para isso é a Consequência do Conhecimento e da Conversação com o Sagrado Anjo Guardião, que constitui o Adepto da Ordem Interna.

A reentrada destes esposos gêmeos no Útero da Mãe é aquela iniciação descrita em Liber 418, que dá admissão à Ordem Suprema da A. • A. • ..

Do último passo não podemos falar.

Será agora percebido que planejar uma cerimônia de Magick prática que corresponda ao TETRAGRAMMATON neste elevado senso seria difícil, senão, impossível. Em uma tal cerimônia, os Rituais de purificação, por si só, poderiam ocupar muitas encarnações.

Será necessário, portanto, direcionarmos ao aspecto mais simples do TETRAGRAMMATON, lembrando-nos apenas de que o He final é o Trono do Espírito, o Shin do Pentagrammaton.

O Yod representará uma energia criadora violenta e rápida; a seguir vem um fluir da Vontade mais calmo e mais refletido, porém, mais poderoso, a força irresistível de um grande rio. Este estado mental será seguido por uma expansão da consciência; ela penetrará todo espaço, e isso finalmente passará por uma cristalização resplandecente com Luz Interna. Tais modificações da Vontade original podem ser observadas no curso das invocações quando estas são devidamente executadas.

Os perigos peculiares a cada estágio são óbvios – o primeiro estágio pode ser fogo de palha, pouco durando e logo se extinguindo, o segundo pode resultar em “sonhos acordados”; o perigo do terceiro é perda de concentração. Um erro em qualquer um destes estágios impedirá, ou prejudicará, a formação correta do quarto estágio.

Na expressão que usaremos no capítulo IV: “Inflama-te”, etc., apenas o primeiro estágio é especificado; mas se este é devidamente executado, os outros segui-lo-ão como que por necessidade. Aqui termina nossa explicação da fórmula do TETRAGRAMMATON.

A Fórmula de ALHIM e ALIM

ALHIM (Elohim) é a palavra exotérica para “Deuses”. É o masculino plural de um substantivo feminino, mas sua natureza é principalmente feminina. É um perfeito hieróglifo do número 5. Isto deveria ser estudado em “Uma Nota sobre o Gênesis”.

Os elementos estão todos representados, como um TETRAGRAMMATON, mas não há desenvolvimento de um para outro. Eles estão, por assim dizer, misturados – indisciplinados, simpatizando uns com os outros apenas em virtude de sua energia selvagem, tempestuosa, mas elasticamente irresistida. A letra centra é He – a letra do alento – e representa o Espírito. A primeira letra, Aleph, é a letra natural do Ar, o Mem final é a letra natural da Água. Juntos, Aleph e Mem fazem AM – a Mãe dentro de cujo útero o Cosmo é concebido. Mas Yod não é a letra natural do Fogo. Sua justaposição com He santifica aquele Fogo ao Yod de TETRAGRAMMATON. Similarmente, nós vemos Lamed correspondendo a Terra, onde deveríamos esperar Tau – afim de dar ênfase à influência de Vênus, que rege Libra.

ALHIM, portanto, representa melhor uma Fórmula de consagração que uma cerimônia completa. É o alento da bênção; mas tão potente que pode dar vida ao barro e luz à escuridão.

Usada no consagrar de uma arma, Aleph é a força devastadora do raio, o relâmpago que flameja do oriente ao ocidente. É a concessão do poder de controlar o raio de Zeus ou Indra, o Deus do Ar. Lamed é o Flagelo, a força que impele; e é também a Balança, representando o Amor e a Vontade do Magista. É o cuidado carinhoso que ele outorga ao aperfeiçoamento de seus instrumentos e o equilíbrio daquela ardente força que indica a cerimônia.

Yod é a energia criadora – o poder procriador; e no entanto Yod é a solidão e o silêncio do Eremita na qual o Magista se encerrou. Mem é a letra da Água, e é o Mem final, cujas longas linhas planas sugerem o Mar quieto: \square ; não o Mem comum (inicial e mundial) cujo hieróglifo é uma onda 𐤌 . E no centro de tudo paira o Espírito, que combina a meiguice do cordeiro com os Chifres do Carneiro Selvagem, e é a letra de Baco ou Cristo.

Quando o Magista acaba de criar seu instrumento e o equilibra de verdade, enchendo-o com raios de sua Vontade, então a arma é posta aparte para descansar; e neste silêncio, há uma verdadeira consagração.

A FÓRMULA DO ALIM

É extremamente interessante comparar com o acima a Fórmula dos Deuses elementais desprovidos do espírito criador. Poder-se-ia supor que, como ALIM é o masculino plural do substantivo masculino AL, sua Fórmula seria mais viril que a de ALHIM, que é o masculino plural do substantivo feminino ALH. Um momento de pesquisa é suficiente para dissipar a ilusão. A palavra “masculino” não tem significado a não ser em relação a algum correlativo feminino.

A palavra ALIM, de fato, pode ser considerada como neutra. Por uma convenção

decididamente absurda, objetos neutros são tratados como se fossem femininos, devido à sua superficial semelhança em passividade e inércia com a fêmea ainda não fertilizada. Mas a fêmea produz vida pela intervenção do macho, enquanto o neutro somente o faz quando impregnado pelo Espírito. Assim nós vemos o feminino AMA se tornar AIMA através da operação do Yod fálico enquanto ALIM, o congresso dos elementos mortos, apenas dá fruto através da presença do Espírito.

Isto sendo assim, como podemos descrever ALIM contendo uma Fórmula Mágica? Investigação desvela o fato que esta Fórmula é de tipo muito especial.

A soma da palavra 81, que é o número da lua. Resulta ser a Fórmula da bruxaria, que está sob Hécate. É apenas a perversão romântica da ciência na época medieval que criou a tradição de que mulheres jovens são bruxas. A bruxaria propriamente dita está restrita a mulheres que já não são mulheres no senso Mágico da palavra, porque não são mais capazes de corresponder à fórmula do macho; e portanto são entes neutros, ao invés de femininos. É por este motivo que o método delas tem sempre sido mencionado como o método da lua, no senso do termo em que o globo lunar é considerado não como a contraparte feminina do sol, mas como o satélite apagado da terra, morto, sem ar.

Nenhuma verdadeira operação Mágica pode ser executada pela Fórmula de ALIM. Todas as obras da bruxaria são ilusórias; e seus efeitos aparentes dependem da noção de que é possível mudar as coisas pelo aparente mero re-arranjo delas. Não devemos depender da falsa analogia dos Xylenes para refutar este argumento. O fato que os isômeros geométricos agem de diferentes formas para com as substâncias com as quais eles são postos em relação. E está claro que algumas vezes é necessário re-arranjar os elementos de uma molécula antes que ela possa formar, quer o elemento masculino, quer o feminino em uma verdadeira combinação Mágica com alguma outra molécula.

Portanto é ocasionalmente inevitável que um Magista tenha que reorganizar a estrutura de certos elementos antes de poder iniciar a sua operação propriamente dita. Se bem que tal trabalho é tecnicamente bruxaria, não deve ser considerado indesejável por este único motivo, pois todas as operações que não transmutam matéria caem, estritamente falando, sob esta classificação.

A verdadeira objeção a esta Fórmula não é inerente em sua própria natureza. Bruxaria consiste em tratá-la como a única preocupação com a Magick, e especialmente em negar ao Espírito Santo o direito de entrar no seu Templo.

A Fórmula de I.A.O.

ESTA FÓRMULA é a principal e mais característica de Osíris, da redenção da humanidade. I é Ísis, Natureza, arruinada por A, Apófis o Destruidor, e restaurada à vida pelo redentor Osíris. A mesma idéia é expressada pela Fórmula Rosa Cruz da Trindade:

Ex Deo nascimur

In Jesu morimur

Per Spiritum Sanctum reviviscimus

Isso também é idêntico a palavra Lux L.V.X., que é formada pelos braços de uma cruz. É esta Fórmula que é implicada naqueles antigos e modernos monumentos em que o falo é adorado como salvador do mundo.

A doutrina da ressurreição tal como vulgarmente compreendida é falsa e absurda. Não está sequer na “Escritura”. São Paulo não identifica o corpo glorificado que se ergue com o corpo mortal que morre. Pelo contrário, ele repetidamente insiste na diferença.

O mesmo se passa com uma cerimônia Mágica. O Magista que é destruído por absorção na Divindade é realmente destruído. O miserável autômato mortal permanece no Círculo. Não é de mais importância para Ele que o pó no chão.

Mas antes de entrarmos nos detalhes de I.A.O. como Fórmula Mágica, deve ser observado que é essencialmente a Fórmula de Yoga ou meditação; de fato, o misticismo elementar em todos os seus ramos.

Ao iniciarmos uma prática de meditação, existe sempre um prazer tranquilo, um gentil crescimento natural; nós nos interessamos vivamente no trabalho; parece fácil; estamos muito contentes de termos começado. Este estágio representa Ísis. Mais cedo ou mais tarde ele é sucedido por depressão – a Noite Obscura da Alma, um infinito cansaço e desgosto pelo trabalho. Os atos mais simples e mais fáceis se tornam quase impossíveis de serem executados. Essa impotência é tão forte que enche a mente de desespero. A intensidade deste desgosto dificilmente poderia ser compreendida por qualquer pessoa que não o experimentado e si mesma. Este é o período de Apófis.

É seguido pelo erguimento, não de Ísis, mas de Osíris. A condição antiga não é restaurada, mas uma condição nova e superior é criada; uma condição que só se tornou possível através do processo da morte.

Os Alquimistas ensinaram esta mesma verdade. A primeira matéria da obra era grosseira e primitiva, se bem que “natural”. Após passar por vários estágios, o “dragão negro” aparecia; mas disto surgia o ouro puro e perfeito.

Mesmo na lenda e Prometeu encontramos uma fórmula idêntica conhecida; e uma observação semelhante se aplica às fórmulas de Jesus Cr is to, e de muitos outros místicos homens-deuses adorados em diversas nações.

Uma cerimônia Mágica baseada nesta Fórmula está em harmonia essencial com o processo místico natural. Nós a encontramos como base de muitas iniciações importantes, notavelmente o Terceiro Grau da Maçonaria, a Cerimônia 5°=6° da G.D. Uma auto-iniciação cerimonial pode ser construída sendo totalmente baseada nesta fórmula. A essência dela consiste em nos vestirmos como um Rei, depois nos despirmos e nos sacrificarmos, e erguemos daquela morte ao Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

Existe uma identidade etimológica entre o Tetragrammaton e I.A.O., mas as Fórmulas Mágicas são inteiramente diversas, como as descrições aqui dadas mostram.

O professor Willian James em “Varieties of Religious Experience”, classificou bem os

tipos como “nascido uma vez” e “nascido duas vezes”; mas a religião agora proclamada em Liber Legis harmoniza estas duas transcendendo-as. Não existe tentativa de negar a morte negando sua existência, como fazem os “nascidos uma vez”; ou de aceitar a morte como o portal de uma nova vida, como fazem os “nascidos duas vezes”. Com a A.·A.·., vida e morte são igualmente incidentes em uma carreira, muito como dia e noite são na história de um planeta. Mas, para continuarmos o uso desta imagem, nós contemplamos o planeta de longe. Um irmão da A.·A.·. encerra (o que outra pessoa chamaria de) a “si mesmo” como um – ou antes, alguns – de grupo de fenômenos. Ele é aquele “nada” cuja consciência é em um senso o universo considerado como um único fenômeno no tempo e no espaço, e noutro senso a negação daquela consciência. O corpo e mente do homem são importantes (se o são) apenas como o telescópio do astrônomo é importante para o astrônomo. Se o telescópio fosse destruído, isto não causaria apreciável diferença no Universo que o telescópio revela.

Será agora compreendido que esta Fórmula de I.A.O. é uma Fórmula de Tiphareth. O Magista que a emprega está cômico de si mesmo como um homem capaz de sofrer, e está ansioso para transcender este estado unindo-se a Deus. Isto lhe parecerá ser o supremo Ritual, o Último Passo; mas, como já foi mencionado, é apenas uma preparação. Para o homem normal de hoje em dia, entretanto, representa uma notável consecução; e existe uma Fórmula muito mais antiga que será investigada no capítulo VI.

O MESTRE THERION, no décimo sétimo ano do Aeon, reconstruiu a Palavra I.A.O. para satisfazer as novas condições de Magick impostas pelo progresso. A Palavra da Lei sendo Thelema, cujo número é 93, esse número deveria ser o padrão de uma missa correspondente. Conseqüentemente, ele expandiu I.A.O. tratando o “O” como Ayin, e adicionando Vau como prefixo e sufixo. A palavra inteira então é

וִאֵיִן

cujo número é 93. Nós podemos analisar esta palavra em detalhes e demonstrar que ela é um hieróglifo apropriado do Ritual de Auto-Iniciação neste Aeon de Hórus. Para as correspondências nas notas que seguem veja Liber 777. Os pontos principais são estes:

Atu	Nº do At u	Letra Hebraica	Nº da Letra	Correspondente na Natureza	Outras Correspondências
O Hierofante (Osíris Coroado e no trono, com a Baqueta e Quatro adorantes: os Quatro Elementos	V 1	Vau (um prego): V, W ou vogal entre O e U – um’jab e mu’ruf	6	Touro (um signo da terra regido por Vênus; a Luz exaltada ali – mas é macho). Liberdade, i.e., livre arbítrio.	O Sol. O Filho em Tetragrammaton. (veja cap. III) O Pentagrama que mostra o Espírito Mestre e Reconciliador dos quatro Elementos. O Hexagrama que une Deus e Homem. A correspondência, ou Ruach. Parzival com a criança aos

			cuidados de sua Mãe viúva: Hórus Coroado e Conquistador, assumindo o lugar de seu Pai. Cristo-Baco no Céu-Olimpo salvando o mundo.
O Eremita (Hermes com a Lâmpada, Asas, Baqueta, Manto e Serpente).	‘ Yod (uma IX mão) I ou Y anglo-saxão	10 Virgo (um signo da terra regido por Mercúrio que ali está exaltado; sexualmente ambivalente). Luz, i.e. da Sabedoria, a Luz Interna.	A raiz do alfabeto. O Espermatozóide. O jovem saindo para aventura após ter recebido a Baqueta. Parzival no deserto. Cristo se refugiando no Egito, e no monte tentado pelo Diabo. A Vontade inconsciente ou Palavra.
O Louco (o Bebê no ovo sobre o Lótus, Bacchus Diphues, etc.).	⌘ Aleph (um 0 boi) A mais ou menos.	1 Ar (a condição de toda a vida, o veículo imparcial. Sexualmente não desenvolvido). Vida, i.e.; o órgão de possível expressão.	O Livre Alento. A Suástica. O Espírito Santo. O Útero da Virgem. Parzival como “der reine Thor”, que nada sabe. Hórus. Cristo- Baco como o Bebê inocente, perseguido por Herodes-Hera. Hércules estrangulando as serpentes. O Ente inconsciente ainda indeterminado em qualquer direção.
O Diabo (Baphomet sobre o Trono e adorado por macho e fêmea. Veja o desenho de Eliphas Lévi).	ʅ Ayin (Um X O, mais ou V menos – um bode gruindo, A’a.	70 Capricórnio (um signo da terra regido por Saturno; Marte exaltado ali. Sexualmente macho). Amor, i.e., o instinto de satisfazer a Divindade unindo-se com o Universo.	Parzival em armadura negra, pronto para retornar a Montsalvat como Salvador-Rei: Hórus adulto. Cristo-Baco com Cruz de Calvário, Kithairon- Thyrsus.

IAV varia de significado com sucessivos Aeons.

ÆON DE ÍSIS

Idade Matriarcal. A Grande Obra concebida com o um assunto direto e simples.

Nós vemos esta teoria refletida nos hábitos do Matriarcado. Acreditava-se que a Partenogênese fosse um fato. A Virgem (Yod= Virgo) continha em si mesma o Princípio de Crescimento – a epicena semente hermética. Esta se tornava o Bebê no Ovo (⌘ Harpócrates) por virtude do espírito (A= Ar, impregnando o Abutre-Mãe) e isto se

tornava o Sol ou Filho (ⲓ = a letra de Tiphareth, 6, mesmo quando soletrado como Omega, em Copta.)

ÆON DE OSÍRIS

Idade Patriarcal. Dois sexos.

ⲓ

Concebido como o Pai-Baqueta (Yod em Tetragrammaton).

Ⲛ

O Bebê é perseguido pelo Dragão, que vomita um dilúvio de sua boca para engoli-lo. Veja Apoc. 12. O Dragão era também a Mãe – a “Mãe-Maligna” de Freud. Era Harpócrates, ameaçado pelo crocodilo no Nilo. Nós encontramos o simbolismo da Arca, o Ataúde de Osíris, etc. O Lótus é o Yoni; a Água é o Fluído Amniótico. A fim de viver sua própria vida, a criança devia deixar a Mãe, e vencer a tentação de voltar à ela para refúgio. Kundry, Armida, Jocasta, Circe, etc., são símbolos desta força que tenta o Herói. Ele pode tomá-la como serva quando Ele a tiver dominado, a fim de curar seu Pai (Amfortas), vinga-lo (Osíris), ou apaziguá-lo (Jehovah). Mas para se tornar um homem ele deve parar de depender dela, ganhando a Lança (Parzival), exigindo suas Armas (Achilles), ou fabricando sua maça (Hércules), e vagando no deserto selvagem como Krishna, Jesus, Édipo χ.τ.λ. – até que, como “Filho do Rei” ou cavaleiro errante, ele deve conquistar a princesa, e sentar-se sobre o trono distante. Quase todas as lendas de heróis implicam esta mesma fórmula em símbolos notavelmente similares.

ⲓ

Vau, O SOL – Filho. Supostamente mortal; mas como isto é mostrado? Parece uma absoluta per ver são da verdade; os símbolos sagrados não dão qualquer indicação. Esta mentira é a essência da Grande Ilusão (feitiçaria). A religião Osiriana é uma fantasia freudiana fabricada do pavor da morte e da ignorância dos fatos naturais. A idéia da Partenogênese persiste, mas é a fórmula para encarnar semi-deuses, ou Reis Divinos; estes devem ser assassinados e erguidos dentre os mortos de uma maneira ou de outra.

ÆON DE HÓRUS

Dois sexos em uma só pessoa.

93 ⲓⲁⲉⲓ, a Fórmula completa, reconhecendo o Sol como Filho (Estrela), com a Unidade pré-existente manifestada da qual tudo surge e à qual tudo retorna. A Grande Obra é transmutar o FF inicial de Assiah (o mundo de ilusão material) no FIF final de Atziluth, o mundo da pura realidade.

Soletrando o nome por inteiro, FF+ IFD+ALP+OIN+FI = 309= ShT = XX+XI = 31, a chave secreta da Lei.

ⲓ é a Estrela manifestada.

ʾ é a secreta	Vida	Serpente
	Luz	Lâmpada
	Amor	Baqueta
	Liberdade	Asas
	Silêncio	Manto

Estes símbolos são todos mostrados no Atu “O Eremita”. Estes são os poderes do Yod, cuja extensão é Vau. Yod é a mão com a qual o homem executa sua Vontade. É também a Virgem; sua essência inviolada.

⸗ é o Bebê que “Formulou seu Pai e fertilizou sua Mãe” – Harpócrates, etc., como antes, mas ele se desenvolve em

⸘ o Diabo Exaltado (também o outro olho secreto), pela Fórmula de Iniciação de Hórus descrita em detalhes neste tratado. Este “Diabo” é chamado Satã ou Shaitan, e considerado com horror pelas pessoas que ignoram sua Fórmula imaginando-a como maligna, acusam a natureza de seu próprio crime imaginário. Satã é saturno, Set, Abraxas, Adad, Adônis, Attis, Adão, Adonai, etc. A mais séria acusação contra ele é apenas que ele é o Sol no Sul. Os antigos iniciados, vivendo em terras cujo sangue era as águas do Nilo ou do Eufrates, associavam o Sul como o calor consumidor da vida, e amaldiçoavam aquele ponto cardeal onde os raios do Sol eram mais mortíferos. Mesmo nas lendas de Hiram, é no meio dia que ele é golpeado e sacrificado. Capricórnio é além do mais o signo em que o Sol entra quando alcança sua extrema inclinação no Sul no Solstício de Inverno, a estação da morte da vegetação, para pessoas do hemisfério norte. Isso lhes deu um segundo motivo para amaldiçoar o Sul. Um terceiro: a tirania dos ventos quentes, secos, venenosos; a ameaça de desertos e oceanos porque inspira temíveis e impassíveis mistérios. Isso tudo era relacionado em suas mentes tendo uma relação com o Sul. Mas para nós, cômicos de fatos da astronomia, este antagonismo para com o Sul é uma superstição tola, que os acidentes de suas condições locais sugeriram aos nossos antepassados animistas. Nós não vemos nenhuma inimizade entre direita e esquerda, acima e abaixo, e similares pares de opostos. Estas antíteses são verdadeiras apenas como termos de relação; elas são convenções arbitrárias pelas quais nós representamos nossas idéias em um sistema pluralístico baseado em dualidade. “Bom” tem que ser definido em termos dos ideais e instintos humanos. “Este” não tem significado a não ser como referências dos assuntos internos de nosso planeta; como direção absoluta no espaço, muda um Grau a cada quatro minutos. “Acima” não tem o mesmo significado para dois homens, a não ser que um esteja de pé sobre a cabeça do outro, e ambos em linha com o centro da Terra. “Duro” é a opinião privada de nossos músculos. “Verdadeiro” é um epíteto totalmente inteligível que se tem provado refratário à análise dos nossos mais hábeis filósofos.

Nós portanto não temos o menos escrúpulo em re-estabelecer a “Adoração Diabólica” de tais idéias como as leis do som, e os fenômenos de fala e audição que nos compelem a associar com um grupo de “Deuses ” cujos nomes estão baseados sobre ShT ou D,

vocalizados pelo livre alento A. Pois esses nomes implicam às qualidades de coragem, fraqueza, energia, orgulho, poder e triunfo; elas são as palavras que expressam a vontade criadora e paternal.

Assim o “Diabo” é Capricórnio, o Bode que pula sobre as mais altas montanhas, a Divindade que se manifesta no Homem e faz dele Ægipan, o Todo.

O Sol entra neste signo quando retorna para renovar o ano no Norte. Ele é também a vogal O, própria para rugir, para retumbar e comandar, sendo um sopro vigoroso controlado pelo firme circula da boca.

Ele é o Olho aberto do exaltado Sol, diante do qual todas as sombras fogem; também, aquele Olho Secreto que faz uma imagem de seu Deus, a Luz, e lhe dá poderes para pronunciar oráculos, iluminando a mente.

Assim, ele é o Homem feito Deus, exaltado, lépido; ele chegou consciente a sua verdadeira estatura, e está assim pronto para iniciar sua jornada de redenção do mundo. Mas ele não pode aparecer nesta verdadeira forma; a Visão de Pã levaria os homens a loucura pelo medo que causaria. Ele deve se ocultar em seu disfarce original.

Portanto ele se torna aparentemente o homem que era ao começar; ele vive a vida de um homem; de fato, ele é inteiramente um homem. Mas sua iniciação tornou-o Mestre do Acontecimento, dando-lhe a impressão do que quer que aconteça é a execução de sua Verdadeira Vontade. Assim, o último estágio da iniciação dele é expresso em nossa Fórmula como o final:

⌈, a série de transformações não afetou a identidade dele; mas explicou-o a si mesmo. Semelhante, cobre ainda é cobre após $Cu+O = CuO:H_2SO_4 = CuS_4O (H_2O): K_2S = CuS (K_2SO_4): +$ bico de bunsen e agente redutor = $Cu(S)$.

É o mesmo cobre; mas nós aprendemos algumas de suas propriedades. Observamos inicialmente que é indestrutível, inviolavelmente o mesmo através de todas as suas aventuras e em todos os seus disfarces. Vemos, além do mais, que pode apenas usar seus poderes, satisfazer as possibilidades de sua natureza, e equilibrar suas equações, e assim combinando com suas contrapartes. Sua existência como substância separada é evidente por sua resistência; e isso é sentido como a dor de uma fome incompreensível até que ele percebe que toda experiência é um alívio, uma expressão de si mesmo; e que não pode ser danificado por coisa alguma que lhe aconteça. No Aeon de Osíris foi verdadeiramente compreendido que um homem deve morrer a fim de viver. Mas agora no Aeon de Hórus nós sabemos que todo evento é uma morte; sujeito e objeto matam um ao outro em “amor sob vontade”; cada uma de tais mortes é em si vida, o meio pelo qual nós realizamos a nós mesmos através de uma série de episódios.

O segundo ponto principal é o término da letra A, Bebê Baco pelo O, Pã (Parzival ganha a lança, etc.).

O primeiro processo consiste em achar o ⌈ no ⌈ - iniciação, purificação, descobrimento da Raiz Secreta de Si Mesmo, a Virgem epicena que é 10 (Malkuth), mas soletrada por extenso é 20 (Júpiter).

Este Yod na Virgem se expande como o Bebê no Ovo pela formulação da Secreta Sabedoria da Verdade de Hermes no Silêncio do Tolo. Ele adquire a Baqueta-Olho, vendo, agindo, e sendo adorado. O Pentagrama Invertido – Baphomet – o Hermafrodita que chega à idade adulta – engendra a si mesmo como Vau novamente.

Note que agora há dois sexos em um, a só pessoa do início ao fim, de forma que cada indivíduo é auto-procriativo sexualmente, enquanto Ísis conhecia apenas um sexo, Osíris pensava que os dois sexos eram opostos. Também, agora a Fórmula é amor em todos os casos; o fim é o começo em um plano mãos elevado.

O γ é formado do ι removendo a cauda deste; o κ balançando os quatro Yods; o υ formando um triângulo invertido de Yods, que sugere a Fórmula de Nuit-Hadit-Ra-Hoor-Khuit. κ são os elementos que giram como a Suástica – a Energia Criadora em ação equilibrada.

A Fórmula do Neófito

ESTA FÓRMULA tem por “matéria prima” o homem ordinário inteiramente ignorante de tudo e incapaz de coisa alguma. Ele é portanto representado como vendado e amarrado. Seu único auxílio é sua aspiração, representada pelo o oficiante que o guiará ao interior do Templo. Antes de entrar ele deve ser purificado e consagrado. Uma vez dentro do Templo, é requerido que ele se sujeite a um juramento. Sua aspiração está agora formulada como Vontade. Ele executa a circumbulação mística do Templo por motivos que serão descritos no capítulo sobre os “Gestos”. Após passar por mais purificações e consagrações, é-lhe permitido ver por um momento o Senhor do Oeste, e ele ganha coragem para resistir. Pela terceira vez ele é purificado e consagrado, e vê o Senhor do Leste, que empunha a balança, mantendo-o em uma linha reta. No Oeste ele ganha energia. No Leste ele é impedido de dissipá-la. Assim fortificado, ele pode ser recebido na Ordem como Neófito pelos três oficiantes principais, assim unindo a Cruz e o Triângulo. Ele pode então ser colocado entre os pilares do Templo, para receber a Baqueta e a final consagração. Nesta posição, os segredos do Grau lhe são comunicados, e a última de suas amarras é removida. Tudo isso é selado pelo sacramento dos Quatro Elementos.

Será percebido que o efeito de toda essa cerimônia é para impregnar uma coisa inerte e impotente com movimentos equilibrados em uma direção única. Numerosos exemplos desta Fórmula são dados em “O Templo do Rei Salomão”. Essa é a Fórmula da Cerimônia do Neófito da G.D. Deve ser empregada na consagração das Armas Mágicas pelo Magista, e pode ser também utilizada como a primeira Fórmula de Iniciação.

No livro chamado Z .2 são dados detalhes completos desta Fórmula que deveria ser bem estudada e praticada. Infelizmente, é a mais complexas de todas as Fórmulas. Mas este é o defeito da Matéria Prima da Obra, que está tão misturada que repetidas operações são necessárias para unificá-la.

A Fórmula do Santo Graal; de Abrahadabra; e de Certas Outras Palavras. Também: a Memória Mágica

I

O HIERÓGLIFO mostrado na sétima Chave do Tarô (descrita no 12° Aethyr, Liber 418) é o Carro de NOSSA SENHORA BABALON, que leva em sua mão o Cálice ou Santo Graal.

Agora, esta é uma Fórmula importante. É a primeira das Fórmulas, em certo senso, pois é a Fórmula da Renúncia. É também a última!

É dito que este Cálice está cheio do Sangue dos Santos, isto é, todo “Santo” ou Magista deve dar até a última gota de seu sangue para este Cálice. É o preço original pago pelo Poder Mágico. E se por poder Mágico nós queremos dizer verdadeiro poder, a assimilação de toda força com a Luz Ultimal, a verdadeira Boda Rosa Cruz, então aquele sangue é a oferenda da Virgindade, o único sacrifício que agrada ao Mestre, o sacrifício cuja única recompensa é a dor de dar-lhe um rebento.

Mas “vender a alma ao Diabo”, o renunciar não importa a que em troca de ganho pessoal, é magia negra. Você não é mais um nobre doador de tudo o que é seu, mas um vigarista barato.

Esta Fórmula é, porém, um pouco diferente em simbolismo, desde que é uma Mulher cujo Cálice deve ser enchido. É mais o sacrifício do homem, transferindo vida aos seus descendentes. Pois uma mulher não leva em si mesma o princípio de uma nova vida, exceto temporariamente, quando este lhe é confiado.

Mas aqui a Fórmula implica em muito mais do que isto. Pois é a sua vida inteira que o Magus oferece a NOSSA SENHORA. A Cruz é tanto Morte quanto Geração; e é na Cruz que a Rosa Floresce. A interpretação completa destes símbolos é tão elevada que não serve para um tratado elementar como este. A pessoa deve ser um Adeptus Exemptus, e estar pronta para passar além, antes de poder ver os símbolos de baixo. Apenas um Magister Templi pode compreendê-los por completo.

(Entretanto, o leitor pode estudar Liber 156, o 12° e o 2° Aethyrs em Liber 418, e o simbolismo do V° e VI° O.T.O.)

Da preservação deste sangue de NOSSA SENHORA, oferece o ANCIÃO DOS ANOS, CHAOS o Todo-Pai, para revivê-lo, e de como esta Divina Essência enche a Filha (a Alma do Homem), e a coloca sobre o Trono da Mãe, satisfazendo a Economia do Universo, e assim, no final das contas, recompensando o Magista (o Filho) dez mil vezes. Seria ainda impróprio falarmos aqui. Um tão Santo Mistério é um Arcano dos Magister Templi que ele é sugerido para cegar os presunçosos que possam, não merecendo, buscar erguer o véu; e ao mesmo tempo para iluminar a escuridão dos que podem requerer apenas um raio do Sol a fim de surgir para a Vida e para Luz.

II

ABRAHADABRA é uma palavra que deve ser estudada em [Liber LVIII]. Representa a Grande Obra Completa, e é portanto um arquétipo de todas Operações Mágicas menores.

De certo modo, é demasiada per feita para ser aplicada de antemão. Mas um exemplo de uma tal Operação pode ser estudada na [parte IV, cap. VI deste livro] onde uma Invocação de Hórus usando esta Fórmula é dada em extenso. Note a reverberação das idéias uma contra a outra. A Fórmula de Hórus ainda não foi investigada minuciosamente em riqueza de detalhes para que se justifique um tratado sobre sua teoria e prática; mas podemos dizer que está para a Fórmula de Osíris bem como a turbina está para o motor em explosão de energia.

III

Existem muitas palavras sagradas que encerram Fórmulas muito úteis para operações especiais.

Por exemplo, V.I.T.R.I.O.L., que dá um certo regime dos Planetas que são úteis para o trabalho alquímico. ARARITA é uma Fórmula do Macrocosmo potente em certas elevadíssimas Operações da Magick da Luz Interna.

A Fórmula de THELEMA pode ser sumarizada assim:

- ⊖ Babalon e a Besta conjugados.
- ε A Nuit (CCXX I: 51).
- λ A Obra executada em Justiça.
- η O Santo Graal.
- μ A Água ali contida.
- α O Bebê no Ovo (Harpócrates sobre o Lótus).

De ÁGAPE é como se segue:

- A Dionísio.
- γ A Terra Virgem.
- α O Bebê no Ovo, (a Imagem do pai).
- π O Massacre dos inocentes (largar).
- η O gole de Êxtase.]

O estudante lucrará bastante se buscar investigar estas idéias em detalhe, e desenvolver a técnica de aplicação delas.

Existe também o nome Gnóstico das sete vogais, que dá uma Fórmula Musical muito poderosa em evocações da Alma da natureza. Há além disto ABRAXAS; XNOYBIZ; MEITHRAS; e, em verdade, podemos declarar em suma que todo verdadeiro nome de Deus dá a Fórmula da Invocação daquele Deus. Seria portanto impossível, mesmo se fosse desejável, analisar todos esses nomes. O método geral de se fazer isso foi dado acima, e o próprio Magista deve analisar suas próprias fórmulas para casos particulares.

IV

Devemos também mencionar que todo Grau tem sua própria Fórmula Mágica particular. Assim, a Fórmula de ABRAHADABRA nos concerne, como homens, principalmente

porque cada um de nós é a viva representação do Pentagrama ou Microcosmo; então devemos estar em equilíbrio com o Hexagrama ou Macrocosmo. Em outras palavras, $5^{\circ}=6^{\circ}$ é a Fórmula da Operação Solar; mas depois, $6^{\circ}=5^{\circ}$ é a Fórmula da Operação Marcial, e essa diversão dos algarismos simboliza um Trabalho muito diverso. No caso anterior, o problema era dissolver o Microcosmo no Macrocosmo; mas este outro problema é separar uma força particular do Macrocosmo, tal como um selvagem poderia escavar um machado de sílex dos depósitos num barraco de giz. Da mesma forma, a Fórmula de Júpiter consiste em equilibrá-lo com Vênus. Sua Fórmula gráfica é $7^{\circ}=4^{\circ}$, e haverá um palavra em que o caráter desta Operação é descrito, tal como ABRAHADABRA descreve a Operação da Grande Obra.

Pode ser dito sem exagero, como princípio geral, que quanto mais longe da igualdade original estiverem os dois lados da equação, tanto mais difícil será executar a Operação.

Assim, para considerarmos o caso da Operação pessoal simbolizada pelos Graus, é mais difícil se tornar um Neófito $1^{\circ}=10^{\circ}$, do que passarmos daquele Grau de Zelator $2^{\circ}=9^{\circ}$.

A Iniciação é, por tanto, progressivamente mais fácil, num certo senso, após o primeiro passo. Mas (principalmente após passarmos por Tiphareth) a distância entre Grau e Grau aumenta numa proporção geométrica com um fator tremendamente alto o qual ele mesmo progride.

É evidente a impossibilidade de darmos detalhes sobre todas essas Fórmulas. Antes de começar qualquer Operação, o Magista deve fazer um completo estudo Qabalístico dela, a fim de estabelecer-lhe a teoria em perfeita simetria. Preparação prévia e rigorosamente calculada, é tão importante na Magick quanto na Guerra.

V

Seria lucrativo fazermos um estudo um pouco detalhado da aparentemente estranha palavra AUMGN, pois sua análise permite um excelente exemplo dos princípios sobre os quais o Practicus pode se basear para construir suas próprias Palavras Sagradas.

Esta palavra foi pronunciada pelo MESTRE THERION como um meio de declarar seu trabalho pessoal como A Besta, o Logos do Aeon. Para compreendê-la, devemos considerar preliminarmente a palavra que ela substitui e da qual foi desenvolvida: a palavra AUM.

A palavra AUM é o mantra sagrado hindu que foi o supremo hieróglifo da Verdade, um Compendio da Ciência Sagrada. Muitos volumes foram escritos sobre ela; mas, para nosso propósito no presente, será suficiente explicar como ela veio a ser vir de representação para os principais dogmas filosóficos dos Rishis.

Antes de mais nada, ela representa o completo curso do som. É pronunciada forçando-se o alento, do fundo da garganta com a boca bem aberta, através da cavidade bucal, com os lábios colocados de maneira a modificar o som aos poucos de A para O (ou U), até que os lábios se fecham, quando o som se torna M. Simbolicamente, isto anuncia o curso da Natureza, começando de criação livre e informe, continuando através de preservação

formada e controlada, até chegar ao silêncio da destruição. Os três sons são harmonizados em um e assim a palavra representa a tríade hindu de Brahma, Vishnu e Shiva, e a operação no Universo da triuna energia desses deuses. É, pois, que a fórmula de um Manvantara, ou período de existência manifestada, que se alterna com um Pralaya, durante o qual a criação está em estado latente.

Analisando Qabalisticamente, a palavra demonstra possuir propriedades análogas às do dogma. A é o negativo, e também a unidade que se concentra o negativo em uma forma positiva. A é o Santo Espírito que engendra Deus na carne da Virgem, de acordo com a fórmula conhecida pelos estudantes do The Golden Bough. A é também o “Bebê no Ovo”, assim produzido. A qualidade de A é bissexual. É o ente original – Zeus Arrhenothelus, Bacchus Diphues, ou Baphomet.

U ou V é o filho manifestado, ele mesmo. Seu número é 6. Refere-se portanto, a natureza dual do Logos como divino e humano; no entrelaçamento dos triângulos direito e averso no Hexagrama. É o primeiro número do Sol, cujo último número é 666, “o número do homem”.

A letra M exhibe o término deste processo. É o enforcado do Tarô; a formação individual do absoluto é concluída pela morte do individual.

Nós vemos, de acordo com isso, como AUM é, em qualquer dos dois sistemas, a expressão de um dogma que afirma catástrofe na natureza. É cognata com a fórmula do Deus Sacrificado. A “ressurreição” e “ascensão” não estão implicadas aqui. São invenções posteriores, sem base na necessidade natural; podem, em verdade serem escritas como fantasmas freudianos, conjurados pelo medo de encarar a realidade. Para o hindu, em verdade, elas são ainda menos respeitáveis. Do ponto de vista indiano, a existência é essencialmente desagradável; e a principal preocupação do místico hindu é invocar Shiva para destruir a ilusão cuja opressão é a maldição do manvantara.

A revelação central do Grande Aeon de Hórus é que esta fórmula AUM não representa os fatos da natureza. O ponto de vista que AUM expressa está baseado sobre a falta de perspectiva quanto ao caráter da existência. Depressa se tornou claro ao MESTRE THERION que AUM era um hieróglifo inadequado e enganador. Expressava apenas parte da verdade, e insinuava uma falsidade fundamental. Conseqüentemente Ele modificou a palavra de maneira em que ela se tornasse capaz de representar os Arcanos desvelados pelo Aeon do qual Ele é o Logos.

A tarefa essencial consistia em expressar o fato de que a natureza não é catastrófica: ela funciona através de ondulações. Poderia ser sugerido neste ponto que Manvantara e Pralaya são na verdade curvas complementares, e portanto AUM expressa esse fato; mas a doutrina Hindu insiste categoricamente em negar continuidade entre as fases sucessivas, e a palavra expressa mostra a descontinuidade do dogma. Apesar disto, era importante evitar perturbar o arranjo trinitário da palavra, o que aconteceria pela adição de outras letras. Era igualmente importante tornar claro que a letra M uma operação que não ocorre realmente na natureza a não ser como um retiro dos fenômenos para dentro do absoluto; um processo que mesmo assim não é uma verdadeira destruição, mas, pelo contrário, é uma emancipação de qualquer coisa das modificações que ela tornara por si mesma.

Ocorreu a Ele que a verdadeira função do Silêncio é permitir a vibração ininterrupta da energia ondulatória, livre das falsas concepções a ela adicionadas pelo ahamkara, ou a faculdade que cria o Ego, cuja suposição de individualidade consciente constitui existência e levou-a a considerar seu próprio caráter, aparentemente catastrófico, como sendo parte da Ordem natural.

A fórmula ondulatória de putrefação é representada na Qabalah pela letra N, que se refere a Escorpião, cuja tripla natureza combina a Águia, a Serpente e o Escorpião. Estes hieróglifos indicam as fórmulas espirituais de encarnação. Ele estava tão ansioso por usar a letra G, outra tripla fórmula expressiva dos aspectos da Lua, que além do mais declara a natureza da existência humana da seguinte maneira: A Lua é em si um corpo sem luz; mas uma aparência luminosa lhe é comunicada pelo Sol; e é exatamente desta forma que encarnações sucessivas criam uma aparência, enquanto a estrela individual, que todo homem é, permanece ela mesma, mesmo sendo ou não percebida pelos olhares terrestres.

Ora, acontece que a raiz de GN significa conhecimento e geração combinados em uma idéia única, de uma forma absolutamente independente de personalidade. O G é uma letra silente, como em nossa palavra Gnosis; e o som GN é nasal, sugerindo por tanto o alento de vida como o oposto àquele da fala. Impelido por estas considerações, O MESTRE THERION se propôs a substituir o M de AUM por uma letra composta MGN, simbolizando por esta a sutil substituição do aparente silêncio e morte que terminam a vida manifestada do vau pela vibração contínua de uma energia impessoal, da natureza de geração e conhecimento; a Lua Virgem e a Serpente além do mais operando para incluir na idéia de comemoração daquela tradição tão grosseiramente deformada na lenda Hebraica do Jardim do Éden, e ainda mais rebaixada pela sua falsificação naquele malicioso ataque sectário, o Apocalipse.

Um trabalho em harmonia com a ordem natural das coisas é comprovado por corolários que não haviam sido procurados pelo Qabalista. No caso presente, O MESTRE THERION ficou deleitado ao perceber que sua letra composta MGN, construída sob princípios teóricos a fim de incorporar as descobertas do Novo Aeon, tinha o valor de 93 (M= 40, G= 3, N= 50). 93 é o número da palavra da Lei – Thelema – Vontade, e do Ágape – Amor, que indica a natureza da Vontade. É além do mais o número da Palavra que vence a morte, como sabem os membros do Grau M.M. da O.T.O. e é também o número da fórmula completa da existência, qual expressada na Verdadeira Palavra do Neófito, onde existência é tomada como significando aquela fase do Todo que é a resolução finita do Zero Qabalístico.

Finalmente, a numeração total da Palavra AUMNG é 100, que como se ensina aos iniciados do Santuário da Gnosis da O.T.O., expressa a unidade sob a forma de completa manifestação através do simbolismo de puro número, sendo Kether por Aiq Bkr; também Malkuth multiplicada por si mesma, e assim estabelecida no universo fenomênico. Mas, além disso, este número 100 misteriosamente indica a fórmula Mágica do Universo como uma máquina verberatória para a extensão do Nada através de opostos equilibrados.

É além do mais o valor da letra Qoph, que significa “a parte de trás da cabeça”, o cerebelo, onde a força criadora ou reprodutiva está primariamente situada. Qoph no Tarô é “A Lua”, uma carta sugerindo ilusão, no entanto mostrando forças parciais e opostas

operando na escuridão, e o Escaravelho Alado, ou Sol da Meia Noite, em seu barco, viajando através do Nadir. Sua atribuição Yetzirática é Peixes, símbolo das correntes positivas e negativas das energias fluídicas, o macho ichthus ou peixe e a fêmea Vesica buscando respectivamente o ânodo e o cátodo. O número 100 é portanto um glifo sintético das sutis energias empregadas na criação da Ilusão, ou Reflexo da Realidade, que nós chamamos de existência manifestada.

O que vai acima são as principais considerações sobre o assunto de AUMGN. Deveriam ser suficientes para mostrar ao estudante os métodos empregados na construção dos hieróglifos da Magick, e para armá-lo com um mantra de tremendo poder, por virtude do qual ele pode aprender o Universo, e controlar em si mesmo as conseqüências Kármicas deste.

VI – MEMÓRIA MÁGICA

Não há tarefa mais importante que a exploração de nossas encarnações passadas. Como diz Zoroastro: “Explora o rio da alma, de onde e de que maneira tu vieste.” Não podemos executar nossa Verdadeira Vontade a não ser que saibamos o que ela é. “Liber Thisharb” dá instruções para descobrirmos isso pelo cálculo da resultante das forças que fizeram de nós o que somos. Mas esta prática está limitada a nossa encarnação presente.

Um dia, se despertássemos de repente num bote em um rio desconhecido, seria imprudente concluirmos que a seção visível do curso representa a corrente inteira. Seria de grande auxílio se pudéssemos nos lembrar das outras partes do rio, atravessadas antes de tirarmos nosso cochilo. Aliviaria ainda mais a nossa ansiedade se nos tornássemos cômicos de que uma força constante e uniforme era a determinante única de todas as curvas da corrente: a gravitação. Nós poderíamos nos regozijar sabendo que “mesmo o mais cansado dos rios por fim desemboca no mar”.

“Liber Thisharb” descreve um método de obter a Memória Mágica. Isto consiste em aprendermos a nos lembrar das coisas em reverso. Mas a cuidadosa prática de Dharana talvez seja geralmente mais útil. À medida que impedimos que os pensamentos mais acessíveis surjam no consciente, nós tocamos camadas mais profundas – memórias da infância não despertadas. Ainda mais profundamente jaz uma classe de pensamentos cuja origem nos intriga. Alguns destes, aparentemente, pertencem a encarnações passadas. Cultivando esses departamentos de nossas mentes, nós podemos desenvolvê-los tornando-nos peritos. Formamos assim uma memória coerente desses elementos originalmente desconexos. A faculdade cresce com espantosa rapidez, uma vez que aprendemos a técnica.

É muito mais fácil (por vários motivos) adquirir a Memória Mágica se estamos jurados desde muitas existências a reinar imediatamente. O maior obstáculo é o esquecimento freudiano; isto consiste em que, se bem que um acontecimento desagradável possa estar fielmente registrado pelo mecanismo do cérebro, nós não conseguimos nos lembrar dele, ou recordamo-nos dele erroneamente, porque ele nos é penoso. “The psychopathology of Everyday Life” analisa e exemplifica este fenômeno em detalhe. Ora, o Rei dos Terrors sendo a Morte, é realmente difícil encará-lo face a face. Os homens têm criado uma quantidade de máscaras fantásticas; fala-se de “ir para o céu”, ou de “passar a um mundo

melhor”, e assim por diante; bandeiras esteadas em torres de papel sem bases teóricas, açúcar sintético que não esconde o gosto amargo da pílula. Instintivamente evitamos nos lembrar de nossa última morte, tal como evitamos pensar em nossa próxima. O ponto de vista do iniciado é de uma ajuda imensa.

Tão logo se passa o pons asinorum, a prática se torna muito mais fácil. Dá muito menos trabalho rememormos a morte anterior à última. Familiaridade com a morte resulta em descanso por esta.

É de grande auxílio para o principiante se ele tiver algum motivo intelectual para se identificar com alguma definida pessoa do passado imediato. Um breve relato da boa sorte de Aleister Crowley nisto deverá ser instrutivo. Será visto que os pontos de contato variam muito em caráter.

A data da morte de Eliphas Lévi foi cerca de seis meses antes do nascimento de Aleister Crowley. Supõe-se que o ego se reencarnando toma posse do feto neste estágio de desenvolvimento.

Eliphas Lévi possuía uma notável semelhança com o pai de Aleister Crowley. Isto, naturalmente, apenas sugere um certo Grau de aptidão do ponto de vista físico.

Aleister Crowley escreveu uma peça intitulada A Força Fatal em uma ocasião em que ele ainda não havia lido nenhuma das obras de Eliphas Lévi. O motivo dessa peça é uma Operação Mágica de um tipo muito especial. A fórmula que Aleister Crowley supusera ser sua idéia original, é mencionada por Lévi. Não pudemos traçá-la em qualquer outra fonte com tão exata correspondência em tantos detalhes.

Aleister Crowley descobriu que um certo quarteirão de Paris lhe era incompreensivelmente familiar e atraente. Isto não era o fenômeno ordinário de um déjà vu, era principalmente o senso de estar em casa novamente. Ele descobriu, muito depois que Lévi vivera naquela vizinhança durante muitos anos.

Existiam muitas semelhanças curiosas entre os acontecimentos da vida de Eliphas Lévi e a de Aleister Crowley. A intenção dos pais de que seu filho seguisse a carreira religiosa; a inabilidade de usar muitos talentos notáveis de qualquer maneira regular; o inexplicável ostracismo que o seguiu, e cujo os autores pareciam de algum modo ter vergonha de si mesmos; os acontecimentos relativos ao casamento – tudo isso oferece paralelos surpreendente estreitos.

O temperamento dos dois homens é sutilmente idêntico em muitos pontos. Ambos parecem estar constantemente tentando reconciliar insuperáveis antagonismos. Ambos experimentam dificuldade em abandonar a ilusão de que as crenças e hábitos fixos dos homens podem ser radicalmente alterados por umas poucas explicações amistosas. Ambos demonstram uma curiosa predileção por conhecimentos exóticos, preferindo fontes recônditas de ciência; eles adotam aparências excêntricas. Ambos inspiram o que pode ser chamado de medo e pânico em perfeitos desconhecidos, que não podem dar qualquer explicação racional para uma repulsa que às vezes chega quase a ser uma insanidade

temporária. A paixão dominante em cada caso é de ajudar a humanidade. Ambos demonstram um desinteresse por sua prosperidade pessoal, e até por seu conforto; no entanto ambos demonstram amor ao luxo e ao esplendor. Ambos são de um orgulho satânico.

Quando Aleister Crowley se tornou Frater OY MH e teve de escrever sua tese para o Grau de Adeptus Exemptus, ele já havia coligido seu material quando “Clef des grands mystères” de Lévi lhe caiu nas mãos. Foi notável que ele, tendo admirado Lévi durante anos, e mesmo começando a suspeitar de sua identidade, não tivesse se preocupado (se bem que era um extravagante comprador de livros) em adquirir este particular volume. Ele descobriu, para seu espanto, que quase tudo que tencionava dizer estava escrito ali. O resultado foi que ele abandonou sua tese, e em vez de concluí-la, traduziu para o inglês a obra prima em questão.

O estilo dos dois homens é notavelmente semelhante em numerosos pontos sutis e profundos. A qualidade da ironia é a mesma. Ambos tem um prazer perverso em armar ciladas ao leitor. Em um ponto, acima de tudo, a identidade é absoluta – não existe um terceiro nome em literatura que possa ser colocado na mesma classe. O ponto é este: em uma sentença única são combinados sublimidade e entusiasmo com sardônica amargura, cepticismo, grosseria e desprezo. Evidentemente é o supremo prazer de ambos emitir um acorde composto de tantos elementos antagônicos quanto for possível. O prazer parece derivar da gratificação do senso de poder, o poder de compelir todo possível elemento de pensamento a contribuir ao espasmo.

A teoria da reencarnação, se geralmente fosse aceita, as considerações acima estabeleceriam um caso forte. FRATER PERDURABO estava completamente convencido em uma parte de sua mente quanto a esta identidade, muito antes de ter experimentado memórias diretas do assunto.

II

A não ser que tenhamos uma base deste tipo, da qual começar, devemos retrair os acontecimentos prévios de nossa vida tão bem quanto possamos pelos métodos sugeridos acima. Pode ser de algum auxílio se dermos alguma característica da genuína Memória Mágica; se mencionarmos algumas fontes de erro, e estabelecermos regras críticas para verificação de nossos resultados.

O primeiro grande perigo é a vaidade. Devemos estar sempre de sobreaviso quanto a “lembranças” de que fomos Cleópatra ou Shakespeare.

Também, semelhanças superficiais são em geral enganadores.

Um dos grandes testes para a genuinidade de qualquer lembrança é a recordação das coisas realmente importantes daquela existência, não das coisas de que a maioria comumente considera importantes. Por exemplo, Aleister Crowley não se recorda de quaisquer dos acontecimentos decisivos da vida de Eliphas Lévi. Ele se recorda de trivialidades íntimas da infância. Ele tem uma lembrança vívida de certas crises

espirituais; particularmente uma que ocorreu enquanto Lévi caminhava de baixo para cima ao longo de uma seção de estrada solitária, em um distrito plano e desolado. Ele se recorda de incidentes ridículos, tais como freqüentemente ocorrem na hora da ceia, quando a conversação toma cursos em que uma palavra jovial ao acaso cala fundo em nós, e recebemos uma suprema revelação que no entanto é perfeitamente inarticulada. Ele esqueceu seu casamento e seus trágicos resultados, se bem que o plágio que o Destino ousou perpetrar em sua existência presente deveria, e poderíamos supor, reabrir naturalmente a ferida.

Existe uma sensação que nos as segura intuitivamente quando estamos na pista certa: Há uma estranheza na memória que de algum modo nos perturba. Dá-nos um sentimento de vergonha e culpa. Há uma tendência a nos ruborizarmos. Sentimo-nos como um garoto de escola, descoberto a rabiscar um poema. É a mesma sensação que ocorre quando encontramos uma fotografia desbotada, ou um anel de cabelos de vinte anos atrás, no meio da quinquilharias de um baú velho. Este sentimento independe de que se a coisa em questão foi em si uma fonte de prazer ou de dor. Será que nos ressentimos da idéia de nossa “prévia condição de servidão”? Queremos esquecer o passado, por mais razão que haja para nos orgulharmos dele. É bem sabido que muitos homens educados sentem-se embaraçados na presença de um macaco.

Quando esta “perda de cara” não ocorre, desconfie da exatidão da recordação. As únicas lembranças legítimas que se apresentam serenamente são invariavelmente aquilo que os homens chamam de desastre. Ao invés de sentir que “nos pegaram” então, nós sentimos que o tiro errou o alvo. Temos a maliciosa satisfação de termos perpetrado uma tremenda tolice, e de termos escapado sem um arranhão. Quando vemos a vida de uma perspectiva, é um imenso alívio descobrir que coisas como a bancar rota, o casamento, e a força não fizeram, afinal de contas, nenhuma diferença. Foram apenas acidentes, como os que podem ocorrer com qualquer um; não influenciaram o que havia de real importância. Conseqüentemente nos lembramos de que nos cortaram as orelhas como se o fato fosse uma saída afortunada, enquanto a pilhéria casual de um marinheiro embriagado em um cabaré nos enche da vergonha de um novo rico vaidoso a quem um desconhecido bem trajado casualmente menciona uma renda maior, e herdada, ainda por cima.

O testemunho da intuição é, no entanto, puramente subjetivo, e exige provas colaterais. Seria um grande erro pedir demasiado. Em conseqüência do caráter peculiar das lembranças que estão sobre o microscópio, uma confirmação grosseira quase sugere perjúrio. Um patologista causaria suspeitas se afirmasse que seus bacilos haviam-se arranjado na lâmina de modo a soletrar *Staphylococcus*. Desconfiamos de um arranjo floral que nos diz que “Vale a pena viver em Detroid, Michigan”. Suponhamos que Aleister Crowley se recorda de ter sido Sir Edward Kelly. Não segue que ele será capaz de nos dar detalhes da cidade de Cracrow tal como ela era na época de James I da Inglaterra. Acontecimentos materiais são palavras de uma linguagem arbitrária; os símbolos de uma cifra escolhida de antemão. O que aconteceu a Kelly em Cracrow pode ter tido significado para ele; mas não há motivo para assumirmos que tenha qualquer significado para o seu sucessor.

Existe uma linha óbvia para avaliarmos qualquer lembrança. Ela não pode estar em conflito com fatos estabelecidos. Por exemplo, não podemos ter duas vidas que se

interceptam, a não ser que haja motivo para supor que a primeira pessoa morreu espiritualmente antes de seu corpo parar de respirar. Isto poderia acontecer em certos casos, como insanidade.

Não é conclusivo contra uma encarnação prévia que nossa condição presente seja inferior à passada. Nossa vida presente pode representar as possibilidades integrais de um certo Karma parcial. Podemos ter devotado esta nossa encarnação à liquidação das dívidas de uma parte de nosso caráter prévio. Por exemplo, nós poderíamos dedicar uma existência a liquidar a conta acumulada por Napoleão de sofrimentos desnecessários causados a outros, a fim de recomeçarmos sem dívidas, uma existência dedicada a colher a recompensa dos imensos serviços que o curso prestou à raça.

O MESTRE THERION, de fato, se recorda de diversas encarnações de quase incompensada miséria, angústia e humilhação, incorridas a fim de que ele pudesse reencetar seu trabalho espiritual sem oposição por parte de credores kármicos.

Estas são as marcas. A memória se coaduna com os fatos observados da vida presente. Esta cor respondência pode ser de dois tipos. É raro (e pelos motivos declarados acima, não tem importância) que nossa memória possa ser confirmada pelo que podemos chamar, não muito bem, de evidência externa. Foi realmente uma valiosa contribuição à psicologia que alguém tenha dito que uma geração adúltera buscava um sinal. (Ainda sim, o valor permanente da observação é traçar a genealogia do fariseu – desde Caifás até o Cristão moderno.)

Sinais enganam, conduzem a caminhos errôneos. O fato de que qualquer coisa é inteligível prova que está endereçado à pessoa errada; porque a própria existência de linguagem pressupõe incapacidade de nos comunicarmos diretamente. Quando Sir Walter Raleigh estendeu seu manto sobre a estrada enlameada, ele meramente expressou, em uma cifra possibilitada por uma combinação de circunstâncias, se desejo, outrossim inexprimível, de cair nas boas graças da Rainha Elizabeth I. O significado de sua ação foi determinado pelo curso das circunstâncias. A realidade não pode se reproduzir exclusivamente desta forma especial. Não há motivo para nos lembrarmos de que um ritual tão extravagante era necessário à adulação naqueles dias. Portanto, por melhor que um homem se recorde de sua encarnação como Júlio Cezar, não é necessário que ele represente seu poder de colocar tudo em um lance de chance através do ato de imaginar um Rubicon. Qualquer estado espiritual pode ser simbolizado por uma infinita variedade de atos em uma infinita variedade de circunstâncias. Deveríamos nos recordar apenas desses acontecimentos que estejam imediatamente ligados às nossas tendências peculiares de imaginar uma coisa antes que uma outra.

Lembranças genuínas quase sempre, invariavelmente, explicam a nós mesmos. Suponha, por exemplo, que você sinta uma repulsa instintiva por algum tipo particular de vinho. Por mais que tente, você não encontra motivos para sua idiossincrasia. Suponha então que quando você explora alguma encarnação prévia, se recorda que morreste por causa de um veneno administrado em um vinho daquele tipo; sua aversão é explicada pelo provérbio “gato escaldado têm medo até de água fria”. Pode ser protestado que em um determinado caso sua libido criou um fantasma de si mesma, da maneira explicada por Freud. Esta crítica é justa, mas seu valor diminui se você se tornou cômico da existência

dessa repulsa depois que sua Memória Mágica atraiu sua atenção para o fato. Realmente, a essência do teste consiste nisso: que sua memória lhe notifica de alguma coisa nesta vida que é a conclusão lógica das premissas postuladas pela encarnação passada.

Como exemplo, podemos citar certas memórias do MESTRE THERION. Ele seguiu uma cadeia de pensamentos que o levou a recordar de sua existência como um Romano chamado Marius de Aquila. Seria forçar a lei de probabilidade se presumíssemos uma conexão entre (α) este método hieroglificamente registrado de auto-análise e (β) a introspecção comum, realizada com princípios inteligíveis a ele mesmo. Ele se recorda diretamente de várias pessoas e diversos acontecimentos relacionados com essa encarnação; e aparentemente, tanto as pessoas quanto os acontecimentos realmente ocorreram. Não há motivo porque tais memórias, antes de quaisquer outras, tivessem penetrado ao acaso na mente de MESTRE THERION. Ele não encontra qualquer motivo para relacioná-las com qualquer em sua vida presente. Mas, um exame subsequente do registro indica que o resultado lógico da Obra de Marius de Aquila não ocorreu com aquele romântico patife; de fato, ele morreu antes que qualquer coisa pudesse ocorrer. Podemos supor que qualquer coisa que seja possa ser impedida em seu efeito? Unânime, o Universo inteiro o nega. Se então os exatos efeitos que poderíamos supor que resultariam daquelas causas estão manifestadas na carreira de MESTRE THERION; seguramente a explicação mais fácil e mais razoável é assumirmos uma identidade entre os dois homens. Ninguém se choca ao observar que a ambição de Napoleão diminuiu a estatura do Francês médio. Nós sabemos que de alguma forma ou de outra toda força tem de ser satisfeita; e pessoas que percebem o fato que acontecimentos externos são meros sintomas de idéias externas não encontra dificuldade em atribuir as correspondências de uns às identidades das outras.

Que nenhum defensor da Magick insista na validade objetiva de tais concatenações! Seria infantil apegarmo-nos a idéia de que Marius de Aquila realmente existiu; isso não nos deve importar mais do que importa ao matemático se o uso do símbolo X implica na “realidade” de 22 dimensões de espaço. O MESTRE THERION pouco se importa se ele foi realmente Marius de Aquila, ou se Marius de Aquila foi outra pessoa, ou se o Universo em peso é mais que um pesadelo que ele criou por uma excessiva ingestão de rum e água. A memória que o MESTRE THERION tem de Marius de Aquila, das aventuras dele em Roma e na Floresta Negra pouco importa, quer ao MESTRE THERION, quer a qualquer outra pessoa. O que importa é isto: Fato ou Ilusão, ele encontrou uma forma simbólica que o habilitou a se governar melhor para seus próprios propósitos. “Quantum nobis prodest haec fabula Christi!” A “falsidade” das fábulas de Aesop’s não diminui o valor delas para humanidade.

Esta redução da Memória Mágica ao nível de um artifício através do qual nossa sabedoria interna se exterioriza não deve ser considerada como cética a não ser em último caso. Nenhuma hipótese científica pode dar evidência mais forte de sua validade do que a confirmações de suas predições por evidência experimental. O que é objetivo sempre pode ser expressado por símbolos subjetivos, se necessário. A controvérsia, no fim, perde todo significado. Como quer que interpretemos a evidência, sua verdade relativa depende de sua coerência interna. Nós, portanto, podemos dizer que qualquer lembrança mágica é genuína se explica as nossas condições externas ou internas. Qualquer coisa que esclareça

o Universo para nós, qualquer coisa que nos revele a nós mesmos, deveria ser bem vinda neste mundo de enigmas.

À medida que nossa lembrança se estende no passado, a evidência e sua verdade se tornam cumulativa. Toda encarnação de que nos lembramos deve aumentar nossa compreensão de nós mesmos. Qualquer obtenção de conhecimento deve indicar com precisão certa a solução de algum enigma proposto pela Esfinge de nossa cidade nativa desconhecida, Tebas. A complicada situação em que nos encontramos é composta de elementos, e nenhum desses elementos saiu do nada. A Primeira Lei de Newton se aplica a todo o plano do pensamento. A teoria da evolução é uniforme. Há um motivo para a nossa predisposição para a gota, ou para o formato de nossa orelha, no passado. O simbolismo pode mudar; os fatos, não. De uma maneira ou de outra, tudo quanto existe é derivado de alguma manifestação prévia. Acreditemos, se quisermos, que a memória de nossas encarnações passadas são sonhos; mas sonhos são determinados pela realidade, tanto quanto os acontecimentos da vida diária. A verdade deve ser apreendida pela correta tradução da linguagem simbólica. A última seção do Juramento do Magister Templi é: “Eu juro interpretar todo fenômeno como um trato particular entre Deus e minha alma.” A Memória Mágica é (em última análise) uma maneira, e como a experiência testemunha, uma das maneiras mais importantes, de cumprir este voto.

Do Equilíbrio; e do Método Geral e Particular de Preparar o Templo e os Instrumentos da Arte

I

“ANTES que houvesse equilíbrio, a face não contemplava a face.” Assim diz o mais santo dos livros da antiga Qabalah. Uma das faces aqui mencionadas é o Microcosmo e a outra o Macrocosmo.

Como foi dito acima, o propósito de qualquer cerimônia mágica é unir o Macrocosmo e o Microcosmo.

É como uma ótica: os ângulos de incidência e reflexão são iguais. Você deve equilibrar exatamente seu Macrocosmo e Microcosmo, verticalmente e horizontalmente, ou as imagens não coincidirão.

Este equilíbrio é afirmado pelo Magista quando arranja o interior do Templo. Nada deve estar assimétrico. Se você tem qualquer coisa no Norte, você deve por algo igual e oposto no Sul. A importância disto é tão grande, e a verdade disto tão óbvia, que nenhuma pessoa com a mais medíocre capacidade para a Magick pode tolerar qualquer objeto fora de equilíbrio por um momento que seja. Seu instinto se revolta instantaneamente. Por esta razão as armas, Altar, Círculo e Magus são todos cuidadosamente proporcionados um ao outro. Não serve se temos uma Taça do tamanho de um dedal e uma Baqueta do tamanho de um poste.

Novamente, o arranjo das armas no Altar deve ser de maneira que elas pareçam equilibradas. Nem deve o Magista usar qualquer ornamento desequilibrado. Se ele empunha a Baqueta na mão direita, que ele tenha o Anel na esquerda, ou o Ankh, ou a

Campainha, ou a Taça. E por motivos que ele se mova para direita, que ele faça este movimento por um motivo equivalente para a esquerda; ou se para frente, para trás; e que ele corrija cada idéia indicando a contradição contida nessa idéia. Se ele invoca Severidade, que ele declare que Severidade é o instrumento da Misericórdia; se Estabilidade, que ele mostre que a base daquela Estabilidade é uma mudança contínua, tal como a Estabilidade de uma molécula é assegurada pelo momento dos céleres átomos nela contida.

Desta maneira, que cada idéia forme uma espécie de triângulo baseado em dois opostos, sendo a própria idéia o ápice que transcende a contradição da base em uma harmonia mais alta.

Não é prudente utilizar qualquer pensamento em Magick, a não ser que o pensamento tenha sido previamente equilibrado e destruído.

Da mesma maneira com os instrumentos: a Baqueta deve estar pronta para se transformar em uma Serpente, e o Pantáculo na Suástica cíclica ou no Disco de Javé, como que para executar as funções da Espada. A Cruz é tanto a morte do “Salvador” quanto o símbolo fálico da Ressurreição. A Vontade deve estar pronta a culminar na entrega daquela Vontade; a flecha da aspiração que é desfechada contra o Sagrado Pombo deve se transmutar na Virgem Maravilhada que recebe em seu útero aquele mesmo Espírito de Deus.

Qualquer idéia que seja em si mesma positiva e negativa, ativa e passiva, macho e fêmea, estar apta a existir acima do Abismo, qualquer idéia que não esteja equilibrada desta maneira, está abaixo do Abismo, contém em si uma inegável dualidade ou falsidade, e nisto, é perigosa e Qliphótica. Mesmo uma idéia como “verdade” é perigosa a não ser que seja compreendido que toda Verdade é, em um senso, falsidade. Pois toda Verdade é relativa; e se supormos absoluta, ela nos desencaminhará. O Livro das Mentiras, falsamente assim chamado (Liber 333) merece cuidadoso estudo quanto a isto. O leitor deveria também consultar a “introdução” de Konx Om Pax, em “Thien Tao” no mesmo volume.

Tudo isso deve ser expressado nas palavras do próprio Ritual e simbolizado em cada ato executado.

II

É dito nos antigos livros de Magick que tudo o que o Magista usa deve ser “virgem”. Isto é: não deve nunca ter sido usado por qualquer outra pessoa ou para qualquer outro fim. Os Adeptos antigos davam a máxima importância a isto, o que tornava a tarefa do Magista bem difícil. Ele queria uma Baqueta, e a fim de cortá-la e apará-la ele necessitava de uma faca. Não era meramente suficiente comprar uma faca nova; ele achava que deveria fazer a faca. Para fazê-la, era requerido cem coisas mais, sendo que a requisição de cada uma poderia requerer mais cem; e assim por diante. Isto demonstra a impossibilidade de nos desvencilharmos do nosso meio ambiente. Mesmo em Magick não podemos avançar sem o auxílio de outros.

Havia, além disto, um outro propósito neste recomendação. Quanto mais trabalho e mais dificuldades a sua arma lhe custar, mais útil ela lhe será. “Se você quer que uma coisa saia bem feita, faça-a você mesmo.” Seria inútil levar este livro a uma loja de departamentos e solicitar aos funcionários que lhe forneçam um Templo de acordo com as especificações. Vale realmente a pena, ao Estudante que requer uma Espada, ir escavar minério de ferro, der retê-lo com carvão preparado por ele mesmo, forjar a arma com sua própria mão; e até dar-se o trabalho de sintetizar o Óleo de Vitriolo com o qual a lâmina será gravada. Ele terá aprendido várias coisas úteis na sua tentativa de fabricar uma Espada realmente virgem; ele compreenderá como uma coisa depende da outra; ele começará a apreciar o significado das palavras “a harmonia do Universo”, tão freqüentemente usadas, estúpida e superficialmente pelo apologista ordinário da Natureza; e ele também perceberá a verdadeira operação da lei do Karma.

Outra notável injunção da antiga Magick era que o que quer que pertencesse à Obra deveria ser o único. A Baqueta deveria ser cortada com um único golpe de faca. Não deveria haver qualquer corte errado ou repetido, nenhum desajeitamento ou hesitação. Se você golpeia, golpeie com toda sua força! “O que quer que tua mão faça, faça com todo o seu poder!” Se você vai se dedicar a Magick, não faça compromissos. Você não pode fazer revoluções com água de rosas, ou praticar luta romana usando cartola. Depressa descobrirá que, ou perde a luta ou perde a cartola. A maior parte das pessoas fazem ambas as coisas. Eles tomam o caminho da Magick sem suficiente reflexão, sem aquela determinação diamantina que faz o autor deste livro exclamar, ao pronunciar seu primeiro juramento, “PERDURABO” – “Eu perdurarei até o fim!” Eles começam a grandes passos, e de repente descobrem que seus sapatos estão se sujando na lama. Ao invés de persistirem, eles correm de volta para o rebanho e a convenção. Essas pessoas têm apenas que culpar a si mesmas se os próprios moleques de rua zombam delas.

Outra recomendação era esta: Compra o que necessitas sem fazeres regateio!

Você não pode estabelecer uma proporção entre os valores de coisas incomensuráveis. O mais ínfimo dos Instrumentos Mágicos vale infinitamente mais que tudo o que você possui, ou melhor, que tudo o que você estupidamente pensa que possui. Quebre esta regra, e a Nênese usual dos mornos lhe aguarda. Não só você adquire instrumentos de qualidade inferior, mas você perde de alguma outra forma aquilo que você julgou que era bastante ladino para conservar. Lembre-se de Ananias!

Por outro lado, se você compra sem regatear, perceberá que o vendedor juntou sua compra a bolsa de Fortunatus. Não importa em que emergência você pareça se encontrar, na última hora suas dificuldades serão solucionadas. Pois não existe poder do firmamento e do éter, sobre a terra e sob a terra, na terra seca e na água; do ar rodopiante e do fogo crepitante, e todo encanto e flagelo de Deus que não seja obediente à necessidade do Magista! Aquilo que ele tem, ele não tem; mas aquilo que ele é, ele é; e aquilo que ele vai ser, ele será. E nem Deus e nem o Homem, nem toda a malícia de Choronzon, pode impedi-lo ou fazer com que ele se desvie um momento de seu Curso. Este comando e esta promessa têm sido dados por todos os Magi sem exceção. E onde este comando foi obedecido, esta promessa infalivelmente foi cumprida.

III

Em todos os atos, as mesmas fórmulas se aplicam. Para invocarmos um Deus, isto é, para nos elevarmos ao plano de consciência representado por aquela divindade, o processo é triplo: PURIFICAÇÃO, CONSAGRAÇÃO e INICIAÇÃO.

Portanto, toda arma mágica, e até o mobiliário do Templo, deve passar por este triplo regime. Os detalhes variam apenas em pontos sem importância. Por exemplo, para se preparar, o Magista purifica-se mantendo sua castidade e se abstendo de qualquer deturpação. Para preparar, digamos, a Taça, nós nos certificamos de que o metal nunca foi empregado para qualquer outro propósito – nós derretemos minério virgem e refinamos o metal com o máximo cuidado – ele deve ser quimicamente puro.

Para resumir isto tudo em uma frase: todo artigo empregado deve ser tratado como se fosse um candidato a iniciação; mas naquelas partes do ritual em que o candidato é vendado, nós embrulhamos a arma em um pano negro. O juramento que o candidato faz é substituído por uma injunção em termos semelhantes. Os detalhes do preparo de cada arma deveriam ser cuidadosamente planejados pelo Magista.

Além disto, a atitude do Magista para com suas armas deveria ser aquela do Deus para com o suplicante que O invoca. Deveria ser o amor do pai por seu filho, a ternura e o cuidado do noivo por sua noiva, e aquele sentimento peculiar que o criador de toda obra de arte experimenta por sua obra prima.

Onde isto tenha sido claramente compreendido, o Magista não experimentará dificuldade em observar o ritual apropriado; não só na atual consagração ritual de cada arma, mas na preparação da mesma, um processo que deveria iluminar esta cerimônia; por exemplo, o Magista cortará a Baqueta da árvore, tirará as folhas e brotos, removerá a casca. Ele aparará bem as pontas e aplinará os nós – isto é o banimento.

Ele então esfregará a Baqueta com Óleo consagrado até que ela se torne lisa, brilhante e dourada. Ele então a embrulhará em seda da cor apropriada: isto é consagração. Ele então a empunhará, e imaginará que ela é aquele tubo com que Prometeu trouxe fogo do céu, formulando para si mesmo a passagem da Santa Influência através dela. Desta e de outras formas ele executará a iniciação, isto é, ele repetirá o processo todo em uma cerimônia elaborada.

Para tomarmos um exemplo totalmente diverso, o do Círculo: o Magista sintetizará o vermelhão requerido de mercúrio e enxofre sublimados por ele mesmo. Este puro vermelhão, ele mesmo misturará com Óleo consagrado, e enquanto ele aplica esta tinta ele pensará intensamente e com devoção nos símbolos que ele está desenhando. Este Círculo pode então ser iniciado por uma circumbulação, durante o qual o Magista invoca os nomes de Deus que ali estão pintados.

Qualquer pessoa sem suficiente capacidade para começar os métodos apropriados de preparação para os outros artigos, provavelmente nunca será um Magista; e nós apenas desperdiçaríamos nosso tempo se tratássemos em detalhe da preparação de cada instrumento.

Existe uma instrução definida em “Liber A vel Armorum” para o preparo da Lâmpada e das Quatro Armas Elementais.

Do Silêncio e do Segredo, e dos nomes Bárbaros de Evocação

É VERIFICADO pela prática (confirmando a asserção de Zoroastro) que as mais potentes conjurações são aquelas em linguagens antigas e talvez esquecidas, ou as que estão em um jargão corrupto, até uma língua que possivelmente nunca teve significado. Destas, há diversos tipos principais. A “Invocação Preliminar” no “Goécia” é constituída principalmente com corruptelas de nomes Gregos e Egípcios. Por exemplo, “Osorronnophris” para “Asar Unnefer”. As conjurações dadas pelo Dr. Dee são uma linguagem chamada Angélica ou Enoquiana. Sua fonte original até agora ainda não foi identificada por pesquisa, mas é uma linguagem e não um jargão, pois tem estrutura própria, e há traços de gramática e sintaxe.

Seja o que for, ela é efetiva. Mesmo o principiante descobre que “coisas acontecem” quando ele a emprega: e isto é uma vantagem – ou desvantagem! – que nenhuma outra linguagem conhecida tem. Para tudo isso é necessário perícia. Isto necessita prudência!

As invocações Egípcias são muito mais puras, mas seu significado não tem sido suficientemente estudado por pessoas magicamente competentes. Nós possuímos um número de invocações em Grego de todo grau de excelência; em Latim apenas poucas, e estas de inferior qualidade. Será notado que em todos os casos as conjurações são muito sonoras, e há uma certa voz mágica que deveriam ser recitadas. Esta voz especial foi nativa com MESTRE THERION; mas pode ser facilmente ensinada – para pessoas capazes de aprendê-la.

Várias considerações impeliram-no a tentar conjurações na língua Inglesa. Existia já um exemplo, o encanto das feiticeiras em Macbeth; se bem que talvez não tenha sido escrito a sério, seu efeito é indubitável.

Tetrâmetros iâmbicos enriquecidos com muitas rimas, tanto externas quanto internas, têm se mostrado muito úteis. “The Wizard Way” nos dá uma boa idéia deste tipo de construção na língua Inglesa. Assim também na “Evocação de Bartzabel”. Existem muitas invocações entremeadas nas obras poéticas do MESTRE THERION, em muitas variedades de metros, de muitos tipos de entes, e para muitos propósitos diversos.

Outros métodos de encantamentos estão relatados como eficazes. Por exemplo, Frater I. A., quando menino, ouviu dizer que poderia invocar o Demônio recitando o “Pai Nosso” ao contrário. Ele foi para o jardim e experimentou. O Demônio apareceu e quase o fez morrer de medo.

Não é, pois, bem certo, no que concerne a eficácia das conjurações. A peculiar excitação mental requerida pode até ser provocada pela percepção da absurdidade do processo inteiro, e pela persistência nele a despeito desta percepção; como, em certa ocasião, FRATER PERDURABO (após esgotar todos os seus recursos mágicos) recitou “From Greenland’s Icy Mountains” e obteve seu resultado.

Pode ser concedido, em qualquer caso, que as longas linhas de formidáveis palavras que

rugem e gemem através de tantas conjurações têm um real efeito de exaltar a consciência do Magista ao nível requerido – que isso aconteça não é mais extraordinário que o fato que a música é capaz de uma influência análoga.

Magistas não se têm limitado ao uso da voz humana. A Flauta de Pã com suas sete notas, correspondendo aos sete Planetas, a matraca, o tom-tom, e mesmo o violino, têm sido usados, assim como muitos outros, dos quais o mais importante é o Sino, se bem que este não é usado tanto para conjurações quanto para marcar estágios na cerimônia. De todos estes instrumentos, verificar-se-á que o tom-tom é, mais geralmente, útil.

Já que estamos no assunto dos nomes bárbaros de evocação, não podemos omitir a pronúncia de certas palavras supremas que encerram (α) a completa fórmula do deus invocado, ou (β) a cerimônia inteira.

Exemplos do primeiro tipo são Tetragrammaton, I.A.O., e Abrahadabra.

Um exemplo do segundo tipo é a grande palavra StiBeTtChePhMeFShiSs, que é uma linha traçada na Árvore da Vida (atribuições Coptas) de uma certa maneira.

Com todas tais palavras, é da máxima importância que nunca sejam pronunciadas até o momento supremo; e mesmo assim, elas deveriam irromper o Magista quase a despeito dele mesmo – tão grande deveria ser sua relutância em pronunciá-las. De fato elas deveriam ser a voz do Deus nele, no primeiro instante da posseção divina. Pronunciadas desta forma, elas não podem deixar de ter efeito, visto que elas se tornam o efeito.

Todo Magista precavido terá construído (de acordo com os princípios da Sagrada Qabalah) muitas dessas palavras, ele deveria ter quintessencializado todas em Uma só Palavra, a qual última Palavra, uma vez ele tenha formulado, não deve jamais pronunciar conscientemente nem sequer em pensamentos, até, talvez, quando ele a pronuncia com seu derradeiro alento. Realmente, uma tal Palavra deveria ser tão potente que, o homem não possa ouvi-la e ainda permanecer vivo.

Uma Palavra assim era, realmente, o Tetragrammaton perdido. É alegado que na pronúncia deste nome o Universo desaba em dissolução. Que o Magista busque ardentemente esta Palavra Perdida, pois sua pronúncia é o sinônimo da consecução da Grande Obra.

Neste assunto da eficácia de palavras há novamente duas fórmulas de natureza extremamente oposta. Uma palavra pode se tornar potente e terrível em virtude de repetições constantes. No princípio a asserção “Tal e tal é Deus” não desperta interesse. Persista, e você encontrará escárnio e ceticismo, possivelmente, perseguição. Persista, e a controvérsia se torna tão familiar que ninguém mais se preocupa em contradizer sua asserção.

Nenhuma superstição é tão perigosa e tão viva quanto uma superstição explodida. Os jornais de hoje em dia (escritos e editados quase exclusivamente por homens sem nenhuma centelha de religião ou moralidade) não ousam sugerir que qualquer pessoa descreia no culto oficial prevalente; eles deploram o ateísmo – quase universal na prática e implícito na teoria de quase todas as pessoas com inteligência – como se fosse

excentricidade de algumas poucas pessoas inconvenientes ou desagradáveis. Esta é a história ordinária da propaganda: o que é falso tem exatamente a mesma chance que o que é real. Persistência é a única qualidade requerida para o sucesso.

A fórmula oposta é a do segredo. Uma idéia é perpetuada porque não deve nunca ser mencionada. Um Maçom nunca esquece as palavras secretas que lhe são confiadas, se bem que estas palavras, na maioria dos casos, não significam absolutamente nada para ele; o único motivo porque ele se lembra delas é que foi-lhe proibido de mencioná-las, se bem que elas têm sido repetidamente publicadas, e são tão acessíveis ao profano quanto ao iniciado.

Em uma obra prática de Magick, tal como a pregação de uma nova Lei, estes métodos podem ser vantajosamente combinados; de uma lado infinita franqueza e presteza em comunicar todos os segredos; de outro lado a sublime e terrível certeza de que todos os segredos legítimos são incomunicáveis.

De acordo com a tradição, é de certa vantagem, em conjurações, empregar mais que uma linguagem. Provavelmente o motivo é que qualquer mudança estimula a atenção oscilante. Um homem ocupado em intenso labor mental freqüentemente se interromperá e dará uma volta ao redor do aposento – podemos supor que por este motivo – mas é um sinal de fraqueza que isto seja necessário. Para o principiante em Magick, porém, é permissível empregar quaisquer artifícios que assegurem o resultado.

Conjurações deveriam ser recitadas, não lidas; e a cerimônia deveria ser tão perfeitamente executada que as pessoas não deveriam se tornar conscientes de qualquer esforço da memória. A cerimônia deveria ser construída com tal fatalidade e lógica que um erro seria impossível. O ego consciente do Magista deve ser destruído, absorvido naquele do Deus que ele invoca; e o processo não deveria interferir com o autômato que está executando a cerimônia.

Mas este ego de que aqui falamos é o verdadeiro e ultimal ego. O autômato deveria possuir vontade, energia, inteligência, razão e resolução. Este autômato deveria ser o homem perfeito, muito mais do que qualquer outro homem pode ser. É apenas o Ente divino dentro deste homem, um Ente tão acima da idéia de Vontade, ou de quaisquer outras qualidades, quanto o céu está acima da terra, que dever ia se reabsorver naquela radiância ilimitável, da qual Ele é uma fagulha.

A grande dificuldade para o Magista que trabalho só é se aperfeiçoar de tal maneira que estes múltiplos deveres do Ritual sejam adequadamente executados. A princípio ele verificará que a exaltação destrói a memória e paralisa os músculos. Isto é uma dificuldade primária do processo mágico, e pode apenas ser conquistada por prática e experiência.

A fim de auxiliar a concentração, e aumentar o suprimento de energia, tem sido habitual que o Magista empregue assistentes ou colegas. É duvidoso se as óbvias vantagens deste plano contrabalançam a dificuldade de acharmos pessoas competentes, e a possibilidade de um conflito de vontade ou até mesmo de desentendimento no próprio Círculo. Em certa ocasião FRATER PERDURABO foi desobedecido por um assistente; se não fosse

por Sua prontidão em usar a compulsão física da Espada, é provável que o Círculo tivesse sido quebrado. Tal como foi, felizmente, o incidente terminou sem um problema mais sério do que a destruição do culpado.

Porém, não há dúvidas de que uma assembléia de pessoas que realmente estejam em harmonia podem produzir um efeito com muito mais facilidade que um Magista trabalhando sozinho. A psicologia de “assembléias de Revivalismo” são conhecidas por quase todas as pessoas, e se bem que tais reuniões sejam dos mais sujos e mais degradados rituais de magia negra, as leis da Magick não são suspensas por isto. As leis da Magick são as leis da Natureza.

Dos Gestos

Este capítulo pode ser dividido nas seguintes partes:

As Posturas.

As Circumbulações (e movimentos similares).

As Trocas de posição (Isso depende da teoria de construção do círculo).

Batidas e Toques de Sino.

I

As posturas são de dois Tipos: natural e artificial. Do primeiro tipo, a prostração é o exemplo óbvio. Se tornou natural para o homem (pobre criatura!) atirar-se no chão na presença do objeto de sua adoração ¹.

Intermediária entre esta e a forma de gesticular puramente artificial vem uma classe que depende de adquirir o hábito. Desta forma é natural a um oficial europeu oferecer sua espada em sinal de rendição. Um tibetano, no entanto, agacharia-se, colocaria a língua para fora, e colocaria sua mão atrás da orelha direita. Os gestos puramente artificiais compreendem definitivamente em sua classe a maioria dos sinais mágicos, apesar de que alguns destes simularem uma ação natural – por exemplo, o sinal de Abrir o Véu. Mas o sinal de Auramoth (ver a ilustração do Equinox I, II, “Sinais dos Graus”) meramente imita um hieróglifo que tem apenas uma conexão remota com qualquer fato na natureza. Todos os sinais precisam, é claro, ser estudados com paciência infinita, e praticados até que a conexão entre eles e a postura mental que eles representam pareça “necessária”.

II

O principal movimento no círculo é a circumbulação ².

Isso tem um resultado bem claro, mas um que é difícil de descrever. Uma analogia é o dínamo. A circumbulação devidamente realizada em combinação com o Sinal de Hórus (ou “O Entrante”) ao passar pelo leste é um dos melhores métodos de estimular a força macrocósmica no Círculo. Nunca deveria ser omitido a menos que haja alguma razão especial para isso.

Um passo particular parece apropriado a isso. Esse passo deveria ser leve e furtivo, quase oculto, e mesmo assim mutio resoluto. É o passo do tigre que persegue o veado. O número de circumbulações deveria, é claro, corresponder à natureza da cerimônia.

Outro movimento importante é a espiral, da qual existem duas formas principais, uma pra dentro, outra pra fora. Elas podem ser executadas em outra direção; e, como a circumbulação, se for executada no sentido horário ³ elas invocam – se no sentido anti-horário ⁴ elas banem ⁵.

Na espiral o passo é leve e rápido, quase que se aproximando de uma dança: enquanto faz isso o magista geralmente girará em seu próprio eixo, também na mesma direção da espiral, ou na direção oposta. Cada combinação envolve um simbolismo diferente.

Também existe a própria dança; ela tem muitas formas diferentes, cada Deus tendo sua dança especial. Uma das danças mais fáceis e efetivas é a valsa normal combinada com os três sinais de L.V.X. É mutio mais fácil de obter êxtase desta maneira do que geralmente se supõe. A essência do processo consiste no esforço da Vontade contra a tontura; mas esse esforço precisa ser contínuo e grave, e sob o grau disto a qualidade e intensidade do êxtase obtido pode depender.

Com a prática, a tontura é totalmente conquistada; a exaustão então toma seu lugar como inimiga da Vontade. É através da destruição mútua destes antagonismos no ser mental e moral do magista que o Samadhi é produzido.

III

Bons exemplos do uso da mudança de posição são dados nos manuscritos Z.1 e Z.3 ⁶; explanatórios do Ritual do Neófito da G.'. D.'. , onde o candidato é levado para vários postos no Templo, cada posto tendo um significado simbólico próprio; mas em pura invocação um exemplo melhor é dado no Liber 831 ⁷. Na construção da cerimônia uma coisa importante a decidir é se você fará ou não tais movimentos. Pois todo Círculo tem seu simbolismo natural, e mesmo que se nenhum uso for feito destes fatos, precisa ser cuidadoso em não deixar nada estar desarmonioso com as atribuições naturais.

As necessidades práticas do trabalho tendem a exigir certos movimentos. Alguém também deveria excluir este simbolismo totalmente, ou senão pensar muito bem em todas as coisas antecipadamente, e torná-lo significativo. Não deixe algumas ações serem simbólicas e outras casuais.

Pois a aura sensível do magista pode ser perturbada, e o valor da cerimônia completamente destruído, pelo embaraço causado pelo descobrimento de algum tal erro, da mesma forma que se um T-totaller preocupado notar que desviou-se em um Templo do Rum Demônio! Então é impossível negligenciar teoria do Círculo.

Para tomar um exemplo simples, supondo que, na Evocação de Bartzabel, planeta Marte, cuja esfera é Geburah (Severidade) estava situada (realmente, nos céus) oposta ao Quadrado de Chesed (Misericórdia) do Tau no Círculo, e o triângulo colocado de acordo. Seria impróprio para o Magus parar naquele Quadrado a menos que usando esta fórmula:

“Eu, de Chesed, governo Geburah através do Caminho do Leão”; enquanto – tomando um caso extremo – colocar-se no quadrado de Hod (que é naturalmente dominado por Geburah) seria uma loucura que apenas uma fórmula da mais alta Magia poderia cancelar.

Certas posições, no entanto, como a de Tiphareth ⁸, são tão simpáticas ao próprio Magus que ele pode usá-las sem referências à natureza do espírito, ou da operação; a menos que ele exija um espírito excepcionalmente preciso e livre de todos os elementos estranhos, ou um cuja natureza é dificilmente compatível com Tiphareth.

Para mostrar como estas posições podem ser usadas em conunção com as espirais, vamos supor que você está invocando Hathor, Deusa do Amor, a descer sobre o Altar.

Colocando-se no quadrado de Netzach você faria sua invocação a Ela, e então dançaria uma espiral para dentro no sentido horário terminando aos pés do altar, onde você cairia em seus joelhos com seus braços levantados sobre o altar como se estivesse convidado-A a abraçar ⁹.

Para concluir, alguém pode adicionar aquela habilidade artítica natural, se possuí-la, forma um excelente guia. Toda Arte é Magia.

Isadora Duncan possui este dom de gesticular em um grau muito elevado. Que o leitor estude sua dança; se possível antes em privado do que em público, e aprender a “inconsciência” soberba – que é a consciência mágica – com a qual ela ajusta a ação à melodia ¹⁰.

Não há recurso mais poderoso do que a Arte de evocar Deuses verdadeiros à aparência visível.

IV.

As batidas ou toques de sino são todos da mesma característica. Eles podem ser descritos coletivamente – a diferença entre eles consite apenas nisto, que o instrumento com o qual eles são feitos sela-os com sua própria propriedade especial. Não é de grande importância (todavia) se são feitas batendo as palmas das mãos ou batendo os pés, por pancadas de uma das armas, ou pelo instrumento teoricamente apropriado, o sino. Todavia pode ser admitido que eles se tornem mais importante na cerimônia se o Magista considerar importante enquanto adotar ¹¹ um instrumento cujo simples propósito é produzi-los.

Que primeiro seja estabelecido que uma batida afirma uma conexão entre o Magista e o objeto que ele bate. Dessa forma o uso do sino, ou das mãos, significa que o Magista deseja imprimir a atmosfera do círculo inteiro com o que foi ou está a ponto de ser feito. Ele deseja formular sua vontade em som, e irradiá-lo em toda direção; além disso, influenciar isso que vive pelo fôlego no sentido de seu propósito, e chamá-lo a testemunhar à sua Palavra. As mãos são usadas como símbolos de seu poder executor, o sino para representar sua consciência exaltada em música. Bater com a baqueta é proferir a sanção da criação; a taça vibra com seu deleite em receber o vinho espiritual. O golpe com a adaga é como o sinal para a batalha. O disco é usado para expressar a queda do preço da aquisição do indivíduo. Bater o pé é declarar a maestria do indivíduo da matéria

em mão. Similarmente, qualquer outra forma de dar batidas tem sua própria virtude. Dos exemplos acima o estudante inteligente terá percebido o método de interpretar cada caso individual que possa vir em questão.

Conforme dito acima, o objeto batido é o objeto imprimido. Desta forma, um golpe sobre o altar afirma que ele cumpriu com as leis de sua operação. Bater a lâmpada é chamar a Luz divina. Dessa forma com o restante.

Precisa ser observado também que muitas combinações de idéias se tornam possíveis por essa convenção. Bater a baqueta dentro da taça é aplicar a vontade criativa ao seu próprio complemento, e assim realizar a Grande Obra pela fórmula da Regeneração. Bater com a mão sobre a adaga declara que o indivíduo demanda o uso da adaga como uma ferramenta para estender seu poder criativo. O leitor recordará como Siegfried feriu Nothung, a espada da Necessidade, sobre a lança de Wotan. Pela ação, Wagner, que foi instruído em como aplicar a fórmula mágica por um dos cabeças de nossa Ordem, tencionou seus ouvintes a entender que o reino da autoridade e do poder paternal terminou; que o novo mestre do mundo era o intelecto.

O objetivo geral da batida ou toque de sino é marcar um estágio na cerimônia. Sasaki Shigetzu nos diz em seu ensaio sobre Shinto que os japoneses estão acostumados a bater suas mãos quatro vezes “expulsar espíritos malignos”. Ele explica que o que realmente acontece é que o súbito e agudo impacto do som arremessa a mente em uma atividade de alerta que possibilita-na a soltar-se da obsessão de sua disposição anterior. Ela é estimulada a aplicar-se agressivamente aos ideais que a oprimem. Então existe uma interpretação perfeitamente racional do poder psicológico da batida.

Em uma Cerimônia Mágica a batida é empregada para quase que o mesmo propósito. O Magista usa-a como o coro no toque grego. Isso ajuda-o a fazer um corte claro, para voltar sua atenção de uma parte de seu trabalho para a próxima.

Tanto para a característica geral da batida ou toque de sino. Mesmo este limitado ponto de vista oferece grandes oportunidades ao Magista engenhoso. Mas possibilidades além mentem para nossa mão. Não é comumente desejado conduzir nada exceto ênfase, e possivelmente temperamento, pela variação da força do golpe. É óbvio, além disso, que existe uma correspondência natural entre a batida ruidosa dura do comando imperioso por um lado, e a batida com som distintivamente leve da compreensão harmoniosa por outro. É fácil distinguir entre a pancada do credor injuriado na porta da frente, e a pancadinha silenciosa do amante na porta do quarto. A Teoria Mágica não pode adicionar aqui instrução ao instinto.

Mas uma batida não precisa ser simples; as combinações possíveis são evidentemente infinitas. Nós precisamos apenas discutir os princípios gerais de determinar qual número de batidas será apropriado em cada caso, e como nós podemos interromper qualquer série de tal forma que expresse nossa idéia pelo significado da estrutura.

A regra geral é que uma simples batida não tem significado especial como tal, porque a unidade é uniforme. Ela representa Kether, que é a fonte de todas as coisas igualmente sem partilhar de qualquer qualidade pelo qual nós discriminamos uma coisa de outra.

Continuando nessa linha, o número de batidas referenciará à Sefirah ou outra idéia cabalisticamente cognata com a do número. Desta forma, 7 batidas intimarão Vênus, 11 a Grande Obra, 17 a Trindade de Pais, e 19 o Princípio Feminino em seu senso mais genérico.

Analizando o assunto mais um pouco, nós primeiramente observamos que a bateria de muitas batidas é confusa, assim como sujeita à sobrecarga das outras partes do ritual. Na prática, 11 é aproximadamente o limite. Geralmente não é difícil arranjar para cobrir toda a base necessária to cover all necessary com aquele número. Em segundo lugar, cada uma é tão extensiva em escopo, e inclui aspectos tão diversos de um ponto de vista prático que nosso perigo repousa na incerteza. Uma batida deveria ser bem definida; seu significado deveria ser preciso. As muitas naturezas de batidas sugerem esperteza e precisão. Desta forma nós precisamos planejar alguns significados de fazer a significante a sequência do sentido especial que possa ser apropriado. Nosso único recurso está no uso dos intervalos.

Evidentemente é impossível atingir grande variedade nos menores números. Mas este fato ilustra a excelência de nosso sisyema. Existe apenas um modo de bater 2 vezes, e esse fato está de acordo com a natureza de Chokmah; existe apenas um modo de criar. Nós podemos expressar apenas nós mesmos, ainda que nós fazemos tal em forma dupla. Mas existem três modos de bater 3 vezes, e estes 3 modos correspondem à maneira tripla pelo qual Binah pode perceber a idéia criativa. Existem três tipos possíveis de triângulo. Nós podemos entender uma idéia ou como uma unidade tripartidade, ou como uma unidade dividindo-se em uma dualidade, ou como uma dualidade harmonizada em uma unidade. Qualquer um destes três métodos pode ser indicado por 3 batidas iguais; 1 seguida, após uma pausa, por 2; e 2 seguidas, após uma pausa, por 1.

Assim como a natureza do número se torna mais complexa, as variedades possíveis aumentam rapidamente. Existem numerosas formas de bater 6, cada uma é apropriada à natureza de diversos aspectos de Tiphareth. Nós podemos deixar a determinação destes pontos à criatividade do estudante.

A geralmente mais útil e adaptável bateria é composta de 11 batidas. As razões principais para isso são as seguintes: “Primeiramente”, 11 é o número da Magick em si própria. Desta forma é compatível com todos os tipos de operações. “Em segundo lugar”, é o número sagrado por excelência do Novo Aeon. Conforme está escrito no Livro da Lei: “...11, como todos os seus números que são de nós”. “Em terceiro lugar”, é o número de letras da palavra ABRAHADABRA, que é a palavra do Aeon. A estrutura desta palavra é tal que expressa a Grande Obra, em todos os seus aspectos. “Por último”, é possível desta forma expressar todas as esferas possíveis de operação, qualquer que seja sua natureza. Isso é efetuado pela criação de uma equação entre o número da Sefirah e a diferença de seu número e o 11. Por exemplo, $2^{\circ}=9$ é a fórmula do grau de iniciação correspondente a Yesod. Yesod representa a instabilidade do ar, a esterelidade da lua; mas essas qualidades estão balanceadas nela pela estabilidade implicada em sua posição como o Fundamento, e pela sua função de geração. Este complexo é equilibrado adiante pela identificando-na com o número 2 de Chokmah, que possui a qualidade aérea, sendo a Palavra, e a qualidade lunar, sendo o reflexo do sol de Kether assim como Yesod é o sol de Tiphareth. É a sabedoria que é o fundamento sendo a criação. Este círculo inteiro de idéias é expresso na fórmula dupla $2^{\circ}=9$, $9^{\circ}=2$; e qualquer uma destas idéias pode ser selecionada

e articulada pela bateria correspondente.

Nós podemos concurir com uma simples ilustração de como os princípios acima podem ser postos em prática. Suponhamos que o Magista contempla uma operação com o objetivo de ajudar sua mente a resistir à tendência de vagar. Esse será um trabalho de Yesod. Mas ele precisa enfatizar a estabilidade daquela Sefirah como contrária à qualidade Aérea que ela possui. Seu primeiro ato será colocar o nove 9 sob a proteção do 2; a bateria neste momento será 1-9-1. Mas esse 9 onde está sugere a volubilidade da lua. Pode passar pela sua cabeça dividir isto em 4 e 5, 4 sendo o número da fixidez, lei e poder autoritário; e 5 aquele da corgame, energia e triunfo do espírito sobre os elementos. Ele refletirá, além disso, que 4 é simbólico da estabilidade da matéria, enquanto 5 expressa a mesma idéia com relação ao movimento. Neste estágio a bateria parecerá como 1-2-5-2-1. Depois de uma devida consideração ele provavelmente concluirá que partir o 5 central tencionaria em destruir a simplicidade desta fórmula, e decide usá-lo como ele está. A alternativa possível seria fazer uma simples batida no centro desta bateria como se ele apelasse à imutabilidade ultimal de Kether, invocando aquela unidade colocando uma batida quádrupla de cada lado desta. Neste caso, sua bateria seria 1-4-1-4-1. Ele naturalmente seria cuidadoso em preservar o equilíbrio de cada parte da bateria com sua parte correspondente. Isso seria necessário particularmente em uma operação tal como nós escolhemos para nosso exemplo.

1. O Magista deve evitar a prostração, ou até mesmo “curvar os joelhos em súplica”, como sendo vergonhoso e desonroso, uma abdicação de sua soberania.
 2. Na Parte II deste Livro 4 foi presumido que o Magista anda descalço. Isso implicaria em sua intenção de fazer um contato íntimo com seu Círculo. Mas ele pode calçar sandálias, pois a Ankh é uma faixa de sandália; nasceu pelos Deuses Egípcios para significar o seu poder de Ir, que é sua energia eterna. Pela forma a Ankh (ou Cruz Ansata) sugere a fórmula pelo qual essa ida é efetuada na real prática.
 3. Isto é, na mesma direção como se movem os ponteiros do relógio.
 4. Isto é, na direção oposta.
 5. Tal, pelo menos, é a interpretação tradicional. Mas existe um desenho profundo que pode ser expresso através da direção de rotação. Certas forças do caráter mais formidável podem ser invocadas pela circumbulação anti-horária quando é executada com o objetivo voltado a elas, e a técnica iniciada. De tais forças Tifão é o modelo, e a guerra dos Titãs contra os Olímpianos na lenda. (Teitan, Titan, possui em egrego o valor numérico de 666.)
- Adendo de WEH: Crowley está usando a soletraem Tau-epsilon-iota-tau-alpha-nu no lugar da mais comum Tau-iota-tau-alpha-nu ou Tau-alpha-iota-tau-alpha-nu para obter 666 em vez de 661 ou 662.
6. Equinox I, II, pg. 244-260.
 7. Equinox I, VII, pg. 93 sqq.

8. Tiphareth dificilmente é “dominada” até mesmo por Kether. É mais filho do que servo.

9. Mas NÃO “em súplica”.

10. Esta passagem foi escrita em 1911 e.v. “Duncan acorda com a tua Batida? I would thou couldst!”

11. Qualquer ação que não seja puramente rítmica é uma perturbação.

Parte IV - Thelema, A Lei

O Chamado

Nos dias 8, 9 e 10 de abril de 1904 e.v. este livro foi ditado a 666 (Aleister Crowley) por Aiwass, um Ente cuja natureza ele não compreende por completo, mas que Se descreveu a Si Mesmo como “o ministro de Hoor-Paar-Kraat” (O Senhor do Silêncio). O conteúdo do livro prova, de maneira estritamente científica, e demonstrável como tal, que Aiwass possui conhecimento e poder além de tudo que foi até agora associado com as faculdades humanas.

As circunstâncias do ditame foram descritas no Equinox, Vol 1, N.º 7; mas um relato mais completo, com um resumo da prova do caráter do livro, é aqui dado a público.

O livro anuncia uma Nova Lei para a humanidade.

Substitui as sanções morais e religiosas do passado que em toda parte se deterioraram, por um princípio válido para cada homem e mulher no mundo Inteiro, e evidente por si mesmo.

A Revolução espiritual anunciada pelo livro já ocorreu; não há nenhuma nação onde ela não se manifeste abertamente.

A ignorância do verdadeiro significado desta nova Lei conduziu a grosseira anarquia. Sua adoção consciente, em seu correto senso, é a única cura para o desassossego político, social e racial que causou a Grande Guerra, a catástrofe da Europa e da América, e a ameaçadora atitude da China, da Índia e do Islã.

A solução, no livro, dos problemas fundamentais da matemática e da filosofia, estabelecerá uma nova época na história.

Mas não se deve supor que um instrumento tão potente de energia possa ser usado sem perigo.

Portanto convoco, pelo poder e autoridade que me foram confiados, todo grande espírito e mente agora encarnado sobre este planeta, para que assuma controle efetivo desta força transcendente, e a aplique para o progresso e o bem-estar da raça humana.

Pois como a experiência destes trinta e dois anos terrivelmente mostrou, o livro não pode ser ignorado. Ele fermentou a Humanidade sem que esta percebesse: e o Homem deve dele amassar o Pão da Vida. Seu lêvedo começou a agir na uva do pensamento: o Homem deve espremer desta o Vinho do Êxtase.

Vinde então, todos vós, em Nome do Senhor do Aeon, a Criança Coroada e Conquistadora, Heru-Ra-Ha: eu vos chamo a partilhar deste sacramento.

Sabei — querei — ousai — e calai-vos!

O Sacerdote dos Príncipes,

ANKH-AF-NA-KHONSU

A Infância de Aleister Crowley

Em Clarendon Square, Nº 36, na cidade de Leamington, condado de Warwickshire, na Inglaterra, às 22h 50m do décimo segundo dia de outubro do ano de mil oitocentos e setenta e cinco da era vulgar, nasceu a pessoa cuja história vai ser contada.

Seu pai chamava-se Edward Crowley; sua mãe, Emily Bertha, nascida Bishop. Edward Crowley era um Irmão Exclusivo da Irmandade Plymouth o mais respeitado chefe daquela seita. Este ramo da família de Crowley se estabelecera na Inglaterra desde a época de Tudors, mas a sua origem é celta, pois Crowley é um clã de Kerry e de outros condados do sudoeste da Irlanda, do mesmo sangue que os ‘de Queroauille’ ou ‘de Kerval’ bretões, que deram uma Duquesa de Portsmouth à Inglaterra. Supõe-se que o ramo inglês – os ancestrais diretos de Edward Alexander Crowley – veio para a Inglaterra com o Duque de Richmond, e se estabeleceu em Bosworth.

Em 1882 Edward Crowley foi viver em “The Grange”, na cidade de Redhill, condado de Surrey. Em 1884, o menino, que até então fora educado por governantas e tutores, foi mandado para uma escola em St. Leonard, mantida por certos evangelistas extremistas chamados Hebershon. Um ano mais tarde foi transferido para outra escola, esta em Cambridge e sob a responsabilidade de um Irmão de Plymouth chamado Champney. (As datas neste parágrafo possivelmente não são exatas. Não temos evidência documentária a nosso dispor no momento presente. – Ed.)

Em 5 de Março de 1887 e.v., Edward Crowley morreu.. Dois anos mais tarde o menino foi retirado da escola. Esses dois anos foram de incrível tortura, cujos detalhes foram mencionados no prefácio ao seu poema “A Tragédia do Mundo”. Esta tortura minou-lhe seriamente a saúde. Durante dois anos ele viajou com seus tutores, na maior parte por Gales e pela Escócia. Em 1890, tendo sua mãe se mudado para Streatham, a fim de estar mais próxima do irmão, Tom Bond Bishop, um evangelista de mente extremamente estreita, foi o menino mandado, por pouco tempo, para uma escola situada neste lugar, mantida por um homem chamado Yarrow. Isto preparou o adolescente para Malvern, onde ingressou no verão de 1891. Ali permaneceu durante um termo apenas, pois sua saúde ainda era delicada. No outono foi matriculado no Colégio de Tonbridge, mas adoeceu seriamente, e teve que ser removido. O ano de 1893 ele passou com seus tutores, principalmente em Gales, no norte da Escócia, e em Eastbourne. Em 1895 completou seus estudos de química em King’s College, London, e em outubro daquele ano entrou para Trinity College, Cambridge.

Com isto finda o primeiro período de sua vida. É apenas necessário declararmos que seu cérebro se desenvolveu cedo. Aos quatro anos de idade era capaz de ler a Bíblia em voz

alta, demonstrando uma grande predileção pelas listas de longos nomes, a única parte da Bíblia não deturpada por teólogos. Também era ele um enxadrista suficientemente forte para derrotar o amador médio, e, se bem que jogasse continuamente, nunca perdeu um jogo até 1895 e.v. O xadrez foi-lhe ensinado por um alfaiate que havia sido chamado a sua casa a fim de medir roupas para seu pai, e que foi tratado como um hóspede porque era também um ‘irmão Plymouth’. Derrotou seu professor invariavelmente após o primeiro jogo: deveria ter uns seis ou sete anos de idade na época.

Começou a escrever poesia em 1886, se não mais cedo. Veja-se “Oráculos”.

Após a morte de seu pai, que era um homem de grande bom senso, e nunca permitiu que sua religião interferisse com sua afeição natural, o menino caiu nas mãos de gente de uma disposição totalmente diversa. Sua atitude mental logo se concentrou em ódio à religião que ensinavam, e sua vontade, em revolta contra as opressões dessa religião. Seu principal alívio era o alpinismo, que o deixava a sós com a natureza, longe dos tiranos.

Os anos compreendidos entre março de 1887 até sua entrada em Trinity College, Cambridge, em outubro de 1895, representaram uma luta contínua pela liberdade. Em Cambridge ele se sentiu seu próprio mestre, recusou-se a ir à Capela, aulas ou conferências, e seu tutor, o falecido Dr. A. W. Verrall, foi sábio o bastante para deixar que seu tutelado trabalhasse à sua maneira.

Devemos mencionar que possuía a habilidade intelectual em grau extraordinário. Sua faculdade de memória, principalmente de memória verbal, tinha uma espantosa perfeição.

Quando menino, podia encontrar quase qualquer versículo da Bíblia em poucos minutos de busca. Em 1900 foi testado em seus conhecimentos das obras de Shakespeare, Shelly, Swinburne (1ª Série de Poemas e Baladas), Browning, e da A Pedra da Lua, de Willcie Collins. Foi capaz de identificar a posição exata de qualquer frase em qualquer desses livros, e de recitar quase sempre o resto da passagem da qual a frase fazia parte.

Demonstrou notável habilidade para absorver os elementos do latim, grego antigo, francês, matemática e ciência. Aprendeu “little Roscoe”, quase que de cor, por iniciativa própria. Quando em Malvern, tirou o sexto lugar da escola no exame anual sobre Shakespeare, se bem que houvesse levado apenas dois dias a se preparar para a prova. Em certa ocasião, quando o professor de matemática quis dedicar uma aula a uma sabatina dos alunos mais avançados, e deu à classe uma série de equações do segundo grau para resolver, o rapaz se levantou ao fim de quarenta minutos para perguntar o que deveria fazer a seguir, entregando a série de 63 equações, todas com as soluções corretas.

Ele passou com honras em todos os exames, tanto nas escolas quanto na universidade, e bem que consistentemente se recusasse a se preparar para esses exames.

Por outro lado, não era possível persuadi-lo ou constrangê-lo a se aplicar a qualquer assunto que não lhe agradasse. Demonstrava intensa repugnância pela história, pela geografia e pela botânica, entre outras matérias, e nunca pode aprender a escrever latinos ou gregos, possivelmente porque as regras de metrficação nesses idiomas lhe pareciam arbitrárias e formais.

Também, era-lhe impossível interessar-se por qualquer coisa desde o momento em que já tivesse absorvido os princípios de “como a coisa era ou podia ser feita”. Este traço o impedia de pôr retoques finais em tudo que encetava.

Por exemplo, recusou-se ele a se apresentar para a segunda parte do exame final do diploma de Bacharel em Artes, simplesmente porque sabia que tinha o domínio absoluto da matéria!

Esta característica se estendia aos seus prazeres físicos. Ele era de uma abjeta incompetência na prática fácil de escalar rochedos, porque sabia que podia fazê-lo. Parecia incrível aos alpinistas que excursionavam com ele que tal completo preguiçoso pudesse ser o mais ousado e o mais destro montanhista da sua geração, como demonstrava ser quando quer que o precipício fosse um que ninguém tivesse conseguido escalar antes. Da mesma forma, uma vez que tivesse elaborado teoricamente um método de escalar uma montanha, estava perfeitamente disposto a confiar a outros o segredo, e a deixar que eles se apropriassem da glória da descoberta para si mesmos. (A primeira ascensão do Dent de Géant, partindo de Montanvers, é um exemplo.) Pouco lhe importava que fosse ele a pessoa a fazer alguma coisa; o que lhe importava é que a coisa fosse feita.

Este altruísmo quase inumano não era incompatível com uma ambição pessoal consumidora e insaciável. A chave do enigma provavelmente era esta: ele queria ser alguma coisa que ninguém jamais tivesse ou pudesse ter sido antes dele. Perdeu interesse pelo xadrez tão logo que se provou, para sua própria satisfação (aos 22 anos de idade), mestre do jogo, tendo vencido os mais fortes amadores da Inglaterra e mesmo um ou dois “mestres” profissionais. Trocou a poesia pela pintura, quase por completo, tão logo tornou evidente ser o maior poeta de seu tempo. Mesmo em Magia, tendo se tornado a Palavra do Æon, e assim assumido seu lugar com os outros Sete Magi conhecidos pela história, inteiramente além da possibilidade de qualquer competição, começou a negligenciar o assunto. Só é capaz de se dedicar à Magia como faz por haver eliminado toda idéia pessoal de sua Obra; ela se tornou tão automática quanto a respiração.

Devemos também registrar aqui seus extraordinários poderes em certas esferas pouco usuais. Ele pode rememorar o mínimo detalhe de uma escalada, após anos de ausência. Pode retrair seu percurso em qualquer caminho que tenha algum dia atravessado, por pior que seja o tempo ou por mais escura que seja a noite. Pode adivinhar a única passagem possível através da geleira mais complexa e perigosa. (Exemplos, o Vulbez séraes em 1897 e.v.; o Mer de Glace, centro-direita, em 1899 e.v.)

Possui um senso de direção independente de qualquer método físico para identificarmos nossa posição em algum lugar; e este senso funciona tanto em cidades que lhe são estranhas quanto em montanhas ou desertos. Ele pode farejar a presença de água, de neve, e de outras substâncias supostamente inodoras. Sua resistência física é excepcional. Já escreveu durante 67 horas consecutivas: seu “Tannhäuser” foi redigido desta forma em 1900 e.v. Já percorreu mais de 160 quilômetros em dois dias e meio, no deserto, como ocorreu no inverno de 1910 e.v. Já fez estágios freqüentes de mais de 36 horas em montanhas, sob as condições mais adversas. Retém o recorde mundial do maior número de dias passados sobre uma geleira - 65 dias no Baltoro em 1902 e.v.; também, o recorde

para a mais rápida subida íngreme acima de 5000 metros de altitude: 1300 metros em 1h 23m, no Iztaccihuati em 1900 e.v.; o recorde do mais alto pico (primeira ascensão por um só alpinista) - o Nevado de Toluca em 1901 e.v.; e numerosos outros.

No entanto, sente-se completamente exausto à mera idéia de uma caminhada de algumas centenas de metros, se não lhe interessa, ou se não lhe excita a imaginação; e é só com o máximo esforço que ele pode escrever algumas linhas se, em vez de desejar escrevê-las, ele apenas sabe que elas devem ser escritas!

Este relato foi considerado necessário para explicar como é que um homem cujas excepcionais qualidades chegaram a torná-lo mundialmente famoso em tantas e tão diversas esferas de ação pode ser tão grotescamente incapaz de utilizar suas faculdades, ou mesmo suas consecuições, em qualquer dos campos usuais da atividade humana; incapaz de consolidar sua proeminência pessoal, ou mesmo de assegurar a sua posição do ponto de vista social e econômico.

Adolescência: Começo da Magia. O Nascimento de Frater Perdurabo 0°=0 a 4°=7

Tendo obtido sua liberdade, ele foi bastante sensato para não perder tempo em gozá-la. Durante os anos de sua infância e adolescência fora privado de toda a literatura inglesa, com exceção da Bíblia; e assim empregou seus três anos em Cambridge na reparação deste defeito. Estava também se preparando para o Serviço Diplomático, pois o falecido Lord Salisbury e o falecido Lord Ritchie haviam se interessado pela carreira dele, e lhe prometido nomeações. Em outubro de 1897 sua percepção dos males da assim-chamada “religião” vigente foi-lhe bruscamente lembrada, e ele experimentou um trance em que percebeu a completa tolice de toda ambição humana. A fama de um embaixador raramente dura mais de um século. A de um poeta é quase tão efêmera. A terra mesma deve algum dia perecer. Ele tinha portanto que construir usando algum material mais permanente. Esta percepção o impeliu ao estudo da Alquimia e da Magia. Escreveu ao ator de “O Livro da Magia Negra e dos Pactos”, um americano pomposo chamado Arthur Waite, notório pelas afetações e obscuridades do seu estilo, e pelo sentimentalismo confuso do seu misticismo. (Este gosmento impresario, apresentado uma Isis asmática na Ópera “Bull-Frogs”, insinuara em seu prefácio que conhecia certos santuários ocultos onde a Verdade e a Sabedoria eram ciosamente guardadas por um corpo de Iniciados, para serem concedidas apenas ao postulante que se provasse digno de partilhar dos privilégios destes.) Mr. Waite recomendou ao seu correspondente que lesse um livro chamado “A Nuvem sobre o Santuário”.

Seu gosto pelo alpinismo se tornara uma poderosa paixão, e ele estava escalando na Cumberlândia quando conheceu Oscar Eckenstein, talvez o maior alpinista de seu tempo, com o qual ele estava destinado a praticar escaladas até 1902 e.v.

No verão, um grupo foi formado para acampar na Geleira Schömbul, ao pé do Dent Blanche, como treino para uma planejada futura expedição ao Himalaia. Durante as semanas na geleira, onde o mau tempo era contínuo, estudou assiduamente a tradução, por S. L. Mather, de três livros que formam parte da “Kabbalah Denudata” de von Rosenroth. Em uma de suas descidas a Zermatt, encontrou um farmacêutico ilustre, Julian L. Baker, que estudara Alquimia. Perseguiu esta pista através do vale, e fez Baker

prometer que se encontraria com ele em Londres no fim da estação, e o apresentaria a outras pessoas interessadas em ocultismo. Isto ocorreu em setembro; através de Baker, entrou em contato com outro farmacêutico, chamado George Cecil Jones, que o apresentou à Ordem Hermética da Aurora Dourada. Progrediu rapidamente nesta Ordem, e na primavera de 1900 e.v. era o seu chefe na Inglaterra. Os detalhes deste período devem ser estudados em “O Templo do Rei Salomão”, onde se encontra uma descrição circunstanciada da Ordem. Nesta Ordem conheceu um certo Allan Bennett, Frater Iehi Aour. Jones e Bennett eram ambos verdadeiros Adeptos de alto grau. Bennett veio viver com ele em seu apartamento, e juntos executaram muitas operações de magia cerimonial. Allan Bennett sofria de asma, e transferiu-se para o clima mais clemente do Ceilão no fim de 1899 e.v. Foi ao ingressar nesta Ordem que nosso biografado assumiu o moto de “Perdurabo” – “perdurarei até o fim”.

Em julho de 1900 e.v. foi para o México, e lá dedicou seu tempo inteiramente a uma prática contínua de Magia, no que obteve extraordinário sucesso. (Veja-se Equinox I, N° 3, para um relato resumido desse período. Podemos mencionar de passagem que ele invocou certos Deuses, Deusas e Espíritos a aparição visível, aprendeu como curar doenças físicas e morais, como se tornar invisível, como obter comunicações de fontes espirituais, como controlar outras mentes, etc.) E então...

Começos de Misticismo. O Nascimento de Frater OU MH 7°=4

Oscar Eckenstein, ao chegar ao México, onde ia praticar escaladas com o biografado, encontrou-o num estado de grande desalento. O rapaz alcançara os resultados mais satisfatórios. Era capaz de se comunicar com as forças divinas, e operações como a invisibilidade e a evocação haviam sido dominadas. No entanto, com tudo isto sentia um certo dissabor. O sucesso não lhe dera tudo o que esperara. Expôs a situação a seu companheiro, mais para aclarar sua própria mente do que esperando qualquer auxílio, pois suponha ser Eckenstein totalmente ignorante destes assuntos, aos quais habitualmente tratava com desagrado e desprezo. Imagine-se sua surpresa, então, ao descobrir nesta pessoa pouco promissora um mensageiro da Grande Fraternidade Branca! Seu companheiro lhe disse que abandonasse todo trabalho mágico.

“A Tarefa”, disse Eckenstein, “necessita do controle da mente. Tua mente divaga demais”.

Isto foi indignamente negado.

“Experimenta”, disse o Mestre.

Um curto experimento foi conclusivo. Era impossível ao rapaz manter sua mente fixa em qualquer objeto único, mesmo durante alguns segundos. A mente, se bem que perfeitamente estável em movimento, era incapaz de descansar; tal como um giroscópio cai quando pára de girar. Um curso inteiramente novo de exercícios foi portanto encetado. Meia hora de manhã e pela noite foram dedicados a tentativas de controlar a mente pelo simples processo de imaginar um objeto bem familiar, e tentar permanecer concentrado sobre este.

Logo se tornou suficientemente perito nesta prática inicial para passar à concentração em

objetos em movimento regular, como um pêndulo, e finalmente à concentração de objetos vivos. Outra série de experimentos lidou com outros sentidos. Ele tentou imaginar e reter o gosto de chocolate ou de quinino, o cheiro de diversos perfumes que lhe eram familiares, o som de sinos, de quedas d'água, etc., e o toque de substâncias como o veludo, a seda, peles, areia e aço.

Na primavera de 1901 e.v. ele partiu do México para San Francisco, daí para Honolulu, Japão, China e Ceilão, sempre continuando seus novos exercícios. Seu Mestre não lhe disse aonde estas práticas o levariam por fim. No Ceilão ele encontrou Frater I.A. (Allan Bennett), com quem foi para Kandy, onde alugou um bangalô chamado Marlborough, com vista para o lago.

I.A. estivera se desenvolvendo em linhas similares sob a orientação de P. Ramanathan, o Solicitador-geral do Ceilão, conhecido dos ocultistas sob o nome de Shri Parananda. I.A. disse ao jovem que, a fim de se concentrar, ele primeiro deveria assegurar que nenhuma interrupção lhe atingisse a mente vinda do corpo, e aconselhou a adoção de Asana, uma posição única do corpo, em que todo movimento externo deve ser suprimido. Além disto, ele deveria praticar Pranayama, ou controle do alento, que tem um efeito análogo, reduzindo ao mínimo possível os movimentos internos do corpo.

Durante os meses de estadia em Kandy ele praticou tudo isto. Obteve sucesso em Asana: a dor intensa nas práticas foi conquistada, e mudada em um senso de conforto e bem-estar físico indescritíveis.

Em Pranayama, ele passou pelo primeiro estágio, que é caracterizado por uma profusa transpiração de um tipo peculiar; pelo segundo, que é acompanhado de rigidez corporal; e pelo terceiro, em que o corpo inconscientemente saltita pelo chão, sem de forma alguma perturbar o Asana.

Entre fins de agosto e meados de setembro, tornou suas práticas contínuas dia e noite, a fim de produzir na mente ritmo semelhante àquele que Pranayama produz no corpo. Adotou um Mantra, ou sentença sagrada, o qual por constante repetição se tornou automático em seu cérebro, de maneira que perdurava durante o sono, e ele já acordava repetindo mentalmente as palavras. O próprio sono também foi dividido em curtos períodos de um sono muito leve, de tipo peculiar, em que a consciência quase não é perdida, se bem que o corpo obtém perfeito descanso. Estas práticas continuaram assim até outubro, e no princípio deste mês atingiu o estado de Dhyana, uma tremenda experiência espiritual, em que o sujeito e o objeto da meditação se unem com extrema violência, brilho ofuscante, e música tal que a harmonia terrena não oferece qualquer paralelo.

Isto, porém, causou uma satisfação tão intensa com seu progresso que ele parou de trabalhar. Ele então visitou Anuradhapura e outras das cidades soterradas do Ceilão. Em novembro ele viajou para a Índia, e em janeiro visitou I.A. em Akyab, Burma, onde o Adepto estava vivendo em um mosteiro, com a intenção de se preparar para assumir o Robe Amarelo do Sangha Budista. O verão de 1902 e.v. inteiro foi dedicado à planejada expedição a Chogo-Ri no Himalaia. Durante esta expedição ele não executou quase nenhum trabalho oculto.

Novembro de 1902 e.v. encontrou-o em Paris, onde ele permaneceu quase constantemente até a primavera de 1903 e.v., quando regressou a sua casa na Escócia.

Devemos agora retroceder no passado, para tomarmos um fio que ocorrera através de todo o seu trabalho; um fio tão importante que exige um capítulo à parte:

A Magia Sagrada de Abramelin o Mago. O Nascimento de Frater 5°=6 A..A..

No outono de 1898 e.v. George Cecil Jones chamara a atenção de Frater PERDURABO para um livro intitulado “O Livro da Magia Sagrada de Abramelin o Mago”. A essência deste livro resume-se no que se segue:

O aspirante deve possuir uma casa livre de espionagem ou interferência. Nesta deve haver um oratório, com uma janela para o Oriente e uma porta ao Norte abrindo para um terraço, do outro lado do qual deve haver um quiosque ou cabana. O aspirante deve possuir um Robe, uma Coroa, uma Baqueta, um Altar, Incenso, Óleo de Unção, e uma Lâmina de Prata. O terraço e o quiosque ou cabana devem ter pavimento coberto de areia fina. O aspirante gradualmente se retira do contato humano, para se dedicar mais e mais à oração durante o espaço de quatro meses. Deve então passar os dois meses seguintes em oração quase contínua, falando o mínimo possível com quem quer que seja. Ao fim deste período, invoca um ente descrito como o Sagrado Anjo Guardiã, que lhe aparece (ou a uma criança que ele emprega), e que escreve em orvalho sobre a Lâmina, que é colocada sobre o Altar. O Oratório se enche de um Divino Perfume sem intervenção por parte do aspirante.

Após um período de comunhão com o Anjo, o aspirante evoca os Quatro Grandes Príncipes do Mundo Demoníaco, e os força a jurarem obediência.

No dia seguinte ele chama e subjuga os Oito Sub-Príncipes; e no dia após, os muitos Espíritos que servem a estes Sub-Príncipes. Estes Daemons inferiores, dos quais quatro agem como espíritos familiares, então operam uma coleção de talismãs para diversos propósitos. Tal é um breve relato da Operação descrita no livro.

Esta Operação atraiu fortemente o nosso estudante. Imediatamente começou a procurar uma casa apropriada, e arranjar todo o necessário para a operação. Tudo estava preparado para começar no princípio da Páscoa de 1900 e.v. (deve ser mencionado que só o trabalho preliminar é tão vasto que uma longa história poderia ser escrita quanto aos acontecimentos desses 18 meses de preparação). A Operação mesma nunca foi encetada. Duas semanas, mais ou menos, antes da data estabelecida para seu início, ele recebeu um urgente apelo de seu Mestre para que o salvasse, e à Ordem, da destruição. Nosso biografado abandonou seus prospectos de avanço pessoal sem hesitação, e foi às pressas para Paris.

Que o Mestre provou não ser Mestre, e a Ordem nenhuma Ordem, mas a encarnação da Desordem, não influenciou o bom Karma gerado por esta renúncia a um projeto ao qual ele aspirara por tanto tempo.

No México, permaneceu em vigília durante várias noites no Templo da Ordem da Lâmpada da Luz Invisível, uma Ordem cujo Alto Sacerdote está jurado a manter uma

Lâmpada Secreta e Eterna sempre acesa. Neste sacrário recebeu um prenúncio da Visão do Sagrado Anjo Guardião, e daquela dos Quatro Grandes Príncipes; ali, também, ele renovou o Juramento da Operação.

(A sua carreira mágica inteira é melhor interpretada como a execução desta Operação. Não devemos supor que a Iniciação seja formal, seguindo as “unidades” do drama grego, como a iniciação maçônica, por exemplo. A vida inteira do Iniciando está envolvida no processo, que impregna a personalidade inteira; o título oficial da consecução é apenas um sinal daquilo que ocorreu.)

Ao retornar à Escócia em 1903 e.v. ele encontrou em sua casa ampla evidência da presença das forças da Operação; mas agora, tendo concebido a Obra de uma maneira mais sutil, e decidido a executá-la no Templo de seu próprio corpo, tendo encarado a Magia, em suma, mais ou menos como ela é encarada nas Parte II e III deste Livro Quatro, ele estava habilitado a descartar as condições materiais externas desta Operação.

Nós devemos agora passar por alto alguns anos, e tratar do acabamento da Operação, se bem que isto é, num senso, irrelevante ao propósito deste Livro.

Durante o inverno de 1905-6 ele estava viajando através da China. Chegara à fase de conquista da mente, e a sua própria desmoronara. Viu que a mente humana é por natureza evanescente, porque sua natureza não é unidade, e sim dualidade. A verdade é relativa. Todas as coisas terminam em mistério. Em tais frases os filósofos do passado formularam esta proposição, anunciando a bancarrota intelectual que ele, com maior franqueza, descreve como insanidade.

Passando por isto, tornou-se ele como uma criancinha, e alcançando a Unidade além da mente descobriu o propósito de sua vida formulado nestas palavras: A Obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

Percebeu-se então, tendo destruído todo outro Karma, perfeitamente livre para encetar este trabalho único. Realizou pois os seis meses de Invocação prescritos no Livro da Magia Sagrada, e foi recompensado em outubro de 1906 e.v. por um completo sucesso.

Ele passou a seguir à evocação e conquista dos Quatro Grandes Príncipes e dos Inferiores destes, um trabalho cujos resultados devem ser estudados à luz de sua carreira subsequente.

Terminamos agora de dizer todo o necessário sobre ele, pois o relato de algumas de suas Consecuções seguintes é dado por completo em Liber CDXVIII, “A Visão e a Voz”. Também no Equinox, Vol. I, N.º 10, “O Templo do Rei Salomão”, onde os resultados inesperados da Comunhão do Sagrado Anjo Guardião estão descritos por uma simbologia que mal poderá ser compreendida sem referência aos acontecimentos do ano de 1904 e.v., que são agora completamente pertinentes a este Ensaio.

Os Resultados da Recessão

O mais sábio dos papas, ao lhe serem mostrados alguns milagres, recusou-se a se impressionar, dizendo não crer neles, por haver visto demasiados. O resultado das

práticas de Meditação e seus efeitos, e , a seguir, daqueles da Magia, deu a nosso estudante uma concepção puramente mental do Universo. Tudo era um fenômeno na mente. Ele não percebera ainda que esta concepção é autodestrutiva; mas ela o tornou cético, e indiferente a qualquer acontecimento. Você não pode se impressionar de verdade com qualquer coisa que saiba não ser mais que seus próprios pensamentos. Qualquer ocorrência pode ser interpretada como um pensamento, ou como uma relação entre dois pensamentos. Na prática, isto leva a uma profunda indiferença, pois os milagres já se tornaram rotina. Mas qual não seria o espanto do padre que, colocando a hóstia sobre a língua, sentisse sua boca cheia de carne sangrenta! Neste momento em que escrevemos, é-nos evidente o propósito para o qual nosso estudante fora conduzido a este estado de alma. Não era ao Magista, nem ao Místico: era a um Membro Militante da Associação da Imprensa Racionalista que a grande revelação seria feita. Era necessário provar-lhe que há na realidade um Santuário, que existe realmente um Corpo de Adeptos. Não importa se estes Adeptos estão encarnados ou desencarnados, se são humanos ou divinos. Importa é que haja Seres conscientes, possuidores dos mais profundos segredos da Natureza, dedicados a elevar a humanidade; cheios de Verdade, Sabedoria e Compreensão. É inútil provar a existência de indivíduos cujo conhecimento e poder, se bem que incompletos (pois a natureza de Conhecimento e Poder é tal que eles nunca podem ser completos – mesmo a idéia de Conhecimento e Poder, em si, inclui imperfeições), são no entanto enormemente mais desenvolvidos do que tudo que o resto da humanidade conhece.

Era a respeito de um tal corpo de Adeptos que nosso estudante lera em “A Nuvem Sobre o Santuário”; a admissão a esse corpo fora a esperança que lhe guiara a vida. Sua consecução prévia enfraquecera, em vez de fortalecer, sua crença na existência de uma tal organização. Não havia ainda ponderado os eventos de sua vida, não adivinhara ainda a serena direção e o firme propósito velados sob o curso aparentemente errático daqueles eventos. Poderia ter sido por acaso que, quando quer que alguma dificuldade se lhe confrontara, a pessoa exata instantaneamente aparecera para resolver o problema, quer nos vales da Suíça, nas montanhas do México, ou nos jangais do Oriente.

Neste período de sua vida, teria rejeitado a idéia como fantástica. Tinha ainda que aprender que a história de Balaão e seu asno profético pode ser literalmente verdadeira. Pois a grande Mensagem que lhe veio, veio não através da boca de alguma pessoa com quaisquer pretensões a conhecimento, quer oculto, quer de qualquer outro tipo: mas através da cabeça oca de uma fútil mulher da sociedade. Os fatos chãos desta revelação devem ser sucintamente descritos em um novo capítulo.

A Grande Revelação. A Aparição de A Besta 666 9°=2

Foi julgado melhor reimprimir, intacto, o relato destes assuntos originalmente compilado para “O Templo do Rei Salomão”, Equinox, Vol. I, N.º 7, pp. 357-386.

O SACERDOTE

Ao abrirmos esta seção, da máxima importância na carreira de Frater P., pessoas imponderadas podem oferecer a crítica que, desde que os acontecimentos a serem narrados tratam mais das relações dele com outros que do seu avanço iniciático pessoal,

estes acontecimentos não deveriam ser incluídos neste volume.

Uma tal crítica é em verdade superficial. Certo, os incidentes que vamos relatar ocorreram no plano material, ou em planos contíguos a este; certo, a luz pela qual os examinamos é tão obscura que muito é deixado em dúvida; certo, a suprema consecução mística ainda está por ser registrada; mas por outro lado, é nossa opinião que o Selo aposto à Consecução pode ser bem descrito pela história daquela Consecução, e nenhuma fase do progresso é mais importante que aquela em que é dito ao aspirante: “Agora que você é capaz de caminhar sozinho, empregue sua força para auxiliar outros a se tornarem capazes de fazer o mesmo!” E assim, este grande evento que estamos a ponto de descrever, um evento que levará (como o tempo demonstrará) ao estabelecimento de um Novo Céu e de uma Nova Terra para todos os homens, veio no disfarce mais humilde e mais simples. Com freqüência os deuses vêm assim, vestidos de camponeses ou crianças; mais, eu já escutei em pedras e árvores.

No entanto, não devemos esquecer que há pessoas tão impressionáveis e tão crédulas que qualquer coisa as convence. Suponho que existem quase tantas camas no mundo quanto existe gente; no entanto, para um membro da TFP, toda cama esconde um comunista. Vemos “Vitor Hugo” escrevendo sem estilo e “Humberto de Campos” rabiscando sem humor revelações do “além” que chocariam a inteligência até de um marxista ou de um prelado romano; e vemos tais “revelações” e tais “obras de homens ilustres falecidos” protegidas e defendidas com perícia e até coragem.

Portanto, já que vamos anunciar a revelação divina que foi feita a Frater P., é da máxima importância que estudemos sua mente tal qual era na época da Desvelação. Se verificarmos que era a mente de um neurótico, de um místico, de uma pessoa predisposta, daremos pouca importância à revelação; se era a mente de um sensato homem do mundo, dar-lhe-emos mais atenção.

Se algum alquimista considerado meio doido sai do seu laboratório e grita da janela que descobriu ouro, seus vizinhos duvidam; mas a conversão ao espiritismo do Professor Lombroso causou grande Impressão àqueles que não compreenderam que a criminologia do professor era apenas a ilusão acumulada de um cérebro doentio.

Assim, veremos que a A. • A. • preparou Frater P. sutilmente, por mais de dois anos de treino em racionalismo e indiferentismo, para receber a mensagem d’Eles. E veremos que Eles executaram tão bem Seu trabalho que ele recusou a mensagem por cinco anos mais, a despeito de muitas estranhas provas da verdade dela. Veremos até que Fra. P. teve que ser despedido de si mesmo antes de poder transmitir a mensagem com eficiência.

A batalha foi entre toda aquela poderosa vontade desenvolvida por ele e a Voz de um Irmão que falou uma vez, e Se calou; e não foi Fra. P. quem saiu vencendo.

Deixamos Fra. P. no outono de 1901, tendo alcançado considerável progresso em Yoga. Notamos que em 1902 pouco ou nada praticou de Magia ou Misticismo. Ocupou-se exclusivamente em interpretar os fenômenos ocultos que observara, e sua mente foi mais e mais atraída ao materialismo.

“Que são fenômenos?” ele se perguntara. “De noumena não sei e não posso saber coisa

alguma. Tudo que sei é, tanto quanto eu saiba, uma mera modificação da minha mente, uma fase da minha consciência. E o pensamento é uma secreção do cérebro. A consciência é uma função do cérebro.”

Se esse pensamento foi contradito pelo óbvio, “E o que é o cérebro? Um fenômeno na mente!”, Isto pesou menos para ele. Parecia à sua mente, ainda desequilibrada (pois todos os homens são desequilibrados até que tenham cruzado o Abismo), que era mais importante dar ênfase à matéria que à mente, O idealismo tinha sido a causa de tanta miséria no mundo! Fora o pai de toda ilusão, sem nunca levar ninguém à pesquisa científica. E no entanto, que importância tem isto? Todo ato ou pensamento é determinado por uma infinidade de causas; é a resultante de uma infinidade de forças. Analisou Deus: percebeu que todo homem fizera Deus à sua própria imagem. Viu os judeus selvagens e canibais adorando a um Deus selvagem e canibal, que comandava o estupro de virgens e o assassinato de criancinhas. Viu os tímidos habitantes da Índia, raças constantemente vítimas de toda tribo ladra, inventando um efeminado Vishnu; no entanto, sob este mesmo nome, seus conquistadores adoravam um guerreiro, o conquistador de cisnes demoníacos. Contemplou a fina flor da raça humana em qualquer época, os graciosos gregos: que deuses graciosos inventaram! Viu Roma, em sua força dedicada a Marte, Júpiter e Hércules, em sua decadência adorando Átis castrado, Adônis trucidado, Osíris assassinado, Jesus crucificado. Até em sua própria vida pode perceber toda aspiração, toda devoção, como um reflexo de suas próprias necessidades físicas e intelectuais. Viu também a tolice de todo esse supernaturalismo. Ouviu os Boers e os ingleses rezarem ao mesmo Deus protestante pedindo vitória na guerra, e ocorreu-lhe que o sucesso inicial dos Boers foi devido antes a superior coragem do que a rezas superiores, e que sua eventual derrota deveu-se a só poderem levantar sessenta mil homens, na luta contra duzentos e cinquenta mil ingleses. Viu, também, a face da humanidade: uma lameira de sangue pingando das sanguessugas da religião grudadas às suas têmporas.

Em tudo isto percebeu ser o homem a única coisa de real valor, a única coisa que valia a pena “salvar”; mas também, a única coisa que poderia efetuar a salvação.

Tudo o que conseguira, portanto, abandonou. As intuições da Cabala pôs para trás, sorrindo da tolice de sua juventude; a magia, se verdadeira, não conduzia a parte alguma; Yoga virou psicologia. Para a solução de seus problemas originais quanto ao universo, voltou-se para a metafísica: dedicou seu intelecto ao culto da razão absoluta. Aplicou-se uma vez mais ao estudo de Kant, Hume, Spencer, Huxley, Mansel, Fiachte, Schelling, Hegel, e muitos outros; quanto à sua vida, não era ele um homem? Tinha uma esposa; conhecia seu dever para com a raça, e para com seu próprio ilustre ramo desta. Era um viajor e um desportista; pois bem, então, o negócio era viver sua vida! Assim, vemos que de novembro de 1901 até o equinócio de primavera de 1904 não se dedicou a quaisquer práticas, com a exceção de uma semana casual no verão de 1903, e de uma exibição de brinquedo de magia na Câmara do Rei da Grande Pirâmide em novembro de 1903, quando por suas invocações encheu aquela câmara de uma claridade como a da lua cheia. (Isto não foi ilusão subjetiva. A luz era suficiente para que ele lesse o ritual sob ela.) E foi apenas para dizer, no fim: “Viu? E que adianta tudo isto?”

Vemo-lo escalando montanhas, patinando, pescando, indo atrás de caça grossa, cumprindo os deveres de um esposo; vemo-lo ter aquela antipatia por todas as formas de

pensamento e de atividade espiritual que o desapontamento provoca.

Se a gente escala a montanha errada por engano (como pode acontecer), as belezas daquela montanha, por maiores que sejam, não compensam o desapontamento quando o erro é descoberto. Léa pode ter sido muito boa moça, mas Jacó nunca mais quis saber dela após aquele terrível amanhecer quando ele acordou e viu-lhe a face no travesseiro onde, após sete anos de labuta, ele esperara a prometida Raquel.

Assim, Fra. P., após passar cinco anos subindo na arvore errada, perdera o interesse por árvores, ao menos no que concerne o trepar nelas. Poderia se dar à vaidade inocente de dizer: “Vê, Fulano, aquele foi o ramo onde eu marquei minhas iniciais quando era garoto!”; mas ainda que tivesse visto na floresta a Arvore da Vida mesma, com o fruto dourado da Eternidade pendendo de seus ramos, não teria feito mais que levantar sua espingarda de caça e atirar no pombo esvoaçando pela folhagem.

A prova deste “retiro da visão” não é apenas deduzida da falta de quaisquer documentos ocultos em seu fichário da época, ou da completa ocupação da sua vida diária com prazeres e deveres externos e mundanos: a prova é tornada irretorquível e enfática pela evidência positiva de suas composições literárias do período. Destas temos diversos exemplos. Duas são dramatizações da mitologia grega, um assunto que oferece amplas oportunidades ao ocultista; nenhuma das duas apresenta qualquer alusão oculta. Vemos também um poema, “Rosa Mundi”, em que as alegrias do puro amor humano são pintadas sem a mínima nuance de emoção mística. Mais, temos uma peça, “O Come-Deus”, em que a origem das religiões, tal como concebida por Spencer ou Frazer, é exposta em forma dramática; e por fim temos uma sátira, “Por que Jesus chorou”; dura, cínica e brutal em sua avaliação da sociedade, mas descuidosa de qualquer remédio para as mazelas desta.

É como se o passado inteiro do homem, com toda a sua aspiração e consecução, tivesse sido apagado. Ele viu a vida (pela primeira vez, quiçá) com olhos humanos comuns. O cinismo ele podia compreender, o romance podia compreender; fora disto, só a escuridão. A felicidade dormia na mesma cama com o desprezo.

Vemos que, no fim de 1903, ele se dispunha a visitar a China numa expedição desportiva quando uma comunicação muito corriqueira de sua esposa o fez pospor a idéia. “Vamos caçar alguma coisa por um mês ou dois”, ele disse a ela, “e se você estiver certa, então voltaremos para babás e médicos”.

Assim, nós os encontramos em Hambantota (a província do sudeste do Ceilão), ocupados somente com búfalos, elefantes, leopardos, sambhures, e cem outros objetos da caça.

Aqui inserimos extratos do diário, indicando uma parca produção se comparado com o que citamos de seu recorde prévio no Ceilão.

Semanas inteiras se passam sem uma palavra: o grande homem jogava bridge, pôquer, ou golfe!

A nota de 19 de fevereiro de 1904 parece indicar que a coisa vai se tornar interessante; mas é seguida pela de 20 de fevereiro. É no entanto certo que por volta de 14 de março

ele alugou um apartamento no Cairo em plena estação de turismo!

Pode haver coisa mais patética?

De forma que a anotação de 16 de março está datada do Cairo. Nossas notas (de FiUer) são dadas entre parênteses.

O Diário de Frater P.

(Este diário é extremamente incompleto e fragmentário. Muitas anotações, também, são evidentemente irrelevantes ou disfarces. Omitimos muito dos dois últimos tipos.)

“Este ano cheio de acontecimentos, 1903, encontra-me num campo sem nome na jangal de uma província do sul do Ceilão; meus pensamentos, outrossim divididos entre Yoga e a caça, são desviados pelo fato de uma esposa...”

(Esta referência a Yoga é a Vontade Mágica subconsciente do iniciado Votado. Ele não estava fazendo coisa alguma mas, ao se examinar, como era seu hábito em certas estações, sentiu-se obrigado a afirmar sua Aspiração.)

Jan. 1: ... (muitos borrões) ... não acertei nem no corço nem na lebre. Fiquei danado. Porém, o augúrio é que o ano é bom para as obras de Amor e União; mau para as de Ódio. Sejam as minhas de Amor! (Note-se que ele não acrescenta “e União”.)

28 de Jan.: Embarcamos para Suez.

7 de Fev.: Suez.

8 de Fev.: Chegamos a Port Said.

9 de Fev.: Para o Cairo.

11 de Fev.: Vi b.f.g.

b.f.g. (Esta anotação é completamente ininteligível para nós.)

19 de Fev.: Para Helwan como Déspota Oriental. (Aparentemente, P. assumira algum disfarce, provavelmente com a Intenção de estudar o Islã de dentro, como fizera com o Hinduísmo.)

20 de Fev.: Começo golfe.

16 de Março: Começo INV. (invocação) IAO.

17 de Março: apareceu

18 de Março: Devo INV. (invocar) como → por novo método.

19 de Março: Isto foi feito (mal), meio-dia e trinta.

20 de Março: Às 10 da noite melhor – Equinócio dos Deuses – Nov – (novo?) C.R.C. (Christian Rosencreutz, conjecturamos). Hoori agora Hft. (evidentemente “Hierofante”)

21 de Março: in. I.A.M. (uma hora da manhã?)

22 de Março: X.P.B. (Poderá isto, e a anotação de 24 de março, referir-se ao irmão da A. • A. • que se encontrou com ele?)

E.P.D. em 84 m. (Sem significado para nós; provavelmente um disfarce).

23 de Março: Y.K. feito. (Seu trabalho sobre o Yi King?)

24 de Março: Encontro com novamente.

25 de Março: 823 Assim

461 “ ” =p fl y 2b z

218

(Borrão) wch dificuldade com ds.

(Borrão) P.B. (Tudo ininteligível; possivelmente um disfarce).

6 de Abril: Vou novamente a H, levando p. de A. (Isto é provavelmente um disfarce.)

Antes de prosseguirmos com a história deste período, devemos estabelecer a seguinte premissa:

Fra. P. nunca fez um relatório completo deste período. Ele parece ter oscilado entre um absoluto cepticismo (no mau senso da palavra: desgosto pela revelação) de um lado, e um real entusiasmo de outro. E a primeira atitude o induziu a fazer coisas para estragar o efeito da segunda. Daí os “disfarces”, e cifras estúpidas e sem significado que desfiguram o diário.

E, como se os Deuses mesmos desejassem obscurecer o Portal, vemos mais tarde que, quando a orgulhosa vontade de P. foi quebrada, e ele desejou tornar mais fácil o trabalho do historiador, sua memória (uma das melhores do mundo) foi completamente incapaz de aclarar as coisas.

Porém, nada de que ele não esteja bem certo será incluído aqui.

Temos um documento completamente sem “disfarces” e digno de estudo: “O Livro de Resultados”, escrito em um dos cadernos japoneses de pergaminho que ele costumava levar consigo. Infelizmente, parece ter sido abandonado após cinco dias. O que aconteceu entre 23 de março e 8 de abril?

O LIVRO DE RESULTADOS

Quarta-feira 16 de março: Invoco IAO. (Fra. P. nos diz que isto foi feito pelo ritual do “inascido”, Idêntico à “Invocação Preliminar” da “Goécia”, meramente para divertir sua esposa mostrando-lhe os silfos. Ela se recusou a ver quaisquer silfos, ou foi incapaz de fazê-lo; mas ficou “inspirada” e repetia: “Eles estão esperando por você!”)

(Nota do Editor: O nome de solteira da mulher dele era Rose Edith Kelly. Ele a chamava de Ouarda, a palavra árabe para “Rosa”. Ela é daqui em diante designada por “Ouarda a Vidente”, ou “W.”, para encurtar).

W. diz que “eles” estão “me esperando”.

Quinta-feira 17 de março: É tudo “sobre a criança”. Também, tudo “sobre Osíris”. (Note-se o tom cínico e céptico desta anotação. Quão diferente parece à luz de Liber 418!) Thoth, invocado com grande sucesso, está em nós. (Sim, mas o que aconteceu? Fra. P. não tem a mínima idéia.)

Sexta-feira 18 de março: Revelou que quem espera por mim é Horus, que eu ofendi e devo invocar. O ritual dado em esquema. Promessa de sucesso sábado ou domingo, de Samadhi. (Será “quem espera por mim” outra ironia? Não temos certeza. A revelação do ritual (por W. a vidente) consistiu principalmente numa proibição de todas as fórmulas até então usadas, como se verá do texto impresso mais adiante.)

Foi provavelmente nesse dia que P. examinou W. sobre Hórus. Só a notável identificação que ela fez do Deus, seguramente, o teria feito dar-se ao trabalho de obedecer às instruções dela. Ele se lembra de que apenas concordou em obedecer a fim de mostrar-lhe quão tola ela era; e ele a desafiou, dizendo que “nada acontece se a gente quebra todas as regras”.

Aqui, pois, inserimos uma curta nota por Fra. P., descrevendo como W. identificou R. H. K. (Ra-Hoor-Khuit):

1. Força e Fogo. (Eu lhe pedi que descrevesse as qualidades morais dele.)
2. Luz azul-profundo. (Eu lhe pedi que descrevesse as condições causadas por ele. Esta luz é inconfundível, e nenhuma outra se lhe assemelha; mas é claro que as palavras dela, se bem que uma descrição razoável desta luz, poderiam se aplicar a alguma outra cor.)
3. Hórus. (Eu lhe pedi que apontasse o nome dele numa lista de dez que escrevi ao acaso.)
4. Reconheceu sua Imagem quando a viu. (Isto se refere à notável cena no Museu de Boulak, que narraremos em detalhe.)
5. Conhecia minhas relações passadas com o Deus. (Isto quer dizer, eu creio, que ela sabia que eu assumira a função dele em trabalho ritual no templo, etc., e que nunca o invocara.)
6. Conhecia seu inimigo. (Eu perguntei, “Quem é o Inimigo dele?” Resposta, “Forças das águas — do Nilo”. W. não sabia bulhufas de Egiptologia — ou de qualquer outro assunto.)
7. Conhecia sua figura lineal, e a cor desta. (Uma chance em 84.)
8. Conhecia a posição dele no templo. (Uma em 4, pelo menos.)

9. Apontou a arma dele. (em uma lista de 6)
10. Apontou a sua natureza planetária. (em uma lista de 7 planetas)
11. Apontou seu número. (em uma lista de 10 unidades)
12. Selecionou-o de entre a) Cinco e b) três símbolos indiferentes, isto é, arbitrários. (Isto quer dizer que eu decidi que entre A,B,C,D e E, D o representaria, e ela então disse D.)

Não podemos insistir demasiado quanto ao caráter extraordinário desta Identificação.

W. nunca pretendia ser clarividente; nem P. tentara jamais treiná-la para tal.

P. tinha grande experiência com clarividentes, e sempre fora um ponto de honra para ele desmascará-los. E aqui estava uma noviça, uma mulher que nunca deveria ter saído de um salão de baile, falando com a autoridade de Deus, e provando-se com toda correção, sem hesitação alguma.

Um só fracasso, e P. tê-la-ia mandado às favas. E o fracasso não ocorreu. Calcule-se as probabilidades contra! Não conseguimos encontrar uma expressão matemática para os testes 1, 2, 3, 4, 5, ou 6, mas os outros 7 testes nos dão:

$$1/10 \times 1/84 \times 1/4 \times 1/6 \times 1/7 \times 1/10 \times 1/15 = 1/21168000.$$

Vinte e um milhões contra uma probabilidade dela passar na metade da prova!

Mesmo se supormos, o que é absurdo, que ela conhecia as correspondências da Cabala tão bem quanto Fra. P., e conhecia as relações secretas dele com o Invisível, precisaríamos esticar a telepatia para explicar o teste 12.

(Nota: Podemos acrescentar que Fra. P. crê, mas não tem certeza, que além disto ele a testou pelo alfabeto hebraico e pelos trunfos do Tarô, em cujo caso as chances contra ela devem ser multiplicadas ainda por 484, elevando-as acima de um bilhão!)

Mas sabemos que ela ignorava por completo as correspondências sutis, que naquela época existiam apenas no cérebro do próprio P.

E mesmo se ela as conhecesse, como poderíamos explicar o que aconteceu a seguir — a descoberta da Estela de Revelação?

Para aplicar o teste 4, Fra. P. levou-a ao museu em Boulak, que ainda não haviam visitado. Ela passou (P. notou com silencioso riso) por várias imagens de Hórus sem indicá-las. Eles subiram as escadas para o segundo andar. Uma caixa de vidro estava demasiado distante para que seu conteúdo fosse reconhecível. Mas W. o reconheceu. “Lá”, gritou ela, “lá está ele”!

Fra. P. caminhou até à caixa. Havia ali a imagem de Hórus na forma de Ra-Hoor-Khuit, pintada sobre uma estela de madeira da 26ª dinastia – e a caixa tinha o número 666!

(E após isto ainda se passaram cinco anos antes de Fra. P. ser compelido a obedecer!)

Este incidente deve ter ocorrido antes de 23 de março, desde que a anotação daquela data se refere a Ankh-f-n-khonsu.

Eis aqui a descrição que P. fez da estela:

“No museu no Cairo, o N.º 666 é a estela do sacerdote Ankh-f-n-khonsu.

Hórus tem um Disco vermelho e um Ureu verde.

Sua face é verde, sua pele índigo.

Seu colar, tornozeleiras e braceletes são de ouro.

Sua nêmis é azul quase negro.

Sua túnica é a pele de leopardo, e seu avental é verde e ouro.

Verde é a baqueta de duplo Poder; sua m.d. está vazia.

Em seu trono é índigo o gnômon, vermelho o esquadro.

A luz é gambodge.

Acima dele estão o Globo Alado e a figura curvada da Isis celeste, suas mãos e pés tocando a terra.”

Incluimos aqui a mais recente tradução da Estela, pelos Srs. Alan Gardiner, Lit. D., e Battiscombe Gunn. Difere ligeiramente daquela usada por Fra. P., a qual foi devida ao curador-assistente do Museu de Boulak.

ESTELA DE ANKH-F-NA-KHONSU

(Obverso)

Registro do topo (sob Disco Alado):

Behdet (?Hadit?), o Grande Deus, o Senhor do Céu.

Registro médio: (duas linhas verticais para a esquerda)

Ra-Harakhti, Mestre dos Deuses.

(Cinco linhas verticais para a direita):

Osiris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, Porteiro de Nut em Karnak, Ankh-f-n-Khonsu, o Justificado.

Gado, Gansos, Vinho (?), Pão.

Atrás do deus está o hieróglifo de Amenti.

Registro baixo:

(1) Diz Osíris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, o abridor das Portas de Nu em Karnak, Ankh-f-n-Khonsu, (2) o Justificado: “Salve, Tu cujo elogio é grande (o grandemente elogiado), tu de vontade grande, O Alma (ba) mui terrível (literalmente, poderosa, de terror) que dá o terror dele (3) entre os Deuses, brilhando em glória sobre seu grande trono, abrindo caminhos para a Alma (ba) para o Espírito (yekh) e para a Sombra (khabt): Eu estou preparado e eu brilho como quem está preparado. (4) Eu abri caminho ao lugar onde estão Ra, Tom, Khepri e Hathor. Osíris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas (5) Ankh-f-n-Khonsu, o Justificado; filho de M.NBSNMT; nascido da portadora-do-Sistro de Amon, a Senhora Atne-sheer.

(Reverso)

Onze linhas de escritura.

(1) Diz Osíris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, Ankh-f-n-Khonsu, o Justificado: “Meu coração de minha mãe, meu coração (diferente palavra, aparentemente sinônima, mas provavelmente não é) de minha existência (3) sobre a terra, não fiques diante de mim contra mim como uma testemunha, não me repilas (4) entre os Juizes Soberanos (uma tradução muito convencional e arbitrária da palavra original), nem inclines contra mim na presença do Grande Deus, o Senhor do Oeste (Osíris, claro), (5) agora que eu estou unido à Terra no Grande Oeste, e não duro mais sobre a Terra”.

(6) Diz Osíris, ele que está em Tebas, Ankh-f-n-Khonsu, o Justificado: “Ó Único, que brilhas como (ou na) Lua; Osíris Ankh-f-(8)n-Khonsu veio ao alto de entre estas tuas multidões. (9) Ele que junta esses que estão na Luz, o Mundo Inferior (duat) é (também) (10) aberto para ele: vê, Osíris Ankh-f-n-Khonsu vem (11) de dia para fazer tudo que ele deseja sobre a terra entre os viventes”.

Existe um outro objeto para completar o segredo de Sabedoria (P. anota “talvez um Thoth”) ou está nos hieróglifos. (Este último parágrafo foi, nós supomos, ditado por W.)

Nós agora retornamos ao “Livro de Resultados”.

19 de Março: O ritual foi escrito e a invocação feita – pouco sucesso.

20 de março: Revelou (Não podemos estar certos se esta revelação provém de W. ou é um resultado do ritual. Mas quase certamente vem de W., desde que precede a anotação “Grande Sucesso”) que o Equinócio dos Deuses chegou, com Hórus assumindo o Trono do Oriente, e todos os rituais, etc. sendo abrogados.

(Para explicar isto, apendemos a este capítulo o Ritual do Equinócio da AD., que era celebrado na primavera e no outono, dentro de 48 horas após a entrada do Sol em Áries ou Libra.)

20 de março: (cont) Grande sucesso na invocação da meia-noite. (O outro diz 10 da noite. “Meia-Noite” pode ser uma expressão descuidada, ou talvez marque o momento do clímax do ritual.)

Devo formular um novo elo de uma Ordem com a Força Solar.

(Não fica claro o que aconteceu nesta invocação; mas é evidente, de outra anotação que certamente foi feita mais tarde, que o “grande sucesso” não significa “Samadhi”. Pois P. escreve: “Eu estabeleço como absoluta condição que eu devo atingir Samadhi, no próprio interesse do deus”. A memória dele concorda quanto a isto. Foi o Samadhi obtido em outubro de 1906 que o colocou novamente no caminho de obediência a esta revelação.)

Mas está claro que “grande sucesso” significa algo muito Importante. O céptico zombeteiro de 17 de março deve ter tido um choque antes de escrever estas palavras.)

Segunda-feira 21 de março: O Sol entra em Áries.

Terça-feira 22 de março: O dia de descanso, em que nada de magia deve ser feito. A quarta-feira deve ser o grande dia de invocação.

(Esta nota é devida à insistência de W., ou à própria imaginação dele racionalizando.)

23 de março: O Segredo de Sabedoria.

(Omitimos o registro de uma longa e fútil adivinhação pelo Taro.)

Neste ponto podemos inserir o Ritual que teve tanto sucesso no dia 20 de março.

INVOCAÇÃO DE HÓRUS DE ACORDO COM A DIVINA VISÃO DE W., A VIDENTE

Para ser executado diante de uma janela aberta para o E. ou N., sem incenso. O quarto deve estar repleto de jóias, mas apenas diamantes serão usados sobre o corpo. Uma espada, não consagrada, um fio de 44 pérolas para contar. De pé. Clara luz do sol ao meio-dia e meio. Tranque portas. Robes brancos. Pés nus. Grite muito. Sábado. Use o Sinal de Apófis e Tifão

(O acima é a resposta de W. a várias perguntas feitas por P.)

Preliminar. Banir. Ritual Menor do Pentagrama Banindo. Ritual Menor do Hexagrama Banindo. Espada flamejante. Abrahadabra, Invoque. Como antes.

(Estas são as idéias de P. para o ritual. W. replicou: “Omita tudo isso”.)

O MS deste Ritual exhibe muitos indícios textuais de que foi escrito extremamente de improviso, e de que não foi revisado, salvo talvez por uma única leitura. Há erros de gramática e de grafia que são exceções em todos os MMSS de Fra. P.; o uso de maiúsculas é irregular, e a pontuação praticamente inexistente.)

CONFISSÃO

Sem estar preparado e sem Te invocar, eu OU MH, Fra. R.R. et A.C., aqui estou em Tua Presença – pois Tu estás em Toda Parte, Ó Senhor Hórus! – para confessar humildemente diante de Ti minha negligência e meu desprezo por Ti.

Como me humilharei suficientemente diante de Ti? Tu és o poderoso e inconquistado Senhor do Universo: eu sou uma fagulha da Tua Radiância indizível.

Como me aproximarei de TI? Mas Tu estás em Toda Parte.

Mas Tu graciosamente Te dignaste chamar-me a Ti, a este Exorcismo de Arte, para que eu possa ser Teu Servo, Teu Adepto, Ó Brilhante, Ó Sol de Glória' Tu me chamaste — então não correrei eu à Tua Presença?

De mãos sujas portanto eu venho a Ti, e lamento porque me afastei de Ti — mas tu sabes!

Sim, eu fiz mal!

Se um (sem dúvida uma referência a S.R.M.D., que era muito obcecado por Marte. P. viu Hórus primeiro como Geburah; mais tarde, como um aspecto de Tiphareth, incluindo Chesed e Geburah – o Triângulo Vermelho Invertido . uma Idéia oposta a Osiris.) Te blasfemou, por que deveria eu Te abandonar? Mas Tu és o Vingador; tudo é Contigo.

Eu inclino meu pescoço ante TI; e tal como uma vez Tua espada pousou sobre ele (veja-se a Cerimônia do Neófito da A. D., a Obrigação), assim estou eu em Tuas mãos. Golpeia se Tu queres; poupa se Tu queres; mas aceita-me como sou.

Minha confiança está em Ti; estarei enganado? Este Ritual de Arte; esta Invocação Quarenta e Quatro Vezes; este Sacrifício de Sangue – (meramente, supomos, que 44=DM, sangue. Possivelmente uma tigela de sangue foi usada. P. crê que foi, em algum dos rituais daquela época, mas não está certo de que o tenha sido neste) – estes eu não compreendo.

É bastante que eu obedeça ao Teu decreto; se Teu fiat proclamar minha miséria eterna, não seria minha alegria executar Tua Sentença sobre mim mesmo?

Por que? Porque Tudo está em Ti e de Ti; é bastante se eu queimar na glória intolerável de Tua presença.

Chega! Eu me volto para Tua Promessa.

Duvidosas são as Palavras: Escuros são os Caminhos: mas em Tuas Palavras e Caminhos há Luz. Portanto, agora como sempre, eu entro na Trilha da Escuridão, se talvez assim eu puder alcançar a Luz.

Salve!

α I ϯ

Soa, toca o mestre acorde!

Puxa, mostra a Espada em Flama!

Criança Rei, Vingador Lorde,

Hórus, ouve quem Te chama!

1. Ó Tu da Cabeça de Falcão! Tu, Tu eu invoco!

(A cada “Tu eu invoco”, no ritual todo, dê o Sinal de Apófis.)

A. Tu, filho único de Osíris Teu Pai, e de Isis Tua Mãe. Ele que foi morto; Ela que Te carregou em Seu útero fugindo do Terror da Água. Tu, Tu eu invoco!

2. Ó Tu cujo Avental é de branco lampejante, mais níveo que a Testa da Manhã! Tu, Tu eu invoco!

B. Ó Tu que formulaste Teu Pai e fertilizaste Tua Mãe! Tu, Tu eu invoco!

3. Ó Tu cuja veste é de glória dourada com as barras azul celeste! Tu, Tu eu invoco!

C. Tu, que vingaste o Horror da Morte; Tu, o matador de Tifão! Tu que levantaste Teus braços e os

Dragões da Morte se foram como pó; Tu que levantaste Tua Cabeça, e o Crocodilo do Nilo se abateu diante de Ti! Tu, Tu eu invoco!

4. Ó Tu cuja Nêmis cobre o Universo com noite, o Azul Impermeável! Tu, Tu eu invoco!

D. Tu que viajas no Barco de Rá, governando o Leme do Barco Aftet e do barco Sektet! Tu, Tu eu Invoco!

E. Tu em volta de cuja presença é derramada a escuridão de Luz Azul, a glória insondável do mais externo Éter, a inimaginável imensidade do Espaço. Tu que concentras todos os Trinta Éteres em uma escura esfera de Fogo! Tu, Tu eu invoco!

6. Ó Tu que levas a Rasa e Cruz de Vida e Luz! Tu, Tu eu invoco!

A Voz dos Cinco.

A Voz dos Seis.

Onze são as Vozes.

Abrahadabra!

β II Ϸ

Toca, toca o mestre acorde!

Puxa, mostra a Espada em Flama!

Criança Rei, Vingador Lorde,

Hórus, ouve quem Te chama!

1. Pelo teu nome de Rá, eu Te invoco, Falcão do Sol, Tu glorioso!

2. Pelo teu nome Harmachis, mancebo da Manhã Brilhante, eu Te invoco!

3. Pelo teu nome Mau, eu Te invoco, Leão do Sol do Meio-Dia!

4. Pelo teu nome Tum, Falcão da Tarde, esplendor carmesim do Poente, eu Te invoco!
5. Por teu nome Khep-Ra eu Te invoco, Ó Escaravelho da Mestria oculta da Meia-Noite!
 - A. Pelo teu nome Heru-pa-Kraat, Senhor do Silêncio, Linda Criança que estás de pé sobre os Dragões da Profundeza, eu Te invoco!
 - B. Por teu nome Apolo eu Te invoco, ó homem de Força e esplendor, ó poeta, é pai!
 - C. Pelo teu nome de Febo, que diriges tua carruagem pelo Céu de Zeus, eu Te invoco!
 - D. Pelo teu nome de Odin eu Te invoco, Ó guerreiro do Norte, Ó Renome das Sagas!
 - E. Pelo teu nome de Jeheshua, Ó rebento da Estrela Flamígera, eu Te invoco!
 - F. Pelo Teu próprio, Teu nome secreto Hoori, Tu eu invoco!

Os Nomes são Cinco.

Os Nomes são Seis.

São Onze os Nomes!

Abrahadabra!

Vê! eu estou de pé no meio. Meu é o símbolo de Osíris; a Ti meus olhos se dirigem sempre. Ao esplendor de Geburah, à magnificência de Chesed, ao mistério de Daäth, para lá eu levanto meus olhos. Isto busquei, e busquei a Unidade: ouve-me Tu!

γ III λ

Soa, toca o mestre acorde!

Puxa, mostra a Espada em Flama!

Criança Rei, Vingador Lorde,

Hórus, Teu criado chama!

1. Minha é a Cabeça do Homem, e minha visão é penetrante como a do Falcão. Pela minha cabeça eu Te invoco!
 - A. Eu sou o filho único de meu Pai e de minha Mãe. Por meu corpo eu Te invoco!
2. Em volta minha brilham os Diamantes de Radiância branca e pura. Pelo brilho deles eu Te invoco!
 - B. Meu é o Triângulo Vermelho Invertido, o Signo dado de nenhum, salvo de Ti, Õ Senhor! (Este sinal fora previamente comunicado por W. Era inteiramente novo para P.) Pelo Lámen eu Te invoco!
3. Minha é a vestimenta branca bordada a ouro, o abbaí lampejante que eu envergo. Pelo meu robe eu Te invoco!

C. Meu é o sinal de Apófis e Tifão! Pelo sinal eu Te invoco!

4. Meu é o turbante de branco e ouro, e meu é o vigor azul do ar íntimo! Pela minha coroa Te invoco!

D. Meus dedos viajam nas Contas de Pérola; assim eu corro atrás de Ti em teu carro de glória. Por meus dedos eu Te invoco! (No sábado a feira de pérolas rompeu-se; de forma que mudei a invocação para “Meus sigilos místicos viajam no Barco do Akasa, etc. Pelos encantamentos Te invoco!” – P.)

5. Levo a Baqueta de Duplo Poder na Voz do Mestre — Abrahadabra! Pela palavra Te invoco!

E. Minhas são as ondas azul escuro de música na canção que fiz há tempo Te invocando

—

Soa, toca o mestre acorde!

Puxa, mostra a Espada em Flama!

Criança Rei, Vingador Lorde,

Hórus, ouve quem Te chama!

δ IV γ

(Esta seção meramente repete a Seção 1 na primeira pessoa. Assim, começa: 1. “Minha é a Cabeça do Falcão! Abrahadabra!” e termina: 6. “Eu levo a Rosa e Cruz de Vida e Luz! Abrahadabra!” dando o Sinal a cada Abrahadabra. Permanecendo no Sinal, a invocação finda):

Portanto, digo a ti: Vem Tu e habita em mim, para que todo Espírito meu, quer do Firmamento, ou do Éter, ou da Terra ou sob a Terra; em terra firme ou na Água, de Ar Regirante ou de Fogo Corrente; e todo encanto e flagelo de Deus o Vasto possa ser TU. Abrahadabra!

A Adoração — impromptu.

Feche por banição. (Creio que isto foi omitido por ordem de W. — P.).

O que quer que tenha ocorrido, durante o período de 23 de março a 8 de abril, é pelo menos certo que o trabalho foi continuado até certo ponto, que as inscrições da estela foram traduzidas para Fra. P., e que ele as parafraseou em verso. Pois nós o vemos usando ou preparado para usar as mesmas no texto de Liber Legis.

Talvez nessa época, talvez mais tarde, ele tenha escrito as “coincidências de nomes da Qabalah”, às quais agora devemos dirigir a atenção do leitor. (O MS é um mero esboço fragmentário.)

Ch = 8 = ChIth = 418 = Abrahadabra = RA-HVVR (Ra-Hoor).

Também, 8 é o grande símbolo que adoro.

(Isto pode ser por causa de sua semelhança com , ou por causa de suas (velhas, A. D.) atribuições à Daäth, P. sendo então uni racionalista; ou por alguma outra razão.)

Assim também é 0. (Zero)

0 = A no Livro de Thoth (O Tarô).

A=111 com todos os seus grandes significados, 0=6.

Agora, 666 = Meu nome, o número da estela, o número d'A Besta (veja-se Apocalipse), o número do Homem.

A Besta AChIHA=666 somando-se as letras em cheio (A grafia usual é ChIVA).

(A=111, Ch=418, I=20, H=6, A=111).

HRV-RA-HA. 211+201+6=418.

(Este nome ocorre apenas em Liber Legis, e é um teste daquele Livro antes que da estela.)

ANKH-P-N-KHONShU-T= 666.

(Confiamos em que a adição da terminação T será considerada justificada.)

{ Bes-n-maut, BISHNA-MAVT } = 888

Ta-Nich ThA-NICH = Ch X A

Nuteru NVThIRV= 666.

Montu MVNTV= 111.

Aiwass AIVAS=78, a influência ou mensageiro, ou o Livro de Thoth. (P.S. Note-se este erro! – Ed.)

Ta-Nich TA-NICH=78. Alternativamente, 8h em vez de Ch dá 370, Osh, Criação.

Este tanto extraímos de volumes cheios de cálculos minuciosos, a maioria dos quais não é mais inteligível nem mesmo para Fra. P.

A memória dele, no entanto, nos assegura que as coincidências foram muito mais numerosas e notáveis que aquelas que podemos reproduzir aqui; mas compreendemos que, afinal de contas, sua atitude é a de que “está tudo em Liber Legis”. “Sucesso é tua prova; não discutas; não convertas; não fales demais!”

E, de fato, no Comentário àquele Livro será encontrado o suficiente para o mais desconfiado examinador.

Agora, pode ser perguntado, quem era Aiwass? Este é o nome que W. deu a P. como do

seu informante. Também, é o nome dado como aquele do revelador de Liber Legis. Mas quer Aiwass seja um ente espiritual ou um homem conhecido de Fra. P., é assunto de mera conjectura. Seu número é 78, o número de Mezia, o Canal através do qual Macroprosopo Se revela ou derrama Sua influência sobre Microprosopo.

Assim, nós vemos que Fra. P. fala de Aiwass em certas ocasiões como de outro homem, porém mais avançado; em outras ocasiões como se fosse o nome do seu próprio superior na Hierarquia Espiritual. E para todas as nossas perguntas Fra. P. tem uma resposta, quer apontando “a sutil distinção metafísica entre a curiosidade e o trabalho honesto”, ou dizendo que entre os Irmãos “nomes são apenas mentiras”, ou de alguma outra forma derrotando o propósito chão e simples do historiador.

O mesmo se aplica a todas as perguntas quanto a V.V.V.V.V., com esta diferença, que neste caso ele condescende em argumentar e instruir. Em certa ocasião ele disse ao presente escritor: “Se eu te disser que V.V.V.V.V. é um Sr. Smith que vive em Clapham, tu imediatamente sairás por aí anunciando a todo mundo que V.V.V.V.V. é um Sr. Smith de Clapham, o que não é verdade. V.V.V.V.V. é a Luz do Mundo mesma, o único Mediador entre Deus e o Homem; e no teu presente estado mental (aquele de um boçal) tu não podes perceber que as duas asserções podem ser idênticas para os Irmãos da A.. A..! Não foi teu tataravô quem disse que nada de bom poderia sair de Nazaré? “Não é este o filho do carpinteiro? Não é a mãe dele chamada Maria? E seus irmãos, Jaime e José e Simão e Judas? E as irmãs dele, não estão todas elas conosco? De onde então tem este homem tudo isto? E eles se ofenderam com ele.”

Similarmente, com respeito à redação de Liber Legis, Fra. P. diz apenas que não foi de forma alguma uma “escritura automática”; que ele ouviu clara e distintamente os acentos humanos, articulados, de um homem falando. Uma vez, na página 6, foi-lhe dito que editasse uma sentença; e uma vez, na página 19, W. apõe uma sentença que ele não Unha conseguido ouvir.

A essa redação agora nos voltamos.

Deve ter sido no dia primeiro de abril que W. ordenou a P. (agora um tanto escabreado) que entrasse no “templo” exatamente às 12 horas do meio-dia em três dias sucessivos, e que escrevesse o que ouvisse, levantando-se da cadeira exatamente às treze horas.

Isto ele fez. No momento em que se sentou a Voz começou o seu Ditame, parando exatamente no fim da hora.

Estes são os três capítulos de Liber Legis, e nós não temos mais nada a acrescentar.

O título completo do livro é, como P. primeiro se decidiu a chamá-lo,

LIBER L vel LEGIS

sub figura CCXX

qual dado por LXXVIII a DCLXVI

e esta é a Primeira e Maior dessas publicações em Classe A da A. • A. • das quais “não se

deve alterar sequer o estilo de uma letra”.

(Este foi o título original devisado por 666 para aparecer na publicação de 1909. A “Chave de tudo”, e a verdadeira grafia de Aiwass, ainda não haviam sido descobertas.)

FESTIVAL DO EQUINÓCIO

(Templo arranjado como para $0^{\circ}=0^{\circ}$).

Hierofante. (bate) Frati e Sorores de todos os graus da Aurora Dourada na Externa, celebremos o Festival do Equinócio (Vernal) Outonal!

Todos se levantam.

Ht. Frater Kerux, proclame o fato, e anuncie a ab-rogação da Senha presente.

Kerux (indo para a direita do Ht., saudando, e voltando-se para o Oeste) Em Nome do Senhor do Universo, e por ordem do M . G. Ht., eu proclamo o Equinócio (Vernal) Outonal, e declaro que a Senha está ab-rogada.

Ht. De acordo com o antigo costume, consagremos o retorno do Equinócio (Vernal) Outonal.

Luz.

Hs. Escuridão.

Ht. Leste.

Hs. Oeste.

Ht. Ar.

Hs. Água.

Hg. (bate) Eu sou o Reconciliador entre eles.

(Todos dão os sinais.)

D. Calor.

S. Frio.

D. Sul.

S. Norte.

D. Fogo.

S. Terra.

(bate) Eu sou o Reconciliador entre eles.

(Todos dão os sinais.)

Cada oficial que se retira, começando pelo Ht., deixa por sua vez sua posição pelo lado esquerdo, e caminha para o pé do Trono. Ele ali se despe, colocando o robe e o lámén ao pé do Trono ou Plataforma. Então segue o curso do Sol até o Altar, e ali depõe sua insígnia especial, a saber: Ht., o Cetro; Hs., a Espada; Hg., o Cetro; K., Lâmpada e Baqueta; S., Taça; D., Incensário; repetindo, enquanto assim faz, a Senha que está sendo ab-rogada.

Ht. Tomando a Rosa de sobre o Altar, retorna com o Sol à sua posição.

Hs. Toma a Taça de Vinho.

Hg. Espera pelo Kerux e toma a Lâmpada Vermelha deste.

K. Não toma coisa alguma.

S. Toma a bandeja com sal.

D. Toma o emblema do Fogo Elemental.

Cada um deles retorna ao seu lugar.

Os membros restantes formam uma coluna ao Norte, e liderados pelo K. procedem para o Leste; quando todos estão em coluna ao longo do Lado Leste do Templo, cada qual se vira para a esquerda e encara o Hierofante.

Ht. Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Senhor do Ar, que criaste o Firmamento. (Fazendo com a Rosa o sinal da Cruz no Ar em direção ao Leste.)

Todos fazem sinais. A procissão se move para Oeste, pára, e encara o Oeste.

lis. (encarando o Oeste) Adoremos o Senhor do Universo. Santo és Tu, Senhor das Águas, onde Teu Espírito Se moveu no começo. (Fazendo com a Taça o sinal da Cruz no Ar diante dele.)

Todos fazem sinais. A procissão passa ao Norte. Todos param e encaram o Norte.

S. (encarando o Norte) Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Senhor da Terra, da qual fizeste o Teu escabelo. (Fazendo com a bandeja de Sal o sinal da Cruz em direção ao Norte.)

Todos dão sinais. Todos reassumem seus lugares e encaram a direção usual.

Hg. Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Quem estás em todas as coisas, em Quem todas as coisas estão.

Se subo ao Céu, Tu lá estás.

Se desço ao Inferno, Tu lá estás também.

Se tomo as Asas da Manhã, e permaneço nas mais longínquas partes do Mar, mesmo lá Tua mão me guiará e Tua mão direita me sustentará.

Se digo, “Talvez a Escuridão me envolva”, mesmo a Noite será Luz para Ti.

Teu é o Ar com seu Movimento.

Teu é o Fogo com sua Flama que lampeja.

Tua é a Água com seu Fluxo e Refluxo.

Tua é a Terra com sua Eterna Estabilidade.

(Faz o sinal da Cruz com a Lâmpada Vermelha.)

Todos fazem sinais. Ht. vai para o Altar e deposita a Rosa. Enquanto isto, Imperator assume o Trono.

Ht. retorna a um assento à esquerda imediata como Ex-Hierofante. Cada Oficial antigo agora vai por sua vez ao Altar e coloca sobre este a insígnia que retirara dali. Eles voltam de mãos nuas às posições dos seus graus, não aos seus Tronos; sentam-se como membros comuns, deixando todas as posições oficiais vagas.

Imperator. Pelo Poder e Autoridade em mim lii- vestidos, eu confiro sobre vós a nova Senha. É

Os Oficiais do Templo para o semestre que começa são: — (Lê lista dos Novos Oficiais.)

Os Novos Oficiais vêm, um de cada vez, e são vestidos pelo Imperator. Cada novo Oficial por sua vez vai ao Altar e apanha sua insígnia, repetindo em voz alta:

Pela Senha eu reclamo minha (meu)

S., após apanhar sua Taça, purifica a Sala e os Membros com Água, sem que Ht. diga nada a não ser que S. se esqueça deste dever.

D., após tomar seu Incensário, consagra a Sala e os Membros com Fogo, sem fala desnecessária por parte do Ht.

A CIRCUNAMBULAÇÃO MÍSTICA

Isto deveria ocorrer em Silêncio, mas se os Membros não tiverem Rituais o Ht. pode organizar a coisa como segue: Todos entram em forma ao Norte, E., Hg., Membros, Hs., S., D.

Cada Membro ao passar pelo Trono repete a Senha em voz alta.

Ht. Invoquemos o Senhor do Universo.

Senhor do Universo, Abençoado seja Teu Nome Eternamente. Olha com favor esta

Ordem, e concede que seus membros possam por fim alcançar o verdadeiro Summum Bonum, a Pedra dos Sábios, a Sabedoria Perfeita e a Luz Eterna. Para Glória do Teu Nome Inefável. AMEN.

Todos saúdam.

Ht. Frater Kerux, em Nome do verso, eu te ordeno que declares que o Equinócio (Vernal) Outonal retornou e que é a Senha para os próximos seis meses.

K. Em Nome do Senhor do Universo e por ordem do M. G. Ht., eu declaro que o Sol entrou em (Áries) Libra e que a Senha para o meio ano que começa será

Ht. Khabs. Pax. Em.

Hs. Am. Konx. Extensão.

Hg. Pekht. Om. Luz.

Observações Sobre a Maneira como Liber Legis foi Recebido, Sobre as Condições Existentes Durante o Ditame, e Sobre Certas Dificuldades Ligadas

I

Certas perguntas muito sérias têm se erguido com respeito ao método pelo qual este Livro foi obtido. Não me refiro às dúvidas – reais ou fingidas – que a hostilidade engendra, pois todas estas são dissipadas por estudo do texto; nenhum falsário poderia ter preparado uma rede de enigmas numéricos e literais tão difícil a ponto dele se ver (a) dedicado à solução anos e anos após; (b) despistado por uma simplicidade que, quando desvelada, deixa a gente boquiaberta ante a sua profundidade; (c) esclarecido apenas por progressiva iniciação, ou por eventos “acidentais” aparentemente sem conexão com o Livro, que ocorreram muito após sua publicação; (d) hostil, confuso, e desgostoso mesmo em face de testemunho independente quanto ao poder e clareza do Livro, e do fato de que, por Sua luz, outros homens têm atingido os mais elevados cumes da iniciação em uma mínima fração do tempo que o passado e a tradição nos levariam a esperar; e (e) enraivecidamente indisposto a executar aquela parte da Obra que lhe foi designada (detalhada no Capítulo III), mesmo quando o curso de eventos no planeta – guerra, revoluções, e o colapso dos sistemas sociais e religiosos – lhe provava claramente que, quer ele gostasse ou não, Ra-Hoor-Khuit era de fato Senhor do Aeon, a Criança Coroada e Conquistadora cuja inocência significava apenas inumana crueldade e insensata destrutividade quando ele vingou Isis, nossa mãe a Terra e o Céu, do assassinato e mutilação de Osíris, o Homem, seu filho. A Guerra de 1914-1918 e as seguintes provaram, até aos mais obtusos estadistas, além da possibilidade de disfarce mesmo por parte dos teólogos mais astuciosamente sofisticados, que a morte não é um benefício sem inconvenientes, quer para o indivíduo, quer para a comunidade; que força inteligente e virilidade sadia são mais úteis a uma nação que uma respeitabilidade covarde e um servilismo emasculado; que o gênio marcha ombro a ombro com a coragem, enquanto o senso de vergonha e de pecado rasteja com o derrotismo.

Por estes motivos e muitos mais estou certo, eu a Besta, cujo número é Seiscentos e

Sessenta e Seis, de que este Terceiro Capítulo do Livro da Lei é nada menos que a autêntica Palavra, a Palavra do Aeon, a Verdade sobre a Natureza nesta época e sobre este planeta. Eu o escrevi, odiando-o e escarnecendo dele, secretamente alegre de que eu poderia utilizá-lo para me revoltar contra esta Tarefa terribilíssima que os Deuses atiraram sem remorso sobre os meus ombros: a Cruz deles de aço em brasa, que devo carregar até o meu Calvário, o lugar do crânio, para lá ser desembaraçado de seu peso, apenas para que possa ser crucificado sobre ela. Mas, sendo erguido, eu atrairei o mundo inteiro a mim, e os homens me adorarão, A Besta, Seiscentos e Sessenta e Seis, celebrando a Mim sua Missa da Meia Noite toda vez que eles fizerem aquilo que eles querem, e matando para Mim sobre Meu altar aquela vítima que mais me agrada, Eles Mesmos; quando o Amor planejar, e a Vontade executar o Rito pelo qual (saibam eles ou não) seu Deus-no-homem me é oferecido, a mim A Besta, Deus deles; o Rito cuja virtude (fazendo o Deus deles da sua Besta entronada) nada deixa, por bestial que seja, por divinizar.

Em tais linhas, minha própria “conversão” a minha própria “religião” ainda pode vir a ocorrer, se bem que enquanto escrevo estas palavras faltem apenas doze semanas para completar dezesseis anos da escritura do Livro.

II

Esta longa digressão é apenas para explicar que eu, mesmo eu, que publico Liber Legis, não sou um partidário fanático. Obedecerei a certas de minhas ordens (III, 42) “Não discutas, não convertas”; ainda que evitando algumas outras. Não me dignarei responder a perguntas céticas quanto à origem do Livro. “Sucesso é tua prova”. Eu, entre todos os homens sobre a Terra reputado como o mais poderoso em Magia, por meus inimigos mais que por meus amigos, tentei perder este Livro, esquecê-lo, desafιά-lo, criticá-lo, escapar dele, durante quase dezesseis anos; e o Livro me mantém no curso que o Livro estabelece, assim como a Montanha de Pedra Imã atrai os navios, ou como Hélios por laços invisíveis controla seus planetas; sim, ou como BABALON aperta entre suas coxas a Grande Besta Selvagem em que ela cavalga!

Tanto para os céticos; ponde vossas cabeças na boca do Leão: assim podereis certificá-los se estou estufado com palha!

Mas, no texto do Livro mesmo, há espinhos para a carne do cortejador mais ardente quando ele mergulha sua face nas rosas; uma parte da vima que sobe no Tirso deste Dioniso é venenosa. A pergunta se levanta, especialmente quando o manuscrito original, em minha caligrafia, é examinado: “Quem escreveu estas palavras?”

Está claro que eu as escrevi, tinta no papel, no senso material; mas elas não são Minhas palavras, a não ser que Aiwass seja considerado não mais que o meu subconsciente, ou parte deste; em cujo caso, com o meu consciente ignorando a Verdade do Livro, e sendo hostil à maior parte de sua ética e filosofia, Aiwass torna-se uma parte severamente suprimida de mim. Se assim for, o teorista deverá sugerir um motivo para esse desabafo explosivo, no entanto cerimoniosamente controlado, e fornecer uma explicação de como Eventos em anos subseqüentes se conformaram com a palavra d’Ele, seja escrita ou publicada. Em qualquer caso, o que quer que “Aiwass” seja, “Aiwass” é uma Inteligência

possuidora de poder e conhecimento absolutamente além da experiência humana; e portanto Aiwass é um Ente merecedor, tanto quanto o uso corrente da palavra permite, do título de um Deus; sim, em verdade e amém, de um Deus. A humanidade não tem registro de um fato como este, estabelecido por provas asseguradas além de quaisquer sofismas críticos; não tem outro Livro como este para testemunhar a existência de uma Inteligência praeter-humana e articulada, propositalmente intervindo na filosofia, religião, ética, economia e política do Planeta.

A prova da Natureza praeter-humana de Aiwass — chamem-n’O de Diabo, ou Deus, ou mesmo de Elemental, se quiserem — é em parte externa, dependendo de eventos e pessoas fora da esfera da Sua influência; e em parte interna, dependendo da cifra de (a) certas Verdades, algumas previamente conhecidas, outras não, mas a maior parte além do alcance de minha mente na época do ditame; (b) de uma harmonia de letras e números sutil, delicada e exata; e (c) de Chaves de todos os mistérios da vida — tanto pertinentes à ciência oculta quanto a outras coisas — e de todas as Fechaduras do Pensamento; estas três galáxias de glória, repito, encerradas numa cifra simples e luminosa, no entanto ilegível durante mais de quatorze anos, e mesmo então traduzida não por mim, mas por minha misteriosa Criança, de acordo com a Presciência escrita no próprio Livro em termos tão complexos que o cumprimento exato das condições do nascimento da Criança, que ocorreram com incrível precisão, parecia impossível; um cifra envolvendo matemática avançada e um conhecimento das cabalas hebraica, grega e arábica, assim como da Verdadeira Palavra Perdida dos Pedreiros-Livres; uma cifra que no entanto está encerrada no tecido casual de palavras inglesas comuns, e mais — até na circunstância, aparentemente acidental, das letras traçadas pelo rabisco apressado da Minha pena.

Muitos destes casos de duplo sentido, paranomásia em um idioma ou em outro, e mesmo (numa ocasião) de uma iluminadora ligação de letras em linhas diversas por um rabisco brusco, serão expostos na seção cabalística do Comentário.

III

Como um exemplo do primeiro método mencionado acima, temos, no Cap. III: “O tolo lê este Livro da Lei, e seu comento; & ele não o compreende”. Isto tem um senso-inverso secreto, significando: O tolo (Parzival = Fra. O.I.V.V.I.O.) o compreende (sendo um Magister Templi, o Grau atribuído à Compreensão) não (isto é, como sendo ‘não’).

Este Parzival, cuja soma é 418, é (na lenda do Graal) o filho de Kamuret, cuja soma é 866, sendo o filho de Mim A Besta pela Mulher Escarlata Hilarion. Este foi um nome que ela escolheu enquanto meio ébria, como um plágio da lenda teosófica, mas contendo muitas das nossas letras-números-chaves dos Mistérios; também, o número de pétalas do mais sagrado lótus. Sua soma é 1001, que é também Sete vezes Onze vezes Treze, uma série de fatores que pode ser lida como: o Amor da Mulher Escarlata pela Magia produz Unidade, em hebraico Achad. Pois 7 é o número de Venus, e o Nome secreto de sete letras de minha concubina BABALON é escrito com Sete Setes, assim:

77 + 7+7 +77 = 156, o número de BABALON.

418 é o número da Palavra da Fórmula Mágica deste Aeon. (666 sou Eu, A Besta.)

Parzival usou também o nome Achad como Neófito da A.·A.·., e foi Achad quem Hilarion Me deu como filho. E Achad significa Unidade, e a letra da Unidade é Aleph, a letra d'O Tolo no Taro. Agora, este Tolo invocou a Fórmula Mágica do Aeon ao assumir como seu Nome Mágico, ou Verdadeiro, um cuja soma também é 418.

Ele tomou este Nome ao Entrar para a Gnose onde está a Compreensão; e ele compreendeu este Livro como não. Isto é, ele compreendeu que este Livro era, por assim dizer, uma vestimenta ou véu sobre a idéia de “não”. Em hebraico não é LA, 31, e AL é Deus, 31, enquanto há um terceiro 31 escondido ainda mais profundamente na letra dupla ST, que é um glifo gráfico do sol e da lua conjugados para aparentarem um Falo em ereção, encurtado por perspectiva, assim – g – quando escrito em maiúsculas. O S ou Sigma é como um falo, assim, σ quando escrito minúsculo; e como uma serpente ou espermatozóide quando escrito final, assim, θ O T ou Theta é o ponto no círculo, ou Phallus no Kteis, e também o Sol, tal como C é a Lua, macho e fêmea.

Mas Sigma em hebraico é Shin, 300, a letra do Fogo e do “Espírito dos Deuses”, que paira sobre o Abismo Amorfo no Começo, sendo por forma uma tripla língua de fogo, e por significado um dente, que é a única parte da secreta e sólida fundação do Homem (o esqueleto) que é normalmente visível. Dentes servem ao Homem para lutar, para esmagar, para rasgar, para morder e segurar sua presa; eles testemunham que ele é um animal feroz, perigoso e carnívoro. Mas eles são também as melhores testemunhas da mestria do Espírito sobre a Matéria, a extrema dureza da substância deles sendo esculpida e polida e coberta com uma camada lustrosa pela Vida, com tanta facilidade e beleza quanto ela exhibe com tipos de substância naturalmente mais plásticos.

Os dentes são desvelados quando nosso Ente Secreto – nosso Eu Subconsciente, cuja Imagem Mágica é nossa individualidade expressada em forma mental e corporal – nosso Sagrado Anjo Guardião – se manifesta e declara nossa Verdadeira Vontade a nossos semelhantes, quer num arreganho ou repuxo dos lábios, quer num sorriso ou numa gargalhada.

Dentes nos servem para pronunciarmos as letras dentais, as quais em sua mais profunda natureza expressam decisão, fortaleza, resistência, tal como as guturais sugerem o alento da Vida mesmo, fluindo livremente, e as labiais as vibrações duplas de ação e reação. Pronuncie T, D, S ou N, e você as perceberá todas contínuas exalações bruscas, cuja diferença é determinada somente pela posição da língua, os dentes estando à mostra como quando uma besta acuada se vira e enfrenta os caçadores. O som sibilante de S ou Sh é a nossa palavra inglesa, e também hebraica, Hush, um S fortemente aspirado, e sugere o silvo de uma cobra. Agora, este sibilo é o sinal comum de reconhecimento entre os homens quando um deseja chamar a atenção de outro sem perturbar o silêncio mais do que o necessário. (Temos também Hist, nossa Dupla Letra.) Este sibilo significa: “Atenção! Um homem!” Pois em todas as línguas semíticas, e em algumas arianas, ISH ou uma palavra muito similar significa “um homem”. Pronuncie-a: você deve mostrar seus dentes cerrados como em desafio, e expirar fortemente como quando está excitado.

Hiss! Sh! significa: “Fique quieto! Há perigo se você for ouvido. Atenção! Há um homem alhures, mortífero como uma cobra. Respire com força; vem briga aí”.

Este Sh é então o forte, sutil, criador Espírito de Vida, feroso e triplo, contínuo, Silêncio de puro Alento modificado em som por trinta e dois obstáculos, tal como o Zero do Espaço Vazio, se bem que contenha toda Vida, apenas toma forma de acordo (como dizem os Qabalistas) com os trinta e dois “Caminhos” de Número e Letra que o obstruem.

Agora, a outra letra, Theta ou Teth, tem o valor de Nove, que é o valor de AVB, a Magia Secreta de Obeah, e da Sefirah Yesod, que é o assento no homem da função sexual, pela Magia da qual ele vence mesmo a Morte, e isto em mais do que uma maneira; maneiras tais que são conhecidas apenas dos mais elevados e mais dignos Iniciados, batizados pelo Batismo da Sabedoria, e comungantes naquela Eucaristia em que o Fragmento da Hóstia no cálice se torna inteiro.

Este T é a letra de Léu, o Leão, a casa do céu sagrada ao Sol. (Assim, nós o encontramos também no número 6, de onde 666.) E Teth significa a Serpente, o símbolo da Vida Mágica da Alma, senhor da “baqueta dupla” de vida e morte. A serpente é régia, encapuçada, sábia, silenciosa salvo por um sibilo quando é necessário que desvele sua Vontade; devora sua cauda – o glifo da Eternidade, do Nada e do Espaço; ela se move ondulando, uma essência imaterial viajando através de crista e côncavo, como a alma de um homem através de vidas e mortes. Ela se endireita: é a Vara que golpeia, a Radiância-Luz do Sol ou a Radiância-Vida do Falo.

O som de T é tênue e bruscamente final; sugere um ato espontâneo súbito e irrevogável, como a mordida de uma cobra, a bocada do leão, a insolação, e o golpe do Lingam.

Agora, no Taro o Trunfo ilustrando esta letra 5h é uma velha forma da Estela de Revelação, Nuit com Shu e Seb, o pantáculo ou pintura mágica do velho Æon, tal como Nuit com Hadit e Ra-Hoor-Khuit é a forma do novo. O número deste Trunfo é XX. É chamado o Anjo, o mensageiro vindo do Céu com a nova Palavra, O Trunfo dando a pintura de T é chamado a Força. Mostra a Mulher Escarlate, BABALON, cavalgando (ou conjugada com) a mim A Besta; e esta carta é minha carta especial, pois eu sou Baphomet, “o Leão e a Serpente”, e 666, o “número inteiro” do Sol.

Assim pois, tal como Sh, XX, mostra os Deuses do Livro da Lei e T, XI, mostra os seres humanos naquele Livro (eu e minha concubina), as duas cartas juntas ilustram o Livro inteiro em forma pictórica. Agora, XX+XI=XXXI, 31, o terceiro 31, que necessitamos colocar com LA, 31, e AL, 31, para que possamos ter $31 \times 3 = 93$, a Palavra da Lei, Θελημα, Vontade, e a Αγαπη, Amor, que sob Vontade é a Lei. É também o número de Aiwass, o Autor do Livro, é o número da Palavra Perdida cuja fórmula em sóbria verdade “levanta Hiram”, e ainda de muitas outras Palavras de Verdade estreitamente ligadas.

Portanto, esta letra Dois-em-Um (O é a terceira Chave desta Lei; é com a descoberta deste fato, após anos de busca incessante, que súbitos esplendores de Verdade, tão sagrados quanto secretos, esbrasearam na meia-noite da minha mente! Observe-se: ‘este círculo quadrado em seu fracasso é uma chave também. Ora, eu sabia que no valor das

letras de ALHIM, os Deuses”, os judeus haviam velado um valor incorreto de π , a razão da circunferência de um círculo para com seu diâmetro, com uma aproximação de 4 decimais: 3,1415. Mais aproximado seria 3,1416. Se eu prefixo nossa Chave, 31, colocando $\odot \rightarrow$, Set ou Satã, antes dos velhos Deuses, eu obtenho 3,141593, que é π correto até Seis decimais, Seis sendo o meu próprio número e aquele de Hórus o Sol. E o número inteiro deste novo Nome é 395, que analisado dá uma espantosa quantidade de mistérios” numéricos.

IV

Agora, um exemplo de ‘paranomásia’ ou trocadilho. Capítulo III, 17: “Vós, mesmo vós, não conheceis este significado todo.” (Note-se como a gramática peculiar sugere um significado oculto.) Ora, YE é em hebraico Yod He, o homem e a mulher; A Besta e BABALON, a quem o Deus se estava dirigindo neste verso. Know sugere no, que dá LA, 31; not é LA, 31, novamente, por significado mesmo; all se refere a AL, 31, novamente. Também, ALL é 61, AIN, “nada”.

V

Também temos problemas numéricos como este: “seis e cinqüenta. Divide, somai, multiplicaí e compreendeí” (AL 1, 24-25). $6 \div 50$ dá. 0,12, uma perfeita declaração em grifo da metafísica do Livro.

A evidência externa quanto ao Livro acumula-se de ano para ano: os incidentes relacionados com a descoberta da verdadeira grafia de Aiwass, por si sós, são suficientes para dissipar qualquer dúvida de que eu esteja realmente em contato com um Ente de inteligência e poder imensamente mais sutis e mais avançados do que tudo o que pode ser chamado humano.

Este tem sido sempre o Único Problema Fundamental da Religião. Sabemos que há poderes invisíveis, e de sobra! Mas existe alguma Inteligência ou Individualidade (do mesmo tipo geral que o nosso) independente de nossa estrutura cerebral humana? Pela primeira vez na história, sim! Aiwass nos deu prova: o mais importante Portal que leva ao Conhecimento está aberto.

Eu, Aleister Crowley, declaro sobre minha honra como homem de bem que considero esta revelação um milhão de vezes mais importante que a descoberta da Roda, ou até que as Leis da Física e da Matemática. Fogo e Ferramentas fizeram do Homem mestre deste planeta: a Arte de Escrever lhe desenvolveu a mente; mas sua Alma era um palpite até que o Livro da Lei a Provou.

Eu, que domino a língua inglesa, fui chamado em três horas a assentar no papel sessenta e cinco páginas tamanho carta de palavras de um ditame não só estranhas, mas em si mesmas freqüentemente desagradáveis para mim; palavras velando em cifra proposições que me eram desconhecidas, majestosas e profundas; predizendo eventos públicos e privados além do meu controle, ou daquele de qualquer homem.

Este Livro prova: há uma Pessoa pensando e agindo de uma maneira præter-humana,

quer sem um corpo de carne, quer com o poder de se comunicar telepaticamente com os homens, inescrutavelmente dirigindo as ações deles.

VI

Escrevo isto, portanto, com um senso de responsabilidade tão grande que pela primeira vez na minha vida deploro meu senso de humor, e as brincadeiras literárias que ele me tem feito perpetrar. Alegro-me, porém, de que cuidado tenha sido tomado com o MS mesmo, e com os diários e cartas daquele período, de forma que os fatos físicos são tão evidentes quanto possa ser desejado.

Minha sinceridade e seriedade são provadas pela minha vida. Lutei contra este Livro e fugi dele; conspurquei-o e sofri por causa dele. Presente ou ausente de minha mente, ele tem sido meu Governante Invisível. Ele me conquistou; ano após ano expande sua invasão de meu ser. Sou o cativo da Criança Coroada e Conquistadora.

O ponto então se apresenta: Como foi que o Livro da Lei veio a ser escrito? A descrição no Equinox, Vol. 1, N.º 7, poderia ter sido mais detalhada; e eu poderia também ter elucidado o problema das aparentes mudanças de quem fala, e os lapsos ocasionais de grafia por parte do escriba.

Posso dizer que se tivesse forjado o MS para que passasse incólume por olhos críticos, não teria permitido óbvios motivos de dúvida como estes; nem teria deixado tantas estranhas deformidades de gramática e sintaxe, tantos defeitos de ritmo, tanta fraseologia esdrúxula. Não teria impresso passagens, algumas palradoras e ininteligíveis, outras repugnantes à razão pelo seu absurdo, outras ainda repelentes ao coração por causa de sua ferocidade bárbara. Não teria permitido tais mixórdias de conteúdo, pulos tão bruscos de um assunto a outro, uma desordem que assola o raciocínio com seu desmazelo. Não teria tolerado as discordâncias de estilo, como quando um sublime panegírico sobre a Morte é seguido, primeiro de uma cifra, depois de uma profecia, antes do autor, sem tomar fôlego, se lançar à máxima magnificência de pensamento tanto místico quanto prático, em linguagem tão concisa, simples e lírica que atordoia até o nosso espanto. Não teria soletrado “Ay” como “Aye”, ou permitido o horror “abstruction”.

Compare-se com este Livro minhas brincadeiras, quando eu finjo editar o MS de outra pessoa: “Alice”, “Ânfora”, “Nuvens sem Água”. Observe-se em cada caso a perfeição técnica do MS “descoberto” ou “traduzido”: liso, habilidoso, cheio da elaborada arte e técnica de um estilista experiente; observe-se os tons e estilos cuidadosamente detalhados dos prefácios, e a diligente criação das personalidades do autor imaginário e do editor imaginário.

Note-se, além do mais, com que cobiçosa vaidade reclamo autoria mesmo de todos os outros Livros da A. .A. . em Classe A, se bem que os escrevi inspirado além de tudo que conheço como eu. No entanto, destes Livros, Aleister Crowley, que domina a língua Inglesa tanto em prosa quanto em verso, participou, no quanto ele era Aquilo. Compare-se estes Livros com o Livro da Lei! O estilo é simples e sublime; as imagens são suntuosas e impecáveis; o ritmo é sutil e intoxicador; o tema é interpretado numa sinfonia infalível. Não há erros de gramática, ou infelicidade de frase. Cada Livro é perfeito em

seu tipo.

Eu, ousando assumir crédito por estes, naquele brutal Index ao Equinox, Vol. 1, não ousei anunciar que toquei o Livro da Lei sequer com a ponta de um dedo.

Eu, gabando-me de meus muitos Livros; eu, jurando que cada um é uma obra-prima; eu ataco o Livro da Lei numa dúzia de pontos de arte literária. Ainda assim, admito, como Mestre da Língua Inglesa, que sou completamente incapaz, mesmo quando mais inspirado, de um inglês como aquele que vejo repetidamente nesse Livro.

Tersos, no entanto sublimes, são os versos de Liber Legis; sutis, no entanto simples; incomparáveis de ritmo, diretos como um raio de luz. Suas imagens são esplêndidas sem decadência. O Livro lida com Idéias primárias. Anuncia revoluções em filosofia, em religião, em ética, sim: na natureza toda do Homem. Para isto não necessita mais do que rolar ondas do mar solene- mente avante, oito palavras, como “Every man and every woman is a star”, ou explodir numa torrente agreste de monossílabos, como “Do what thou wilt shail be the whole of the Law”.

Nuit grita: “Eu vos amo”, como uma amante; enquanto mesmo “João” pode apenas atingir a fria, impessoal proposição: “Deus é amor”. Ela requesta como uma mulher apaixonada; sussurra “A me !” em cada ouvido; ‘Jesus’, com desnecessária verborrêia, apela veementemente para aqueles que “trabalham e estão curvados sob cargas”. No entanto não pode prometer mais que “Eu vos darei descanso” no futuro; enquanto Nuit, no presente, diz: “Eu dou inimagináveis alegrias sobre a terra”, tornando a vida digna de ser vivida; “certeza, não fê, enquanto em vida, quanto à morte”, a luz elétrica do Conhecimento para o fogo-fátuo da Fé, tornando a vida livre de medo, e até mesmo a morte desejável: “paz indizível, descanso, êxtase”, pondo mente e corpo à vontade, para que a alma esteja livre para transcendê-los quando quiser.

Nunca escrevi tal inglês; nem o poderia jamais, bem sei. Shakespeare não poderia tê-lo escrito; muito menos Keats, Shelley, Swift, Sterne ou mesmo Wordsworth. Somente nos Livros de Jó e no Eclesiaste, nas obras de Blake, ou possivelmente nas de Poe, há qualquer aproximação de uma tal sucinta profundidade de pensamento expressa com tão musical simplicidade de forma; a não ser que seja nos poetas gregos ou latinos. Nem Poe nem Blake poderiam ter mantido seu esforço, qual faz este nosso Livro da Lei; e os hebreus usaram truques de versificação, artifícios mecânicos, como auxílio.

Então – voltando ao Assunto uma vez mais! – então como foi este Livro escrito?

VII

Farei o que poderíamos chamar um “inventário do mobiliário do Templo” — as circunstâncias do caso. Descreverei as condições do fenômeno, como se fosse qualquer outro evento inexplicado na Natureza.

1. A data:

O Capítulo I foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 8 de abril de 1904.

O Capítulo II foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 9 de abril de 1904.

O Capítulo III foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 10 de abril de 1904.

A escritura começou imediatamente ao soar da hora, e terminou exatamente uma hora mais tarde; foi constantemente apressada, sem quaisquer pausas.

2. O lugar:

A cidade foi Cairo, no Egito.

A rua, ou antes ruas, não recorro. Há uma “Praça” onde quatro ou cinco ruas se cruzam; é perto do Museu de Boulak, mas bastante longe do Shepherd. O quarteirão é ocidental em aparência. A casa ficava numa esquina. Não me lembro de sua orientação; mas, das instruções para invocar Hórus, uma janela do templo dava para o Leste ou para o Norte, O apartamento era de vários quartos no andar térreo, bem mobiliado em estilo anglo-egípcio. Foi alugado de uma firma chamada Congdon & Cia.

O quarto usado foi uma sala de visitas da qual obstáculos frágeis haviam sido retirados; mas não de outra forma preparada para servir de templo. Tinha portas duplas abrindo para um corredor ao Norte, e uma porta para o Leste levava a outra sala, a sala de almoço, creio. Havia duas janelas que davam para a Praça, para o Sul, e uma escrivania contra a parede entre as janelas.

3. As pessoas:

A. Eu, idade: 28 anos e meio. Em bom estado de saúde, amante de esportes ao ar livre, especialmente do alpinismo e da caça pesada. Adeptus Major da A.·A.·. mas cansado do misticismo e desapontado com a Magia. Um racionalista, budista, agnóstico, anti-clerical, anti-moral, Tory e Jacobita. Jogador de xadrez, amador de primeira classe, capaz de jogar três jogos simultâneos às cegas. Viciado em ler e escrever. Educação: governanta e tutores privados, escola preliminar Habershon's em St. Leonard, Sussex, tutores particulares de novo, escola privada 51 Bateman St., Cambridge, tutores particulares de novo, Yarrow's School, Streatham, perto de Londres. Malvern Coilege, Tonbridge School, tutores particulares, Eastbourne Coilege, King's Coilege em Londres, Trinity Coilege, Cambridge.

Moralidade – sexualmente viril e apaixonado. Muito másculo com mulheres; livre de qualquer impulso similar para com meu próprio sexo (23). Minha paixão pelas mulheres extremamente altruísta; a principal motivação dar-lhes prazer. Daí, intensa ambição em compreender a natureza feminina; para este propósito, identificar-me com os sentimentos delas, e usar de todos os meios apropriados. Imaginativo, sutil, insaciável; a coisa toda uma mera tentativa desajeitada de saciar a sede da alma. Esta sede, em verdade, tem sido meu principal Senhor, dirigindo todos os meus atos sem permitir que quaisquer outras considerações a afetem no mínimo.

Estritamente temperado no beber, nunca estive perto da intoxicação. Vinho leve, meu único tipo de álcool.

Moralidade geral, aquela de um aristocrata normal .

Senso de justiça e equidade tão sensitivo, bem balanceado e compelidor que é quase uma obsessão.

Generoso, a não ser suspeitando que estava sendo explorado: “Poupando os tostões e desperdiçando as libras”. Gastador, descuidado; não jogador, porque eu dava mais valor a vitórias em jogos de habilidade, que lisonjeavam minha vaidade.

Gentil, delicado, afetuoso, egoísta, vaidoso, alternadamente temerário e cauteloso.

Incapaz de guardar rancor, mesmo dos mais graves insultos e injúrias; no entanto, gosto de infringir dor pelo prazer da coisa. Sou capaz de perseguir um desconhecido inocente, e de torturá-lo cruelmente durante anos, sem sentir a mínima animosidade contra ele (9). Afeição por animais e crianças, que quase sempre retribuem meu amor. Considero o aborto a mais vergonhosa forma de assassinato, e abomino os códigos sociais que o encorajam.

Odiava e desprezava minha mãe e a família dela; amava e respeitava meu pai e a dele.

Acontecimentos críticos de minha vida:

Primeira viagem fora da Inglaterra, 1883.

Meu pai morreu em 5 de março de 1887.

Albuminúria interrompeu meus estudos escolares, 1890-1892.

Primeiro ato sexual, provavelmente 1889.

O dito com uma mulher, março 1891 (Torquay — uma moça de teatro).

Primeira escalada séria de montanha, em Skye, 1892. (O “Pinnacle Ridge”, de Sgurr-nan-GIUean.)

Primeira escalada nos Alpes, 1894.

Admitido à Ordem Militar do Templo, meia-noite, 31 de dezembro de 1896.

Admitido a posição permanente no Templo, meia-noite, 31 de dezembro de 1897.

Compra de Boleskine em 1899.

Primeira escalada no México, 1900.

Primeira caça pesada, 1901.

Primeira escalada no Himalaia, 1902. (Expedição a Chogo Ri, ou “K-2”).

Meu casamento em Dingwall, Escócia, 12 de agosto de 1903.

Lua de mel em Boleskine, depois em Londres, Paris, Nápoles, Egito, Ceilão, e de volta ao

Egito, Helwan, e então Cairo no começo de 1904.

Minha carreira “oculta”:

Pais, Irmãos de Plymouth, exclusivos.

Pai verdadeiro Irmão de Plymouth, portanto tolerante com o filho.

Mãe se tornou I. P. apenas para agradar meu pai, talvez para agarrá-lo; portanto, pedantemente fanática.

Após a morte dele fui torturado com insensata persistência, até dizer: Mal, sê tu meu bem! Pratiquei a maldade furtivamente, como uma fórmula mágica, mesmo quando era desagradável; exemplo, entrava furtivamente em igrejas – coisa que minha mãe não fez mesmo no ofício religioso pela morte de sua irmã mais querida.

Revoltei-me abertamente quando a puberdade me deu um senso moral.

Cacei novos “pecados” para cometer até outubro de 1897, quando um desses saiu pela culatra, e me auxiliou a experimentar o Trance de Dor (percepção da Impermanência mesmo dos mais elevados esforços humanos). Invoquei auxílio, Páscoa de 1898.

Iniciado na Ordem Hermética da Aurora Dourada, 18 de novembro de 1898.

Comecei a executar a Operação de Abramelin em 1899.

Iniciado na Ordem R . R. et A. C., janeiro de 1900.

Recebi o 33º maçônico, 1900.

Comecei práticas de Yoga, 1900.

Obtive primeiro Dhyana, 1 de outubro de 1901.

Abandonei trabalho oculto sério de todos os tipos em 3 de outubro de 1901, e continuei neste curso de ação até julho de 1903, quando tentei em vão me forçar a tornar-me um eremita budista latifundiário escocês.

Meu casamento foi um ininterrupto deboche sexual até a época da escritura do Livro da Lei.

B. Rose Edith Kelly.

Nascida em 23 de julho de 1874. Por volta de 1895 casou-se com um tal Major Skerret, R . A. M . C., e viveu com ele uns dois anos na África do Sul. Ele morreu em 1897.

Ela se deu a algumas vagas intrigas amorosas até 12 de agosto de 1903, quando se tornou minha esposa, ficando grávida de uma menina nascida em 28 de julho de 1904. Saúde, admiravelmente robusta em todos os pontos; era tão ativa quanto resistente, como nossas viagens juntos pelo Ceilão e através da China provaram. Corpo perfeito, nem grande nem pequeno, face bonita sem ser comum; não chegava a ser bela por não ter o “toque do

bizarro” que Goethe menciona. Personalidade intensamente poderosa e magnética, Intelecto nulo, mas mente adaptável àquela de qualquer companheiro, de forma que podia sempre dizer o nada certo.

Encanto, graça, vitalidade, vivacidade, tato, p011- dez; tudo indizivelmente fascinante.

De sua mãe herdou dipsomania, o pior caso que o especialista que consultei tinha visto em matéria de furtividade, astúcia, falsidade, traição e hipocrisia. Isto, porém, esteve latente durante a satisfação sexual, que era seu principal interesse na vida, como o meu.

Educação estritamente social e doméstica; não sabia sequer francês de escola. Não lera coisa alguma, nem sequer romances. Era um milagre de perfeição como Ideal Poético, Amante, Esposa, Mãe, Dona de Casa, Enfermeira, Companheira e Camarada.

C. Nosso mordomo, Hassan ou Hamid, esqueço qual.

Um atleta alto, digno e belo de 30 anos mais ou menos. Falava bom inglês e administrava bem a casa; estava sempre ali, e nunca se esbarrava nele.

Suponho que praticamente nunca vi os criados sob a liderança dele; nem sequer sei quantos lá havia.

D. Tenente-Coronel Alguém (começando, creio, com B.), casado, de meia idade, maneiras rígidas como as regras de uma prisão. Não me recordo de tê-lo jamais visto; mas o apartamento me foi sub-alugado por ele.

E. Brugsch Bey do Museu de Boulak: jantou conosco uma vez, para discutir a Estela sob sua responsabilidade, e para arranjar sua “abstrução”. Seu curador assistente, francês, traduziu os hieróglifos da Estela para nós.

Um Sr. Black, proprietário do “Egyptian News”, de um hotel, de parte de uma estrada de ferro, etc., etc., jantou conosco uma vez.

Outrossim, não lidamos com ninguém no Cairo a não ser nativos; ocasionalmente convivemos com um General Dickson, que se convertera ao Islã; mercadores de tapetes, proxenetas, joalheiros, e gente assim. As insinuações contrárias em um dos meus diários foram deliberadamente introduzidas para despistar, por algum tolo “imotivo” sem conexão com a Magia (a’).

4. Os eventos conduzindo à Escritura do Livro: eu os sumarizo do Equinox, Vol. 1, N.º 7.

16 de março: Tentei mostrar os Silfos a Rose. Ela estava em um estado de aturdimento, estúpida, possivelmente embriagada; possivelmente histérica com a gravidez. Não pode ver coisa alguma, mas ouvia. Estava muito excitada com suas “mensagens”, e insistiu apaixonadamente que eu devia prestar atenção a elas.

Aborreci-me com sua irrelevância, e insistência em me dizer tolices.

Nunca estivera ela em nenhum estado que se assemelhasse a este, nem remotamente, se bem que eu fizera a mesma invocação (completa) na Câmara do Rei da Grande Pirâmide,

durante a noite que nós passáramos lá no outono prévio.

17 de março: Mais mensagens aparentemente sem sentido, desta vez espontâneas. Invoquei Thoth (provavelmente como em Liber LXIV), presumivelmente para aclarar a confusão.

18 de março: Thoth evidentemente entrou em contato com ela; pois Rose descobre que Hórus está me falando através dela, e O identifica por um método que exclui qualquer possibilidade de chance ou de coincidência, e que envolve conhecimentos que apenas eu possuía; um método em parte arbitrário, de forma que ela ou seu informante tinham que ser capazes de ler minha mente tão bem quanto se eu tivesse falado em voz alta.

Então, desafiada a apontar a imagem d'Ele, passa por muitas e aponta para a Estela! O interrogatório e o teste devem ter ocorrido entre 20 e 23 de março.

20 de março: Sucesso em minha invocação de Hórus, “quebrando todas as regras” a comando dela. Este sucesso me convenceu magicamente, e me encorajou a testá-la, como mencionado acima. (Certamente me teria referido à Estela em meu ritual, se a tivesse visto antes desta data.) Fixaria Segunda-Feira, 21 de março, para a Visita a Boulak.

Entre 23 de março e 8 de abril os Hieróglifos na Estela foram evidentemente traduzidos pelo curador- assistente em Boulak, quer em francês ou em inglês – tenho quase certeza de que foi francês – e versificados (tal como agora impressos) por mim.

Entre estas datas, também, minha mulher deve ter me dito que o informante dela não era Hórus, ou Ra-Hoor-Khuit, mas um mensageiro d'Ele, chamado Aiwass.

Pensei que ela podia ter Inventado este nome de tanto ouvir “Aiwa”, a palavra para “Sim” em árabe. Mas ela não tinha imaginação para tanto; o máximo de que era capaz era de usar uma frase como “totó lindo” para um amigo, ou de corromper um nome como Neuberg em um insulto obsceno.

O silêncio de meus diários parece provar que ela não me deu mais nada de importância. Eu estava deslindando o problema mágico que me fora apresentado pelos eventos de 15 a 21 de março. Quaisquer perguntas que eu fazia a ela ou não eram respondidas ou eram respondidas por um Ente cuja mente era tão diferente da minha que não podíamos conversar. Tudo que minha mulher conseguiu d'Ele foi me comandar a fazer coisas magicamente absurdas. Ele não jogaria de acordo com as minhas regras; eu é que tinha de jogar de acordo com as regras d'Ele.

7 de abril: Não depois desta data, foi-me ordenado que entrasse no “templo” exatamente ao meio dia nos três dias seguintes, e escrevesse o que ouvisse durante uma hora, nem mais nem menos. Imagino que algumas preparações foram feitas, possivelmente precauções foram tomadas, possivelmente um pouco de sangue de touro foi queimado como incenso, ou ordens foram dadas quanto a detalhes de vestimenta ou de dieta; não me recordo de nada absolutamente disso tudo, de um jeito ou de outro. Sangue de touro foi certamente queimado em alguma ocasião durante esta estadia no Cairo; mas esqueço por que, ou quando. Creio que foi usado na “Invocação dos Silfos”.

5. A escritura mesma:

Os três dias foram precisamente similares, a não ser no último dia, quando fiquei nervoso, pensando que talvez não fosse capaz de ouvir a Voz de Aiwass. Podem eles, pois, ser descritos todos juntos.

Eu entrei no “templo” um minuto antes da hora, para poder fechar a porta e me sentar ao bater do Meio-Dia.

Na mesa estavam minha caneta – uma caneta tinteiro Swan – e suprimentos de papel tamanho carta, de oito por dez polegadas, para máquina de escrever.

Nunca olhei em volta em momento algum.

A Voz de Aiwass veio aparentemente por sobre meu ombro esquerdo, do canto mais longe da sala. Parecia ecoar em meu coração físico de uma maneira muito estranha, difícil de descrever. Tenho notado um fenômeno similar quando estou na expectativa de uma mensagem que pode conter grande esperança ou grande temor. A voz jorrava apaixonadamente, como se Aiwass estivesse alerta quanto ao limite de tempo. Escrevi 65 páginas deste presente ensaio, à minha velocidade usual de composição, em aproximadamente dez horas e meia, comparado com as 3 horas das 65 páginas do Livro da Lei. Tive de correr para manter o ritmo; o MS demonstra isto claramente.

A voz era de timbre profundo, musical e expressiva, seus tons solenes, voluptuosos, ternos, ardentes, ou o que fosse apropriado às mudanças de humor na mensagem. Não era baixo — talvez um tenor cheio, ou um barítono.

A pronúncia inglesa era sem sotaque, quer nativo ou estrangeiro; completamente sem maneirismos provinciais ou de casta; assim surpreendente, e até incrível, ao ser ouvida pela primeira vez.

Eu tive uma forte impressão de que quem falava estava realmente no canto onde parecia estar, num corpo de “matéria fina”, transparente como um véu de gaze, ou como uma nuvem de fumaça de incenso. Ele parecia ser um homem alto, trigueiro, de seus trinta anos, bem coordenado, ativo e forte, com a face de um rei selvagem, de olhos velados para que sua olhada não destruísse o que ele via. A roupa não era árabe; sugeria Assíria ou Pérsia, mas muito vagamente. Eu não notei muito, porque para mim naquela época Aiwass era um “anjo” tal como os que eu tenho frequentemente visto em visões; um ente puramente astral.

Agora eu me inclino à opinião de que Aiwass é não apenas o Deus, ou Demônio, ou Diabo que foi no passado considerado santo na Suméria, e meu próprio Anjo Guardião, mas também um homem como eu, em que Ele usa um corpo humano para manter Seu elo mágico com a Humanidade, A qual ama; e assim Ele é um Ipsissimus, o Chefe da A.·A.·. Mesmo eu posso executar, de uma maneira muito mais fraca, este Trabalho de ser um Deus e uma Besta, etc. etc., tudo ao mesmo tempo, com igual fartura de vida.

6. Editando o Livro.

“Não mudes sequer o estilo de uma letra”, no texto, impediu que eu Crowley ficasse o Livro Inteiro, e estragasse tudo.

O MS mostra o que foi feito, e por que, como segue:

A. Na página 6 Aiwass me instrui a escrever “isto (o que ele acabara de dizer) em palavras mais brancas”, pois minha mente se rebelara ante a frase d’Ele. Ele acrescentou imediatamente, “Mas continua”, isto é, a escrever Seu ditame, deixando a emenda para depois.

B. Na página 19 eu não consegui ouvir uma sentença e (mais tarde) a Mulher Escarlata, invocando Aiwass, colocou as palavras que faltavam. (Como? Ela não estava no quarto na ocasião, e não ouviu nada.)

C. Na página 20 do Cap. III eu ouvi mal uma frase, e ela a inseriu, como em B.

D. Para poupar tempo, estando pronta a paráfrase versificada dos hieróglifos na Estela, foi-me permitido por Aiwass inseri-la mais tarde.

A parte estes quatro casos, o MS está exatamente como foi escrito nesses três dias. A Recensão Crítica explicará estes pontos à medida que eles ocorrem.

VIII

O problema da forma literária deste Livro é espantosamente complexo; mas a evidência interna do sentido é usualmente suficiente para tornar claro, por exame, quem está falando e quem está sendo endereçado.

Não houve, porém, qualquer voz audível a não ser a de Aiwass. Mesmo as minhas observações pessoais, quando quer que ocorram, foram feitas em silêncio e incorporadas audivelmente por ele.

Capítulo I

Verso 1. Nuit falando. Ela Invoca seu amante e então começa a dar um título ao seu discurso no fim dos versos 1 – 20.

Nos versos 3 a 4 ela começa seu discurso. Até este momento, o que diz não está sendo dito a nenhuma pessoa em particular.

O verso 4 revoltou a minha inteligência.

No verso 5 ela explica que ela está falando, e apela a mim pessoalmente para auxiliá-la a desvelar-se, tomando nota da mensagem dela.

No verso 6 ela me declara seu escolhido, e creio que então temi que talvez demasiado fosse esperado de mim. Ela replica a este medo no verso 7, apresentando Aiwass como o atual ditante, em acentos humanos articulados, da mensagem dela.

No verso 8 a oração continua, e agora vemos que é endereçada à humanidade em geral.

Isto continua até o verso 13.

O verso 14 é da Estela. Parece ter sido inserido por mim como uma espécie de apreciação daquilo que ela acabou de dizer.

O verso 15 acentua ser à humanidade em geral que ela está falando; pois a Besta é mencionada na terceira pessoa, se bem que o único humano a ouvir as palavras tenha sido ele.

Versos 18-19 parecem ser quase uma citação de algum hino. Não é muito natural que ela se enderece a Si mesma como parece fazer no verso 19.

Verso 26. A pergunta “Quem sou Eu e qual será o sinal?” é meu próprio pensamento consciente. Nos versos prévios eu fora chamado à minha elevada missão, e naturalmente senti-me nervoso. Este pensamento é então introduzido no registro por Aiwass, como se fosse uma história que ele estava contando: e ele desenvolve esta história após a resposta dela, a fim de trazer de volta o fio do capítulo aos mistérios numérico de Nuit, começando nos versos 24-25, e agora continuados no verso 28.

Outra dúvida deve ter surgido em minha mente no verso 30; e esta dúvida é interpretada e explicada a mim pessoalmente no verso 31.

O discurso à humanidade é retomado no verso 32, e Nuit acentua o ponto do verso 30 que me fez duvidar. Ela confirma isto com um juramento, que me convenceu. Pensei para mim mesmo: “Neste caso, que a gente tenha instruções por escrito quando à técnica”, e novamente Aiwass faz uma historietta do meu requerimento, como no verso 26.

No verso 35 parece que ela está falando a mim pessoalmente, mas no verso 36 ela fala de mim na terceira pessoa.

Verso 40. A palavra “nós” é muito enigmática. Aparentemente, significa “Todos aqueles que aceitaram a Lei cuja palavra é Thelema”. Entre esses ela se inclui a si mesma.

Não há dificuldade agora por um longo período. É um discurso à humanidade em geral, e lida com diversos assuntos, até o fim do verso 52.

Nos versos 53-56 temos um discurso dirigido estritamente a mim.

No verso 57 Nuit retoma sua exortação genérica. E fala de mim uma vez mais na terceira pessoa.

Verso 61. A palavra “tu” não é dirigida a mim pessoalmente. Significa qualquer urna única pessoa, em contraste com uma companhia. O “Ye” (Vós — T.) na terceira sentença indica a conduta apropriada para adorantes em conjunto. “you” (vós — T.) na sentença 4, naturalmente se aplica a uma pessoa só; mas a forma plural sugere que é assunto para adoração coletiva, em contraste com a invocação no deserto da primeira sentença deste verso.

Não há mais dificuldade neste capítulo.

O Verso 66 é a declaração de Aiwass de que as palavras do verso 65, que foram pronunciadas de diminuendo para pianíssimo, indicaram a retirada da deusa.

Capítulo II

Hadit, ele mesmo, é evidentemente o discursante desde o início. As observações são genéricas. No verso 5 fala-se de mim na terceira pessoa.

Após o verso 9 ele percebe minhas veementes objeções à escritura de afirmativas às quais meu ente consciente era obstinadamente hostil.

O verso 10, endereçado a mim, menciona este fato; e no verso 11 ele declara ser meu mestre. O motivo disto é ser ele meu ente secreto, como explicado nos versos 12-13.

A interrupção parece ter acrescentado estímulo ao discurso, pois o verso 14 é violento.

Os versos 15 e 16 oferecem um enigma, enquanto o verso 17 é uma espécie de paródia poética.

O verso 18 continua o ataque de Hadit contra minha mente consciente. Nos versos 15-18 o estilo é complicado, brutal, sarcástico e zombador. Sinto a passagem inteira como uma investida cheia de desprezo contra a resistência de minha mente.

No verso 19 ele retorna ao elevado estilo com que começou até minha interferência.

A passagem parece endereçada aos que ele chama seus escolhidos, ou seu povo, se bem que não explique exatamente o que quer dizer com estas palavras.

A passagem do verso 19 ao 52 é de sustida e incomparável eloquência.

Devo ter objetado alguma coisa ao verso 52, pois o verso 53 é a mim endereçado, para me encorajar pessoalmente por haver transmitido esta mensagem.

O verso 55 me instrui para obter a Cabala Inglesa; fiquei Incrédulo, pois a tarefa parecia impossível; provavelmente a percepção dele desta crítica inspirou o verso 56, se bem que “vós zombadores” evidentemente se aplica aos meus inimigos, mencionados no verso 54.

O verso 57 nos traz de volta ao assunto começado no verso 21. É uma citação verbatim do Apocalipse, e foi provavelmente sugerida pelo conteúdo do verso 56.

Não há qualquer mudança real na essência de qualquer coisa, por mais que suas combinações variem.

Os versos 58-60 concluem a mensagem.

Verso 61. A mensagem é agora estritamente pessoal. Durante todo este tempo Hadit estivera derrubando minha resistência com suas frases violentamente expressadas e variadas. Como resultado disto, atingi o trance descrito nestes versos de 61-68.

O verso 69 é o retorno de mim mesmo à consciência. Foi uma espécie de pergunta sufocada, como um homem saindo da influência do éter poderia perguntar “Onde estou?”

Creio que esta é a única passagem no livro inteiro que não foi ditada por Aiwass; e devo mencionar que estes versos 63-68 foram escritos sem que eu tenha ouvido coisa alguma conscientemente.

O verso 70 não se digna a replicar às minhas perguntas, mas indica a maneira de regularmos a vida. Isto continua até o verso 74, e parece ser endereçado não a mim pessoalmente, mas a qualquer homem, a despeito do uso da palavra “Tu”.

O verso 75 muda, de assunto bruscamente, interpolando o enigma do verso 76 com sua profecia. Este verso é endereçado a mim pessoalmente, e continua, até o fim do verso 78, a misturar uma eloqüência lírica com enigmas literais e numéricos.

O verso 79 é a asserção de Aiwass de que chegou o fim do capítulo. A isto ele acrescenta sua saudação pessoal a mim.

Capítulo III

O verso 1 parece completar o triângulo começado pelo primeiro verso dos dois capítulos prévios. É uma simples declaração; não implica em discursante nem em ouvinte. A omissão do “i” no nome do Deus parece ter me alarmado, e no verso 2 Aiwass oferece uma explicação apressada, de uma maneira um tanto excitada, e invoca Ra-Hoor-Khuit.

O verso 3 é falado por Ra-Hoor-Khuit. O “them” (eles — T.) evidentemente se refere a inimigos que não são descritos, e o “ye” (Choose ye, literalmente escolhei vós — T.) aos que aceitam a fórmula de Ra-Hoor-Khuit. Esta passagem termina com o verso 9. O verso 10 e o verso 11 são endereçados a mim pessoalmente e à Mulher Escarlata, como demonstra a continuação desta passagem, que parece terminar com verso 33; se bem que há ocasiões em que fica bastante vago se é à Besta, ou à Besta e sua Concubina, ou aos aderentes de Hórus, que a exortação esta sendo dirigida.

O verso 34 é uma espécie de peroração poética, e não está endereçado a ninguém em particular. É uma asserção de eventos por vir.

O verso 35 assevera simplesmente que a primeira seção deste capítulo está completa.

Pareço então ter-me entusiasmado, pois há uma espécie de interlúdio, registrado por Aiwass, com minha canção de adoração traduzida da Estela; o incidente é paralelo àquele do Capítulo 1, verso 26, etc.

Deve ser notado que as traduções da Estela nos versos 37-38 não foram mais que injunções telepáticas, para serem inseridas mais tarde.

O verso 38 principia com meu discurso ao Deus na primeira sentença, enquanto na segunda está a resposta dele a mim. Ele então se refere aos hieróglifos da Estela, e me comanda a citar minhas paráfrases. Esta ordem me foi dada por uma espécie de gesto sem palavras; nem visível nem audível, mas sensível de alguma forma oculta.

Os versos 39-42 são instruções a mim pessoalmente.

Os versos 43-45 indicam o correto curso de conduta para a Mulher Escarlata.

O verso 46 novamente é mais geral — uma espécie de discurso a soldados antes da batalha.

O verso 47 é novamente em sua maior parte instruções pessoais, misturadas com profecias, prova da origem præter-humana do Livro, e outros assuntos.

Observarei que esta instrução, como aquelas de não mudar “sequer o estilo de uma letra”, etc., implica em que minha pena estava sob o controle físico de Aiwass; pois o ditame dele não inclui recomendações quanto ao uso de maiúsculas, e os ocasionais erros de grafia certamente não são meus!

O verso 48 impacientemente põe de lado, como uma amolação, tais assuntos práticos.

Os versos 49-59 contêm uma série de declarações de guerra; e não há mais dificuldades quanto ao discursante ou ouvinte até o fim do capítulo, se bem que o assunto muda repetidamente, de forma incompreensível. Somente no verso 75 encontramos uma peroração sobre o livro inteiro, presumivelmente feita por Aiwass, terminando pela fórmula de retirada dele.

Concluo estabelecendo os princípios de Exegese nos quais eu baseei meu comento.

1. É “meu escriba Ankh-af-na-khonsu” (AL, 1, 36) quem “comentará sobre este livro” “pela sabedoria de Ra-Hoor-Khuit”; isto é, Aleister Crowley escreverá o Comento do ponto de vista do manifestado, positivo, Senhor do Æon; do ponto de vista do finito, e não do infinito.

2. “Hadit queimando em teu coração fará rápida e segura tua pena” (AL III, 40). Minha própria inspiração, não qualquer conselho externo ou consideração intelectual, será a força energizadora deste trabalho.

3. Onde o texto for em inglês simples e direto, não buscarei nem permitirei qualquer interpretação que varie dele.

Posso admitir a existência de um significado secundário cabalístico ou criptográfico se este confirma, amplifica, aprofunda, intensifica, ou clarifica o significado óbvio e chão; mas apenas se esse significado for parte do plano geral da “luz latente”, e se ele se provar a si mesmo por abundante testemunho.

Por exemplo: “To me!” (A me — T.) (1, 65) deve ser entendido primariamente em seu senso de Chamado de Nuit a nós, Suas estrelas.

A transliteração “TO MH” pode ser admitida como a “assinatura” de Nuit, identificando-A como quem fala; porque estas palavras gregas significam “O Não”, que é o Nome d’Ela.

Esta Gematria de TO MH pode ser admitida como mais uma confirmação, porque a soma das letras, 418, está manifestada em outras partes do livro como o número do Æon.

Mas TO MH não deve ser interpretado como negando os versos prévios, ou 418 como indicando a fórmula de contato com Ela (se bem que de fato assim é, sendo a Rubrica da

Grande Obra). Recuso-me a considerar que uma mera pertinência confira título de autoridade; recuso-me a ler minhas próprias teorias no Livro. Insisto em que toda interpretação deve ser incontestavelmente autêntica; nem menos, nem mais, nem outra do que estava na mente de Aiwass.

4. Afirmo que sou a única autoridade competente para decidir pontos em disputa quanto ao Livro da Lei, desde que seu Autor, Aiwass, não é outro que meu próprio Sagrado Anjo Guardião, a Cujo Conhecimento e Conversação eu atingi, de forma que tenho exclusivo acesso a Ele. Tenho devidamente referido toda dificuldade diretamente a Ele, e tenho recebido Sua resposta; minha decisão é portanto final, absoluta e inapelável.

5. O verso III, 47, “um vem após ele, de onde Eu não digo, que descobrirá a Chave disso tudo”, foi cumprido por “um” Achad descobrindo o número 31 como a chave em questão. Mas não é dito que o trabalho de Achad se estenderá além deste simples feito; Achad não é em parte alguma indicado como designado, ou mesmo autorizado, a substituir A Besta em Sua tarefa de Comento. Achad se provou a si mesmo e provou o Livro, por essa sua consecução; e Isso bastará.

6. Onde quer que

a. As palavras do Texto são obscuras em si mesmas; onde

b. A expressão é forçada; onde

c. A Sintaxe,

d. A Gramática,

e. A Grafia, ou

f. O uso de maiúsculas apresenta peculiaridades;

g. Palavras que não são inglesas ocorrem; onde o estilo sugere

h. Paronomásia,

i. Ambigüidade, ou

j. Obliquidade; onde

k. Um problema é explicitamente declarado como existindo; em todos esses casos buscarei um significado oculto através de correspondências cabalísticas, criptografia, ou sutilezas literárias. Não admitirei qualquer solução que não seja simultaneamente simples, notável, e consonante com o plano geral do Livro; e não só deve ser adequada, mas também necessária.

Exemplos:

I, 4. Aqui, o sentido óbvio do texto é tolice; portanto, necessita de uma profunda análise.

II, 17, 42 linha. A ordem natural das palavras está forçada pela colocação do “me” antes

do “não”; é correto inquirir qual o propósito conseguido por esta peculiaridade de fraseologia.

II, 13. O texto como está é ininteligível; chama atenção para si mesmo; um significado deve ser encontrado que justifique não só o erro aparente, como também a necessidade de empregar aquela expressão, e nenhuma outra.

II, 76. “ser me” em vez de “ser Eu”. A gramática pouco usual provoca um inquérito; sugere que “me” é um nome velado, talvez ME, “Não”, Nuit, desde que ser Nuit é satisfazer a fórmula do Ditante, Hadit.

III, 1. A omissão do “i” em “Khuit” indica que alguma doutrina velada está baseada sobre a variante.

II, 27. A grafia de “Porque” com P maiúsculo augere que pode ser um nome próprio, e que seu equivalente grego ou hebraico pode identificar a idéia, cabalisticamente, com algum inimigo de nossa Hierarquia; também, que uma tal palavra pode exigir maiúscula para sua inicial.

III, 11. “Abstrução” sugere que uma idéia inexprimível de outro jeito é comunicada desta forma. Paráfrase é aqui inadmissível como Interpretação suficiente; deve haver uma correspondência entre a estrutura mesma da palavra e seu significado etimologicamente deduzido.

III, 74. As palavras “sun” (sol — T.) e “son” (filho — T.) foram evidentemente escolhidas por causa da Identidade do valor do som delas; a inelegância da frase exige portanto alguma justificação adequada, tal como a existência de um precioso significado oculto.

III, 73. A ambigüidade da instrução permite a suposição de que as palavras devem, de algum jeito, conter uma fórmula criptográfica para arranjarmos as folhas do MS de tal maneira que um Arcano se manifeste.

I, 26. A aparente evasão de uma resposta direta em “Tu sabes”! sugere que as palavras velam uma resposta precisa, mais convincente em cifra do que seria seu equivalente expresso abertamente.

II, 15. O texto explicitamente convida a uma análise cabalística.

7. O Comento deve ser consistente consigo mesmo em todos os pontos; deve exhibir o Livro da Lei como de absoluta autoridade em todas as questões possíveis que concirnam à Humanidade; como oferecendo a perfeita solução de todos os problemas filosóficos e práticos, sem qualquer exceção.

8. O Comento deve provar além de qualquer possibilidade de erro que o Livro da Lei:

a. Testemunha internamente a autoria de Aiwass, uma Inteligência independente de encarnação; e

b. É, pela evidência de acontecimentos externos, demonstrado como merecedor do

crédito que exige.

Por exemplo, a primeira proposição é provada pela criptografia relacionada com 31, 93, 418, 666, v., etc.; e a segunda pela concordância de circunstâncias históricas com asserções no texto; uma concordância tal que as categorias de tempo e causalidade proibem qualquer explicação que exclua os próprios postulados do texto, enquanto a lei de probabilidade torna impossível pretextarmos coincidência como uma evasão do problema.

9. O Comento deve ser expresso em termos inteligíveis às mentalidades de educação média, e sem minúcias abstrusas.

10. O Comento deve ser pertinente aos problemas de nossa própria época, e apresentar os princípios da Lei de uma maneira suscetível de aplicação prática imediata. Deve satisfazer a todos os tipos de inteligência; não deve nem revoltar os pensadores racionalistas, matemáticos ou filosóficos, nem repugnar os temperamentos religiosos e românticos.

11. O Comento deve apelar para a autoridade da Experiência em apoio da Lei. Deve tornar Sucesso a prova da Verdade do Livro da Lei, em todo ponto de contato com a Realidade.

A Palavra de Aiwass deve apresentar uma perfeita descrição do Universo como Necessário, Inteligível, Auto-subsistente, Integral, Absoluto e Imanente. Deve satisfazer a todas as intuições, explicar todos os enigmas, e harmonizar todos os conflitos. Deve revelar a Realidade, reconciliar a Razão com a Relatividade; e, dissolvendo não só todas as antinomias no Absoluto como todas as antipatias na apreciação da Aptidão, deve assegurar a aquiescência de toda faculdade humana na perfeição de sua apropriadade plenária.

Libertando-nos de toda restrição quanto ao Direito, a Palavra de Aiwass deve estender seu império alistando a lealdade de todo homem e toda mulher que puser sua verdade à prova.

Com base nestes princípios, ao auge da minha capacidade, Eu, a Besta 666, que recebi o Livro da Lei da Boca de meu Anjo Aiwass, comentarei sobre ele; estando armado com a palavra: “Mas o trabalho do comento? Isso é fácil; e Hadit queimando em teu coração fará rápida e segura tua pena”.

Nota Editorial a Este Capítulo:

O leitor está agora em completa posse do relato de “como tu vieste aqui”, O estudante que deseja agir inteligentemente tomará o cuidado de se familiarizar por completo, logo de início, com todas as circunstâncias externas relacionadas com a Escritura do Livro; quer as de importância biográfica, quer as de qualquer outro tipo. Ele deveria assim se tornar capaz de se aproximar do Livro com sua mente preparada para apreender o caráter ímpar do conteúdo, em se levando em conta a sua verdadeira Autoria; as peculiaridades do método do Livro de comunicar Pensamento, e a natureza da sua asserção de que é o

Padrão da Verdade, a Chave do Progresso, e o Árbitro da Conduta. O estudante poderá formar seu próprio julgamento sobre o Livro somente se ele se fixar no Ponto de Vista correto: o único problema para ele é decidir se o Livro é, ou não é, o que pretende ser: a Nova Lei (no mesmo senso em que os Vedas, o Pentateuco, o Tao Teh King e o Qu'ran são Leis; mas com a Autoridade adicional de inspiração Verbal, Literal e Gráfica, estabelecidas e comprovadas por evidência interna, com a precisão impecável de uma demonstração matemática). Se o Livro for tudo isto, é um documento único, absolutamente válido dentro dos termos de sua própria tese; incomparavelmente mais valioso que qualquer outro Registro de Pensamento que nós possuímos.

Se o Livro não for tudo isto, é uma curiosidade literária sem valor; pior, é uma espantosa prova de que nenhum grau ou tipo de evidência é suficiente para estabelecer qualquer proposição, uma vez que a mais estrita concatenação de circunstâncias pode ser não mais que um brinquedo do acaso, e os planos de mais amplo propósito não mais que uma pueril pantomima. Rejeitar este Livro é ridicularizar a Razão, e fazer da Lei de Probabilidade um capricho. Em Sua queda ele estilhaça a estrutura da Ciência, e enterra toda esperança do coração do homem nas ruínas, atirando sobre este monturo os cépticos, os cegos, os aleijados, e os maníaco-melancólicos.

O leitor deve enfrentar o problema; meias-medidas não servirão. Se há no texto qualquer coisa que reconhece como Verdade transcendental, ele não pode admitir a possibilidade de que o Discursante, dando-Se a tais esforços para Se provar a Si mesmo e à Sua Palavra, pudesse também incorporar Falsidade no mesmo texto, e cercá-la dos mesmos elaborados engenhos. E se o Livro for um monumento à loucura de um mortal, o leitor deve tremer ao pensar que tal poder e tal astúcia possam pertencer a super-anarquistas tão insanos e tão criminosos.

Mas se o leitor perceber que o Livro se justifica a Si Mesmo, o Livro será também justificado de Seus filhos: e o leitor arderá de alegria quando ler do sexagésimo - terceiro ao sexagésimo - sétimo verso do Terceiro Capítulo, e vislumbrar por vez primeira Quem ele mesmo é em verdade, e a que realização de Si Mesmo o Livro tem virtude para conduzi-lo.

Sumário do Caso

Nesta revelação está a base do presente Aeon. Dentro do registro da História já tivemos o período pagão: a adoração da Natureza, de Isis, da Mãe, do Passado; o período cristão: a adoração do Homem, de Osíris, do Presente, O primeiro período foi simples, quieto, fácil e agradável; o material ignorava o espiritual. O segundo foi de sofrimento e morte; o espiritual se esforçava por ignorar o material. O cristianismo e todas as religiões análogas adoraram a morte, glorificaram o sofrimento, endeusaram cadáveres, O novo Aeon é a adoração do espiritual unido ao material: de Hórus, da Criança, do Futuro.

Isis foi Liberdade; Osíris servidão; mas a nova Liberdade é a de Hórus. Osíris conquistou Isis porque ela não o compreendia. Hórus vingará tanto seu Pai quanto sua Mãe. Esta criança Hórus é um gêmeo, dois em um. Hórus e Harpócrates são um, e são também um com Set ou Apófis, o destruidor de Osíris. É pela destruição do princípio da morte que eles nascem, O estabelecimento deste novo Aeon, deste novo princípio fundamental é a

grande obra agora a ser executada no mundo.

FRATER PERDURABO, a quem esta revelação foi feita com tantos sinais e maravilhas, não ficou convencido. Contra ela ele lutou durante anos. Só após a conclusão de Sua própria Iniciação, no fim de 1909 e.v., foi que compreendeu quão perfeitamente estava obrigado a executar este trabalho. Repetidamente Ele se afastou da labuta, reencetou-a por alguns dias ou horas, só para pô-la de lado novamente. Repetidamente, a incessante vigilância dos Guardiões o impeliu de volta ao trabalho; e foi no momento preciso em que julgara ter escapado que Ele se percebeu fixado para sempre, sem qualquer possibilidade de se desviar novamente do Caminho, sequer por uma fração de segundo.

A história disto deve ser contada algum dia por uma voz mais vivida, Propriamente considerada, é uma história de milagre contínuo. É suficiente se for agora dito que nesta Lei jaz todo o futuro: é a Lei de Liberdade; aqueles que a recusam proclamam-se a si mesmos escravos, e como escravos serão encadeados e chicoteados. É a Lei do Amor; aqueles que a recusam se declaram a si mesmos filhos do ódio, e o ódio deles se voltará contra eles e os consumirá com suas torturas infundas. É a Lei da Vida; aqueles que a recusam serão submetidos à morte, e a morte os pegará distraídos. Mesmo a vida deles será uma morte em vida. É a Lei da Luz, e aqueles que a recusam se tornam assim escuros para sempre.

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei! Recusai isto, e caireis sob a maldição do destino. Dividireis a vontade contra si mesma: o resultado é impotência e conflito, conflito vão. A Lei não condena ninguém. Aceitai a Lei, é tudo é legítimo. Recusai a Lei, vos colocais fora de sua proteção. É a Lei que Jesus Cristo, ou antes, a tradição gnóstica da qual a lenda do Cristo é uma degradação, tentou ensinar; mas quase toda palavra que ele disse foi mal interpretada e corrompida por seus inimigos, particularmente aqueles que se intitularam seus discípulos. Em qualquer caso, o Aeon passado não estava pronto para uma Lei de Liberdade. De todos os seus seguidores, somente Santo Agostinho parece ter tido talvez um vislumbre do que ele quis dizer.

Uma outra tentativa de ensinar esta Lei foi feita através de Sir Edward Kelly no fim do século dezesseis. A opressão da ortodoxia impediu que as palavras dele fossem ouvidas, ou compreendidas. Em muitas outras fórmulas o espírito da verdade tem golpeado o homem, e sombras parciais desta verdade têm sido as maiores aliadas da ciência e da filosofia. Apenas agora o sucesso foi alcançado. Um perfeito veículo foi encontrado, e a mensagem foi entesourada numa caixeta ourivesada; quer dizer, num livro com a injunção: “Não mudes sequer o estilo de uma letra”. Este livro está reproduzido em fac-símile, a fim de não haver possibilidade de corrompê-lo. Aqui, então, temos a base firme de uma perspectiva definida para a fundação de uma religião universal.

Possuímos a Chave da solução de todos os problemas humanos, tanto os filosóficos quanto os práticos. Se pareceu ao leitor que nos esforçamos demasiado por prová-lo, nosso zelo deverá explicar nossa falta; pois bem sabemos o que está escrito no Livro:

“Sucesso é tua prova.”

Não necessitamos mais do que de uma testemunha: chamamos o Tempo, para que

testemunhe quanto à Verdade de nossa causa.